

LETÍCIA FRAGA

**OS “HOLANDESES” DE CARAMBEÍ:
ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO**

Tese apresentada ao Departamento de Lingüística, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Lingüística, na área de Sociolingüística e Dialetoлогия

Orientadora Prof.^a Dr.^a Tânia Maria Alkmim

CAMPINAS

2008

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

F842h Fraga, Letícia.
Os “holandeses” de Carambeí : estudo sociolingüístico / Letícia Fraga. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Tânia Maria Alkmim.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua portuguesa - Dialeto - Carambeí. 2. Crenças. 3. Atitudes. 4. Identidade. 5. Róticos. I. Alkmim, Tânia Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: The “Dutch” of Carambeí: a sociolinguistic study.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Portuguese language - Dialects - Carambeí; Beliefs; Attitudes; Identity; Rhotics.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Doutor em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Tânia Maria Alkmim (orientadora), Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre, Profa. Dra. Vandarsi Sant’Ana Castro, Profa. Dra. Djane Antonucci Correa e Profa. Dra. Lílian do Rocio Borba.

Data da defesa: 30/06/2008.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Doutorado em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA:

Tânia Maria Alkmim

Tânia Maria Alkmim

Maria Bernadete Marques Abaurre

Maria Bernadete Marques Abaurre

Vandersi Sant'Ana Castro

Vandersi Sant'Ana Castro

Djane Antonucci Correa

Djane Antonucci Correa

Lílian do Roccio Borba

Lílian do Roccio Borba

Jonas de Araújo Romualdo

Sírio Possenti

Neiva Maria Jung

IEL/UNICAMP

2008

Dedico este trabalho aos meus filhos Mariana, Gabriel e Maria Clara. Dedico também ao meu marido, Álvaro; à minha mãe, Maria da Glória; e à minha sogra, Astrid Darling, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, Tânia Maria Alkmin.

Aos meus amigos e informantes Maaïke e Bauke Dijkstra.

Aos meus irmãos, Marcelo e Luciano.

A minha querida tia Silézia (*in memoriam*).

Às amigas Djane, Nazarete, Sandra, Pascoalina e Neiva.

Ao Departamento de Letras da UEPG.

Às Professoras da qualificação de tese Maria Bernadete Marques Abaurre
e Vandarsi Sant'Ana Castro

Às Professores da banca Maria Bernadete Marques Abaurre, Vandarsi Sant'Ana Castro,
Djane Antonucci Correa e Lílian do Rocio Borba.

A Belkis, da biblioteca do IEL.

Ao Cláudio, da secretaria da pós do IEL.

Aos Professores do IEL.

À Capes.

RESUMO

Carambeí, uma pequena cidade no interior do Paraná, é a primeira colônia holandesa fundada no Brasil no século XX, em 1911. E apesar de ser bastante antiga, até hoje temos a impressão de que saímos do Brasil quando vamos a Carambeí e conhecemos sua gente. Mas o que é fato e o que é impressão? Quem são os carambeienses? São holandeses? São brasileiros? Falam português? Holandês? Que crenças e atitudes estas pessoas manifestam em relação a essas línguas? Considerando que essas questões ainda não foram suficientemente respondidas e que o município de Carambeí é bastante complexo cultural e lingüisticamente, este estudo pretende: a) fazer um levantamento dos usos funcionais das línguas portuguesa e holandesa nessa localidade; das atitudes e crenças lingüísticas que os “holandeses” manifestam em relação às línguas holandesa e portuguesa; discutir a identidade dos “holandeses” de Carambeí; b) analisar a variedade de português falada pelos “holandeses” de Carambeí no que diz respeito ao uso do r-forte; c) estabelecer que tipo de relação se dá entre atitudes e crenças lingüísticas, usos funcionais das línguas holandesa e portuguesa, identidade e uso de determinada variante de r-forte no português; d) observar se há mudança em curso no português falado pelos holandeses no que diz respeito ao aspecto analisado. Em relação à primeira questão, concluímos que os Grupos 1M (idosos) e 1F (idosas) têm preferência pelo holandês; os Grupos 2M (homens adultos) e 2F (mulheres adultas) são bilíngües em português e holandês; e os Grupos 3M (rapazes jovens) e 3F (moças jovens) são monolíngües em português. No que diz respeito às crenças e atitudes em relação ao holandês, os Grupos 1M e 1F manifestam atitudes positivas, ao passo que os Grupos 2M e 2F a consideram uma “língua inútil”, e os Grupos 3M e 3F a consideraram uma língua “muito difícil”. Já em relação ao português, a comunidade como um todo manifesta atitudes positivas. No que diz respeito à identidade manifesta pelos “holandeses”, percebe-se que se estabelecem dois grupos distintos: o dos “brasileiros” (parte do Grupo 2F e Grupos 3M e 3F) e dos “holandeses” (Grupos 1M, 1F, 2M, e parte do Grupo 2F). No que diz respeito ao uso de r-forte, os grupos 1M e 1F usam vibrante múltipla e tepe; o Grupo 2M também usa a vibrante e o tepe; já o Grupo 2F foi dividido: o Grupo 2Fa usa somente vibrante e tepe e o Grupo 2Fb usa fricativa e vibrante. Os Grupos 3M e 3F usam somente fricativa. Enfim, pode-se dizer que determinadas atitudes e identidade contribuem para o uso de tepe: atitudes positivas em relação ao holandês e identidade holandesa. Já para o uso de vibrante, parecem contribuir mais as atitudes negativas em relação ao holandês e uma identidade indefinida, mas oposta à “brasileira”. O uso de vibrante e fricativa parece estar relacionado a atitudes extremamente positivas em relação ao português e extremamente negativas em relação ao holandês e à identidade “brasileira”. Finalmente, o uso exclusivo de fricativa parece estar ligado à total indiferença quanto ao holandês e à total identificação com a identidade de “brasileiro”.

PALAVRAS-CHAVE: variante de português de Carambeí; crenças lingüísticas; atitudes lingüísticas; identidade; róticos.

ABSTRACT

Carambeí, a small town in Parana, is Brazil's first Dutch settlement, founded in 1911. In spite of being quite old, it seems as though one has left Brazil when in Carambeí and meeting its people. But what is fact and what is impression? Who are the Carambeenses? Are they Dutch? Are they Brazilian? Do they speak Portuguese? Do they speak Dutch? Which beliefs and attitudes do these people express in respect to those languages? Considering that these queries were not sufficiently answered and that Carambeí Township is fairly complex, both cultural and linguistically, this study intends to: a) do a survey of the functional use of Portuguese and Dutch languages; of the attitudes and linguistic beliefs that the "Dutch" reveal concerning the Dutch and Portuguese languages; discuss the identity of the "Dutch" of Carambeí. b) analyze the variety of Portuguese spoken by the "Dutch" of Carambeí regarding the use of strong-R. c) establish what sort of relationship takes place between linguistic attitudes and beliefs, functional uses of Dutch and Portuguese languages, identity and use of certain varieties of the strong-R in Portuguese; d) to observe if there is a change in progress in the Portuguese spoken by the Dutch regarding the analyzed aspect. As far as the first question is concerned, we concluded that Groups 1M and 1F prefer Dutch; Groups 2M and 2F are bilingual in Portuguese and Dutch; Groups 3M and 3F are monolingual in Portuguese. About the beliefs and attitudes related to Dutch, Groups 1M and 1F show positive attitudes, while Groups 2M and 2F consider it a "useless language", and Groups 3M and 3F consider it a "very difficult" language. Portuguese, on the other hand, awakes positive attitudes in the community as a whole. Related to the identity shown by the "Dutch", it is observable that two different groups are established: the "Brazilian" (a part of Group 2F and Groups 3M and 3F) and the "Dutch" (Groups 1M, 1F, 2M and a part of Group 2F). Considering the use of strong-R, groups 1M and 1F use trill and tap; group 2M also uses trill and tap; Group 2F, although, was divided: Group 2Fa uses trill and tap and Group 2Fb uses fricative and trill. Groups 3M and 3F use only fricative. Anyway, we can assume that specific attitudes and identities contribute to the use of tap: positive attitudes towards Dutch and Dutch identity. The use of trill, seems to contribute more to negative attitudes in relation to Dutch and an indefinite identity, but opposed to "Brazilian". The use of trill and fricative seems to be related to extremely positive attitudes regarding Portuguese and extremely negative ones to the Dutch and "Brazilian" identity. Finally, the exclusive use of fricative seems to be connected to the total indifference to Dutch and to the total identification to the "Brazilian" identity.

KEY-WORDS: linguistic beliefs and attitudes; identity; rhotics.

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1 – Perfil sociocultural dos informantes do Grupo 1 | 34 |
| Quadro 2 – Perfil sociocultural dos informantes do Grupo 2 | 49 |
| Quadro 3 – Destino dos imigrantes europeus entre 1860 e 1915..... | 50 |
| Quadro 4 – Imigrantes holandeses que chegaram ao Brasil entre 1884 e 1939..... | 52 |
| Quadro 5 – Formas por meio das quais os imigrantes holandeses tomaram conhecimento do Brasil..... | 54 |
| Quadro 6 – Imigrantes holandeses que vieram ao Brasil entre 1946 e 1976 | 55 |
| Quadro 7 – Destino de imigrantes holandeses entre 1946-1959..... | 77 |
| Quadro 8 – Usos lingüísticos da comunidade holandesa de Carambeí/PR..... | 79 |
| Quadro 9 – Aquisição das línguas holandesa e portuguesa pelos “holandeses” de Carambeí, por grupo de informantes | 84 |
| Quadro 10 – Idiomas usados nas díades da Família 1 | 86 |
| Quadro 11 – Idiomas usados nas díades da Família 2 | 88 |
| Quadro 12 – Idiomas usados nas díades da Família 3 | 90 |
| Quadro 13 – Idiomas usados nas díades da Família 4 | 96 |
| Quadro 14 – Organização dos cultos da Igreja Evangélica Reformada de Carambeí – Colônia segundo o idioma | 107 |
| Quadro 15 – Estatuto das línguas holandesa e portuguesa em Carambeí..... | 137 |
| Quadro 16 – Crenças e atitudes dos “holandeses” a respeito das línguas portuguesa e holandesa | 138 |
| Quadro 17 – Línguas faladas pelos “holandeses” de Carambeí, segundo o próprio grupo étnico | 149 |
| Quadro 18 – A visão que os “holandeses” têm de si mesmos e dos “brasileiros” | 162 |
| Quadro 19 – Sistema fonético do Holandês padrão | 163 |
| Quadro 20 – Sistema fonológico do Holandês padrão..... | 169 |
| Quadro 21 – Sistema fonético do r-forte do português brasileiro | 169 |
| Quadro 22 – Consoantes do português que não fazem parte do sistema fonológico do holandês..... | 169 |
| Quadro 23 – Consoantes do holandês que não fazem parte do sistema fonológico do português | 170 |
| Quadro 24 – Ocorrências total de r-forte por grupo de informantes..... | 182 |
| Quadro 25 – Relação entre crenças e atitudes lingüísticas e o uso de determinada variante de r-forte no português falado pelos “holandeses” | 169 |
| Quadro 26 – Relação entre identidade e o uso de determinada variante de r-forte no português falado pelos “holandeses” | 186 |

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|-----|
| Ilustração 1 – Entrada da cidade de Carambeí | 15 |
| Ilustração 2 – The Idiom House | 25 |
| Ilustração 3 – 1ª Festa do Imigrante em Carambeí | 26 |
| Ilustração 4 – Museu casa da Memória, em Carambeí | 26 |
| Ilustração 5 – Casas “holandesas” em Carambeí, situadas à Avenida dos Pioneiros | 27 |
| Ilustração 6 – Parte interna de uma típica casa “holandesa” de Carambeí | 28 |
| Ilustração 7 - Réplica de moinho holandês em Carambeí/PR..... | 60 |
| Ilustração 8 – Maquete do Parque Histórico de Carambeí, em exposição no museu Casa da Memória, em Carambeí/PR | 64 |
| Ilustração 9 – Reconstituição do espaço interno da primeira Igreja Evangélica Reformada de Carambeí – Colônia, em exposição no museu Casa da Memória, em Carambeí/PR | 92 |
| Ilustração 10 – Igreja Evangélica Reformada de Carambeí – Colônia..... | 93 |
| Ilustração 11 – Vista interna da Igreja Evangélica Reformada de Carambeí – Colônia..... | 94 |
| Ilustração 12 – Estudo bíblico promovido pela Igreja Evangélica Reformada de Carambeí – Colônia | 95 |
| Ilustração 13 – Caminhão que transportava o queijo da Fábrica de Laticínios De Geus & CIA, empresa que deu origem a Batavo S.A., para São Paulo..... | 98 |
| Ilustração 14 – Primeira ordenhadeira mecânica da Fábrica de Laticínios De Geus & CIA, empresa que deu origem a Batavo S.A., para São Paulo..... | 98 |
| Ilustração 15 – Prensa de queijo da Fábrica de Laticínios De Geus & CIA | 99 |
| Ilustração 16 – Cooperativa Batavo S. A. em Carambeí, atualmente | 101 |
| Ilustração 17 – Réplica da primeira escola de Carambeí – Colônia, em exposição no museu Casa da Memória, em Carambeí/PR | 104 |
| Ilustração 18 – Escola Evangélica de Carambeí | 105 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|-----|
| Gráfico 1 – Variantes de r-forte no português falado pelo Grupo 1M | 171 |
| Gráfico 2 – Variantes de r-forte no português falado pelo Grupo 1F..... | 172 |
| Gráfico 3 – Variantes de r-forte no português falado pelo Grupo 2M | 173 |
| Gráfico 4 – Variantes de r-forte no português falado pelo Grupo 2Fa..... | 174 |
| Gráfico 5 – Variantes de r-forte no português falado pelo Grupo 2Fb..... | 174 |
| Gráfico 6 – Variantes de r-forte no português falado pelo Grupo 3M | 175 |
| Gráfico 7 – Variantes de r-forte no português falado pelo Grupo 3F..... | 176 |
| Gráfico 8 – Variantes de r-forte no português falado pelos “holandeses” de Carambeí... | 177 |

LISTA DE MAPAS

| | |
|--|----|
| Mapa 1 – Reino dos Países Baixos (<i>Koninkrijk der Nederlanden</i>) | 44 |
| Mapa 2 – Mapa da região sul do Brasil, segundo colonização por grupo étnico | 48 |
| Mapa 3 – Colônias holandesas no Brasil..... | 56 |
| Mapa 4 – Mapa do centro do município de Carambeí | 61 |
| Mapa 5 – Colônias “holandesas” no estado do Paraná..... | 62 |
| Mapa 6 – Localização da Escola Evangélica, da Igreja Evangélica Reformada de Carambeí-colônia e da Cooperativa Batavo | 91 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO | 15 |
| 1.1 JUSTIFICATIVA | 17 |
| 1.2 HIPÓTESES | 19 |
| 1.3 OBJETIVOS | 21 |
| 1.4 ORGANIZAÇÃO DA TESE | 21 |
| CAPÍTULO 2: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS | 23 |
| 2.1 A ESCOLHA DA COMUNIDADE | 23 |
| 2.2 A ENTRADA NA COMUNIDADE | 24 |
| 2.3 OS INFORMANTES | 31 |
| 2.4 O MÉTODO ETNOGRÁFICO | 37 |
| 2.5 CRITÉRIOS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS NA PESQUISA | 40 |
| 2.5.1 Observação | 41 |
| 2.5.2 Questionário | 42 |
| 2.5.3 Entrevista | 42 |
| CAPÍTULO 3: OS “HOLANDESES” DE CARAMBEÍ/PR – ESBOÇO HISTÓRICO - ETNOGRÁFICO | 44 |
| 3.1 A HOLANDA, O INÍCIO DA HISTÓRIA | 45 |
| 3.2 O ESTABELECIMENTO DOS PIONEIROS NO ESTADO DO PARANÁ | 57 |
| 3.3 A FORMAÇÃO DA COLÔNIA DE CARAMBEÍ | 60 |
| CAPÍTULO 4: A COMUNIDADE DE FALA DOS “HOLANDESES” DE CARAMBEÍ/PR, SUAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS E USOS SOCIAIS | 70 |
| 4.1 USOS LINGÜÍSTICOS DA COMUNIDADE DE FALA DOS “HOLANDESES” DE CARAMBEÍ/PR | 70 |
| 4.2 O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DAS LÍNGUAS EM USO PELOS “HOLANDESES” DE CARAMBEÍ/PR | 78 |
| 4.3 VARIEDADES LINGÜÍSTICAS E USOS SOCIAIS | 79 |
| 4.3.1 Uma observação sobre “domínio lingüístico” | 80 |
| 4.3.1.1 Os usos lingüísticos nos domínios privados | 81 |
| 4.3.1.1.1 O estudo das díades familiares | 82 |
| 4.3.1.2 Os usos lingüísticos nos domínios públicos | 91 |
| 4.3.1.2.1 Cultos religiosos | 92 |
| 4.3.1.2.2 A cooperativa | 97 |
| 4.3.1.2.3 A escola | 102 |
| 4.4 DEFININDO O ESTATUTO DO HOLANDÊS E DO PORTUGUÊS | 107 |
| CAPÍTULO 5: CRENÇAS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS E IDENTIDADE DOS “HOLANDESES” DE CARAMBEÍ/PR | 109 |
| 5.1 CRENÇAS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS | 109 |
| 5.1.1 Crenças e atitudes lingüísticas dos “holandeses” de Carambeí/PR em relação às línguas holandesa e portuguesa | 116 |

| | |
|---|------------|
| 5.2 A NOÇÃO DE IDENTIDADE | 139 |
| 5.2.1 A identidade dos “holandeses” de Carambeí/PR..... | 141 |
| CAPÍTULO 6: O PORTUGUÊS DOS “HOLANDESES” DE CARAMBEÍ/PR, O R-FORTE | 154 |
| 6.1 O PORTUGUÊS FALADO PELOS “HOLANDESES” DE CARAMBEÍ/PR E A QUESTÃO DA INTERFERÊNCIA ENTRE LÍNGUAS EM CONTATO..... | 154 |
| 6.2 A INTERFERÊNCIA FONOLÓGICA | 161 |
| 6.2.1 Descrição fonético-fonológica dos róticos e das fricativas do holandês padrão | 162 |
| 6.2.2 Descrição fonético-fonológica do r-forte do português brasileiro..... | 163 |
| 6.2.3 <i>Corpus</i> | 170 |
| 6.3 ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS DE R-FORTE NO PORTUGUÊS FALADO PELOS “HOLANDESES” DE CARAMBEÍ/PR: APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS | 170 |
| 6.3.1 Discussão dos resultados | 178 |
| 6.3.1.1 A relação entre atitudes e crenças lingüísticas e r-forte no português falado pelos “holandeses” de Carambeí/PR..... | 178 |
| 6.3.1.2 A relação entre a identidade dos “holandeses” de Carambeí/PR e r-forte no português falado por eles..... | 182 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 187 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 194 |
| ANEXOS | 205 |

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

À primeira vista, Carambeí¹, uma cidadezinha de dezessete mil habitantes, distante 15 km da cidade de Ponta Grossa/PR, é uma típica cidade do interior: silenciosa, tranqüila, onde todo mundo conhece todo mundo.

Mas se a analisamos mais detidamente, percebemos que ela tem características que a diferenciam das outras pequenas cidades da região. Logo na entrada da cidade, por exemplo, há um pequeno jardim com flores e duas réplicas dos famosos moinhos holandeses, de mais ou menos 2 metros cada um.



Ilustração 1 – Entrada da cidade de Carambeí

Fonte: Acervo da autora.

¹ O nome *Carambeí* significa "rio das tartarugas" e é a junção de *carambé* (carumbé), que significa tartaruga, e *y*, que significa rio em guarani (KOOY, 1978, p. 9).

Em seguida, após a entrada da cidade, já na Avenida dos Pioneiros, que é a principal avenida do centro, há o Hotel *De Klomp* (“o tamanco”), famoso pelo imenso tamanco holandês na entrada. Se continuarmos pela Avenida dos Pioneiros, poderemos ver também uma série de casas antigas, de arquitetura bastante semelhante.

Os moinhos do jardim da entrada da cidade, o hotel *De Klomp* e seu imenso tamanco holandês e a arquitetura das casas antigas da Avenida dos Pioneiros – além de outros indícios que atraem a nossa atenção, como o logotipo da famosa “holandesinha” da Fábrica de Laticínios Batavo – remetem de forma bastante explícita ao fato de que Carambeí é uma cidade fundada por holandeses. Mais especificamente, a primeira do século XX² – portanto, a mais antiga – colônia holandesa do Brasil, fundada em 1911.

E apesar de a colônia ser bastante antiga – está às vésperas de completar cem anos de fundação – até hoje ir a Carambeí é como sair do Brasil e ir para outro país, principalmente porque lá as pessoas são todas muito altas, claras, de cabelos louros e olhos azuis. Muito parecidas umas com as outras, aos nossos olhos.

Essas são as primeiras impressões que tivemos a respeito da cidade de Carambeí e de sua gente. Mas o que é fato e o que é prejulgamento? Quem são realmente essas pessoas? São holandeses? São brasileiros? Que língua falam? Falam holandês? Falam português? Que crenças e atitudes essas pessoas manifestam em relação a essas línguas? Será que elas falam um “português diferente” porque são descendentes de holandeses?

Considerando que essas questões ainda não foram suficientemente respondidas (ver próximo item, 1.1) e que o município de Carambeí é bastante complexo cultural e lingüisticamente, este estudo pretende descrever a situação lingüística da comunidade “holandesa”³ de Carambeí. Tomamos como unidade de análise a comunidade de fala

² É importante fazer referência ao fato de que a fundação da cidade pelos holandeses se deu naquele que é considerado o segundo período de colonização dos holandeses do Brasil. Já as chamadas “invasões holandesas” no Brasil do período colonial ocorreram entre 1624 e 1654, no nordeste brasileiro (BOXER, 1961, p. 8-15).

³ Neste trabalho, as designações “holandês(es)”/“holandesa(s)” (entre aspas) serão usadas para fazer referência ao indivíduo descendente de holandeses que nasceu no Brasil, em oposição às designações “brasileiro(s)”/“brasileira(s)” (também entre aspas), que se referem ao indivíduo que nasceu no Brasil e não é descendente de holandeses. A opção por estas designações deu-se por duas razões: os próprios “holandeses” de Carambeí fazem esta distinção (autodenominam-se “holandeses” e distinguem-se dos não holandeses, a quem chamam “brasileiros”) e Rickli (2003) propõe em seu trabalho sobre a colônia de Castrolanda a

holandesa, a família e o indivíduo bilíngües em português/holandês e a produção oral em português dos bilíngües em português/holandês que integram essa comunidade. Descreveu-se a constituição histórico-social da região geograficamente envolvida e a relação que as línguas holandesa (antes dominante e agora não dominante) e portuguesa (antes não dominante e agora dominante) e que “holandeses” e “brasileiros” vêm mantendo nesses quase cem anos do estabelecimento da Colônia.

1.1 JUSTIFICATIVA

A história da humanidade mostra que os fenômenos migratórios transformaram as situações históricas das nações envolvidas, o que permite dizer que esses fenômenos são parcialmente responsáveis pela construção da identidade social, lingüística e – em consequência disso – sociolingüística das nações.

Entre os séculos XIX e XX, o continente americano atraiu não apenas numerosas, mas diversificadas correntes de imigrantes. O povoamento do Brasil deu-se, em grande parte, por meio de contingentes imigratórios procedentes de todas as regiões do mundo. Dentre essas imigrações para o território brasileiro, inclui-se a dos holandeses no início do século XX, cujo resultado tem sido estudado por muitos pesquisadores.

No entanto, a maioria dos trabalhos que abordam a questão da emigração holandesa para o Brasil refere-se a estudos de cunho histórico-social (PUNTONI, 1992; CARDOSO, 2000; CORRÊA, 2002; QUINTAS, 2002; DE LAURENTYS, 2002; RICKLI, 2003; FERRAZ, 2003; CASTELO BRANCO, 2004), artístico (CALDAS, 2002) ou educacional (CORDEIRO, 2006). Apenas as dissertações “O papel da comunicação na aculturação dos holandeses no Paraná: o caso da colônia de Carambeí”, de Luyten (1979), e “O bilingüismo em Castrolanda: aspectos sociais da aquisição da segunda língua”, de Verburg (1980), analisam a situação das colônias holandesas do Paraná do ponto de vista lingüístico, mas ainda assim o fazem de maneira bastante pontual.

utilização do termo “brasileiro” como referência ao indivíduo que nasceu no Brasil e que não tem ascendência holandesa.

Desse modo, muitas questões de pesquisa sobre a colonização holandês-brasileira permanecem ainda inéditas. Entre elas estão, por exemplo, o estudo das conseqüências lingüísticas e sociolingüísticas do contato histórico-social que as línguas portuguesa e holandesa mantiveram. Mesmo após quase cem anos de permanência dos holandeses de comunidades holandesas em solo brasileiro, várias situações bilíngües português/holandês ainda se mantêm, em vários municípios paranaenses. Esse fato, portanto, justifica o estudo sistemático e pluridisciplinar da situação lingüística existente em uma área de colonização holandesa no Paraná, em Carambeí, município que representa o centro da imigração holandesa no Brasil. Aliás, também existem estudos sistemáticos, à semelhança dos que foram listados acima, referentes aos municípios de Holambra I e Holambra II (SOUZA JÚNIOR, 1998; EILERT, 1997), municípios paulistas, e Não-Me-Toque, município gaúcho (SCHERER, 2004), todas colônias holandesas.

Em geral, os estudos que abordam situações lingüisticamente semelhantes à que se vai descrever concentram-se no processo histórico-lingüístico. Faltam, portanto, estudos sociolingüísticos ou etnográficos que tratassem especificamente das conseqüências da relação entre as línguas portuguesa e holandesa faladas em Carambeí. Justifica-se, assim, o estudo das conseqüências lingüísticas oriundas desse quadro histórico-social e da situação bilíngüe português-holandês ainda corrente na região de Carambeí, a partir dos enfoques teórico-metodológicos que serão citados na seqüência. Outro fator de urgência desses estudos refere-se ao fato de que não se sabe por mais quanto tempo⁴ ainda continuarão existindo os processos lingüísticos hoje ali correntes.

Do ponto de vista sociolingüístico, se apresentará um levantamento da situação do bilingüismo dos “holandeses” de Carambeí, de suas crenças e atitudes lingüísticas a respeito das línguas holandesa e portuguesa; se apresentará também uma análise da identidade do “holandês” de Carambeí; a análise e a discussão de uma variável lingüística

⁴ Apesar de os dados da pesquisa (apresentados e discutidos nos Capítulos 4, 5 e 6) apontarem para um possível desaparecimento da língua holandesa em Carambeí, é importante chamar a atenção para o fato de que esta pesquisa não tinha como objetivo principal levantar informações a esse respeito (como o índice de taxa de transmissão da língua e os graus de proficiência dos falantes, por faixa etária) e que a língua holandesa é uma língua viva, de cultura. Considere-se, além disso, o fato de que ainda se ensina holandês na escola e de que a Igreja Reformada promove cultos regulares em língua holandesa. Enfim, a colônia mantém um intercâmbio intenso com a Holanda, tanto enviando brasileiros para lá, quanto recebendo holandeses.

presente no português falado pelos “holandeses” de Carambeí, que está associada ao atual comportamento lingüístico do carambeense; e finalmente um estudo sobre a relação que todas essas questões levantadas estabelecem entre si.

Assim, ao descrever especificidades fonético-fonológicas de tal variedade de língua e apontar os domínios funcionais que as línguas em estudo desempenharam e desempenham na comunidade estudada, também se pretende expor as crenças e atitudes lingüísticas que os “holandeses” manifestam a respeito do português e do holandês e discutir a identidade dos “holandeses” de Carambeí. Além disso, o exame de questões que vinculam estudos da linguagem a assuntos relevantes de nossa história certamente propicia mais informações relativas à constituição da língua portuguesa no Brasil e a variedades de português de regiões lingüisticamente ainda não descritas, pelo fato de se obterem, concretamente, mais elementos para a reflexão e a caracterização do português do Brasil e de sua relação com a história do povo que o fala.

1.2 HIPÓTESES

A colônia holandesa de Carambeí, estabelecida no estado do Paraná em 1911, manteve-se isolada da comunidade brasileira por quase meio século, período em que a língua holandesa era praticamente a única língua falada pelos imigrantes e seus descendentes. Com o passar dos anos, a comunidade foi-se abrindo para a comunidade brasileira e para a língua portuguesa e esta língua assumiu a função de língua mercantil e língua franca. Este contato entre “holandeses” e “brasileiros” (e língua holandesa e portuguesa) tornou-se cada vez mais intenso, de modo que desde a década de 70 o português passou a assumir também o papel de língua materna da comunidade em estudo.

Nesse sentido, propõem-se as seguintes hipóteses de trabalho:

- O português falado pelos “holandeses” de Carambeí é distinto da variedade de português falada pelos não “holandeses” da região.

- Uma das particularidades do português falado pelos “holandeses” é a pronúncia do r-forte⁵ como tepe.
- No entanto, o português falado pelos “holandeses” está mudando no que diz respeito à pronúncia do r-forte. Os adultos (bilíngües em holandês/português, mas que aprenderam as duas línguas simultaneamente) e os jovens (muitas vezes apenas bilíngües incipientes em holandês/português) usam respectivamente vibrante e fricativa como r-forte, ou seja, no que diz respeito a esse aspecto, o português falado pelos “holandeses” não difere do português falado pelos não “holandeses”.
- Essa mudança deve-se às crenças e atitudes lingüísticas que os “holandeses” manifestam em relação às línguas holandesa e portuguesa e que são específicas de cada grupo de informantes.
- Essas crenças e atitudes também têm relação com as transformações que os usos funcionais das línguas holandesa e portuguesa sofreram ao longo dos anos. A língua holandesa, que era dominante, passou a não dominante e a língua portuguesa passou de não dominante a dominante.
- Essas crenças e atitudes também interferem na identidade dos “holandeses”, que não é uma só. Os mais velhos tendem a ver-se como “holandeses” e os mais jovens, como “brasileiros”.
- Por essa razão, a pronúncia do r-forte no português carambeense está mudando se se considera a fala dos mais velhos em relação à dos mais jovens. No caso dos mais velhos, a pronúncia do r-forte (geralmente como tepe) faz com que o português falado por eles seja considerado “carregado”, em termos de sotaque. Por outro lado, no português falado pelos jovens, o r-forte pronunciado como fricativa caracteriza o português do “holandês” aculturado, integrado, que é praticamente “brasileiro”.

⁵ Neste trabalho, a designação *r-forte* é utilizada em substituição à designação de *vibrante*, conforme Câmara Jr. (1953).

1.3 OBJETIVOS

- Fazer um levantamento dos usos funcionais das línguas portuguesa e holandesa; das crenças e atitudes lingüísticas que os “holandeses” manifestam em relação às línguas holandesa e portuguesa; e discutir a identidade dos “holandeses” de Carambeí.
- Analisar a variedade de português falada pelos “holandeses” de Carambeí no que diz respeito à pronúncia do r-forte;
- Estabelecer que tipo de relação se dá entre a) crenças e atitudes lingüísticas, b) usos funcionais das línguas holandesa e portuguesa c) identidade e d) uso de determinada variante de r-forte no português;
- Observar se há uma mudança em curso no português falado pelos “holandeses” no que diz respeito ao aspecto analisado.

1.4 ORGANIZAÇÃO DA TESE

Esta tese é composta de seis capítulos. Neste capítulo (Capítulo 1), apresentaram-se a justificativa do trabalho, as hipóteses, os objetivos e a organização da tese, como se pôde observar. No segundo capítulo, apresentam-se os critérios metodológicos e os instrumentos utilizados na pesquisa realizada. Em seguida, no terceiro capítulo, apresenta-se um esboço histórico-etnográfico da colônia holandesa de Carambeí/PR. Já no quarto capítulo, analisam-se os usos funcionais das línguas holandesa e portuguesa pelos “holandeses” de Carambeí. No quinto capítulo, apresenta-se uma discussão sobre as crenças e atitudes lingüísticas que os “holandeses” manifestam em relação às línguas holandesa e portuguesa e discute-se a questão da identidade dos “holandeses” de Carambeí. No sexto capítulo, analisa-se a variedade de português falada pelos “holandeses” de Carambeí, especialmente a pronúncia do r-forte e a relação deste com a) as crenças e atitudes lingüísticas que os “holandeses” manifestam em relação ao português e ao holandês; b) os usos funcionais das línguas utilizadas na comunidade de

Carambeí; e c) a identidade dos “holandeses”. Enfim, na última parte desta tese, tecem-se as considerações finais que encerram este estudo.

CAPÍTULO 2

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Neste segundo capítulo, se discutirá a metodologia utilizada no presente trabalho. Mais especificamente, se apresentarão as razões por que se escolheu estudar a comunidade “holandesa” de Carambeí, como se deu a entrada da pesquisadora na comunidade e como se selecionaram os informantes que participaram da pesquisa. Na seqüência, se discutirão os princípios do método etnográfico e se apresentarão os critérios e os instrumentos da pesquisa (observação, entrevista e questionário) por meio dos quais: a) se estabeleceram os usos funcionais das línguas holandesa e portuguesa; b) investigaram-se as crenças e atitudes lingüísticas que os “holandeses” de Carambeí manifestam a respeito dessas duas línguas; c) discutiu-se a questão da identidade dos “holandeses”; e d) levantaram-se dados referentes à variedade de português falada pelos “holandeses” de Carambeí.

2.1 A ESCOLHA DA COMUNIDADE

Conforme já se explicitou na introdução desta tese, a escolha da comunidade “holandesa” de Carambeí como objeto de estudo deveu-se a dois fatores. Primeiramente, a localidade apresenta uma realidade lingüística riquíssima e complexa, mas pouco explorada cientificamente⁶. Em segundo lugar, o município de Carambeí pertence à região de Ponta Grossa. Portanto, entende-se que há interesse por parte da Universidade Estadual de Ponta Grossa, instituição em que a autora desta tese trabalha, estudar sistemática e pluridisciplinarmente a cidade de Carambeí, incluindo a sua situação lingüística. Nesse sentido, considere-se o fato de que muitos alunos da universidade são moradores de

⁶ Conforme levantamento apresentado nas p. 15-16 desta tese.

Carambeí, ou seja, estudar o município contribui para a compreensão da realidade sociocultural do entorno da universidade. Aliás, foi justamente o contato com alunos carambeenses que despertou o interesse da pesquisadora em realizar este trabalho. No entanto, apesar de Carambeí e Ponta Grossa serem cidades bastante próximas (somente 15 km as separam) e de muitos carambeenses freqüentarem a Universidade Estadual de Ponta Grossa, a chamada “Carambeí-colônia”⁷ é considerada muito “fechada”⁸ por muitos “brasileiros”, de modo que se julga pertinente se descrever, a seguir, como se deu a entrada da pesquisadora na comunidade “holandesa” de Carambeí.

2.2 A ENTRADA NA COMUNIDADE

Nossa entrada na comunidade “holandesa” de Carambeí, em março de 2005, se deu por intermédio de uma “holandesa”, Maaïke Elizabeth de Geus Dijkstra, nascida no Brasil, filha de pai e mãe holandeses, que havia sido nossa aluna no curso de letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Maaïke sempre foi uma ótima aluna, interessadíssima, muito participativa e extremamente educada. Aliás, “educada demais”, como costumavam dizer seus colegas “brasileiros”, fazendo referência a sua extrema formalidade. Nós conhecíamos sua ascendência holandesa e sabíamos que ela morava em Carambeí e um dia a procuramos para conversarmos sobre o nosso projeto de tese. Ela, claro, ficou interessadíssima e literalmente nos abriu as portas da colônia basicamente por duas razões: além de pertencer a uma família muito importante e conhecida na cidade (os “De Geus”, que estão entre os primeiros imigrantes holandeses – chegaram a Carambeí em dezembro de 1911 – e fundaram a cooperativa que deu origem à fábrica de Laticínios Batavo), ela é dona da única escola de idiomas da cidade, a Idiom House, que é freqüentada por muitas crianças e adolescentes “holandeses” de Carambeí (cerca de cinquenta e quatro, de um total de cento e setenta e um alunos), o que a coloca em contato com grande parte dos membros “holandeses” da comunidade.

⁷ De acordo com Rickli, (2003, p. 14), parte do município de Carambeí onde vivem os “holandeses”.

⁸ Segundo Rickli (2003, p. 19), termo usado por “brasileiros” para referir-se ao fato de que a comunidade “holandesa” exclui os “não-holandeses” de suas atividades (principalmente as promovidas pela igreja e pela Escola Evangélica).



Ilustração 2 – The Idiom House

Fonte: Acervo da autora

Dessa forma, aconselhados por Maaïke a primeiro nos ambientarmos à cidade e às pessoas (ou mesmo fazer com que estas se ambientassem a nós!), iniciamos nossas pesquisas na Escola Evangélica de Carambeí, assistindo⁹ a algumas aulas de língua e cultura holandesa para crianças de 1ª a 8ª série do Ensino Fundamental. O modo como se organizam as aulas de língua e cultura holandesa na Escola Evangélica será descrito no Capítulo 4 desta tese.

Na seqüência, assistimos a cultos em holandês (na Igreja) e em português (estudo bíblico) e entrevistamos o pastor holandês Arjan Witzier, que foi a pessoa que nos forneceu dados a respeito do número de famílias “holandesas” que moram em Carambeí. Também no Capítulo 4 desta tese se descreverá a forma como se organizam os cultos da Igreja Evangélica Reformada (tanto em holandês, como em português).

Logo em seguida, participamos da 1ª festa do imigrante em Carambeí e da festa da Rainha, em Castrolanda e visitamos inúmeras vezes o museu Casa da Memória, que fica no centro de Carambeí.

⁹ Aqui, a título de informação, cabe informar que a pesquisadora frequentou um curso de seis meses de língua holandesa, de caráter introdutório, na tentativa de tentar familiarizar-se com o idioma.



Ilustração 3 – 1ª Festa do Imigrante em Carambeí

Fonte: Acervo da autora.



Ilustração 4 – Museu Casa da Memória, em Carambeí

Fonte: Folheto distribuído pela Associação Parque Histórico de Carambeí (s/data)

Somente então passamos à etapa das entrevistas, por volta de agosto de 2005, após quatro meses de “aproximação”. Neste momento, procedíamos da seguinte forma: Maaike indicava-nos os “possíveis” informantes, de acordo com nossas solicitações¹⁰, nós selecionávamos os informantes e ela marcava os encontros. Metade dos encontros se deu na Escola Evangélica de Carambeí e na escola de idiomas Idiom House e a outra metade, na própria casa do informante¹¹. Abaixo, podem-se observar fotos de típicas casas

¹⁰ Nossas solicitações procuraram atender aos critérios gerais pré-estabelecidos para seleção dos informantes, discutidos na Seção 2.3 desta tese. No entanto, como também se explica nessa seção, entrevistamos pessoas que não atendiam aos critérios gerais, como holandeses e brasileiros.

¹¹ Mais precisamente vinte entrevistas.

“holandesas” de Carambeí, situadas na principal avenida da cidade, a Avenida dos Pioneiros.



Ilustração 5 – Casas “holandesas” em Carambeí, situadas à Avenida dos Pioneiros

Fonte: Acervo da autora.

Internamente,

mesmo as casas [“holandesas”] mais simples são extremamente confortáveis e apresentam também uma certa regularidade na decoração. A sala tem quase sempre móveis grandes, de madeira maciça, com uma grande mesa de centro e às vezes mesinhas menores dispostas ao lado de sofás e poltronas. As toalhas de mesa são de tapeçaria grossa e há enfeites fazendo referência aos principais temas da tradição holandesa: moinhos, tulipas e tamancos. As cortinas são curtas, cobrindo só a metade da janela e são presas em argolas e varões de madeira (RICKLI, 2003, p. 13).

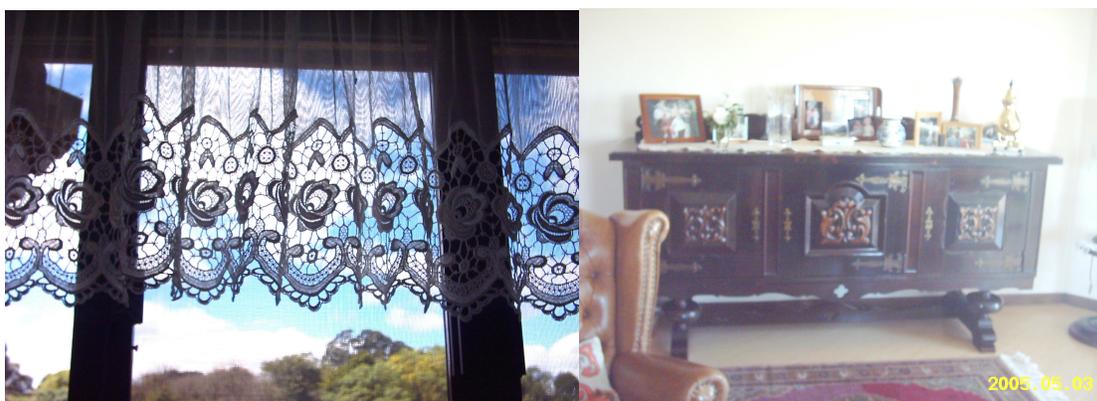
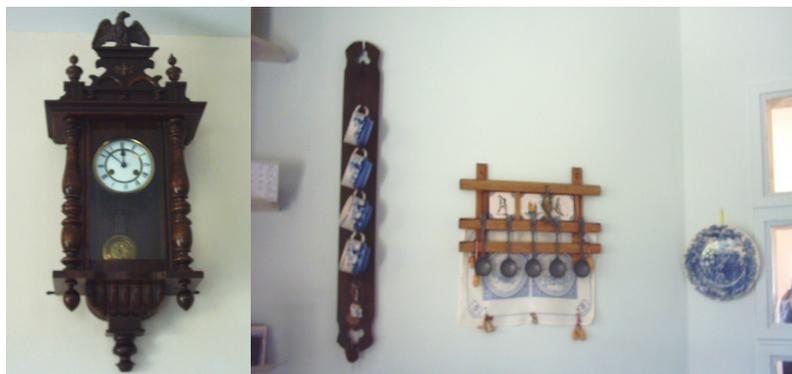


Ilustração 6 - Interior de uma típica casa “holandesa” de Carambei¹²

Fonte: Acervo da autora.

¹² Grande parte dos móveis de madeira veio da Holanda, em navios, junto com os imigrantes. Os enfeites também vieram da Holanda, mas são novos, fruto das freqüentes viagens que os descendentes dos imigrantes fazem ao país.

Quando entrevistávamos o informante em sua casa (as mulheres mais velhas, principalmente) éramos sempre recebidos com café completo. Não tomamos café, mas o fato era ignorado com muita naturalidade. Parecia que pensavam: “você não está querendo saber da vida da gente? Então entenda o povo holandês agindo como ele. Tome café!” E tomávamos. Uma, duas e até três xícaras. Sem falar dos bolos, tortas e bolachas caseiras. Aliás, foi durante uma entrevista que descobrimos que a palavra “caseiro”, para os “holandeses”, tem uma acepção diferente. Uma vez, na casa de HS, sua esposa nos ofereceu bolachas caseiras deliciosas (acompanhando café, claro!). Então comentamos que gostávamos muito desse tipo de bolacha e que costumávamos comprar o biscoito *Jonker*¹³, uma bolacha artesanal feita por uma família de origem holandesa radicada na cidade de Palmeira (PR). A senhora THS nos corrigiu na hora, dizendo que “Jonker não era caseira. É muito artificial. Eles fazem com margarina e não com manteiga e por isso a bolacha não fica boa”. A opinião nos surpreendeu, mas aos poucos nos acostumamos com essas diferenças. A princípio, também estranhamos o café “completo”¹⁴ (com bolachas, bolo, pão, torta etc.), servido depois do culto de domingo, na casa dos idosos da família, meia hora antes do almoço!

¹³ A fábrica é, inclusive, aberta a visitação e fica junto ao *showroom*, na Rua Barão do Rio Branco, 765, Centro, Palmeira/PR.

¹⁴ Essa é uma verdadeira tradição entre os “holandeses” do Brasil. Rickli também observa o fato na colônia de Castrolanda: “a saída [do culto] tem sempre um ar festivo, as vozes animadas com pequenas ‘rodinhas’ se formando no pátio em frente ao templo. [...] Aos poucos as rodinhas vão se desfazendo e depois de vinte minutos já não resta mais ninguém diante da igreja. [...] O café após o culto reúne, normalmente, duas famílias e os convites e arranjos são feitos nas ‘rodinhas’ no pátio da igreja. É bastante comum os filhos casados reunirem-se na casa dos pais ou os irmãos nas casas uns dos outros, embora também sejam freqüentes as reuniões de amigos e parentes mais distantes. [...] como quase tudo em Castrolanda, ele segue um roteiro rígido. Enquanto as pessoas vão chegando e tomando assento, a dona da casa está na cozinha preparando tudo, muitas vezes auxiliada pelas filhas. O marido, na sala, recepciona os convidados e conduz as conversas. [...] As mulheres chegam da cozinha com canecas fumegantes com café com leite já servido e pequenos pratinhos com fatias de bolo tipicamente holandeses, como o *gevulde specullas*, uma massa sem fermento com diversas especiarias e com recheio de amêndoas ou coco. A *citroen tarte*, semelhante a nossa torta de limão; ou o *boter koek*, feito basicamente de manteiga e farinha. As canecas são deixadas sobre porta-copos, onipresentes nas casas castrolandesas e postas com os pratinhos na mesa de centro, diante de cada um dos presentes. Ninguém bebe imediatamente, mas esperam-se alguns momentos para então sorver o café tranqüilamente, normalmente sem açúcar. Terminada a primeira rodada, a dona da casa pergunta se alguém vai querer uma outra caneca, que é normalmente aceita por todos. Ela traz, então, da cozinha, uma garrafa térmica com café e leite já misturados e enche novamente as canecas, servindo mais uma fatia de bolo” (RICKLI, 2003, p. 12-13).

Durante o período em que realizamos as entrevistas, aprendemos que a noção de pontualidade dos “holandeses”¹⁵ é diferente da nossa, “brasileiros”. Culto: 10 horas. “Em ponto”, me dizia Maaike. “Como horário de trem”. No primeiro culto a que assistimos, chegamos às 10h10min. A igreja já estava fechada e o culto já havia começado. Mas alguém, a pedido de Maaike (que achava que isso aconteceria), nos esperava fora da igreja e nos colocou para dentro. Quando entramos, todos olharam e, em seguida, deram de ombros como quem pensa “só podia ser brasileira”.

Ainda em relação à questão da pontualidade, quando marcou a primeira entrevista, Maaike nos ligou e disse: “Marquei às duas. Pode ser??? Tem certeza???” “Tudo bem”, dizíamos. E pensávamos: “dá pra sair de casa uns cinco minutos antes”. Um encontro às duas, para um “brasileiro”, começa na verdade entre 14h15min e 14h30min. Mas logo percebemos que, para os “holandeses” de Carambeí, “duas horas” significam exatamente “duas horas”, ou seja, nosso informante estaria a nossa espera exatamente nesse horário e ficaria chateado se nos atrasássemos.

No entanto, o fato que mais nos surpreendeu em relação aos “holandeses” – ou em relação ao estereótipo de “holandês” que tínhamos na cabeça, por causa do que ouvíamos “por aí” a respeito dos “holandeses” de Carambeí – é que todos os entrevistados, uma vez tendo aceitado o convite para conversar conosco, estavam totalmente disponíveis¹⁶. Respondiam a todas as perguntas com detalhes e nunca perguntavam se a entrevista “já estava acabando”. Éramos sempre nós quem encerrávamos a entrevista, uma vez que éramos nós “quem estávamos no comando” naquele momento. E quando encerrávamos, sempre perguntavam se não queríamos saber mais nada e colocavam-se à disposição para “conversarmos” novamente. De uma informante ouvimos a frase que resumia, nesse sentido, o comportamento “holandês”: “com a gente (“holandeses”) é assim: combinou tá combinado”.

¹⁵ Em seu trabalho, Rickli (2003, p. 9) também faz referência à pontualidade dos “holandeses” de Castrolanda: “a falta de pontualidade é muito criticada em Castrolanda, sobretudo em relação aos cultos, que começam rigorosamente na hora, com poucas pessoas chegando depois das 09h30min”.

¹⁶ “Estar disponível” não significava, no entanto, compreender o tipo de trabalho que eu estava realizando. Muitas vezes ouvi comentários tais como: “a Maaike explicou o que você veio fazer, mas eu não entendi”; “O que você quer saber de nós?”; “Deve estar faltando assunto nas universidades. Imagine, vir pesquisar a gente e a nossa cidade”.

Também contrariando o que ouvimos dizer de colegas da universidade com quem chegamos a discutir a viabilidade da proposta deste trabalho, os “holandeses” são muito alegres e divertidos. Apenas não se tornam os melhores amigos já no primeiro encontro. “Nós vamos devagar”, disseram. E chegam até a nos desafiar: “Pro brasileiro, todo mundo é muito amigo logo. Mas será que é mesmo?”

Enfim, passado muito pouco tempo, já éramos conhecidos por todos como a “professora da universidade amiga da Maaiké” e soubemos que muitas pessoas vieram a ela perguntar “por que ainda não haviam sido entrevistados”, pois também tinham coisas a dizer. Infelizmente, por razões óbvias, não pudemos entrevistar todas as pessoas que se dispuseram a falar conosco e tivemos de limitar o número de informantes com quem “conversaríamos”, além de selecioná-los a partir de determinados critérios relevantes para a realização da pesquisa.

Justamente por essa razão, no item a seguir se discutirá como se deu a seleção dos informantes que participaram da pesquisa.

2.3 OS INFORMANTES

Os integrantes da comunidade em estudo residem tanto numa pequena área urbana – um pequeno centro onde se localizam agências bancárias, escola estadual, lojas, supermercados etc. – quanto em locais mais afastados, na área propriamente rural (em fazendas e sítios) e seu universo cultural foi igualmente investigado em ambas as localizações, uma vez que se visitaram várias famílias “holandesas” de Carambeí. No total, entrevistaram-se vinte e quatro pessoas¹⁷, que forneceram dados tanto para a análise das

¹⁷ Parte desses informantes também foi entrevistada juntamente com suas famílias, no sentido de se estabelecerem os usos funcionais das línguas holandesa e portuguesa (Capítulo 4). Além dos vinte e quatro entrevistados, conversamos com mais pessoas (com o menino CG, da família 1 e os idosos WF e JF, da família 2 e MB da família 3, que são praticamente monolíngües em holandês), conversa essa que não pôde ser considerada propriamente uma entrevista. Entrevistamos também duas diretoras de escola (freqüentadas por alguns “holandeses” de Carambeí) “brasileiras” e dois holandeses, o pastor Arjan Witzier e o Professor de holandês da Escola Evangélica, Karsten Visscher. Esse material foi descartado como “entrevista”, mas as informações coletadas foram utilizadas no Capítulo 4, na parte que descreve a comunidade, as escolas e a Igreja de Carambeí. Aliás, considerando os dados coletados nas entrevistas com as diretoras de escola “brasileiras”, fica a sugestão para que se realize no futuro um trabalho que discuta a visão que os “brasileiros” têm dos holandeses, o que, obviamente, não pôde ser realizado nesta tese.

crenças e atitudes lingüísticas e da identidade (Capítulo 5), como para a análise da variante de português falada por eles (Capítulo 6).

As entrevistas começaram a ser gravadas a partir de agosto de 2005 e estenderam-se até agosto de 2006. A seleção dos vinte e quatro informantes baseou-se nos critérios gerais. Em relação a essas vinte e quatro entrevistas, temos quase vinte horas de material gravado. Pode-se dizer que o material colhido, em termos de qualidade, era muito bom, pois todos os informantes se dispuseram a responder a todas as perguntas detalhadamente.

Os critérios gerais pré-estabelecidos para seleção dos informantes foram os seguintes¹⁸:

- Ter mais de 18 anos;
- Ser descendente de holandeses (pelo lado materno ou paterno);
- Ter nascido (ou se mudado até os 5 anos¹⁹) e sempre vivido na região de Carambeí;
- Ser bilíngüe em português/holandês em algum grau²⁰;

Antes de cada entrevista, justificávamos a realização do estudo dizendo que pretendíamos compreender melhor a história da colônia holandesa de Carambeí pelos holandeses. Na seqüência, preenchíamos uma ficha com os dados pessoais dos informantes, tais como nome completo, idade, escolaridade, cidade em que moram, endereço etc. Na ficha (Anexo 1), havia, também, um espaço reservado para anotar o local em que a

¹⁸ A definição do perfil dos informantes que forneceram os dados lingüísticos e a definição da natureza dos instrumentos de coleta de dados (observação, questionário e entrevista) foram pautadas nos parâmetros que orientam a Dialetoлогия moderna e aliam os fundamentos da pesquisa dialetológica tradicional a contribuições oriundas da Sociolingüística (ISQUERDO, 2004, p. 1165).

¹⁹ Para a composição da amostra representativa (do grupo cuja variante de português foi analisada) foram entrevistados somente aqueles indivíduos que nasceram em Carambeí ou que se mudaram para lá até os cinco anos de idade. Com isso evitou-se que a escolaridade do informante em uma outra comunidade, ou sua interação com falantes de outro centro até a fase da adolescência tenham reflexo sobre a marca sociolingüística do grupo em estudo (DÜCK, 2005, p. 46).

²⁰ Neste trabalho, será considerado bilíngüe em português e holandês o sujeito que ao menos revela ter competência lingüística nas duas línguas. Por outro lado, se o indivíduo afirma entender a língua, mas não fala holandês, será considerado bilíngüe incipiente. Diebold (1964) propõe a expressão *incipient bilingualism* para caracterizar os estágios iniciais de contato entre duas línguas. Romaine (1995, p. 11) resume a situação dizendo que não se trata de uma questão de proficiência absoluta *versus* mínima [na língua estrangeira]. Uma pessoa poder ser bilíngüe em alguns níveis, mesmo que não seja capaz de produzir um enunciado completamente significativo. Uma pessoa pode, por exemplo, não ter o controle produtivo sobre uma língua, mas ser capaz de entender enunciados nela. Em tais circunstâncias lingüísticas geralmente fala-se de um bilingüismo passivo ou receptivo. Na região em estudo, o bilingüismo incipiente (cuja definição incorpora a questão do desenvolvimento) é bastante comum.

entrevista foi realizada e a data. Os informantes foram identificados pelas iniciais para preservar a identidade de cada um.

O quadro a seguir resume o perfil sociocultural dos vinte e quatro sujeitos da pesquisa. Neste, pode-se observar o perfil sociocultural dos informantes que forneceram os dados analisados nos capítulos 5 e 6.

| Identificação | Sexo | Idade | Ascendência | Naturalidade | Profissão |
|-----------------------|------|---------|--|---------------------------|---------------|
| DCG ²¹ | M | 70 anos | filho de pais holandeses | Carambeí | aposentado |
| HS ²² | M | 73 anos | filho de pais holandeses | Carambeí | agricultor |
| JG | M | 71 anos | filho de pais holandeses | Carambeí | pecuarista |
| BD (1M) | M | 71 anos | filho de pais holandeses | Carambeí | agricultor |
| JLG | F | 75 anos | filha de pais holandeses | Carambeí | dona de casa |
| WGG | F | 75 anos | filha de pais holandeses | Carambeí | dona de casa |
| THS ²³ | F | 72 anos | filha de pais holandeses | Carambeí | dona de casa |
| WCGE | F | 74 anos | filha de pais holandeses | Carambeí | dona de casa |
| AF ²⁴ | M | 50 anos | filho de pais holandeses | Telêmaco Borba | contador |
| BD ²⁵ (2M) | M | 50 anos | filho de pais holandeses | Carambeí | guia de museu |
| WD | M | 47 anos | filho de pais holandeses | Carambeí | agricultor |
| RW | M | 46 anos | filho de pais holandeses | Carambeí | pecuarista |
| RHB | F | 44 anos | filha de pais holandeses | Carambeí | secretária |
| IS | F | 43 anos | filha de pais holandeses | Castrolanda ²⁶ | dona de casa |
| WSGG | F | 41 anos | filha de mãe indonésia e pai holandês | Carambeí | dona de casa |
| AJWB | F | 42 anos | filha de pais holandeses | Carambeí | professora |
| CD ²⁷ | M | 23 anos | neto de avós maternos e paternos holandeses | Carambeí | estudante |
| FF ²⁸ | M | 22 anos | neto de avós paternos holandeses | Carambeí | estudante |
| DF ²⁹ | M | 24 anos | neto de avós paternos holandeses | Carambeí | estudante |
| MG | M | 21 anos | neto de avós maternos e paternos holandeses | Carambeí | estudante |
| GF ³⁰ | F | 22 anos | neta de avós paternos holandeses | Carambeí | estudante |
| SSM | F | 21 anos | filha de mãe holandesa e pai “brasileiro” (filho de pais holandeses) | Carambeí | estudante |
| MD | F | 20 anos | neta de avós maternos e paternos holandeses | Carambeí | estudante |
| FD ³¹ | F | 21 anos | neta de avós maternos e paternos holandeses | Carambeí | estudante |

Quadro 1 – Perfil sociocultural dos informantes do Grupo 2

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

²¹ Membro da Família 1.

²² Membro da Família 4, marido de THS.

²³ Membro da Família 4, esposa de HS.

²⁴ Membro da Família 2, pai de FF, DF e GF.

²⁵ Membro da Família 3, pai de CD e FD.

²⁶ Mudou-se para Carambeí aos 2 anos.

²⁷ Membro da Família 3, filho de BD e irmão de FD.

²⁸ Membro da Família 2, filho de AF e irmão de DF e GF.

²⁹ Membro da Família 2, filho de AF e irmão de FF e GF.

³⁰ Membro da Família 2, filha de AF e irmã de FF e DF.

³¹ Membro da Família 3, filha de BD e irmã de CD.

Para que os principais estratos da comunidade estivessem contemplados na pesquisa, fez-se uma reflexão cuidadosa sobre quais variáveis sociais seriam levadas em consideração. Então, optou-se por dois critérios: idade e sexo³².

A divisão por faixa etária é relevante neste estudo, pois um dos seus objetivos é verificar se há diferentes graus de uso das línguas nas diferentes gerações, diferentes manifestações de crenças e atitudes em relação ao holandês e ao português e diferentes manifestações de identidade, além de diferentes pronúncias de r-forte. Foram consideradas três faixas etárias, sendo que o primeiro grupo abrange pessoas com mais de 70 anos de idade (primeira faixa etária), o segundo compreende informantes entre 35 e 50 anos (segunda faixa etária) e o terceiro grupo é formado por jovens de 18 a 25 anos (terceira faixa etária).

Já a divisão por sexo justifica-se pelo fato de que homens e mulheres falam de acordo com os papéis que exercem em cada comunidade (PAIVA, 2004, p. 35). Por essa razão, homens e mulheres podem apresentar diferentes graus de uso das línguas holandesa e portuguesa, diferentes crenças e atitudes em relação a essas línguas e manifestarem diferentes identidades, além de apresentar comportamentos diferentes em relação à pronúncia do r-forte. Assim, o conjunto dos informantes foi dividido em seis grupos:

a) Grupo 1M

Informantes:

- DG
- HS
- JG
- BD (1M)

O Grupo 1M é o grupo dos idosos de Carambeí. Têm entre 70 e 75 anos. O grupo é bilíngüe em holandês/português.

³² O critério “escolaridade” foi dispensado haja vista os subgrupos serem bastante uniformes nesse sentido. O grau de escolaridade do Grupo 1M é de ensino fundamental incompleto, assim como do Grupo 1F; o do Grupo 2M é de Ensino Superior completo; o do Grupo 2F é de Ensino Médio completo ou superior incompleto; e o dos Grupos 3M e 3F é superior em andamento.

b) Grupo 1F

Informantes:

- JLG
- WGG
- THS
- WCGE

O Grupo 1F é o grupo das idosas de Carambeí. Têm entre 70 e 75 anos. O grupo é bilíngüe em holandês/português.

c) Grupo 2M

Informantes:

- AF
- BD (2M)
- WD
- RW

O Grupo 2M é o grupo dos que representam os adultos descendentes de holandeses de Carambeí e têm entre 45 e 50 anos. O grupo é bilíngüe em holandês/português.

d) Grupo 2F

Informantes:

- RHB
- IS
- WSGG
- AJWB

O Grupo 2F é o grupo das que representam as mulheres adultas descendentes de holandeses de Carambeí e têm entre 40 e 45 anos. O grupo é bilíngüe em holandês/português.

e) Grupo 3M

Informantes:

- CD

- FF
- DF
- MG

O Grupo 3M é o grupo dos jovens descendentes de holandeses de Carambeí, que têm entre 20 e 25 anos e estão concluindo o ensino superior. Parte do grupo é somente bilíngüe incipiente em holandês/português.

f) Grupo 3F

Informantes:

- GF
- SSM
- MD
- FD

O Grupo 3F é o grupo das jovens descendentes de holandeses de Carambeí, que têm entre 20 e 25 anos. Parte do grupo também é somente bilíngüe incipiente em holandês/português.

Dessa forma, mediante a comparação entre estas diferentes amostras, acredita-se ser possível a generalização dos resultados obtidos.

Na seqüência, se discutirá a natureza da pesquisa etnográfica, pois os estudos etnográficos muito têm contribuído para o entendimento da história da cultura de diferentes povos, uma vez que possibilitam que “uma variedade de métodos sejam utilizados para minimizar a imposição das percepções e categorias culturais [do pesquisador] no registro e interpretação de um outro sistema”, como afirma Saville Troike (1989, p. 128).

2.4 MÉTODO ETNOGRÁFICO

Utilizar o método etnográfico significa levantar todos os dados possíveis de uma comunidade, no sentido de investigar um determinado grupo e sua cultura específica. Segundo Arnould e Wallendorf (1994), o método etnográfico caracteriza-se pela prática de:

- Coleta de dados e registro das ações no seu local natural (ou seja, onde acontecem na realidade e não em laboratórios ou em situações superficiais);

- Participação do pesquisador em um contexto cultural específico;
- Incorporação de múltiplas fontes de dados, entre as quais se encontram a observação (que pode ser participante ou não participante) e a entrevista (não estruturada ou estruturada).

Assim, o método etnográfico requer que o investigador penetre no universo cultural de um grupo étnico específico³³ e, guiado basicamente pelas informações aí obtidas, desvende sua história, seus significados e suas respectivas inter-relações. Em etapa posterior, é preciso selecionar os eventos correlacionados aos objetivos investigativos propostos ou selecionar o que, no curso da investigação, se revele mais significativo para o específico interesse do etnógrafo. Por envolver a chamada observação-participativa, os estudos etnográficos proporcionam uma ampla visão sobre, por exemplo, a real significação de determinados fatores sociais e lingüísticos em determinada comunidade de fala³⁴. Logo, ao adotar um método dessa natureza, evitam-se, por exemplo, meras descrições.

Apesar das vantagens citadas, o método tem limitações. Em geral, constata-se, por exemplo, que o problema a ser investigado nos estudos etnográficos vai-se delineando juntamente com a pesquisa na comunidade. Em decorrência disso, as hipóteses específicas também se definem durante a investigação (HEATH, 1982). No entanto, uma das maiores dificuldades advindas do método etnográfico reside no caráter subjetivo tanto das observações, quanto das avaliações feitas. Portanto, é preciso atentar para que os valores ou preconceitos do grupo social de que o investigador faz parte não interfiram na seleção e na análise dos dados observados no grupo alvo. Em função disso, Morey Filho (1993, p. 25) alerta que “the strength of the ethnographic method lies in its attempt to understand human action only in relation to the value system of the culture where they belong³⁵”, ou seja, o

³³ É o grupo humano formado em função da comunidade de língua, religiões e instituições sociais. É um elemento definidor da identidade de grupos humanos, por dar conta das aglutinações culturais historicamente verificáveis entre os seres, permitindo a percepção do homem na sua diversidade, como animal essencialmente cultural (FERREIRA NETO, 1997, p. 320).

³⁴ Segundo Alkmim (2001, p. 31), uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras.

³⁵ “A força do método etnográfico reside em sua tentativa de compreender as ações humanas somente em relação ao sistema de valores da cultura à qual pertencem” (MOREY FILHO, 1993, p. 25, tradução nossa).

que fundamenta, basicamente, a atividade do etnógrafo é a importância que este atribui à cultura de uma comunidade de fala.

A natureza do método requer que o fenômeno seja investigado a partir das dimensões espacial e temporal, uma vez que as situações, os eventos e as ações somente podem ser entendidos como práxis cultural quando geográfica e historicamente agrupados. Diferentemente de outros paradigmas investigativos, em etnografia, no processo de obtenção dos dados, “not to make any mystery of one’s sources is the key element that gives credibility to the ethnographic method³⁶” (MOREY, 1993, p. 25).

Alguns estudos de situações semelhantes à situação que observamos sinalizam o fato de que a análise de uma situação lingüística como a da colônia de Carambeí exige muito mais do que a simples descrição da situação funcional das línguas faladas pela comunidade pesquisada. Daí a opção pelo método etnográfico.

O perfil histórico-cultural da situação lingüística do município de Carambeí, apresentado no Capítulo 3, a seguir, foi melhor descrito quando a perspectiva diacrônica da etno-história acrescentou-se ao quadro de referências, já composto pela observação de ocorrências de fala, observação e participação nos eventos socioculturais. Segundo os etnógrafos, essa perspectiva etno-histórica é fundamental, porque “nor does description of the current times fully capture the influences and forces of history on the present³⁷” (SAVILLE-TROIKE, 1989, p. 93).

Diacronicamente, investigaram-se fontes de referência escrita em arquivos particulares e institucionais, em jornais, em revistas, em relatórios oficiais, assim como a memória histórica de antigos moradores da região, obtida mediante depoimentos orais gravados. A junção de fontes orais e escritas, tal como orienta a metodologia etnográfica, possibilitou a reconstrução histórica da comunidade “holandesa” que será apresentada na seqüência.

A observação e participação efetivadas em eventos relacionados à práxis cultural concentraram-se na vida familiar, religiosa e sociocultural. Mais especificamente, a

³⁶ “Não fazer qualquer mistério sobre as fontes é o elemento-chave que confere credibilidade ao método” (MOREY, 1993, p. 25, tradução nossa).

³⁷ “A descrição dos tempos atuais não captura integralmente as influências e forças da história sobre o presente” (SAVILLE-TROIKE, 1989, p. 93, tradução nossa).

observação se concentrou em eventos comunicativos interacionais bilíngües e monolíngües e em sua frequência.

Em síntese, atentou-se para uma questão inerente à tarefa do etnógrafo, a de suspender temporariamente o julgamento e abstrair os conhecimentos próprios, que são consequência do pertencimento a uma cultura particular, de forma a tentar entender outra vida cultural como um “*insider*”. Esse foi o procedimento adotado quando da coleta de dados etnográficos no município de Carambeí- PR.

Como já dissemos, a investigação da comunidade “holandesa” de Carambeí, mediante aplicação do método etnográfico e da etnografia da comunicação, compreendeu aproximadamente o período de um ano e meio: de março de 2005 a agosto de 2006. A observação como “*sympathetic participant-observer*” ou como “*analytical participant-observer*”, isto é, junto com o grupo e sobre o grupo, foram ambas adotadas, já que a comunidade está relativamente acostumada a tais formas de observação, principalmente pelo contato com jornalistas, com turistas do país e do exterior e com pesquisadores.

No que diz respeito aos dados lingüísticos analisados, estes provieram de duas fontes: respostas a um questionário e manifestações orais gravadas em fitas cassete, cujo procedimento metodológico se vai descrever a seguir.

2.5 CRITÉRIOS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS NA PESQUISA

Os instrumentos de coleta de dados utilizados nessa pesquisa foram a observação, a entrevista e o questionário³⁸, que são bastante relevantes no caso de um trabalho de campo na área de sociolingüística, como o envolvido nesta tese. Na sequência, descreveremos cada uma das etapas da coleta de dados.

³⁸ O roteiro de entrevistas (anexo 3) e o questionário (anexo 2) estão descritos nos anexos desta tese.

2.5.1 Observação

A observação, primeiro instrumento de coleta de dados a ser utilizado nesta pesquisa, também foi utilizada em todas as outras etapas de coleta de dados seguintes, inclusive na das entrevistas.

A observação na zona urbana de Carambeí, por meio da qual se analisou o comportamento lingüístico do informante em situações de interação natural, foi realizada em diversos ambientes como, por exemplo, nas Igrejas (em cultos, estudos bíblicos, batizados e casamentos de membros da comunidade “holandesa”) e nas escolas. Mediante contatos estabelecidos durante esta fase de observação, levantaram-se impressões sobre a realidade lingüística da comunidade em estudo.

Pela observação pôde-se:

- a) Obter impressões sobre a vida comunitária e sobre as condições de vida dos membros da comunidade “holandesa” de Carambeí.
- b) Reconstruir o contexto sócio-histórico da colonização de Carambeí e da imigração dos holandeses para o Paraná, por meio de relatórios de testemunhas da época.
- c) Captar as variedades lingüísticas e as línguas usadas na comunidade de fala holandesa em situações de interação natural.
- d) Determinar, com base nas observações feitas em situação de interação natural, os domínios da língua imigrante e da língua nacional.
- e) Observar fatos dentro de núcleos familiares e examiná-los em relação ao uso da língua holandesa e da língua portuguesa.
- f) Observar crenças e atitudes lingüísticas em relação às línguas holandesa e portuguesa.
- g) Obter impressões quanto à identidade dos “holandeses”.
- h) Reconhecer problemas ou assuntos da comunidade que poderiam ser introduzidos como tópicos na entrevista sociolingüística.
- i) Selecionar informantes para a constituição da amostra.

Desse modo, a observação forneceu material para a descrição etnográfica da comunidade de fala holandesa em Carambeí e funcionou também como fase preparatória para a realização da entrevista sociolinguística.

2.5.2 Questionário

O questionário foi o segundo instrumento de coleta de dados utilizado. Ele era preenchido pelo informante antes de este ser entrevistado.

O questionário (Anexo 2) foi elaborado de modo a propor:

- a) Questões que verificassem os usos funcionais da língua holandesa e portuguesa;
- b) Questões que verificassem as crenças que os informantes manifestam em relação ao holandês e ao português;
- c) Questões que verificassem as atitudes que os informantes manifestam em relação ao holandês e ao português;
- d) Questões que abordem os informantes quanto a sua identidade;

O questionário continha somente “questões abertas”, por meio das quais se podem obter informações mais ricas e variadas, uma vez que o entrevistado tem a oportunidade de responder com suas próprias palavras;

Como já se disse, os dados referentes ao perfil sociocultural do entrevistado (como naturalidade, filiação, estado civil, ocupação, religião etc.) foram anotados na ficha de dados pessoais.

Depois que o informante havia preenchido o questionário, ele passava a ser entrevistado. Os procedimentos da entrevista serão descritos a seguir.

2.5.3 Entrevista

A entrevista foi o terceiro instrumento de coleta de dados utilizado. A entrevista é um instrumento importante, pois por meio dela podem-se obter respostas mediante perguntas diretas ao informante. Manter um diálogo com o informante torna mais fácil a

tarefa de obter as informações que se desejam colher, pois desse modo pode-se observar não apenas o que estava sendo dito pelo informante, mas como era dito.

Definido o que se queria obter dos informantes, elaborou-se um roteiro de entrevista (Anexo 3), cuja utilização atendeu inicialmente à necessidade de submeter os informantes aos mesmos tópicos, mas possibilitou também que houvesse uma atitude flexível do pesquisador na situação de entrevista permitindo-lhe:

- Repetir questões até que se tivesse a garantia de que o informante a havia compreendido;
- Retomar questões não respondidas satisfatoriamente, pelo fato de o informante se desviar com o relato de dados não pertinentes;
- Avaliar a necessidade ou não de suspender temporariamente a sessão de entrevista, em função do cansaço do informante, retomando-a posteriormente.

As entrevistas gravadas com os informantes foram realizadas da seguinte forma: num primeiro momento, para que a pesquisadora e os informantes ficassem mais à vontade, a pesquisadora fazia uma ou duas perguntas (sem gravar) relativas ao povo “holandês” e seus costumes. Num segundo momento, as entrevistas foram realizadas a partir do roteiro elaborado. Nas entrevistas utilizamos gravadores (digital e de fita cassete) e máquina fotográfica digital. Em todos os contatos com os informantes estes foram questionados a respeito de seu modo de vida, o que fez com que eles se mostrassem receptivos à entrevista.

Descrita a parte metodológica da pesquisa, na seqüência, no Capítulo 3, se apresentará o esboço histórico-etnográfico da colônia holandesa de Carambeí.

CAPÍTULO 3

OS “HOLANDESES” DE CARAMBEÍ/PR: ESBOÇO HISTÓRICO-ETNOGRÁFICO



Mapa 2 - Reino dos Países Baixos (*Koninkrijk der Nederlanden*)

Fonte: Adaptado de Luyten (1979, p. 24).

Neste capítulo, se apresentará um esboço histórico-etnográfico do processo de imigração holandesa desde as suas origens (a saída da Holanda) até o estabelecimento dos colonos no estado do Paraná e a formação da colônia de Carambeí.

3.1 A HOLANDA – O INÍCIO DA HISTÓRIA

De todas as grandes migrações que ocorreram nos dois últimos séculos, que provavelmente foram as maiores que a história da humanidade testemunhou, as migrações transoceânicas são as mais notáveis e que melhor puderam ser avaliadas pelas estatísticas: “elas foram consequência do superpovoamento da Europa (...) e se dirigiram às Américas por meio do Atlântico, o caminho natural” (HORTA, 1964, p. 82).

Além do problema referente à superpopulação, outros fatores de ordem política, religiosa e econômica podem ser apontados como motivadores das grandes migrações. A Revolução Industrial, por exemplo, é considerada uma das grandes causas da emigração européia: a demanda de operários para trabalhar nos novos centros fabris provocou êxodo rural, ao passo que o trabalho no campo se desvalorizava cada vez mais. Assim, o descontentamento dos camponeses juntou-se ao dos operários insatisfeitos e, dessa forma, cada país europeu teve de resolver, a sua maneira, o problema de ter muitas pessoas ansiosas por emigrar em busca de um lugar melhor.

Países com muitas colônias no ultramar – como Inglaterra, França, Portugal e Espanha – não tiveram, em geral, grandes problemas nesse sentido. A Inglaterra, que já tivera fluxos migratórios para os Estados Unidos, procurou povoar suas múltiplas colônias. A França mandou grandes contingentes de colonos para o Canadá e a Argélia e sempre manteve muitos homens em armas para suas também numerosas possessões.

Portugal manteve um fluxo contínuo de emigrantes, principalmente para o Brasil e em menor número para Angola. A Espanha sempre teve muito mais possessões do que podia manter, sobretudo nas Américas. Mesmo assim, nos últimos tempos um considerável fluxo de imigrantes desse país dirigiu-se ao Brasil.

Por outro lado, ocorreram grandes problemas de escoamento de população na Alemanha e Itália, países retardatários em expansão colonial. Como não possuíam colônias em condições suficientes para onde pudessem mandar um contingente significativo, esses dois países, sobretudo depois das respectivas unificações, tiveram de apelar para os chamados países de imigração. Dentre estes, destacavam-se os Estados Unidos, o Canadá, a Austrália, a Nova Zelândia, a África do Sul e, depois, o Brasil, entre outros. Segundo Ross (1936 *apud* LUYTEN, 1979, p. 3), um quarto dos americanos de ascendência européia é de origem alemã.

Países como Holanda, Noruega e Irlanda não aparecem tão significativamente na grande corrente migratória do século passado, porque suas populações, assim como seus territórios, eram pequenas. Seus problemas, porém, eram semelhantes aos do resto da Europa. Um grande contingente de irlandeses e noruegueses se radicou nos Estados Unidos. Já os holandeses escolheram países como o Canadá, Austrália, Nova Zelândia e África do Sul, além dos Estados Unidos, apesar de a Holanda, à época, possuir as colônias da Indonésia e do Suriname.

Às vésperas das grandes migrações, a população no mundo ocidental aumentava muito. “Os movimentos das regiões superpovoadas não foram senão uma busca de equilíbrio feita imperfeitamente. No século XIX, enquanto havia acúmulo de população na Europa, apresentavam-se enormes continentes com imensas regiões vazias” (HORTA, 1964, p. 89-90).

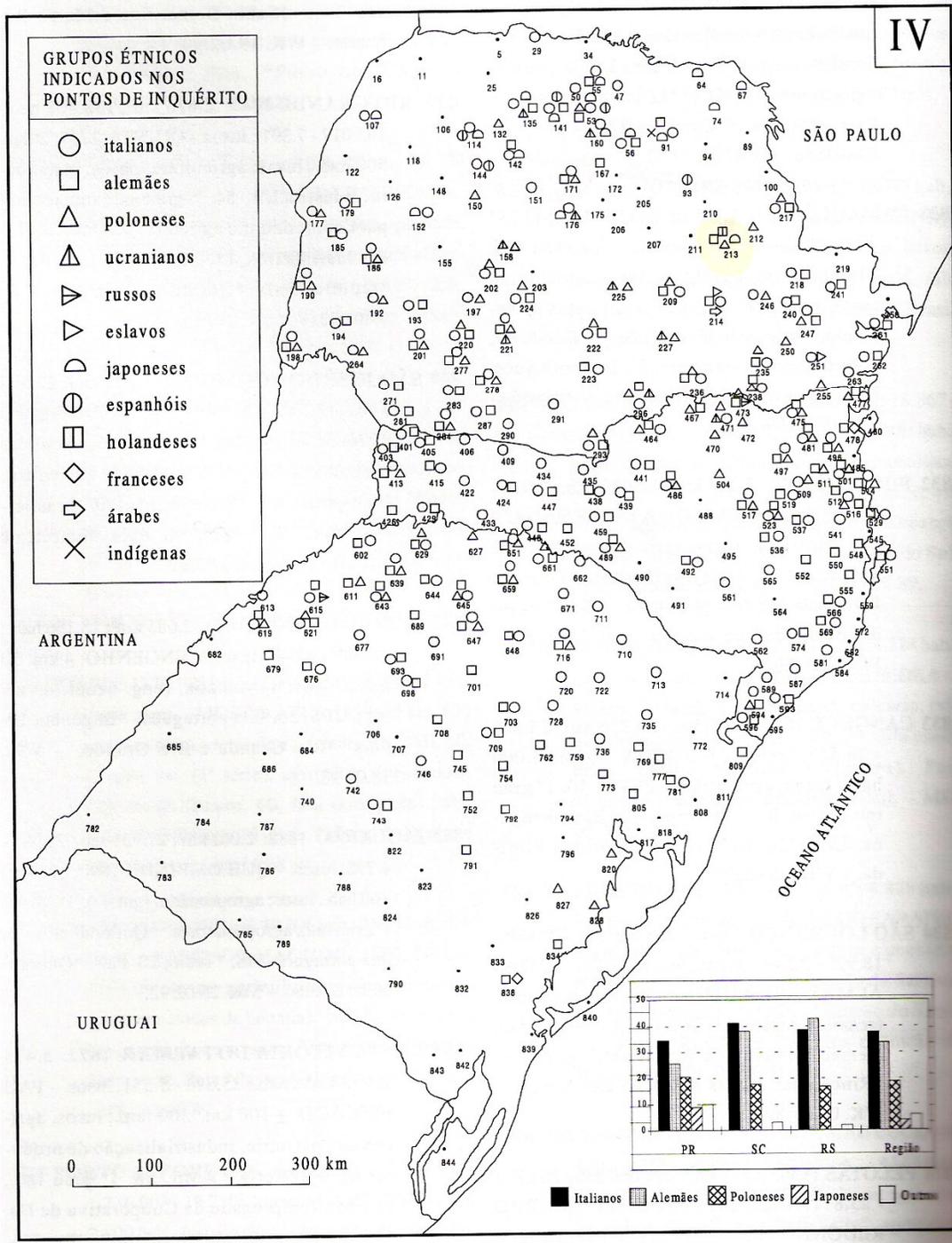
Para resolver esse problema, agências de navegação e migração na Europa começaram a fazer imensas campanhas publicitárias, no intuito de atrair emigrantes para as Américas, principalmente para os Estados Unidos, Argentina e Brasil. Motivações individuais – tais como busca por melhores oportunidades de vida e por uma posição socioeconômica mais estável – também contribuíram para que o número de imigrantes fosse tão elevado.

Segundo Haveman (1979, p. 7), a maioria dos imigrantes tinha plena “convicção de que o país da sua escolha oferecia mais oportunidades para seus talentos, ambições e energia do que a sua terra natal, superpovoadas e economicamente superorganizada”.

Os Estados Unidos foram, sem dúvida, o país para onde se dirigiu a maior parte dos migrantes europeus, enquanto o Brasil absorveu populações do sul e centro da Europa.

No mapa a seguir (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002, p. 86), pode-se ter uma noção da distribuição dos grupos étnicos imigrantes que se estabeleceram na região sul (incluindo na região dos “Campos de Ponta Grossa”, indicada pelo nº 273).

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



Mapa 3 – Mapa da região sul do Brasil, segundo colonização por grupo étnico

Fonte: Koch, Klassmann e Altenhofen (2002, p. 86)

No período entre 1860 e 1915, os Estados Unidos receberam 27.473.000 pessoas, enquanto apenas 3.365.744 se dirigiram ao Brasil (HACK, 1959, p. 4).

| Período | Estados Unidos | Brasil |
|-------------|----------------|-----------|
| 1860 – 1890 | 10.374.000 | 846.899 |
| 1890 – 1915 | 17.099.000 | 2.518.845 |
| Total | 27.473.000 | 3.365.744 |

Quadro 2 – Destino dos imigrantes europeus entre 1860 e 1915

Fonte: HACK (1959, p. 4).

Os holandeses emigrantes, objeto desse estudo, representam pequenos contingentes em relação a alemães e italianos, apesar de migrarem para as mais diferentes partes do mundo desde o fim da Idade Média. Ao longo dos séculos seguintes, deram-se até migrações famosas, como a dos Boers³⁹, na África do Sul e a dos Burghers⁴⁰, no Ceilão. As migrações individuais para as mais diversas partes do mundo foram constantes, mas de difícil análise por sua diluição. O estudo desses deslocamentos torna-se mais fácil à medida que as migrações holandesas dão-se em caráter grupal e contam com apoio oficial dos países envolvidos. No entanto, isso aconteceu somente nos últimos cem anos.

Dos imigrantes que vieram para o Brasil, os holandeses constituem apenas uma pequena percentagem. Da mesma forma, o Brasil nunca foi a primeira opção dos emigrantes holandeses.⁴¹

Meu avô, [no] pós-guerra, o pai da minha mãe, não mais quis ficar de jeito nenhum na Holanda. Daí ele quis imigrar pra o Canadá. No Canadá, eles não aceitavam pessoas deficientes e minha vó tinha uma deficiência no joelho. Era

³⁹ Os bôeres ou boeres, também denominados africânderes, africâneres ou ainda afrikaans, são descendentes de colonos calvinistas da Holanda e também da Alemanha e França, tendo-se estabelecido na África do Sul nos séculos XVII e XVIII (LUYTEN, 1979, p. 4).

⁴⁰ É o nome por que são conhecidos no Sri Lanka os descendentes dos Portugueses, dos Holandeses e dos Britânicos (LUYTEN, 1979, p. 4).

⁴¹ Nas transcrições de trechos das entrevistas, os colchetes foram usados para inserir explicações da pesquisadora.

manca, mancava. Não aceitaram, daí ele optou pelo Brasil. Daí vieram pra cá (AF).

[Fui] para Canadá, fiquei quatro meses lá, falando inglês. Eu tinha um nomeação do diretor de uma escola, mas eu não gostei nada de clima de Canadá. É muito quente no verão e muito frio no inverno. Então [fiquei] muito feliz que encontrei gente que me mandaram para o Brasil, [para] este clima agradável daqui. “Quer casar com brasileira, pensei” (HS).

O que vai atrair os holandeses emigrantes ao Brasil é a garantia oferecida pelo governo brasileiro de poder se radicar no país aos grupos, o que lhes permitiu uma organização social própria, além da liberdade de poder realizar cultos religiosos em língua holandesa.

Segundo Abreu (1971, p. 11):

O Brasil está em plano nitidamente secundário no conjunto da emigração neerlandesa, contudo ele representa um papel extremamente importante em alguns aspectos desse movimento. Nesse conjunto, há uma corrente de emigração organizada, estabelecendo-se as pessoas em grupos eficientemente estruturados, que se destacam no quadro geral da emigração holandesa; esta corrente tem um destino certo: o Brasil que surge praticamente como o único país a receber, no pós-guerra, imigrantes para serem localizados em núcleos agrícolas.

Segundo Hack (1959, p. 5), pode-se dividir a emigração holandesa para o Brasil nos séculos XIX e XX em dois períodos: de 1889 a 1940 e de 1945 até os dias de hoje. Esta divisão fundamenta-se, segundo o autor, na diferença que caracterizou os dois períodos: o primeiro é marcado pela emigração espontânea, sem a supervisão de órgãos oficiais, em contraposição ao processo de movimento migratório planejado, que se deu a partir de 1945.

Na primeira fase, tem-se notícia da entrada de 8.200 holandeses no Brasil:

| Período | Números de imigrantes |
|-----------|-----------------------|
| 1884-1893 | 1.026 |
| 1894-1903 | 1.044 |
| 1904-1913 | 3.456 |
| 1914-1923 | 842 |
| 1924-1933 | 1.111 |
| 1934-1939 | 721 |
| Total | 8.200 |

Quadro 3 – Imigrantes holandeses que chegaram ao Brasil entre 1884 e 1939

Fonte: Revista de colonização e imigração (1940, p. 5).

Do total de 8.200 imigrantes que entraram no país, a maior parte chegou entre 1904 e 1913. Parte dos 3.456 holandeses que chegaram nesse período quis tentar a sorte no Brasil porque havia ficado desempregada depois de uma greve que houve em 1908, nas docas de Rotterdam. Nem todos os imigrantes que vieram permaneceram no país; alguns foram repatriados à Holanda, sob expensas do governo holandês. O núcleo de Carambeí, no Paraná, foi fundado justamente pelos imigrantes que subsistiram, constituindo dessa forma a única colônia representante deste primeiro período migratório.

Porém, há notícias de estabelecimento esparso de holandeses no Brasil antes de 1889. Em 1800, por exemplo, estabeleceram-se holandeses em Nova Petrópolis; em 1859, em Santa Maria de Soledade; em 1874, em Monte Alverne, todas colônias no Rio Grande do Sul (NOGUEIRA; HUTTER, 1975, p. 54-55). No Espírito Santo, Roche (1968, p. 324) atesta a permanência de 120 holandeses na colônia de Santa Leopoldina, entre 1857 e 1860.

De qualquer forma, entre 1889 e 1939, os holandeses representaram uma pequena parcela dos imigrantes em comparação a outras etnias, como italianos, alemães e japoneses (REVISTA DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO, 1940, p. 5). Isso se explica, em parte, pelo fato de o Brasil ser pouco conhecido na Holanda. Segundo Hack (1959, p. 9), o Brasil praticamente não fez, na Holanda, campanha oficial para atrair imigrantes, ao contrário dos esforços dispensados a atrair imigrantes italianos. Em 1886, fundou-se, em São Paulo, a “Sociedade Protetora de Imigração” (HUTTER, 1972, p. 28), que dispunha de agentes na Itália, que eram encarregados de trazer mão-de-obra para a lavoura desse estado. Em 1846, os alemães e suíços também tinham mais de trinta sociedades de auxílio à emigração em seus respectivos países, de forma que nem as províncias meridionais do Brasil escapavam aos projetistas, “que já as indicam como mui próprias para a mesma colonização”, como afirmou o Visconde de Abranches (LACERDA, 1941, p. 226).

Somente em 1913, fundou-se na Holanda a primeira sociedade de auxílio à emigração, a “Associação Holandesa para a Emigração” (*Nederlandsche Verening Landverhuizing*). Em seguida, em 1923, foi a vez do “Centro de Emigração Holanda” (*Emigratie Centrale Holland*). Em 1931, essas organizações reuniram-se sob o nome de “Fundação Holandesa para Emigração” (*Stichting Landverhuizing Nederland*), numa

tentativa de atrair mais imigrantes. No entanto, apesar do bom trabalho desempenhado por essas organizações, somente uma pequena porcentagem de emigrantes utilizava seus serviços (HACK, 1959 p. 6). Entre os anos de 1924 e 1930, as cifras do “Centro de Emigração Holanda” mostraram que apenas 19% dos emigrantes haviam efetivado suas vindas por meio de organizações.

No caso dos imigrantes de Carambeí, a maioria dos colonos tomou conhecimento do Brasil mediante parentes e amigos que já haviam emigrado para o país.

Minha mãe tinha uma tia, uma irmã da mãe dela, que tava na Holanda e era casada com um Verschoor. E daí ela disse sabia que no Brasil tem uma colônia de holandeses – Carambeí – porque [ela disse] “o irmão do meu marido mora lá”. Era o Jacob Verschoor. Meu pai acho que já pensou “bom...” Daí pelo menos minha mãe que já tinha alguém” [lá no Brasil]. Daí nós saímos da Holanda. Meu pai sempre queria imigrar (WGG).

A segunda fonte de informação mais importante para os emigrantes foram jornais e revistas.

Meu pai foi pra lá [Indonésia], meu pai foi ficando lá, né? A gente é indonésio. Daí acharam uma reportagem no jornal sobre o Brasil (WSGG).

O teu pai também veio parar aqui através do jornal local, né? Olha a importância da imprensa (IS).

O quadro abaixo mostra as diferentes formas por meio das quais os imigrantes (vindos em momentos diversos da corrente migratória) tomaram conhecimento do Brasil.

| | | | |
|-----------------------------|-------|-------------------------|-------------|
| Cartas de amigos e parentes | 52,6% | Livros | 5,3% |
| Jornais/revistas | 26,3% | Televisão ⁴² | 5,3% |
| Órgãos diplomáticos | 10,5% | | |
| | | | Total: 100% |

Quadro 4 – Formas por meio de que os imigrantes tomaram conhecimento do Brasil

Fonte: LUYTEN (1979, p. 7).

⁴² É preciso considerar que a colônia de Carambeí recebeu muitas levas grupais de imigrantes, de 1911 até depois da 2ª Guerra Mundial (depois foram imigrações isoladas). Portanto, como esse levantamento foi realizado por Luyten, em 1979, houve casos de pessoas que tomaram conhecimento do Brasil por meio da Televisão, que passou a ser freqüente nos lares europeus desde o fim da 2ª Guerra.

Entre 1889 e 1939, além do estabelecimento da colônia de Carambeí, deu-se outra tentativa de instalação de imigrantes holandeses na América do Sul, mais especificamente na Argentina, na colônia de Tres Arroyos. Esta cidade, assim como Carambeí, carecia de mão-de-obra e, para atrair imigrantes, o governo dispôs-se a ceder grandes porções de terra para cultivo a particulares ou companhias. Calcula-se que entre três e quatro mil pessoas saíram da Holanda para a Argentina entre 1889 e 1891, especialmente pessoas das províncias de Groningen, Friesland e Zeeland (MAST, 1963 p. 293). No entanto, devido a dificuldades, a imigração quase fracassou e muitos holandeses se repatriaram. Os que permaneceram na colônia passaram, ao longo dos anos, a reunir-se para as práticas da religião Reformada e mais tarde receberam outros holandeses que emigraram para a região. Assim originou-se a colônia de Tres Arroyos, de forma muito semelhante à da colônia de Carambeí.

Pode-se dizer, então, que a primeira fase da emigração holandesa para o Brasil caracterizou-se pelo pioneirismo espontâneo, pela desinformação e pela pouca ajuda de órgãos oficiais, quer na Holanda, quer no Brasil, que pudessem orientar os imigrantes. O não cumprimento das vantagens prometidas pelo governo brasileiro desanimou os colonos e fez com que muitos se repatriassem⁴³. Portanto, até a 2ª Guerra Mundial, Carambeí foi a única tentativa de estabelecimento de imigrantes holandeses bem sucedida, graças à perseverança dos primeiros imigrantes.

Em 1943, o governo holandês formou uma comissão para promover a emigração holandesa (HACK, 1959, p. 8). Como o Brasil incluía-se entre as opções de destino dos emigrantes, um representante da Holanda foi enviado para São Paulo, Paraná,

⁴³ Jeannette Heil (1975) publicou um livro com suas memórias de imigrante da Holanda, em que retrata o difícil início da permanência no Brasil. Numa das passagens, a autora relata as condições que eram oferecidas aos imigrantes para que estes se estabelecessem no país:

“Antes de nossa saída para o Brasil, o Governo brasileiro ofereceu-nos as seguintes condições:

1. Um pedaço de terra de 25 hectares seria posto à disposição de cada família (De fato, isso foi realizado. Porém, desses 25 hectares somente $\frac{1}{4}$ era terra de cultura e $\frac{3}{4}$, rochas e pedras, onde não crescia nem capim).
2. Durante um ano, seria prestada uma ajuda conforme a composição da família.
3. O serviço médico e os medicamentos seriam de graça.
4. A terra e a moradia poderiam ser pagas em dez anos. O preço total era de 2.500 (dois mil e quinhentos mil reis, um valor naquela época idêntico a cerca de 2.000 florins).
5. Adultos e operários seriam colocados à disposição das famílias que não possuíam crianças”.

Santa Catarina e Rio Grande do Sul para avaliar se esses estados tinham condições de receber grupos de imigrantes. O parecer do representante foi favorável ao país, o que despertou o interesse do governo de São Paulo (à época, Adhemar de Barros) no sentido de incentivar a produção agrícola.

Assim, de 1946 a 1976, 6.098 holandeses emigraram para o Brasil. Desse total, 4.889 emigraram auxiliados pelo CIEM (Comitê Intergovernamental para as Migrações Européias), que, a partir de 1952, passou a coordenar os serviços de planejamento de assuntos migratórios (ROBERTS, 1961, p. 13).

| Ano | Nº de imigrantes | Ano | Nº de imigrantes |
|-------|------------------|-----------|----------------------------|
| 1946 | 40 | 1960/1963 | Desconhecido ⁴⁴ |
| 1947 | 140 | 1964 | 233 |
| 1948 | 135 | 1965 | 109 |
| 1949 | 407 | 1966 | 54 |
| 1950 | 281 | 1967 | 83 |
| 1951 | 206 | 1968 | 199 |
| 1952 | 281 | 1969 | 155 |
| 1953 | 615 | 1970 | 172 |
| 1954 | 578 | 1971 | 89 |
| 1955 | 447 | 1972 | 97 |
| 1956 | 288 | 1973 | 155 |
| 1957 | 200 | 1974 | 251 |
| 1958 | 234 | 1975 | 216 |
| 1959 | 230 | 1976 | 203 |
| Total | | 6.098 | |

Quadro 5 – Imigrantes holandeses que vieram ao Brasil entre 1946 e 1976

Fonte: Roberts (1961, p. 13).

Entre 1946 e 1959, a emigração holandesa para o Brasil foi insignificante se comparada, por exemplo, à de outros países, como Canadá e Austrália (ROBERTS, 1961, p. 13).

⁴⁴ O Consulado Geral dos Países Baixos não dispõe de dados quanto à entrada de imigrantes holandeses no Brasil entre 1960 e 1963.

| Destino | Número de emigrantes da Holanda (1946/1959) | | |
|-----------------------------|---|---------------|---------|
| Canadá | 137.005 | Nova Zelândia | 18.549 |
| Austrália | 104.111 | Brasil | 4.082 |
| Estados Unidos | 53.726 | Outros países | 5.854 |
| Países da África Meridional | 29.591 | | |
| Total | | | 352.918 |

Quadro 6 – Destino de emigrantes holandeses entre 1946 – 1959

Fonte: Roberts (1961, p. 13).

Estes baixos números da imigração holandesa no Brasil, se comparados aos de outros países imigratórios, não se devem mais à falta de Comissões de Emigração, como era o caso no período anterior (1889-1940). Nesse momento, comissões dessa natureza já existiam em número suficiente para atender tanto às emigrações grupais quanto às espontâneas. A falta de informação sobre o Brasil pode ser considerada a maior razão da vinda de tão poucos imigrantes holandeses para o país. A segunda razão diz respeito às dificuldades enfrentadas por agricultores e por outros imigrantes que vieram ao Brasil individualmente (HACK, 1959, p. 9). Em terceiro lugar, está a grande diferença entre o estilo de vida holandês e brasileiro. Enfim, dificuldades financeiras também impediram que houvesse um grande número de migrações grupais da Holanda para o Brasil.

Após o estabelecimento de acordos entre os governos da Holanda e do Brasil, que incentivavam tanto a emigração individual quanto a grupal e dirigida, iniciou-se a formação de colônias: no Estado de São Paulo, foram fundadas Holambra I (em 1948) e Holambra II (em 1960), ambas católicas. No Paraná, perto de Carambeí, formaram-se as colônias de Castrolanda (em 1950), de Monte Alegre (em 1949) e de Arapoti (em 1960), compostas de colonos de formação protestante e de Tronco (ou Santo Antônio, em 1953), de católicos. Em Santa Catarina, formou-se a colônia de Tijuquinhas (1950) e no Rio Grande do Sul, a colônia de Não-Me-Toque (1951), essas duas últimas também de católicos. Mais tarde, a colônia de Monte Alegre dissolveu-se e foi incorporada, sobretudo, pela nova colônia de Arapoti; a colônia de Tronco foi incorporada a Carambeí e a de Tijuquinhas foi parcialmente absorvida por Não-Me-Toque.

Feitas as considerações sobre como e por que motivos deu-se a emigração holandesa para o Brasil, na seqüência se discutirá o estabelecimento dos primeiros holandeses no estado do Paraná.



Mapa 4 – Colônias holandesas no Brasil

Fonte: Adaptado de Luyten (1979, p. 11).

3.2 O ESTABELECIMENTO DOS PRIMEIROS HOLANDESES NO ESTADO DO PARANÁ

A imigração européia criou, nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, uma sociedade baseada na democracia rural de pequenos proprietários, em oposição à aristocracia paulista, de grandes domínios agrícolas (DENIS, 1951, p. 346).

As terras desses estados, à época da colonização, pertenciam ao Império, portanto não eram ocupadas por particulares. Após a Proclamação da República, passaram a ser propriedade dos estados. “Mesmo nas terras de particulares, os direitos de propriedade eram (...) incertos e quase fictícios (...) Os limites das propriedades eram vagamente conhecidos e nenhuma vigilância era exercida por seus possuidores” (DENIS, 1951, p. 346). Assim, quando da chegada dos imigrantes, estes não encontraram situações já estabelecidas de colonização rural. As colônias do Brasil meridional também não conheceram, ao menos a princípio, nenhuma lavoura de exportação. Por isso, especializaram-se quase exclusivamente em cultura de subsistência. “Isolados em regiões florestais, onde a comunicação era difícil e lenta, sofrendo a falta de meios de transporte, as colônias foram forçadas a viver em economia fechada: suas relações com o resto do mundo eram raras, seu movimento econômico era nulo” (DENIS, 1951, p. 346-347).

De 1829 a 1853, apenas 407 colonos-agricultores de origens diversas (alemã, francesa e suíça) constituíram as populações fundamentais de colonos-agricultores no Paraná (MARTINS, 1939, p. 406), pois o movimento colonial começou a ter mais impulso por volta de 1855. De 1853 a 1866 – num período de treze anos, portanto – estabeleceram-se 20.170 imigrantes no litoral, no Planalto de Curitiba e no dos Campos Gerais (MARTINS, 1939, p. 406).

Somente em 1866, inicia aí (nos arredores de Curitiba) a colonização estrangeira, segundo um sistema que irá perdurar na região que, até então, não havia sido adotado no sul do Brasil. Ao invés das extensas colônias afastadas dos mercados, para as quais eram encaminhadas grandes levas de imigrantes, quase sempre de uma só nacionalidade, formaram-se, nos arredores de Curitiba, por iniciativa oficial ou particular, pequenos núcleos coloniais, em geral com número reduzido de lotes. Esse tipo de povoamento que se iniciou sem nenhum plano pré-

estabelecido, foi desenvolvido por obra do Presidente Lamenha Lins e, a partir de 1875, multiplicaram-se as colônias em torno da cidade, todas elas nas manchas das matas que interrompem os campos de Curitiba, raramente desta se distanciando (ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, Vol. X, p. 330).

Segundo Martins (1939, p. 408), os 3.083 holandeses que emigraram para o Paraná estavam entre os 31.244 imigrantes que entraram no Brasil entre 1907 e 1913 – época em que foram fundadas as colônias de Irati (o primeiro núcleo de holandeses do Paraná, que depois emigrou para Carambeí), de Guarapuava, Porto União, São José dos Pinhais e Castro.

Segundo o recenseamento de 1920, nessa época havia 63.110 estrangeiros no Paraná. Como havia 622.601 brasileiros, a percentagem de estrangeiros no Estado era de 9,2%. Já no Estado de São Paulo, por exemplo, no mesmo ano, o número de estrangeiros chegou a 833.709, o que correspondia a 18,2% da população total, que era de 3.758.479 brasileiros (VASCONCELOS, 1940, p. 211-235).

Quase todos estes imigrantes dedicaram-se a indústrias rurais, que constituíam colônias e núcleos agrícolas.

Em todas as zonas povoadas do Estado, os elementos étnicos da segunda fase do nosso povoamento estão representados por imigrantes ou por seus descendentes de origem alemã, austríaca, italiana, polonesa, russa, ucraniana, holandesa, sírio-libanesa – em grande número e por várias outras etnias em menor vulto (MARTINS, 1939, p. 408).

O estudo de Martins (1939) analisou a distribuição das colônias agrícolas e sua composição étnica em quatorze municípios do Paraná. Nos estudos sobre os municípios de Irati e Carambeí, menciona-se a presença de imigrantes holandeses no estado.

Foi a colônia de Irati, fundada três léguas distante da vila do mesmo nome, com cento e oitenta e seis lotes rurais, cento e dezenove urbanos, com uma população de mil, quatrocentas e quarenta e nove pessoas, em sua maioria alemães, holandeses, russos, polacos galicianos e nacionais (...) A colônia de Carambeí possui hoje um ativo e inteligente grupo de criadores alemães e holandeses que se dedicam às indústrias de laticínios com grande sucesso (MARTINS, 1939, p. 431-432).

A inauguração da linha ferroviária São Paulo - Rio Grande do Sul fez com que as colônias do Paraná saíssem do isolamento. Como a linha atravessava o planalto, pôs os estados meridionais do Brasil em contato com os do centro. A construção dessa linha, no que diz respeito ao trecho próximo a Ponta Grossa, teve grande importância no processo de formação do núcleo de Carambeí, pois muitos membros da colônia desfeita de Irati empregaram-se na *Brazilian Railway Company* para trabalhar na expansão ferroviária. Em 1909, vários imigrantes partiram de Irati para Carambeí, pois este núcleo oferecia melhores condições de estabelecimento dos colonos, como melhor clima e maior proximidade dos centros comerciais.

Em Ponta Grossa, já se realizara a junção com a antiga linha que segue para a capital e continua rumo ao mar; as comunicações diretas estavam estabelecidas entre todo o percurso da São Paulo - Rio Grande, nas florestas do interior, o centro do estado e os portos de exportação. Durante os longos anos da lenta construção da linha, os colonos tomaram parte nos trabalhos. Aberta ao tráfego, ela melhora eficazmente sua condição (DENIS, 1951, p. 355).

Assim, no Paraná, o imigrante ocupou terras florestais virgens, estabelecendo-se em terras de pequenas lavouras, diferentemente do que ocorreu com o imigrante que se dirigiu a São Paulo. O colono de São Paulo substituiu a mão-de-obra escrava e passou a fazer parte de uma estrutura agrária já estabelecida, em crise justamente pela saída do escravo.

No Paraná, juntamente com a colonização pela ocupação da terra, foi necessário desenvolver centros urbanos para dar vazão à produção dos imigrantes. Nesse sentido, Denis (1951, p. 347) observa que:

Não bastou trazer os homens; foi preciso, em cem diferentes ocasiões, resolver o problema de garantir o escoamento da produção dos colonos. A preocupação de promover o nascimento de centros urbanos se mesclou, freqüentemente, à de povoar a floresta. A colonização caminha passo a passo e a região colonizada transforma-se progressivamente em um organismo complexo.

A seguir, discutir-se-á o desenvolvimento das colônias holandesas no Paraná, em especial a de Carambeí e a relação da colônia com a sociedade de adoção dos imigrantes holandeses – a sociedade paranaense.

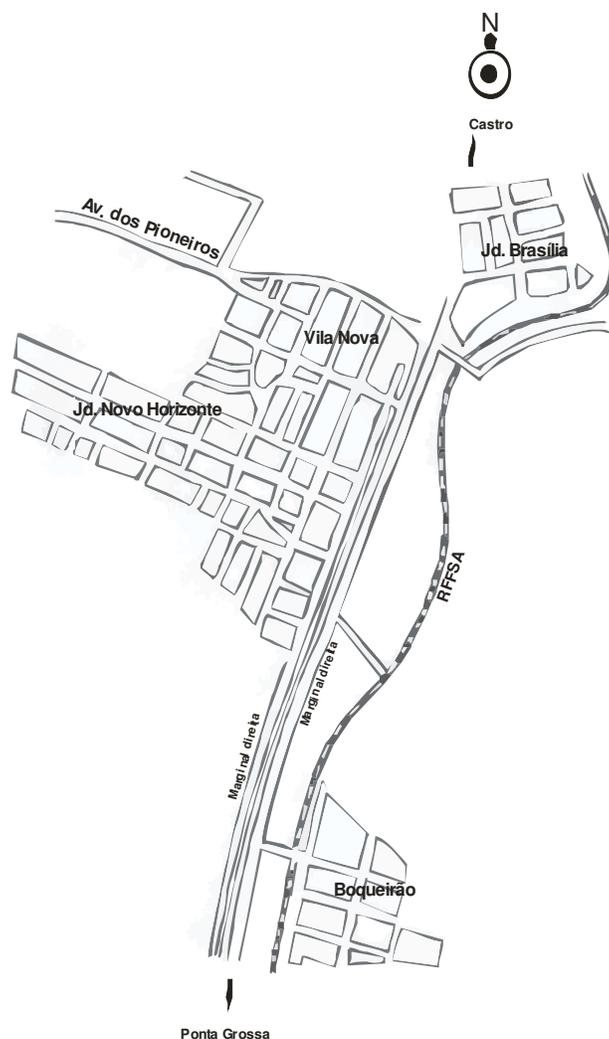
3.3 A FORMAÇÃO DA COLÔNIA DE CARAMBEÍ



Ilustração 7 – Réplica de moinho holandês em Carambeí/PR

Fonte: Acervo da autora.

Localizada no planalto paranaense, a 1.100m acima do nível do mar, Carambeí é a única colônia holandesa estabelecida no Brasil entre 1889 e 1940 que ainda existe. Os primeiros imigrantes que se fixaram em Carambeí, em 1911, vieram de Irati, da colônia “Gonçalves Júnior” (para onde se dirigiram inicialmente, em 1909), que era composta de alemães, de poloneses e de italianos, além dos imigrantes holandeses.



Mapa 5 – Mapa do centro do município de Carambeí

Fonte: Adaptado de Luyten (1979, p. 5)

Segundo Luyten (1979, p. 16), a curta permanência em Irati se deveu aos seguintes fatores:

- 1) A maioria dos camponeses não entendia de agricultura, pois na Holanda dedicava-se a outro tipo de atividade;
- 2) Os produtos rendiam pouco devido às grandes distâncias dos meios consumidores;
- 3) A malária e outras doenças, a carência de água potável e a falta de assistência médica fizeram muitas vítimas em Irati, principalmente do sexo feminino⁴⁵.

⁴⁵ A cidade foi, inclusive, apelidada pelos holandeses de “Cemitério das mulheres” (KOOY, 1978, p. 9).

Desse modo, a ausência de liderança, assistência médica e religiosa e a falta de organização – fatores importantes na fase inicial de adaptação ao novo meio ambiente – foram os motivos que contribuíram para que a iniciativa malograsse. Conseqüentemente, a maioria dos imigrantes preferiu repatriar-se a permanecer no Brasil (KOOY, 1978, p. 8-10).

Cinco elementos do grupo⁴⁶, porém, decidiram tentar a sorte em Carambeí por duas razões importantes: em primeiro lugar, Carambeí tinha uma ótima localização geográfica. Sua localização próxima a centros urbanos (como Ponta Grossa, Castro e Curitiba) permitiria o escoamento da produção, facilitaria a comunicação e diminuiria o isolamento a que os colonos estiveram sujeitos no antigo núcleo. Em segundo lugar, àquela época a *Brazilian Railway Company* oferecia aos colonos terras em condições favoráveis. Como afirma Hack (1959, p. 13), as companhias ferroviárias no Brasil deram uma contribuição importante para a abertura de frentes no país, especialmente nos Estados do sul, pois estavam interessadas na colonização das regiões abertas pelas suas estradas de ferro.



Mapa 6 – Colônias holandesas no estado do Paraná

Fonte: Adaptado de Luyten (1979, p. 11).

⁴⁶ Leonardo Verschoor, Jan Verschoor, Jan Vriesman, Arie de Geus e Leendert de Geus, os chefes das famílias pioneiras (KOOY, 1978, p. 9-12).

Um contrato-base de doze itens, elaborado em língua alemã (KOOY, 1978, p. 6), fixava os direitos e deveres dos colonos em relação à *Brazilian Railway Company*, oferecendo inicialmente:

Um lote de terras, uma casa, uma canga de bois e também três vacas leiteiras. No momento em que a Direção da Colônia de Carambeí definir a capacidade do colono na sustentação do gado, a Companhia aumentará o total das vacas leiteiras até 9. A Companhia também fornecerá sementes e adubos para a primeira sementeação nessa parte do terreno, satisfatoriamente preparado pelo colono na opinião da Direção (KOOY, 1978, p. 8).

Dessa forma, os colonos tentaram se adaptar ao que receberam da melhor forma possível. Nas terras, que eram adequadas tanto para forrageiras, como para o cultivo de arroz seco, batata doce, feijão, centeio, aveia e milho (MAST, 1963, p. 195), estabeleceram suas plantações. Com a produção das vacas leiteiras, iniciaram uma pequena indústria de laticínios, baseada em contribuições individualizadas. Com o passar do tempo, praticamente todos os trabalhadores de outras nacionalidades (franceses, belgas, poloneses) “deixaram Carambeí (...). Somente os holandeses e alguns alemães permaneceram, principalmente graças ao gado leiteiro e à produção de laticínios” (MEER, 1961, p. 15). Ou seja, a situação econômica dos colonos que, no início, era instável devido ao seu isolamento dos centros urbanos e à restrição de mão-de-obra, se estabilizou a partir de 1925, principalmente graças ao estabelecimento da cooperativa de laticínios.



Ilustração 8 – Maquete do Parque Histórico de Carambeí, em exposição no museu Casa da Memória, em Carambeí/PR

Fonte: Acervo da autora.

A partir de 1935, três acontecimentos importantes serviram para consolidar a vida social de Carambeí: a vinda do primeiro pastor, que deu início a serviços religiosos regulares, que, até então, eram realizados por alguns colonos em suas residências; a visita do diplomata holandês, o próprio embaixador da época, que veio ao país colher informações sobre o Paraná para orientar o governo holandês a respeito de anúncios colocados em jornais holandeses por Carambeí, em que se chamava a atenção sobre possibilidades de emigração para a colônia (MAST, 1963, p. 199); e a chegada da primeira professora, que pôs fim a vinte e cinco anos em que não houve ensino escolar oficial e regular na colônia⁴⁷.

É claro que, no início, os colonos não mantiveram contato oficial nem com o governo da Holanda, nem com o do Brasil⁴⁸. Por outro lado, as dificuldades dos primeiros tempos, especialmente o isolamento cultural tanto do país de origem, quanto do país de adoção, fizeram com que o grupo conservasse sua unidade, que não se deveu a um

⁴⁷ A educação não formal dos colonos coube a um dos pioneiros, que também era diretor da cooperativa. Somente em 1936 a colônia recebeu sua primeira professora e a partir de então o sistema escolar formal instituiu-se na colônia, nos moldes brasileiros.

⁴⁸ Até aquele momento, os colonos sofreram com a falta de contatos oficiais tanto com o governo da Holanda como com o do Brasil. Somente a partir de 1953 o governo brasileiro começou a conceder créditos, inicialmente para a compra de tratores.

planejamento pré-estabelecido no país de origem, mas foi regida principalmente pela unidade religiosa, responsável pela superação dos períodos difíceis dos primeiros anos. Este espírito de livre desenvolvimento, sem liderança organizada, sem contatos, na Holanda, com comissões organizadoras para emigração e sem o apoio oficial do país de adoção fez de Carambeí uma colônia diferente das suas pares no Brasil.

Em relação ao processo de aculturação, pode-se dizer também que Carambeí viveu uma experiência diferente (se comparada à das colônias holandesas resultantes de imigração grupal planejada), devido à própria composição do grupo. Carambeí é fruto de iniciativa particular, espontânea, diferentemente, por exemplo, das colônias de Holambra (São Paulo) e Castrolanda (Paraná), que foram preparadas na Holanda⁴⁹. No entanto, nem sempre a falta de planejamento no estabelecimento de uma colônia resulta em fracasso, pois não há como negar que as colônias que são resultado de iniciativa individual, como Carambeí, oferecem ao grupo maiores perspectivas de mobilidade no decurso de sua integração à sociedade de adoção. É a integração que diminui as distâncias físicas e culturais, operando modificações na sociedade não dominante, o que faz com que a noção de distância seja um elemento de constante modificação a partir dos contatos que os imigrantes realizam com a sociedade receptora e esta com aqueles. Ao mesmo tempo em que a colônia procura os centros urbanos próximos, por necessidades comerciais, educacionais ou de lazer, as melhorias das vias de acesso e a penetração dos meios de comunicação na comunidade aceleram o processo dessa mudança. Por essa razão, a noção de colônia localizada em área rural muitas vezes diz respeito à atividade exercida pelos colonos e à colonização propriamente dita, uma vez que o contato próximo com o mundo, por meio das vias e meios de comunicação, faz extrapolar essa localização de espaço, integrando-a num contexto global dentro da realidade do país.

Pode-se dizer que a composição das famílias descendentes dos cinco pioneiros⁵⁰ formadas a partir de 1911 não se alterou muito com o decorrer do tempo. A alta

⁴⁹ Preparação essa que levou em conta a composição do grupo, o estabelecimento de uma liderança eficiente, a escolha do local de destino mais adequado aos objetivos do grupo e o planejamento em termos econômicos/financeiros do projeto de viagem (HACK, 1959, p. 55).

⁵⁰ Neste trabalho, o termo *pioneiro* (aplicado a *holandeses*) refere-se aos membros das primeiras famílias holandesas que se estabeleceram em Carambeí: as famílias de Leonardo Verschoor, Jan Verschoor, Jan Vriesman, Arie de Geus e Leendert de Geus.

incidência de casamentos interfamiliares fez com que essas famílias se tornassem parentes. Os holandeses passaram a ser endogâmicos porque até 1935 poucos imigrantes dirigiram-se à colônia. Como os brasileiros eram muito diferentes cultural e religiosamente dos holandeses, não era comum que esses se casassem entre si. Houve algumas poucas ligações entre holandeses e alemães que já viviam na colônia quando os pioneiros se dirigiram a Carambeí. Até 1935, havia doze famílias holandesas e nenhuma delas deixou a colônia para regressar definitivamente à Holanda. Das 362 famílias que atualmente compõem a unidade religiosa de Carambeí⁵¹, muitas conservam ainda o nome desses pioneiros. Depois da visita do embaixador holandês, em 1935, fez-se propaganda em jornais para atrair novos imigrantes, que começaram a chegar a partir de 1945, depois dos contatos restabelecidos com a Holanda após a Segunda Guerra.

Os indonésios também representaram um papel importante na formação da colônia de Carambeí, embora poucas famílias de origem indonésia permaneçam na colônia atualmente. Além disso, alguns holandeses que vieram para Carambeí haviam estado na Indonésia, quando essa ainda pertencia à Holanda. Em 1948, algumas famílias indonésias, brancas e asiáticas, que perderam seus bens e terras por ocasião da independência do país, radicaram-se na colônia para iniciar um trabalho de agricultura do tipo *plantation* (cultivo de cana, café, coco). Devido ao clima da região e à implementação de hábitos de exploração da terra já assimilados pelos pioneiros e seus descendentes, seus planos não surtiram efeito. Além disso, seus costumes, considerados muito liberais pelos antigos componentes de Carambeí, logo os deixaram marginalizados, o que fez com que, aos poucos, esses fossem impelidos a deixar a colônia (LUYTEN, 1979, p.).

O grupo étnico alemão que já estava em Carambeí antes de 1911 cresceu a partir da década de 30. O grupo manteve-se luterano, embora os cultos religiosos fossem realizados na Igreja Evangélica Reformada de Carambeí. Muitos alemães falam e entendem a língua holandesa, da mesma maneira que alguns carambeenses entendem e falam alemão.

Alemão também não é difícil. Só que não sei falar. “Que língua estranha”, dizem pra mim. Não! [Não é] porque eu sempre ouvi (WGG).

⁵¹ Segundo levantamentos realizados pelas Igrejas Evangélicas Reformadas de Carambeí e da Vila Nova Holanda, em 2006/2007.

A mãe [dela] era alemã-russa, já tinha nascido em Brasil. Então ela [era] meio holandesa, ela não falava português, ela misturava. Eu sempre achava tanta graça quando tua mãe falava. Ela pensava que falava holandês e falava alemão. Era misturado, né? Ela misturava tudo (WCGE).

Eu me casei com um alemão. Nós falava em holandês (JLG).

Mas a gente ia lá [na vizinha]. Ela ensinava a cantar em alemão, em holandês. E meus pais só falavam em holandês e alemão (RHB).

Esta influência mútua foi considerada benéfica pelos colonos, segundo Kooy (1978 p. 7):

O que tudo isso significou para a chamada renovação de sangue em nossa comunidade não precisa ser explicado. O perigo de casamentos entre parentes, que ocorre em qualquer núcleo colonizador fechado, não ocorreu em Carambeí graças à imigração de diversas famílias.

Após alguns anos, alguns elementos de origem brasileira passaram a integrar a vida comunitária da colônia, mediante casamentos com os holandeses e seus descendentes.

A partir do casamento interétnico, novos elementos se integram à colônia, mormente os que pertencem à religião protestante, de preferência presbiteriana, que é o sistema eclesiástico que mais se assemelha ao sistema da Igreja Reformada da Holanda.

[Muitos “holandeses”] já casam com gente daqui de Carambeí que não sabe falar holandês (WSGG).

Os nossos filhos, os três, casaram com brasileiros, né? Que que se vai fazer? (THS)

A minha irmã, todos os genros e noras são brasileiros (WGG).

No âmbito da convivência social, percebe-se que o grupo se organiza hierarquicamente. Segundo Hack (1959, p. 21), a comunidade é composta de:

1) Pioneiros; 2) Descendentes dos pioneiros; 3) Colonos holandeses provenientes da Indonésia; 4) Holandeses que chegaram após 1945.

Os pioneiros são muito poucos atualmente, mas de extrema importância na vida comunitária, pois deram o impulso inicial, trouxeram prosperidade à colônia e mantêm fortes laços com o país de origem.

Já o grupo de descendentes pode ser dividido entre idosos, adultos e jovens. Os idosos, nascidos em Carambeí, têm ainda alguma ligação com a Holanda e formam o elemento tradicional da colônia, que sofreu muito com a ausência de ensino sistemático durante os vinte e cinco anos em que Carambeí ficou sem escola. Talvez por isso essas pessoas sejam tão resistentes a mudanças (LUYTEN, 1979, p. 21). Os adultos e os jovens constituem os elementos renovadores, beneficiados principalmente pela educação regular (na colônia, freqüentam o Ensino Fundamental e nas cidades próximas, o Ensino Médio e universitário). O contato direto com a sociedade brasileira, via escola ou atividade profissional, fez com que os laços culturais e afetivos com o Brasil se estreitassem. Do grupo de descendentes, adultos e jovens compõem o grupo em ascensão na adesão a tudo o que é identificado com a sociedade brasileira, procurando contrapor-se à geração antiga.

O grupo dos holandeses que veio da Indonésia após 1935 formava uma categoria muito diversificada, pois seus costumes e modo de vida eram diferentes dos imigrantes holandeses. Apesar de serem aceitos pela comunidade, constituíam um grupo separado dos chamados pioneiros. Esta espécie de marginalidade social fez com que, aos poucos, estas famílias saíssem da colônia e procurassem centros maiores para viver (LUYTEN, 1979, p. 21).

Os imigrantes que chegaram após 1945 e os que se incorporam ainda hoje à colônia formam um grupo grande, porém de composição heterogênea. São geralmente técnicos agrícolas, laticinistas e engenheiros agrônomos que têm em comum o fato de serem os “novos”, que não participaram dos anos difíceis do início da colônia e que, por isso, têm pouca voz nas decisões da comunidade, em relação às famílias antigas. Os “novos holandeses” representam também uma ameaça constante aos valores tradicionais de uma parte da comunidade, porque trazem em sua bagagem cultural uma Holanda moderna, cujos valores se chocam com os valores cultuados na Holanda da época em que vieram os pioneiros.

E os holandeses que vêm da Holanda pra cá daí é mais [diferente]. A diferença pra mim é maior ainda. Sei lá, eles pensam de uma forma diferente e a gente não está acostumado com aquele radicalismo extremo (DG).

De qualquer forma, essa diferenciação dentro do grupo étnico não é percebida pelos não pertencentes à colônia e a caracterização de “holandeses” faz dissipar quaisquer diferenças entre os grupos que coexistem em Carambeí, tornando-os homogêneos.

Quanto à procedência, a formação de Carambeí deu-se principalmente a partir da vinda de imigrantes provenientes de S’Gravendeel e redondezas (situada na província de Zuid-Holland), que correspondem a 52,6% do total da população imigrante holandesa da colônia. Dos 47,4% restantes, 21% provieram de Overijssel; 10,6%, de Zeeland; 10,6%, de Friesland; e 5,2%, de Groningen.

O número total de habitantes do município chega a 17.500 pessoas, das quais por volta de 1000⁵² são holandeses imigrantes e descendentes. No que diz respeito à confissão religiosa, os “holandeses” de Carambeí são, em sua maioria (362 famílias), membros das Igrejas Evangélicas Reformadas (de Carambeí – Colônia e da Vila Nova Holanda). No entanto, há vários “holandeses” residentes em Carambeí que freqüentam a igreja católica, alguns remanescentes da antiga colônia de Tronco e outros que se converteram ao catolicismo porque se casaram com “brasileiros” católicos.

Concluído o esboço histórico-etnográfico da colônia holandesa de Carambeí, passemos ao próximo capítulo, em que se apresentará uma proposta de descrição da comunidade de fala dos “holandeses” de Carambeí, de suas variedades lingüísticas e usos sociais.

⁵² É preciso lembrar que o número de membros pertencentes à comunidade holandesa não é exato. Como o IBGE não inclui dentre os seus dados pesquisados a questão das etnias específicas, os levantamentos de que dispomos provêm de dados das Igrejas Evangélicas Reformadas. E há uma parte de holandeses e descendentes que se tornou membro de outras igrejas (como a Igreja Católica Romana de Carambeí, a Igreja Presbiteriana de Carambeí, a Igreja Maranata e outras) e também um grupo que não participa e não é membro de igreja nenhuma (DE BOER, 2007).

CAPÍTULO 4

A COMUNIDADE DE FALA DOS “HOLANDESES” DE CARAMBEÍ/PR, SUAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS E USOS SOCIAIS

Neste capítulo, se buscará caracterizar a comunidade de fala dos descendentes de holandeses de Carambeí, uma tarefa bastante complexa, respondendo em linhas gerais às seguintes questões: “Quem fala que língua, onde, a quem e sobre o quê” (HYMES, 1964, p. 251)?

Nesse sentido, como se dá o processo de aquisição da língua portuguesa e da língua holandesa na comunidade “holandesa” de Carambeí?

4.1 USOS LINGÜÍSTICOS DA COMUNIDADE DE FALA DOS “HOLANDESES” DE CARAMBEÍ/PR

O repertório lingüístico da comunidade dos “holandeses” de Carambeí/PR é constituído pelas línguas portuguesa e holandesa⁵³. Os usos lingüísticos da comunidade no que diz respeito a essas duas línguas são descritos a seguir por grupo de informantes (cf. Capítulo 1).

Grupo 1M

Dentro da comunidade “holandesa”, o grupo 1M corresponde ao grupo dos idosos do sexo masculino, descendentes dos primeiros imigrantes da comunidade, que, em geral, exerceram atividades ligadas à agricultura e estabeleceram pouco contato com o mundo externo à comunidade. O traço comum a esse grupo é a preferência pela língua

⁵³ Às vezes também por outros dialetos holandeses, além da variedade padrão.

holandesa ou mesmo o monolingüismo em holandês, além de um forte apego à cultura tradicional holandesa.

Talvez quando encontra um holandês, eu pergunto em holandês (HS).

Quando eu sei que ele fala holandês, eu falo em holandês (JG).

Muitos idosos são monolíngües⁵⁴ em holandês, mas a maioria fala pelo menos um pouco de português, mesmo que com dificuldades.

Os meus cunhados mais velhos preferiram o holandês em cima do português, porque aprenderam português como língua estrangeira. O irmão mais velho dela, 89 anos, ele preferiram holandês e na igreja também. Português é sempre difícil pra ele. Ele fala português, mas ele preferiram holandês (HS).

Os membros do grupo não revelam sentir dificuldade em falar, entender ou ler em holandês, somente em escrever. E, segundo o grupo, essa dificuldade se deve ao pouco tempo que a escola dedicava ao ensino da escrita em holandês.

Eu praticamente nunca escrevi o holandês. Como executivo, viajava só no Brasil praticamente. E holandês eu aprendi, o que eu sabia de escrever, aprendi nas aulas de holandês aqui, dois anos. Só tivemos dois anos de holandês. Mas eu nunca cultivei isso. Nunca precisei (DG).

Grupo 1F

Até 1970, a língua materna dos “holandeses” da Colônia era o holandês, língua que era usada na vida doméstica das famílias (KOOY, 1978). Nessa época, o holandês era falado por todos os membros da família, mas vale destacar o papel das mulheres na garantia do aprendizado e da manutenção da língua. Eram as mulheres que ensinavam o idioma às crianças e, na maioria das famílias em que ainda se fala holandês, são as mulheres que se preocupam em conservar a língua holandesa dentro dos lares.

⁵⁴ Essa informação provém dos próprios idosos com quem conversamos e não há um percentual mesmo aproximado da quantidade de idosos que são monolíngües em holandês.

Mas elas entendem o holandês porque a mãe sempre exige bastante delas também, né? (DG)

[O problema está] quando homem casa com mulher brasileira, né? Porque a mãe é que fala com as crianças. Então ali é que se perde. Enquanto a mãe ta falando em holandês, você não perde (HLV).

Em geral, a mulher é a grande usuária da língua holandesa e só um pequeno número delas, as mais velhas, sobretudo, não fala português. Por essa razão, muitas mulheres com mais de sessenta anos consideram não ter um bom desempenho em português, pois têm um sotaque “muito carregado” em português.

Algumas dessas idosas manifestam um conhecimento passivo do português, pelo contato com os filhos adultos, que discutem negócios diante delas e também pelo contato com os netos escolarizados.

Minha mãe entende um pouco de português; ela tenta ajudar os netos porque ela tem trinta e poucos netos. Muitos netos não sabe falar uma palavra em holandês, né? Mas então ela consegue conversar um pouquinho em português, mas bem o básico mesmo, né? Bem pouco (BD 2M).

Em termos concretos, as idosas têm bastante ou alguma dificuldade em falar português. No entanto, apesar de suas dificuldades, algumas demonstram que têm preocupação em integrar-se ao país (por meio da aprendizagem da língua portuguesa) e fazem críticas aos que não se esforçam para deixar a condição de monolíngües:

Mas eu vejo o meu irmão e minha cunhada que já ta quantos anos aqui no Brasil, né? Eu penso: como vieram? [como falam mal!] Daí eu acho: isso não pode! Os mais antigos eu entendo ainda [que só falem holandês], porque a comunidade era tão pequena. Todo mundo só falava holandês, não precisava do português. Hoje, não (WGG).

Grupo 2M

Quanto ao grupo dos homens adultos, a maioria é bilíngüe, ou seja, fala a língua portuguesa e a língua holandesa, reservando essa última para as relações com familiares mais idosos.

[Falo holandês] só com os mais idosos. Meu nível [idade] pra baixo só em português. Só com os mais idosos. Mas os mais idosos, a maioria começa a conversar em holandês, por eles saberem que você fala. Então eles começam com você, a opção deles número 1 é o holandês. Então eles vê que comigo dá pra falar, eles começam em holandês (AF).

Hoje em dia se eu falo com a minha mãe é só em holandês também (BD 2M)

No entanto, muitos homens afirmam que a comunicação em holandês é muito difícil, ao passo que “falar português é fácil”. A principal razão alegada é a de que se fala muito mais português, em termos de frequência, do que holandês.

É muito difícil falar em holandês. Difícil. Português é muito mais fácil. Português se fala com muito mais frequência. Então [se você] vai conversar com alguém, fala em português (RW).

Muitos elementos do grupo revelam que têm dificuldades em ler e escrever em holandês:

Eu já mandei carta em holandês pra Holanda. Eu não entendo tudo o que eu leio também, mas é difícil. Esse tipo de coisa, o “u” não se fala “u”, né? Essas coisas é bem complicado. Eles emendam palavras, né? E dá pra aumentar muito mais essa palavra, né? É uma palavra só e que se for traduzi é uma frase inteira (BD 2M).

Agora, escrever é uma tristeza (WD)

Em relação aos filhos, muitos revelam que decidiram não ensinar a língua holandesa a eles ou para que estes não tivessem sotaque “de holandês” no português, ou porque saber holandês “não serve para nada”:

E hoje eu diria que seria melhor se eu tivesse ensinado eles inglês do que holandês, porque pra esse mundo, holandês não serve pra nada, infelizmente, infelizmente. Pra ser bem profissional, pra que que serve holandês, hoje, nessa região? Porque fora de Carambeí, ta em Ponta Grossa já não serve. 90% da comunidade aqui não fala holandês. Serve pra quê? Só pros avós. Satisfazer tua mãe (AF).

Por outro lado, para o grupo, a aprendizagem da língua portuguesa sempre esteve ligada à questão de convivência com o mundo externo à comunidade. Dessa forma, para os homens dessa comunidade, falar a língua portuguesa é uma das maneiras de proteger a família de possíveis perseguições e discriminações.

Grupo 2F

O bilingüismo português/holandês é tão freqüente no grupo 2F, quanto no 2M. Da mesma forma, no que diz respeito à transmissão da língua holandesa para os filhos, a grande maioria das mulheres optou por não fazê-lo, especialmente para que estes não tivessem sotaque “de holandês” no português:

Eu tenho um sotaque, eu sei que tenho bastante sotaque, mas é que eu fiquei muito tempo sozinha com meus pais, eu sou assim temporão, né? O meu é bem acentuado. Mas hoje eu penso: “puxa vida, [que] burra”. O meu marido também fala holandês, então nós dois podíamos ter ensinado ela [a filha a falar holandês]. Mas o cachorro é bilíngüe. Porque não tem problema se ele tiver sotaque, né? (IS).

Assim como os homens, as mulheres também reservam o uso da língua holandesa para as relações com familiares mais idosos.

É, se for um holandês mais velhos, uma pessoa de geração mais... Exato, aí, sim, a gente fala holandês (AJWB).

É que na verdade estes são mais velhos, eles têm tendência pra falar em holandês. Se eles começam falar em holandês, eu respondo em holandês (AJWB).

Ela começa falar em holandês com você, você fala o holandês de volta (RHB)

Assim como os membros do grupo anterior, as mulheres também acham que escrever em holandês é muito difícil:

A gente se bate pra escrever. Eu me bato pra escrever uma carta lá pra tia, lá. Fica com o dicionário, né? Daí você vê, porque não sabe se é com dois k, com dois l, com dois b. Lá tem muito disso aí, né? Mas eu já faço assim pra eu saber também, né? Como é que é, né? (IS)

Grupo 3M

Quanto ao grupo dos jovens “holandeses” do sexo masculino, todos frequentam a escola e são fluentes em português. Além disso, muitos se envergonham de ser identificados como “holandeses”, pela associação que se faz entre ser imigrante holandês e ser “caipira”.

Essa vergonha existe, [de] ser chamado de holandês (FF).

Em geral, os jovens “holandeses” do grupo são monolíngües em português, muitos dos quais podem ser incluídos na categoria de bilíngües incipientes.

O mais velho falava bem o holandês e a mais nova já tem muitas dificuldades. Ela fala, mas ela traduz do português pro holandês. Viajou comigo para Holanda e ela não quis que eu ajudasse ela. “Eu falo holandês, não tem problema”. E até que ela se mexeu bem (HS).

Os jovens “holandeses” do grupo se mostram receptivos a tudo o que diz respeito à Igreja Reformada. Nesse sentido, considere-se a assumida preferência dos jovens pelos cultos proferidos (em português) pelo pastor holandês. Praticamente todos vivem segundo os preceitos da igreja, mesmo que isso, em alguns casos, pareça bastante antiquado (KOOY, 1978):

Os jovens, por realizarem estudos fora da colônia, faziam contatos com os costumes e os pensamentos brasileiros, de fato bem diferentes do que os da colônia e talvez por isso atraentes para a juventude. Crescia uma geração cuja língua materna não era mais a holandesa, mesmo que a maioria ainda falasse este idioma. Mesmo assim, a influência do pastor Witzier era bem grande sobre os jovens. Quando ele uma vez proferiu as suas objeções contra o baile do *chopp* organizado pela associação dos funcionários da Cooperativa, no ginásio de esportes, nenhum dos jovens da igreja foi a esse baile (KOOY, 1986, p. 251).

Como se afirmou, os jovens do grupo são monolíngües em português (ou bilíngües incipientes em português/holandês), mas o que caracteriza o seu comportamento é

o prazer de falar português. De modo concreto, o português predomina nas relações sociais desses jovens. Quando o jovem sabe holandês, geralmente esta língua ocupa um lugar secundário nos seus usos lingüísticos. Os jovens se consideram brasileiros – não se assumindo como “holandeses” (ver Capítulo 5) – daí a prática de privilegiar o uso da língua portuguesa. Em resumo, os jovens “holandeses” (mesmo os que são bilíngües em português e holandês) caracterizam-se pelo uso preferencial do português.

Eles [os filhos] dizem: pra que que eu tenho que aprender [a falar holandês]?
(WSGG)

Grupo 3F

O grupo das jovens “holandesas” de Carambeí também é fluente em português e somente uma parte é bilíngüe incipiente em português/holandês.

Se você for ver, tem bem pouca menina assim da minha idade que entende holandês. Até falava quando era pequena, mas hoje não fala mais nada (SSM).

Diferentemente dos rapazes, que manifestam uma atitude de rejeição em relação às tradições culturais holandesas, as jovens “holandesas” nutrem um carinho especial por aquela que é a língua dos seus antepassados.

Acho tão bonito ver minha mãe falando com minha vó [em holandês]. Às vezes eu até entendo uma coisa ou outra (GF).

As moças também se mostram receptivas a tudo o que diz respeito à Igreja Reformada, pois preferem os cultos proferidos (em português) pelo pastor holandês e vivem segundo os preceitos da igreja.

Assim como no caso do grupo anterior, o que caracteriza o comportamento lingüístico das moças “holandesas” é o prazer de falar português e o predomínio dessa língua nas relações sociais que esses jovens mantêm entre si. Mesmo quando a jovem fala holandês “bem”, esta língua ocupa um lugar secundário nos seus usos lingüísticos. Talvez

porque elas se assumam como brasileiras e não como “holandeses” (ver Capítulo 5), privilegiar o uso da língua portuguesa é uma prática comum do grupo.

O quadro a seguir sumariza o que foi discutido até o momento⁵⁵.

| Quem? | Que língua? | Quando? | Onde? | A quem? | Sobre o quê? |
|-----------------------|-------------|------------------|---------------------------------------|--|---|
| Grupos 1M e 1F | Holandês | Sempre | Em casa, igreja, reuniões, festas | Família, parentes, amigos, conhecidos | Cotidiano, assuntos domésticos, religião, lembranças do passado |
| | Português | Raramente | Na rua | Netos mais novos, pessoas em geral, pessoas que preferem falar português ou que não sejam “holandesas” | Cotidiano, escola, negócios em geral, assuntos gerais, comércio |
| Grupos 2M e 2F | Holandês | De vez em quando | Em casa | Com familiares mais velhos | Cotidiano, assuntos domésticos, religião |
| | Português | Sempre | Em casa, no trabalho | Familiares da mesma faixa etária, amigos, estranhos, conhecidos | Trabalho, política, esporte |
| Grupos 3M e 3F | Holandês | Raramente | Casa, eventos da comunidade holandesa | Pai, mãe, avós, idosos | Assuntos familiares, respostas curtas a questionamentos (em holandês) |
| | Português | Sempre | Demais lugares | Pessoas em geral | Cotidiano, escola, assuntos das relações de amizade |

Quadro 7 – Usos lingüísticos da comunidade holandesa de Carambeí/PR

Fonte: Elaborado pela autora, de acordo com os dados da pesquisa.

Além de diferenciarem-se quanto aos usos lingüísticos das línguas holandesa e portuguesa, os “holandeses” da Carambeí também se diferenciam quanto ao processo de aquisição das línguas em questão.

⁵⁵ No quadro 6, os resultados dos grupo 1M e 1F; 2M e 2F; e 3M e 3F foram apresentados conjuntamente pois não se percebeu uma diferença entre eles. Na verdade, no que diz respeito à questão discutida aqui, pode-se dizer que há diferença somente no que diz respeito à variável idade (e não sexo/gênero).

4.2 O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DAS LÍNGUAS EM USO PELOS “HOLANDESES”

Em termos gerais, de acordo com o que foi descrito anteriormente, a língua holandesa é a língua que a família “holandesa” usa no ambiente familiar, especialmente nas interações entre pais (idosos) e filhos (adultos). São as mulheres (avós e mães) que ensinam aos filhos e netos e procuram mantê-la na comunidade, especialmente dentro de seus lares. Assim, a aquisição da língua holandesa se dá em situações naturais de interação verbal, ou seja, o holandês é adquirido informalmente mediante contato intenso e contínuo entre os membros das famílias “holandesas”.

Nós sempre falemo em holandês, só falamo holandês, porque quando eu era uma menininha ainda meus pais não falavam português comigo (HLV).

Por outro lado, a aquisição do português se dá de maneira um pouco distinta. O acesso ao português pelos idosos, por exemplo, acontece principalmente por meio da escola. Já os adultos adquiriram o português a partir do contato com amigos “brasileiros” com quem conviviam.

Eu acho que nós já falávamos o português entre nós, piazzada e tudo. Eu acho que não era que você só teve [na escola], porque você convivia com os filhos dos empregados e tudo. Não era só o holandês, não. Não era tão rígido. Aqui em Carambeí não era tanto assim. Nós já tínhamos contato com o brasileiro direto (AF).

O português é uma língua bem mais bonita, né? (WD).

Eu morava numa chácara, então tinha vários funcionários e eu brincava bastante com os filhos dos funcionários. Então o português foi automático (BD 2M).

Mais velho foi para a escola e aprendeu português lá na escola, mas aprendendo lá ele começou falar português em casa e lógico que assim os mais novos aprenderam português [um] pouco em casa, né? (HS)

Em resumo, o processo de aquisição das línguas holandesa e portuguesa se dá tal como descrito no quadro a seguir⁵⁶:

| Grupos | Aquisição do português | | Aquisição do holandês | |
|----------------------|------------------------|---|-----------------------|--------------------|
| | Quando? | Com quem? Onde? | Quando? | Com quem? Onde? |
| Grupo 1M e 1F | Por volta dos 7, 8 | Na escola | Desde o nascimento | Em casa |
| Grupo 2M e 2F | Por volta dos 4, 5 | Na vizinhança, com amigos “brasileiros” | Desde o nascimento | Em casa |
| Grupo 3M e 3F | Desde o nascimento | Em casa, com pais e irmãos | Desde o nascimento | Em casa/ na escola |

Quadro 8 – Aquisição das línguas holandesa e portuguesa pelos “holandeses” de Carambeí, por grupo de informantes

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa.

Na seqüência, se apresentarão os usos lingüísticos das línguas holandesa e portuguesa em domínios públicos e privados, assim como o estatuto que cada uma dessas línguas detém na comunidade em estudo.

4.3 VARIEDADES LINGÜÍSTICAS E USOS SOCIAIS

Para analisar os usos lingüísticos de que a comunidade de “holandeses” estudada lança mão em suas relações internas, também denominadas intracomunitárias ou privadas, e externas, também denominadas extracomunitárias ou públicas, procurou-se definir o estatuto que o português e o holandês detêm na comunidade em função dos usos que lhe são atribuídos⁵⁷. Para tanto, é necessário discutir a noção de domínio lingüístico.

⁵⁶ No quadro 9, também se apresentam conjuntamente os resultados dos grupo 1M e 1F; 2M e 2F; e 3M e 3F, pois não se percebeu uma diferença entre eles. Na verdade, no que diz respeito à questão discutida aqui, pode-se dizer que há diferença somente no que diz respeito à variável idade (e não sexo/gênero).

⁵⁷ Para tanto, coletamos dados a partir do questionário aplicado (em anexo 2), das entrevistas gravadas (roteiro em anexo 3) em áudio e da observação realizada quando da participação em diversos eventos. Para o estudo das díades familiares, escolhemos quatro famílias que tinham pelo menos dois membros (mãe e pai ou avô e avó) descendentes de holandeses.

4.3.1 Uma observação sobre “domínio lingüístico”

Um domínio lingüístico é uma situação particular em que ocorre uma determinada interação social (FISHMAN, 1967). Por exemplo, uma interação entre pessoas de uma mesma família pertence ao domínio familiar, enquanto uma interação entre professores e alunos pertence ao domínio escolar e assim por diante. Segundo Fishman (1968), os principais domínios lingüísticos são a família, a escola, a igreja, o trabalho e a rua ou a vizinhança. Cada um desses domínios pode exigir uma única língua ou mais, dependendo do local onde ocorre a interação, dos participantes da interação, da relação afetiva entre eles, do tópico a ser discutido, do grau de formalidade ou informalidade da situação e da função da interação. Assim, a noção de domínio lingüístico não se restringe ao local propriamente dito, mas à situação como um todo e está também atrelada às expectativas de uso da(s) língua(s) num contexto específico.

Considerando a definição de Fishman (1967), neste capítulo se determinarão os usos das línguas portuguesa e holandesa nas interações verbais entre pessoas de uma mesma comunidade étnica, nos domínios públicos e privados.

Dão-se em **domínio privado** as interações verbais ocorridas nas relações familiares; e em **domínio público**, as interações verbais ocorridas fora do núcleo familiar. Esta divisão se baseia nos trabalhos de Fishman (1967), que afirma que:

A domain is a grouping together of recurring situation types in such a way that one of the languages or varieties in a repertoire, as opposed to the others, normally occurs in that class of situation. And members of the speech community judge that the use of that variety and not the others is appropriate to that domain (FISHMAN, 1971, p. 586).⁵⁸

⁵⁸ “Um domínio é um agrupamento de tipos de situações que acontecem sempre; é a maneira como as línguas ou variedades de línguas e seus repertórios se opõem umas às outras, em relação a um tipo de situação. E os membros de uma comunidade de discurso julgam que o uso daquela variedade, e não de outras, é apropriada para aquele domínio” (FISHMAN, 1971, p. 586, tradução nossa).

4.3.1.1 Os usos lingüísticos nos domínios privados

Como foi dito, as relações ocorridas no círculo familiar dão-se em domínio privado. Fishman (1972) considera que a observação das relações familiares é relevante na compreensão de comunidades bilíngües. Segundo Fishman:

Multilingualism often begins in the family domain and depends upon it for encouragement if not protection. In other cases, multilingualism withdraws into the family domain after it has been displaced from other domain in which it was previously encountered (FISHMAN, 1972, p. 587).⁵⁹

Como a família é um sistema de intercomunicação que compreende subsistemas (díades, tríades ou grupos maiores), a descrição do comportamento lingüístico das díades⁶⁰ leva o pesquisador ao entendimento do comportamento lingüístico da família e, por analogia, ao entendimento do comportamento lingüístico da comunidade em que essas famílias estão inseridas (FISHMAN, 1972). Esse método:

Not only recognizes that interacting members of a family (like the participants in most domains of language behavior) are hearers as well as speakers e.g. that there may be a distinction between multilingual comprehension and multilingual production) but it also recognizes that their languages behavior may be not merely a matter of individual preference or facility but also a matter of relation (FISHMAN, 1972, p. 588).⁶¹

Para observar e analisar adequadamente os usos lingüísticos nas relações familiares da comunidade dos “holandeses” de Carambeí/PR é preciso retomar alguns dados da história dessa comunidade. No capítulo 2, vimos que os membros da comunidade

⁵⁹ “O multilingüismo geralmente começa no domínio da família e depende de fortalecimento, se não de proteção. Em outros casos, o multilingüismo retrocede no domínio da família depois de ter sido deslocado de outros domínios em que foi previamente encontrado” (FISHMAN, 1972, p. 587, tradução nossa).

⁶⁰ Díades são subsistemas de um sistema maior, que é a família, em que o indivíduo desempenha uma função e se adapta à relação estabelecida. Por exemplo, um homem pode desempenhar o papel de filho no subsistema com seu pai, de pai no subsistema com seu filho e de esposo no subsistema com sua mulher (MINUCHIM, 1990).

⁶¹ “Não somente reconhece que os membros da família interagem (como os participantes na maioria dos outros domínios de comportamento da língua) (...), mas também reconhece que seu comportamento pode não ser meramente um problema de preferência individual ou facilidade, mas um problema de relação” (FISHMAN, 1972, p. 588, tradução nossa).

de Carambeí viveram durante muito tempo isolados da sociedade brasileira, freqüentando somente a escola da colônia e a Igreja Evangélica Reformada, onde não se falava a língua portuguesa. De um modo geral, viviam em isolamento geográfico e lingüístico, o que garantia o predomínio exclusivo da língua holandesa.

Atualmente, a comunidade “holandesa” de Carambeí apresenta uma situação diferente da observada anteriormente. Com o passar do tempo, os integrantes da comunidade de Carambeí passaram a viver uma situação de estabilidade em que o contato com a sociedade envolvente tornou-se necessário e constante. Dessa forma, o português e a realidade da vida brasileira tornaram-se parte integrante da vida da comunidade de forma bastante concreta. Os carambeienses inclusive se orgulham do fato de a colônia holandesa de Carambeí não ser tão “fechada” quanto a colônia de Castrolanda, conforme se pode perceber pelo depoimento a seguir:

Anos atrás visitou aqui um professor da Universidade Federal do Paraná. Ele precisava comprar gado, não sei bem o que ele tava fazendo aqui. Ele me olhou e perguntou pra mim “por que os holandeses de Castrolanda são mais mal-educados que em Carambeí?” Evidentemente não é verdade, mas eu perguntei “por que o senhor ta perguntando isso”? “Não”, ele falou “quando eu chego em Castrolanda, eles dizem pra mim “não entendo” e viram-se e vão falar em holandês. E aqui em Carambeí, como é ruim eles falam português, mas falam português com a gente”. Esta ele gostou. E até hoje é assim (HS).

A seguir se fará uma descrição dos usos da língua holandesa e portuguesa nos domínios denominados privados. Essa descrição resulta da aplicação de questionários e da realização de observações e entrevistas com seis famílias de descendentes de holandeses. Em relação ao estudo das díades familiares, segue-se a orientação de Fishman (1967).

4.3.1.1.1 Os estudos das díades familiares

Para a observação das díades familiares estudadas, se apresentará o perfil de cada família, representada pela história lingüística pessoal de cada membro e, em seguida, o quadro das interações verbais que os membros de cada família mantêm entre si. Para efeito

de identificação, cada família recebeu um número (no caso, de 1 a 4) e seus membros são representados por suas iniciais. Serão utilizadas as seguintes abreviações:

Hol – língua holandesa;

Por – língua portuguesa;

Hol>Por – predomínio da língua holandesa;

Por>Hol – predomínio da língua portuguesa;

Hol/Por – uso equilibrado

FAMÍLIA 1

DCG – 70 anos, casado, aposentado. Nasceu em Carambeí, formou-se em Direito em Ponta Grossa e trabalhou na Batavo Cooperativa Agroindustrial. Sua língua materna é o holandês. Aprendeu o português por volta dos 6 anos, quando começou a ir para a escola.

DDG – 62 anos, casada com DCG, dona de casa. Nasceu na Holanda e mudou-se para Carambeí aos 4 anos. Concluiu o Ensino Fundamental em Carambeí. Suas línguas maternas são o frisão e o holandês. Aprendeu o português por volta dos 6 anos, quando começou a ir para a escola.

MG – 33 anos, filha mais velha de DCG e DDG, administradora de empresas. Nasceu em Carambeí e formou-se em administração de empresas em Ponta Grossa. Sua língua materna é o holandês. Aprendeu o português por volta dos 5 anos de idade. Entende frisão. É casada com um descendente de holandês. Tem um filho de 2 anos.

JG – 30 anos, segunda filha de DCG e DDG, advogada. Nasceu em Carambeí e formou-se em Direito em Ponta Grossa. Sua língua materna é o holandês. Aprendeu o português por volta dos 5 anos de idade. Entende frisão. É casada com um descendente de holandês.

LG – 28 anos, filha caçula de DCG e DDG, micro-empresária. Nasceu em Carambeí e formou-se em economia em Ponta Grossa. Sua língua materna é o holandês. Aprendeu o português por volta dos 5 anos de idade. Entende frisão. É casada com um “brasileiro”.

CG – 2 anos, filho de MG nasceu em Curitiba. Sua língua materna é o holandês e tem muito pouco contato com o português.

Na família 1, observam-se as seguintes díades familiares:

Marido/esposa

Pai/filhas

Mãe/filhas

Irmã/Irmã

Mãe/filho

Avós/neto

A língua holandesa domina nas interações entre marido (DCG) e esposa (DDG); mãe e filhas (DDG e MG/JG/LG); mãe e filho (MG e CG); e avós e neto (DCG/DDG e CG). Já nas interações entre pai e filhas (DCG e MG/JG/LG); e irmã e irmã (MG/JG/LG) o português predomina.

Com base nos dados acima, apresentamos o seguinte quadro:

| | DCG | DDG | MG | JG | LG | CG |
|------------|------------|------------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| DCG | / | Hol | Por | Por | Por | Hol |
| DDG | Hol | / | Hol | Hol | Hol | Hol |
| MG | Por | Hol | / | Por | Por | Hol |
| JG | Por | Hol | Por | / | Por | Hol |
| LG | Por | Hol | Por | Por | / | Hol |
| CG | Hol | Hol | Hol | Hol | Hol | / |

Quadro 9 – Idiomas usados nas díades da Família 1

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa.

FAMÍLIA 2

WF – 80 anos, casado com JF, alfaiate. Nasceu na Holanda e mudou-se para Carambeí aos 24 anos. Sua língua materna é o holandês. Aprendeu o português quando se mudou para o Brasil.

JF – 78 anos, casada com WF, dona de casa. Nasceu na Holanda e mudou-se para Carambeí aos 22 anos. Sua língua materna é o holandês. Aprendeu o português quando se mudou para o Brasil.

AF – 51 anos, filho de WF e JF, casado, empresário. Nasceu em Telêmaco Borba e mudou-se para Carambeí aos 2 anos. Formou-se em ciências contábeis e economia em Ponta Grossa. Sua língua materna é o holandês. Aprendeu o português por volta dos 6 anos, quando começou a ir para a escola.

DF – 47 anos, casada com AF, dona de casa. Nasceu em Irati e mudou-se para Carambeí aos 4 anos. Concluiu o Ensino Médio em Carambeí. Sua língua materna é o português.

DF – 24 anos, filho mais velho de AF e DF, estudante. Nasceu em Carambeí e estuda administração de empresas em Ponta Grossa. Suas línguas maternas são o holandês e o português.

GF – 22 anos, filha de AF e DF e irmã gêmea de FF, estudante. Nasceu em Carambeí e estuda ciências contábeis em Ponta Grossa. Suas línguas maternas são o holandês e o português.

FF – 22 anos, filho de AF e DF e irmão gêmeo de GF, estudante. Nasceu em Carambeí e estuda Direito em Ponta Grossa. Suas línguas maternas são o holandês e o português.

Na família 2, observam-se as seguintes díades familiares:

Marido/esposa

Pai/filho

Mãe/filho

Sogro, sogra/nora

Pai/filhos

Mãe/filhos

Irmão/Irmã

Avós/netos

A língua holandesa domina nas interações entre marido e esposa (WF e JF), avós e netos (WF/JF e DF/GF/FF) e pai/mãe e filho (WF/JF e AF). No entanto, na relação filho e pai/mãe, há uma alternância entre holandês e português, conforme ilustra o depoimento:

Meu pai tem 80 anos e minha mãe tem 78 e eu já to começando a sentir. Eu nunca tinha sentido isso antes, hoje eu to sentindo que a conversa na casa deles ta diminuindo, eu to sentindo que eu falo mais em português com eles do que em holandês, mesmo sabendo que o holandês ta sendo mais importante pra eles (AF).

Por outro lado, nas interações entre marido e esposa (AF e DF), pai e filhos (AF e DF/GF/FF), mãe e filhos (DF e DF/GF/FF), sogros e nora (WF/JF e DF) e irmão e irmã (DF/GF/FF) o português predomina.

O quadro a seguir resume o estudo sociolinguístico das díades da família 2:

| | W F | JF | AF | DF | DF | GF | FF |
|-----------|------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| WF | / | Hol | Hol/Por | Por | Hol | Hol | Hol |
| JF | Hol | / | Hol/Por | Por | Hol | Hol | Hol |
| AF | Hol | Hol | / | Por | Por | Por | Por |
| DF | Por | Por | Por | / | Por | Por | Por |
| DF | Hol | Hol | Por | Por | / | Por | Por |
| GF | Hol | Hol | Por | Por | Por | / | Por |
| FF | Hol | Hol | Por | Por | Por | Por | / |

Quadro 10- Idiomas usados nas díades da Família 2

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa.

FAMÍLIA 3

MB – 76 anos, viúva, dona de casa. Nasceu na Holanda e mudou-se para Carambeí aos 24 anos. Sua língua materna é o holandês. Aprendeu o português quando se mudou para o Brasil.

BD – 51 anos, genro de MB, casado, guia de museu. Nasceu em Carambeí. Formou-se no Ensino Médio, em Castro. Sua língua materna é o holandês. Aprendeu o português por volta dos 6 anos, quando começou a ir para a escola.

AD – 47 anos, filha de MB, casada com BD, dona de casa. Nasceu em Carambeí. Concluiu o Ensino Fundamental em Carambeí. Sua língua materna é o holandês. Aprendeu o português por volta dos 5 anos, quando começou a ir para a escola.

CD - 23 anos, filho mais velho de BD e AD, estudante. Nasceu em Carambeí e estuda biologia em Ponta Grossa. Aprendeu a falar holandês e português simultaneamente, mas aos poucos foi deixando de falar holandês. Voltou a estudar holandês, pois fará um intercâmbio de dois anos na Holanda.

FD – 19 anos, segunda filha de BD e AD, estudante. Nasceu em Carambeí e estuda turismo em Ponta Grossa. Aprendeu a falar holandês e português simultaneamente, mas aos poucos foi deixando de falar holandês. Atualmente tem exercitado a língua holandesa por causa do trabalho.

GD – 16 anos, filho caçula de BD e AD, estudante. Nasceu em Carambeí e cursa o Ensino Médio em Ponta Grossa. Aprendeu a falar holandês e português simultaneamente, mas logo deixou de falar holandês. É o filho menos fluente na língua.

Na família 3, observam-se as seguintes díades familiares:

Mãe/filha

Marido/esposa

Sogra/genro

Pai/filhos

Mãe/filhos

Irmão/Irmã

Avó/netos

Nas interações entre marido e esposa (BD e AD), mãe e filha (MB e AD), genro e sogra (BD e MB) e avó e netos mais velhos (MB e CD/FD), a língua holandesa está um pouco mais presente do que a língua portuguesa. Já nas relações entre pai e filhos (BD e CD/FD/GD), mãe e filhos (AD e CD/FD/GD), irmão e irmã (CD/FD/GD) e avó e neto mais novo (MB e GD), o português predomina.

Na família 3, observa-se um fenômeno bastante comum nas famílias “holandesas” de Carambeí: no caso dos jovens, a fluência em língua holandesa diminui do primeiro filho (CD) em relação ao segundo (FD) e deste em relação ao terceiro (GD):

Ele ainda fala um pouco o holandês, porque nós, no início de casado, nós só falávamos holandês dentro de casa e daí com o tempo foi se perdendo, né? Mas ele é o que ainda melhor fala holandês da família, o mais velho, porque nós só falávamos o holandês com ele, né? Pra ele aprender português na escola ou na rua e holandês em casa. O mais novo entende alguma coisa, mas falar não fala nada (BD).

O quadro a seguir resume o estudo sociolinguístico das díades da família 3:

| | MD | BD | AD | CD | FD | GD |
|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| MD | / | Hol/Por | Hol/Por | Por>Hol | Por>Hol | Por |
| BD | Hol>Por | / | Hol/Por | Por | Por | Por |
| AD | Hol>Por | Hol/Por | / | Por | Por | Por |
| CD | Por>Hol | Por | Por | / | Por | Por |
| FD | Por | Por | Por | Por | / | Por |
| GD | Por | Por | Por | Por | Por | / |

Quadro 11 – Idiomas usados nas díades da Família 3

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa.

FAMÍLIA 4

HS – 75 anos, casado com THS, professor aposentado. Nasceu em Carambeí. Sua língua materna é o holandês. Aprendeu o português quando foi para a escola, com 10 anos.

THS – 69 anos, casada com HS, dona de casa. Nasceu em Carambeí. Sua língua materna é o holandês. Aprendeu o português quando foi para a escola, por volta dos 7 anos.

MS – 44 anos, filho de HS e THS, casado com descendente de holandeses, agricultor. Nasceu em Carambeí. Formou-se no Ensino Médio, em Castro. Sua língua materna é o holandês. Aprendeu o português por volta dos 6 anos, quando começou a ir para a escola.

AHS – 41 anos, filha de HS e THS, casada com descendente de holandeses, agrônoma. Nasceu em Carambeí. Formou-se em agronomia, em Ponta Grossa. Sua língua materna é o holandês. Aprendeu o português por volta dos 4 anos, com o irmão mais velho.

KRS – 39 anos, filha de HS e THS, casada, professora. Nasceu em Carambeí. Formou-se em Pedagogia em Ponta Grossa. Aprendeu a falar holandês e português simultaneamente, mas aos poucos foi deixando de falar holandês.

MLS – 37 anos, filho de HS e THS, casado, pecuarista. Nasceu em Carambeí. Formou-se no Ensino Médio, em Castro. Aprendeu a falar holandês e português simultaneamente, mas logo deixou de falar holandês. É o filho menos fluente na língua.

Na família 4, observam-se as seguintes díades familiares:

Marido/esposa

Mãe/filhos

Pai/filhos

Irmão/Irmã

No caso da família 4, há predomínio da língua holandesa nas interações entre marido e esposa (HS e THS) e pai e filhos mais velhos (HS e MS/AHS), ainda que nestas últimas se utilize também a língua portuguesa. Já nas relações entre pai e filhos mais novos (HS e KRS/MLS), mãe e filhos (THS e MS/AHS/KRS/MLS) e irmão e irmã (MS/AHS/KRS/MLS) predomina o português.

Na família 4, também se observa que a fluência em língua holandesa diminui do primeiro filho em relação ao último pelas razões que o informante expõe no seguinte depoimento:

Mais velho foi para a escola e aprendeu português lá na escola, mas aprendendo lá ele começou falar português em casa e lógico que assim, os mais novos aprenderam português pouco em casa, né? [no sentido de aprenderam um pouco de português em casa] (HS)

O quadro a seguir resume o estudo sociolinguístico das díades da família 4:

| | HS | THS | MS | AHS | KRS | MLS |
|------------|-----------|------------|-----------|------------|------------|------------|
| HS | / | Hol | Por>Hol | Por>Hol | Por | Por |
| THS | Hol | / | Por | Por | Por | Por |
| MS | Hol/Por | Por | / | Por | Por | Por |
| AHS | Hol/Por | Por | Por | / | Por | Por |
| KRS | Por | Por | Por | Por | / | Por |
| MLS | Por | Por | Por | Por | Por | / |

Quadro 12 – Idiomas usados nas díades da Família 4

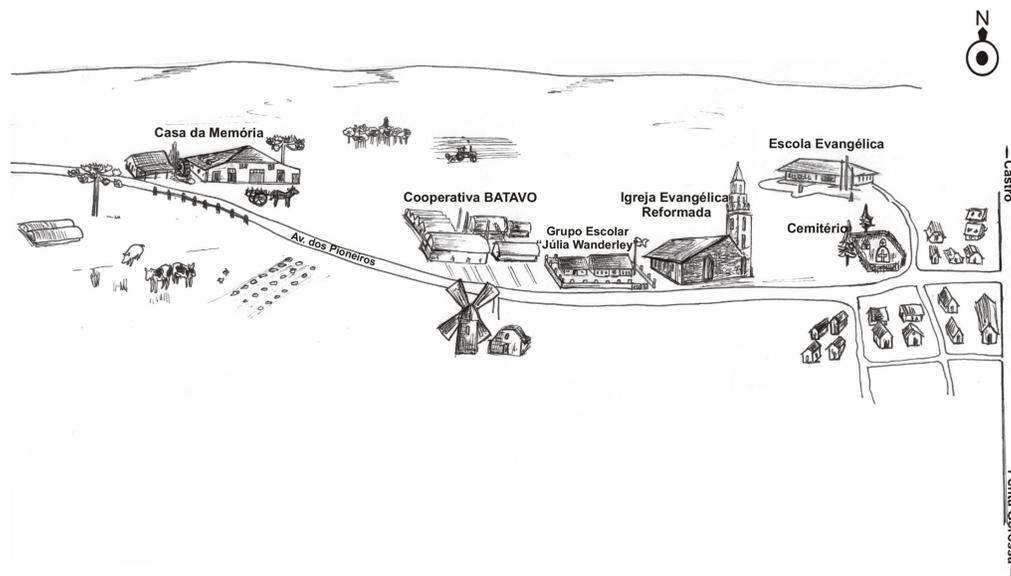
Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa.

Examinando as famílias de 1 a 4, observa-se que os usos linguísticos nas díades familiares estão relacionados aos grupos etários de que os representantes fazem parte. Assim é possível apontar que:

- Na díade avós/netos que envolve a relação entre idosos, jovens e crianças, o uso do holandês e do português é equilibrado.
- Na díade pais/filhos que envolve idosos e adultos, prevalece o uso do holandês, com pouquíssimo uso de português; por outro lado, quando a díade diz respeito à relação entre adultos, jovens e crianças, prevalece o uso do português.
- Na díade marido/esposa que envolve a relação entre idosos, prevalece o uso do holandês; já quando envolve a relação entre adultos, há um uso equilibrado das duas línguas.
- Na díade sogros/genro/nora, prevalece o holandês.
- Na díade irmão/irmã que envolve adultos, jovens e crianças, prevalece o uso da língua portuguesa.

Por outro lado, em relação aos usos linguísticos nos domínios públicos, as conclusões são as que se seguem.

4.3.1.2 Os usos lingüísticos nos domínios públicos



Mapa 7 – Localização da Escola Evangélica de Carambeí, da Igreja Evangélica Reformada de Carambeí-colônia e da Cooperativa Batavo

Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa⁶².

Para a observação dos usos lingüísticos nos domínios públicos, relacionaram-se os seguintes espaços de atuação de membros da comunidade: cultos religiosos, cooperativa e escola.

⁶² Criação de Álvaro Franco da Fonseca Júnior.

4.3.1.2.1 Cultos religiosos

Desde que chegaram a Carambeí, em 1911, as primeiras famílias holandesas, que eram membros da Igreja Reformada Cristã, estabeleceram um grupo de estudos bíblicos, de natureza reformada (protestante), cuja intenção era congregar os moradores. Assim, desde o início do estabelecimento da colônia, promoviam-se reuniões periódicas (em que se falava somente holandês) nas casas dos moradores, durante as quais se faziam leituras e estudos bíblicos. Passados alguns anos, a *Brazilian Railway Company* construiu um barracão que era utilizado tanto para realização de reuniões religiosas como para o funcionamento da primeira escola de Carambeí (HACK, 1959, p. 22).



Ilustração 9 – Reconstituição do espaço interno da primeira Igreja Evangélica Reformada de Carambeí – Colônia, em exposição no museu Casa da Memória, em Carambeí/PR

Fonte: Acervo da autora.

Nos primeiros anos, o espírito religioso da Colônia deu segurança aos imigrantes e os manteve unidos durante os difíceis períodos de adaptação ao novo meio, já que, muitas vezes, é na instituição religiosa que o imigrante se apóia durante o processo de adaptação ao novo país (SAITO, 1961, p. 21). Para Kooy (1978), a Colônia sobreviveu enquanto grupo graças à religião, que dava apoio espiritual a seus membros durante o

difícil período de adaptação. Passado esse período inicial, a Igreja permaneceu atuante como instituição, pois assumiu as funções de envolver e coordenar a vida comunitária, polarizando suas atividades sócio-recreativas.



Ilustração 10 – Igreja Evangélica Reformada de Carambeí – Colônia

Fonte: Acervo da autora.

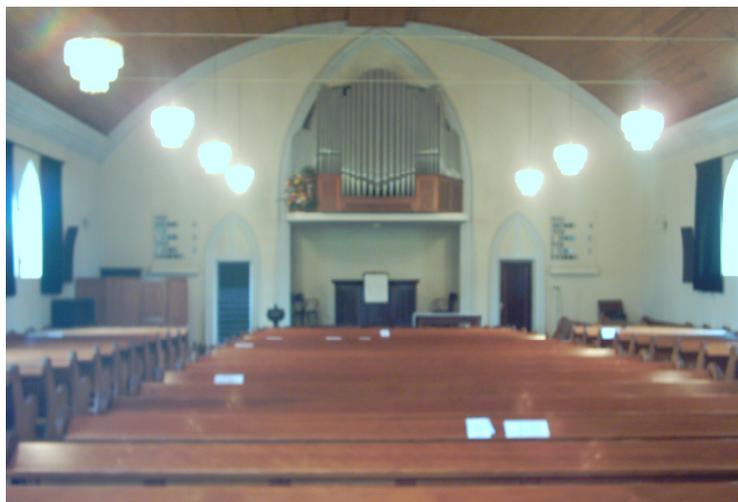


Ilustração 11 – Vista interna da Igreja Evangélica Reformada de Carambeí – Colônia

Fonte: Acervo da autora.

Atualmente, os membros da Igreja Evangélica Reformada de Carambeí – Colônia⁶³ (que totalizam 690 pessoas) constituem-se quase totalmente de holandeses e seus descendentes, mas há alguns “brasileiros” protestantes (cerca de 80 na Igreja Reformada de Carambeí e 40 na Vila Nova Holanda), geralmente convertidos em função do casamento. Em função dessas conversões, até a década de 1970, todo casamento interétnico representava para a Igreja Reformada de Carambeí a perda de um membro, uma vez que o elemento “holandês” acompanhava o cônjuge “brasileiro” ao culto em português na Igreja da Vila Nova Holanda⁶⁴. Por essa razão, a partir de 1970:

Percebeu-se, especialmente entre os jovens, a necessidade de usar mais a língua portuguesa na vida da igreja. (...) E a língua portuguesa tornou-se a língua principal da igreja (IER CARAMBEÍ..., 2007)

⁶³ Já a Igreja Reformada de Vila Nova Holanda está sob a responsabilidade de um pastor brasileiro de formação presbiteriana, que reside em Vila Nova Holanda. Atualmente, a Igreja tem 419 membros efetivos (dos quais 378 são descendentes de holandeses), incluindo os de Vila Nova Holanda e localidades próximas como Boqueirão e Tibagi. Não há cultos em holandês na Igreja Reformada de Vila Nova Holanda, uma vez que “a IER da Vila Nova Holanda surgiu da necessidade de se investir mais no trabalho entre os brasileiros, pois havia entre estes os que tinham o desejo de afiliar-se à IER. Em janeiro de 1965, o Conselho da IER de Carambeí decidiu subdividir-se em duas alas, uma de língua holandesa e outra de língua portuguesa. Os membros puderam escolher a que ala desejavam se afiliar” (NOSSA HISTÓRIA..., 2007).

⁶⁴ Já que, até essa data, na Igreja Evangélica reformada de Carambeí, só havia culto em língua holandesa.

Desde 1970, portanto, a Igreja Evangélica Reformada passou a oferecer a seus membros a opção de frequentar o culto em português (quando não há cultos em português na igreja, há estudos bíblicos em português), o que é feito especialmente pelos “holandeses” que são casados com “brasileiros”.



Ilustração 12 – Estudo bíblico promovido pela Igreja Evangélica Reformada de Carambé – Colônia

Fonte: Acervo da autora.

Entre as várias atividades que a Igreja oferece a seus membros, podem-se distinguir aquelas que são proporcionadas diretamente pela Igreja e as que são proporcionadas indiretamente, já que, como se afirmou, praticamente todas as atuações de cunho social são realizadas em torno dela.

Entre as atividades diretas, estão os cultos semanais propriamente ditos (um matutino, em português – a cada 15 dias – com frequência de trezentas pessoas e outro em holandês – também a cada 15 dias – com frequência de 180 pessoas; e um vespertino, em português, quatro domingos por mês, com frequência de 110 pessoas e outro em holandês, um domingo por mês, com frequência de 60 pessoas) e a catequese. A organização dos cultos na Igreja Reformada se dá da seguinte forma:

| | | |
|-------------------------------|---|---|
| 1º e 5º domingo do mês | Culto Matutino em Português Culto Matutino em Holandês no Lar Aurora | Culto Vespertino em Português |
| 2º e 4º domingo do mês | Culto Matutino em Holandês Estudo Bíblico em Português | Culto Vespertino em Português |
| 3º domingo do mês | Culto Matutino em Português | Culto Vespertino em Holandês Estudo Bíblico em Português |

Quadro 13 – Organização dos cultos da Igreja Evangélica Reformada de Carambeí-Colônia segundo o idioma

Fonte: Adaptado de IER Carambeí (2007).

Na Igreja, durante os cultos, além de pregações, dão-se os mais variados avisos (quem está doente, quem vai se casar, quem está no hospital), tanto em português como em holandês. Há uma atividade regular de visitas pastorais a todos os membros da comunidade (como a realização de cultos em holandês no lar de idosos Aurora, duas vezes ao mês), para a manutenção de contatos interpessoais com os paroquianos e o envio de mensagens gravadas de sermões para os doentes e idosos que não podem locomover-se até a Igreja.

Por outro lado, entre as atividades em que a Igreja se envolve indiretamente, podem-se citar passeios, piqueniques, torneios esportivos em todas as modalidades, que são organizados pelos jovens da Colônia em reuniões quinzenais⁶⁵. A atividade social e beneficente da Igreja de Carambeí é muito ativa e voltada para o bem-estar dos colonos e da população brasileira vinculada ao protestantismo. A Igreja mantém uma creche, entre outras obras assistenciais e também oferece benefícios específicos ocasionais aos moradores da Colônia, cujas causas são consideradas válidas por decisão do Conselho da Igreja. As obras assistenciais e beneficentes são realizadas com o dinheiro proveniente de doações, coletas e bazares. Normalmente os colonos contribuem de acordo com suas posses.

No que diz respeito ao uso da língua holandesa na comunidade, pode-se dizer que a IER de Carambeí-Colônia tem um papel fundamental. É a Igreja Reformada, por exemplo, que mantém a oferta de três cultos mensais em língua holandesa, incentiva o ensino facultativo de língua holandesa na Escola Evangélica (por meio da contratação e pagamento do salário do professor) e organiza um grande número de atividades intragrupoais

⁶⁵ Nas atividades que geralmente envolvem jovens e crianças fala-se somente português.

no setor sócio-cultural e recreativo em que se pode falar holandês. Por outro lado, a Igreja mostra sinais de que se preocupa em integrar-se, pois passou a publicar seu boletim informativo *Meeleven*⁶⁶ também em português (com o título *Conviver*). A função desse boletim informativo é importante, na medida em que vai integrar os membros da comunidade na vida social e política do país, dando subsídios complementares que poderão adicionar-se a outros. Além disso, a realização de obras de cunho social também promove a integração, uma vez que beneficiam tanto a comunidade religiosa de origem holandesa, quanto a nacional, que se favorece de toda forma de ajuda oferecida pela Igreja Evangélica Reformada.

Assim, apesar da preocupação em manter as tradições dos antepassados holandeses, a Igreja Reformada não deseja ser conservadora. Por essa razão, procura resolver o impasse cultural que vive a Colônia e gradativamente toma suas decisões de modo a sempre favorecer a integração na vida nacional:

O grande desafio é segurar o que há de valor na tradição que veio com os nossos antepassados, sem tornar-nos tradicionalistas. Quer queira ou não, o perigo é real de sermos membros da igreja mais por tradição do que por convicção. Por isso devemos buscar a adaptar-nos mais e mais à realidade da nossa vizinhança. Pois no mundo em que vivemos a nossa vida devemos também saber viver a nossa fé (IGREJA EVANGÉLICA REFORMADA..., 2007)

4.3.1.2.2 A cooperativa

A Cooperativa Batavo⁶⁷ iniciou suas atividades de forma modesta, em 1925, com apenas sete sócios, todos holandeses, e uma produção leiteira de 700 litros por dia, com que se produziam manteiga e queijo para os mercados de Ponta Grossa, Curitiba e São

⁶⁶ “Meeleven” (Conviver) é publicado desde 1970, com periodicidade semanal. É um boletim que cumpre os papéis informativo, interpretativo e opinativo, sempre a respeito de assuntos eclesiais relacionados à comunidade carambeiense. A parte informativa traz notícias sobre as atividades da Igreja na Colônia. De cunho opinativo, discutem-se temas de fé propriamente ditos. A partir de 1977, o “Meeleven”, mais elaborado, apresenta meditações sobre um tema religioso como artigo principal, seguido de reflexões e informações comentadas pelo pastor. As notícias da comunidade estão sempre em pauta, além de informações contábeis, que informam à comunidade o modo como é empregado o dinheiro recebido dos colonos ou de doações provenientes da Holanda. Além disso, há uma seção destinada à juventude, com assuntos humorísticos, que geralmente envolvem temas sacros ou eclesiais.

⁶⁷ O nome Batavo se deve ao fato de os pioneiros de Carambeí serem descendentes dos batavos, antigo povo germânico que habitava, no início da era cristã, o delta do Rio Reno.

Paulo. Portanto, a princípio a Cooperativa era mais um ambiente (no caso, de trabalho) em que só havia holandeses e descendentes e onde só se falava holandês.



Ilustração 13 – Caminhão que transportava o queijo da Fábrica de Laticínios De Geus & CIA, empresa que deu origem a Batavo S.A., para São Paulo

Fonte: Acervo da autora.



Ilustração 14 – Primeira ordenhadeira mecânica da Fábrica de Laticínios De Geus & CIA

Fonte: Acervo da autora.



Ilustração 15 – Prensa de queijo da Fábrica de Laticínios De Geus & CIA

Fonte: Acervo da autora.

No entanto, depois deste impulso inicial, a cooperativa Batavo cresceu consideravelmente e passou a atender o mercado do sul do Brasil e de São Paulo. Dessa forma, aumentou seu campo de atuação e sua estrutura administrativa e passou a empregar cada vez mais mão-de-obra “brasileira”. A partir deste momento, falava-se mais português do que holandês na Cooperativa.

Em 1978, a Batavo empregava 386 funcionários⁶⁸ e a Cooperativa Central de Laticínios do Paraná (CCLP), também com sede em Carambeí, 967 pessoas. Isto era bastante significativo para a colônia, pois as duas cooperativas, Batavo e CCLP, além de proporcionar emprego aos colonos holandeses e descendentes, utilizavam-se em larga escala da mão de obra brasileira da região, principalmente dos habitantes de Vila Nova Holanda e redondezas. Até hoje os postos de comando tendem a ser ocupados por holandeses e descendentes, mas aos poucos a população brasileira vem integrando esse quadro.

⁶⁸ O número de funcionários da Batavo de Carambeí em 2006 era de 1.600 funcionários (BATAVO..., 2007).

As cooperativas Batavo e CCLP também contribuíram para a manutenção da língua holandesa na comunidade. Até a década de 1980, as Cooperativas Batavo e CCLP distribuíam aos seus associados e funcionários o *Centraal Maandblad* (“Notícias da Central”). O *Centraal Maandblad* foi o pioneiro como órgão de informação, circulando desde 1960, com periodicidade mensal. Era escrito em holandês e trazia resumos de noticiários internacionais, nacionais e locais, além de informações sobre as Cooperativas. No entanto, como a partir da década de 1970 o uso da língua portuguesa era cada vez mais necessário à informação e integração tanto de associados descendentes de holandeses – que, já àquela época, haviam perdido o vínculo com a língua – quanto de associados de outras nacionalidades, incluindo aí os funcionários brasileiros, a Cooperativa Central (CCLP) lançou, em 1972, o *Jornalzinho*, publicação seguida pelo lançamento do *Jornal Batavo*, da Cooperativa Batavo, de periodicidade mensal, em 1975.

Hoje em dia, a cooperativa não tem mais nenhum envolvimento com a manutenção da língua holandesa na comunidade. Sua influência na colônia tem a ver com os benefícios de ordem estrutural que as cooperativas Batavo e CCLP trouxeram direta ou indiretamente, benefícios esses que implicam uma forma de coordenação da vida social de seus habitantes que, em conjunto com as atividades da Igreja, formam um quadro associativo envolvente em suas programações, a ponto de marginalizar os que não estiverem ligados a uma ou a outra (LUYTEN, 1979). As Cooperativas fazem parte da vida dos colonos em várias áreas de atuação: oferece-se desde assistência técnica e comercial até assistência médica e social. Tanto as colônias protestantes quanto as católicas prestam determinados serviços à população. Esses serviços fazem com que as atividades recreativas se operem dentro da própria colônia, como a manutenção de clubes de campo, clubes sociais e times esportivos. Para Saito (1973), devido às condições do meio rural brasileiro, o papel desempenhado pelas organizações cooperativistas tornou-se importante pelo fato de servir de elo unificador entre as regiões avançadas (desenvolvidas) e as atrasadas (subdesenvolvidas) que coexistem no país. A Batavo e a CCLP, por exemplo, ligaram diretamente o produtor do interior aos mercados modernos. Essa dualidade é válida não só no setor comercial, mas também no aspecto social, uma vez que:

Por meio da organização cooperativista pode-se mesmo neutralizar ou atenuar o desnível existente entre a cidade e o campo no que diz respeito à educação e às atividades recreativas. O mesmo pode ser observado em relação aos problemas de saúde pública (SAITO, 1973, p. 219).

Mas aos poucos, com o progresso chegando à zona rural, as cooperativas gradativamente deixam de administrar os serviços de utilidade pública de que se encarregavam. No entanto, a centralização de assistência médica, social e recreativa ainda se mantém, o que faz com que os colonos permaneçam dependentes da cooperativa de alguma forma.



Ilustração 16 – Cooperativa Batavo S. A. em Carambeí, atualmente

Fonte: Extraído de Batavo (2007).

É essa a principal razão por que se discute aqui a importância da cooperativa em relação à manutenção/não manutenção da língua holandesa em Carambeí: um sistema cooperativista muito forte pode retardar o processo de integração e assimilação cultural, situação observada em muitas colônias holandesas no Brasil (HACK, 1959; ABREU, 1971). Em Holambra I, por exemplo, que é uma colônia católica, a Cooperativa também exerce uma intervenção muito grande na vida dos colonos, oferecendo o mesmo sistema de assistência médico-hospitalar, educacional, de beneficiamento e comercialização da produção, além de promover atividades culturais e religiosas, o que permite que a comunidade desfrute de um ambiente sadio, mas também faz com que “as forças voltadas

para o processo de aculturação sofram um considerável retardamento” (ABREU, 1971, p. 66). Por outro lado, a colônia de Não-Me-Toque, no Rio Grande do Sul, oferece um tipo de estrutura que coloca à disposição dos colonos apenas uma quantidade limitada de serviços, o que faz com que muito freqüentemente os colonos tenham de recorrer à sociedade receptora para satisfazer suas necessidades. As famílias líderes de Holambra, descontentes com o antigo sistema da colônia (cooperativista extremado e com forte controle econômico), optaram a partir de 1953 por realizar suas atividades em moldes mais individualistas. Assim, em relação a outras colônias mais fechadas, Não-Me-Toque tem um contato mais intenso com a realidade brasileira, já que a ausência de um cooperativismo forte significa que os colonos têm que entrar em contato direto com os compradores de trigo e batata e, para obter crédito, precisam ir pessoalmente à agência do Banco do Brasil, em Carazinho (HACK, 1959, p. 63).

Já na colônia de Carambeí, se de um lado existe um sistema cooperativista forte intervindo na vida comunitária, por outro lado ele provoca mudanças de mentalidade em decorrência da grande expansão e necessidade de conquista de mercado em âmbito comercial, o que leva a colônia e os colonos a estabelecerem um contato cada vez mais estreito com a comunidade brasileira e a língua portuguesa.

4.3.1.2.3 A Escola em Carambeí

Carambeí sofreu a ausência do ensino sistemático oficial durante os primeiros vinte e cinco anos em que a Colônia ficou sem escola⁶⁹. Durante esse período, a educação dos colonos coube a um dos pioneiros, que também era diretor da Cooperativa. Somente por volta de 1936 (período que coincidiu com a política de nacionalização do ensino⁷⁰) é

⁶⁹ Da mesma forma que o fazem as colônias de imigrantes em geral, Carambeí manteve uma escola comunitária, cuja função era ‘preservar’ a educação das crianças imigrantes, por meio do conhecimento da língua e da cultura dos imigrantes. O estabelecimento dessas escolas só contribuiu para isolar os núcleos coloniais ainda mais da vida da nação. Mas até o começo do século passado, o meio rural brasileiro não tinha condições de oferecer ensino formal regular por duas razões: em primeiro lugar, devido às precárias condições econômicas das províncias sulinas; em segundo lugar, porque não havia um número suficiente de pessoas (especialmente professores) preparadas para realizar essas tarefas.

⁷⁰ Na década de 30, durante o governo de Getúlio Vargas, ocorreu o processo de Nacionalização do Ensino, que levou ao fechamento das escolas das colônias durante os anos de 1934 e 1935 e proibiu o ensino de língua

que a primeira professora brasileira chegou à Colônia, instituindo o sistema escolar em moldes nacionais, ou seja, em português.

Assim, a escola foi o meio mais eficiente na promoção da assimilação dos holandeses pela sociedade brasileira, pois atuou sobre os indivíduos, de modo a torná-los elementos mais ativos e participantes. No momento em que a escola trouxe novos subsídios e conhecimentos, estes passaram a atuar sobre as novas gerações, fazendo com que estas saíssem do isolamento cultural e se identificassem com a realidade brasileira, o que se contrapôs à mentalidade da antiga geração e criou situações de conflito. Dessa forma, pode-se dizer que a escola desempenhou um papel fundamental no processo de integração dos imigrantes.

Mesmo que a maioria dos colonos e seus filhos ainda falassem e entendessem o holandês era evidente que os jovens cada vez mais iriam usar a língua portuguesa. A razão principal disto era o fato de que o ensino era totalmente dado em português (KOOY, 1978, p. 254).

A primeira escola oficial da colônia (cujas aulas eram dadas em português, mas onde se ministravam aulas de holandês) chamava-se Carambeí-Pilatus. Era uma escola particular, que funcionava num pequeno galpão de madeira, em que havia apenas uma sala de aula, ocupada por carteiras simples e um armário. Em 1947, construiu-se um novo prédio para sediar esta escola, que havia se tornado pequena para acolher tantos alunos. Já em 1948, passaram a funcionar no novo prédio as cinco primeiras séries do Ensino Fundamental. Entre 1945 e 1963, também funcionou na colônia outra escola, de caráter multisseriado, denominada Escola de Pilatus, que era mantida pela Prefeitura. Em 1963, o governador do Estado do Paraná criou o Grupo Escolar Júlia Wanderley (que mais tarde passou a se chamar Colégio Estadual Júlia Wanderley – Ensino Fundamental e Médio), em que passaram a estudar tanto os alunos da Escola Carambeí – Pilatus como os da Escola Pilatus. As aulas eram dadas em português, mas também havia aulas de holandês para quem quisesse.

estrangeira como medida para evitar a formação de “quistos raciais” (LUYTEN, 1979, p. 66). Em pouco tempo, este dispositivo rompeu o isolamento dos grupos minoritários, já que as crianças da colônia foram obrigadas a frequentar escolas brasileiras, muitas vezes escolas localizadas na cidade.



Ilustração 17 – Réplica da primeira escola de Carambeí–Colônia, em exposição no museu Casa da Memória, em Carambeí/PR

Fonte: Acervo da autora.

Já a Escola Evangélica de Carambeí iniciou suas atividades em 1979, a princípio no prédio da Escola Júlia Wanderley. O novo prédio da escola, que foi construído com a contribuição da Associação Evangélica de Carambeí, ficou pronto em 1980, mas a escola só foi inaugurada em 1981. A escola iniciou com trezentos e cinquenta alunos, distribuídos entre o jardim de infância e a 8ª série do Ensino Fundamental. Hoje a escola tem duzentos e sessenta e nove alunos, dos quais cento e cinquenta e quatro são “holandeses”.



Ilustração 18 – Escola Evangélica de Carambeí

Fonte: Acervo da autora.

Portanto, a maior parte dos alunos matriculados na Escola Evangélica de Carambeí procede da colônia de Carambeí, mas a escola também recebe crianças que moram na Vila Nova Holanda e no Bairro do Boqueirão.

Na Escola Evangélica, ministram-se aulas de holandês (opcionais) desde o jardim de infância até a 8ª série. O jardim de infância tem aulas diárias de língua holandesa, os alunos da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental têm 3 aulas semanais e os da 5ª à 8ª série têm apenas 2 aulas semanais, não apenas de língua holandesa, mas também de cultura e história da Holanda. No caso desses últimos, freqüentar as aulas de língua, cultura e história holandesa implica não freqüentar as aulas de língua inglesa, uma vez que é determinação da escola que o aluno escolha estudar apenas uma língua estrangeira, ou inglês, ou holandês. Todas essas aulas são ministradas por um único professor, que é holandês, mas fala português.

Dessa maneira, a implantação do sistema educacional brasileiro na colônia de Carambeí promoveu, ao longo dos anos, uma maior integração entre os holandeses e a sociedade brasileira, o que, conseqüentemente, favoreceu os contatos interétnicos.

Por outro lado, a colônia católica de Holambra teve muitos problemas na transposição de um tipo de ensino para outro. Como a colonização holandesa de Holambra

se deu de forma planejada, os holandeses que se dirigiram a Holambra trouxeram consigo pastores e professoras.

Uma escola brasileira para seus filhos não estava entre os planos para uma vida nova. Julgando necessário aprender a língua do país adotivo apenas por motivos práticos, os imigrantes fundaram sua própria escola, organizada segundo padrões holandeses (PRETTO, 1953, p. 29).

No entanto, em 1950, o governo do estado de São Paulo instalou uma escola primária na colônia (PRETTO, 1953). Com a instalação da escola e a vinda de professoras brasileiras, as professoras holandesas foram bruscamente afastadas de suas funções, o que ocasionou muitos conflitos.

A escola pública brasileira, transferida sem mais nem menos para um núcleo colonial estrangeiro com o intuito de promover a aculturação dos filhos dos imigrantes, se revelou ineficiente, servindo, ao contrário, para acentuar conflitos culturais e torná-los conscientes. Isto devia fatalmente acontecer, pois a organização da escola brasileira, sobretudo demasiado rígida, não foi concebida com intuítos de nacionalização. Toda instituição tem sentido no meio social em que está integrada; transferi-la para meio diferente é atribuir-lhe objetivos para os quais não está munida, é subtrair-lhe a eficiência, que porventura seja capaz de desenvolver (PRETTO, 1953, p. 33).

Já em Carambeí, as dificuldades ocorreram em outra dimensão. A escola brasileira se estabeleceu na colônia sem substituir nenhuma outra instituição. No entanto, é claro que, inicialmente, a chegada da escola (com transporte de outra língua e cultura) causou preocupação aos colonos de Carambeí. Mas essa resistência inicial não impediu que a escola desempenhasse, em relação às gerações seguintes, um papel fundamental na adesão aos valores nacionais.

Definidos os usos lingüísticos do holandês e do português nos domínios públicos da Igreja, Cooperativa e escola, é possível definir o estatuto dessas línguas na comunidade “holandesa” de Carambeí.

4.4 DEFININDO O ESTATUTO DO PORTUGUÊS E DO HOLANDÊS

O repertório lingüístico da comunidade “holandesa” de Carambeí compõe-se das línguas holandesa e portuguesa. No entanto, a utilização de uma e de outra língua se distribui de acordo com o domínio em que se dá a interação. No domínio privado, por exemplo, predomina a língua holandesa, principalmente na interação entre idosos e adultos. Já a língua portuguesa é utilizada nas interações entre jovens e crianças ou com jovens e crianças.

No domínio público, observa-se o predomínio da língua portuguesa. No entanto, o fato de a Igreja Reformada promover cultos em língua holandesa (além de manter a publicação do boletim da Igreja em holandês) faz com que, no âmbito da igreja, a língua holandesa concorra com a língua portuguesa como língua preferencial nas interações verbais entre os membros da comunidade (especialmente os mais velhos). De forma menos intensa, também a Escola Evangélica incentiva o uso da língua holandesa, por meio das aulas de língua, história e cultura holandesa.

O quadro a seguir, resume o estatuto das línguas holandesa e portuguesa em Carambeí, conforme o domínio:

| Domínio privado | Língua(s) usada(s) |
|------------------------|--|
| Casa | Holandês e português, com predomínio da primeira |
| Domínio público | |
| Culto | Português e holandês, com predomínio da primeira |
| Cooperativa | Português |
| Escola | Português e holandês, com predomínio da primeira |

Quadro 14 – Estatuto das línguas holandesa e portuguesa em Carambeí

Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa.

Como se pode observar, a língua holandesa é falada em cada vez menos domínios públicos (e até mesmo nos privados) e está sendo aprendida por um número cada vez menor de crianças, ao passo que o português pouco a pouco está se tornando a única língua da comunidade, falado em praticamente todos os domínios públicos e privados da comunidade e aprendido por todas as crianças que são quase todas monolíngües em

português. Pressupõe-se que isso se dê em função das crenças e atitudes que os “holandeses” manifestam em relação ao português e ao holandês, uma vez que as atitudes em relação à língua estão entre os principais fatores que determinam quais línguas são aprendidas, quais são usadas e quais são preferidas pelos bilíngües (SIGUAN, 2001, p. 153). Em diferentes situações, o bilíngüe pode preferir a língua dominante, caso considere a sua primeira língua pouco popular. Além disso, é comum que bilíngües de língua de minoria manifestem atitudes de desrespeito em relação a sua primeira língua (MACKEY 1968, p. 567).

Por essa razão, se discutirão, no próximo capítulo, as crenças e atitudes lingüísticas que os “holandeses” manifestam em relação às línguas holandesa e portuguesa e a identidade dos “holandeses” de Carambéi.

CAPÍTULO 5

CRENÇAS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS E IDENTIDADE DOS “HOLANDESES” DE CARAMBEÍ

Neste capítulo, se analisarão as crenças e atitudes lingüísticas que a comunidade holandesa de Carambeí manifesta em relação às línguas portuguesa e holandesa, de modo a verificar como a comunidade avalia as línguas em questão. Além disso, também se analisará como os “holandeses” de Carambeí se vêem, em termos de identidade.

5.1 CRENÇAS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS

Os estudos sobre atitudes lingüísticas – que, a princípio, couberam à Psicologia Social – investigam as atitudes positivas ou negativas que os falantes manifestam sobre a sua própria fala e a de outras pessoas. Segundo Giles, Ryan *et al.* (1982, p. 7), estudos que analisam as atitudes lingüísticas de uma comunidade são importantes porque toda sociedade tem variedades de língua e de estilo que coexistem de forma competitiva e contrastante, variedades essas que podem envolver diferentes línguas ou apenas diferentes estilos de uma determinada língua. Todas as pessoas, quer falem uma ou mais línguas, pertencem pelo menos a uma comunidade de fala, de modo que as variedades de fala e as normas apropriadas a tais usos é que agregam tais indivíduos em uma comunidade. Assim, no âmbito da sociedade, as diferenças advindas de distintos grupos sociais encontram-se refletidas na variação da linguagem e nas atitudes dos indivíduos diante dessas variações (GILES, RYAN *et al.*, 1982, p. 7).

Dessa forma:

As atitudes lingüísticas e, portanto, as representações da língua fazem parte do objeto da sociolingüística, que estuda os sentimentos dos falantes a respeito de

fatos lingüísticos normatizados, ou de suas variedades, analisa as imagens recíprocas de línguas em contato e sua incidência sobre a evolução desse contato. Além disso, trata com propriedade as atitudes, preconceitos, estereótipos, ou seja, as representações sociolingüísticas, as quais são inseparáveis de uma lingüística de usos sociais em situações de consenso ou de conflito; analisa, portanto, as dinâmicas lingüísticas e sociais (PARCERO, 2007, p. 46).

Nesse sentido, a relação entre crenças e atitudes lingüísticas também é considerada uma das questões de base da Sociolingüística, uma vez que, segundo Rokeach (1968 *apud* DITTMAR, 1976, p. 181), as atitudes são primariamente constituídas por crenças. Para Fishbein (1965), enquanto as atitudes dizem respeito ao aspecto afetivo do sujeito em relação a determinado objeto, as crenças revelam a dimensão cognitiva e ativa desse mesmo sujeito em relação ao objeto.

Em outras palavras:

Crença seria uma convicção íntima, uma opinião que se adota com fé e certeza. [...] Já atitude seria uma disposição, propósito ou manifestação de intento ou propósito. Tomando atitude como manifestação, expressão de opinião ou sentimento, chega-se à conclusão de que nossas reações frente a determinadas pessoas, a determinadas situações, a determinadas coisas seriam atitudes que manifestariam nossas convicções íntimas, ou seja, as nossas crenças em relação a essas pessoas, situações ou coisas (SANTOS 1996, p. 8).

Para esclarecer melhor a natureza da relação entre crenças e atitudes, Santos (1996, p. 14) afirma que é possível que, diante de uma mesma manifestação de crença, dois indivíduos demonstrem atitudes opostas, daí a necessidade – num estudo como esse – de não se restringir a uma única manifestação de crenças.

É aconselhável, portanto, fazer o levantamento de um conjunto de crenças dos sujeitos, pois o componente ativo das crenças se refere, conforme Santos (1996, p. 11) “(...) a intenções de comportamento, ou seja, crenças sobre o que deve ser feito em relação ao objeto”. Se é possível fazer o levantamento de um conjunto das crenças dos “holandeses” sobre questões relativas às línguas holandesa e portuguesa, então é possível explicar melhor as atitudes dos “holandeses” em relação a essas línguas e o estatuto atribuído a elas pela comunidade.

Enfim, crenças e atitudes têm uma relação tão estreita que uma mudança nas crenças pode acarretar também mudanças nas atitudes e vice-versa. Segundo Santos (1996, p. 15), “várias pesquisas produziram evidências de que a atitude de um indivíduo pode ser mudada, se forem mudadas suas crenças sobre o objeto”.

No que diz respeito especificamente à noção de atitude lingüística adotada nesta pesquisa, considere-se que:

Ao lado da variedade lingüística existente numa comunidade, da manifestação concreta de falares diferenciados, há fenômenos de natureza social intrínsecos que afetam tanto lingüística como politicamente os comportamentos e as relações dos habitantes, interferindo muitas vezes na própria estrutura social. Nesta perspectiva, a atitude lingüística e a social complementam-se, ou melhor, fundem-se nas ações e reações dos indivíduos. As avaliações manifestas e encobertas, subjetivas e objetivas, mais ou menos conscientes, relativas à linguagem dos homens numa sociedade plural, têm a propriedade de fundar e governar tanto as relações de poder quanto o prestígio ou o desprestígio das formas lingüísticas, estabelecendo seletividades, evidenciando preconceitos (BISINOTO, 2000, p. 36).

Desse modo, as atitudes lingüísticas podem dizer muito sobre as relações sociais que se estabelecem entre os grupos, além de exercerem papel fundamental no processo de variação e mudança lingüística (AMANCIO, 2007, p. 45). Se os “holandeses” têm atitudes positivas em relação ao português e atitudes negativas em relação ao holandês, é possível que futuramente o português seja a única língua falada pela comunidade. A esse respeito, Fernández (1998, p. 179) afirma que⁷¹:

Una actitud favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente, que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra, que la enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera sea más eficaz, que ciertas variantes lingüísticas se confinen a los estilos cuidados. Una actitud desfavorable o negativa puede llevar al abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico.

⁷¹ Uma atitude favorável ou positiva pode fazer com que uma mudança lingüística se dê mais rapidamente, que predomine o uso de uma língua em detrimento de outra em certos contextos, que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais eficaz. Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e ao esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variante ou de uma mudança lingüística (FERNÁNDEZ, 1998, p. 179, tradução nossa).

Por outro lado, numa situação de bilingüismo, como a que analisamos, as atitudes lingüísticas passam a ser entendidas como as reações do sujeito bilíngüe diante da situação das línguas que conhece e diante das normas que regulam seu uso (SIGUAN, 2001, p. 153). Para Siguan (2001, p. 153), dois fatores levam um bilíngüe a escolher entre uma língua ou outra para usar em determinadas situações: por um lado está o conhecimento das duas línguas, suas atitudes em relação a elas, seu nível de identificação e seu desejo de utilizá-las; por outro, estão os fatores sociais, as normas que regulam o uso de uma ou de outra língua em distintas situações públicas ou privadas. Portanto, as atitudes em relação à língua estão entre os principais fatores para esclarecer quais línguas são aprendidas, quais são usadas e quais são preferidas pelos bilíngües.

Nesse sentido, as atitudes podem determinar o comportamento dos indivíduos que falam duas línguas (MACKEY, 1968, p. 567). Para Mackey (1968, p. 567), “a atitude de um bilíngüe com relação às duas línguas e com as pessoas que as falam influenciará o seu comportamento em áreas de contato diferentes nas quais cada língua é usada”. Em diferentes situações, ele pode se sentir constrangido devido a sua pronúncia ou pode preferir outra língua, caso considere a sua primeira língua pouco popular. Além disso, bilíngües de língua de minoria podem manter atitudes de desrespeito em relação a sua primeira língua.

Assim, a relação entre comportamento lingüístico e sociedade, para Labov (1976), se dá porque o modo de falar provoca atitudes de prestígio e estigma lingüísticos, posto que o uso da língua é associado à classe social do falante. Para o autor (1977, p. 251), “if a certain group of speakers uses a particular variant, then the social values attributed to that group will be transferred to that variant”⁷². Holmes (2001, p. 343) também afirma que “people generally do not hold opinions about languages in a vacuum. They develop attitudes towards languages which reflect their views about those who speak the languages, and the context and functions with which they are associated”⁷³. Isso quer dizer que as atitudes ou posicionamentos em relação à língua refletem as atitudes ou posicionamentos em relação aos usuários daquelas línguas (GROSJEAN, 1982, p. 120).

⁷² “Se um certo grupo de falantes usa uma variante em particular, então o valor social que se atribui a este grupo será transferido para esta variante” (LABOV, 1977, p. 251, tradução nossa).

⁷³ “As pessoas geralmente não elaboram suas opiniões sobre línguas no vácuo. Elas desenvolvem atitudes [...] que refletem suas opiniões sobre aqueles que falam as línguas” (HOLMES, 2001, p. 343, tradução nossa).

Esse fenômeno pôde ser comprovado por Labov (1974), em seus estudos sobre o inglês de Nova Iorque. Neste trabalho, Labov (1974, p. 50) observou que o inglês nova-iorquino tem basicamente duas variantes: a variante em que o /r/ é pronunciado, que goza de prestígio social; e a variante em que não se pronuncia o /r/, que é estigmatizada. Conseqüentemente, gozam de prestígio social as pessoas que usam a primeira variante e são estigmatizadas as que usam a segunda. Em relação ao uso dessas variantes, Labov (1974, p. 50) afirma ainda que este é determinado por um padrão (*pattern*) de normas sociais e estilísticas e há uma influência contínua e mensurável de fatores sociais sobre a mudança lingüística, porque a maior parte dos informantes pode identificar traços das variantes de pouco prestígio na fala dos outros e desclassificar o falante que usa formas não *standard*.

Em contrapartida, existem comunidades que utilizam uma variedade lingüística estigmatizada com o objetivo de demarcar seu espaço, sua identidade cultural e seu perfil de comunidade e de grupo social distinto. Isto é, a “língua pode ser encarada como um sistema de integração de valores” (LABOV, 1974, p. 70). É o que acontece, por exemplo, no caso de operários que preferem utilizar o vernáculo da classe operária porque não sentem desejo de se identificar com os empregados do escritório da classe média.

No entanto, nem sempre o indivíduo tem força para reagir às pressões sociais, já que a diferença lingüística revela aos falantes e aos ouvintes a diferença social. Por essa razão, é muito comum, por exemplo, que crianças sejam objeto de crítica quando se desviam das formas válidas de falar ou oficialmente instituídas.

Para Haugen (1973, p. 83-84), somente quando crescem as crianças percebem que os desvios de linguagem também indicam distância social. Quando se tornam adolescentes, descobrem a diferença entre classe superior e inferior e o significado de pertencer a este ou àquele lado. Como adultos, assimilam essas normas de tal modo que automaticamente registram não que a fala de alguém é diferente, mas sim que essa pessoa é vulgar, convencida ou estrangeira, comportando-se em relação a ela de acordo com essas identificações.

O autor também destaca que as correlações entre língua e indivíduo não acontecem apenas entre estratos sociais, mas também entre grupos étnicos e “as raças e as línguas foram confundidas para detrimento de ambas, levando a um tipo de racismo

lingüístico” (HAUGEN, 1973, p. 83-84).

Uma vez que a língua identifica o grupo, para Grosjean (1982, p. 117-118), a língua funciona tanto como instrumento de comunicação, quanto como símbolo de identidade de grupo e, por isso, é acompanhada de atitudes e valores, que são possuídos pelos usuários e também por pessoas que não sabem usar a língua. Os juízos de valor que avaliam uma língua como linda, eficiente, rica etc., freqüentemente são estendidos aos usuários daquela língua. Em comunidades em que coexistem diferentes grupos lingüísticos, atitudes de predileção e desestima em relação às línguas desempenham um papel importante na vida dos usuários dessas línguas.

Porém, esses julgamentos baseiam-se em estereótipos⁷⁴ intergrupais, que muitas vezes se devem à falta (total ou parcial) de contato real com falantes desse grupo cultural. Como no caso dos “holandeses” de Carambeí, que se mantiveram isolados por quase meio século. Dessa maneira, as atitudes dos ouvintes são influenciadas por esses estereótipos associados aos falantes desse grupo em termos das atribuições pessoais. Nesse sentido, ao ouvir essa língua, o ouvinte reagiria avaliando subjetivamente o falante, a partir de traços da personalidade, que refletem as características estereotipadas – que não se fundamentam na realidade observável – ou percepções do grupo a que o falante pertence. Um dos problemas dessas atitudes é que o comportamento negativo em relação às línguas origina-se dentro do grupo dominante, mas lentamente é adotado pelo grupo de minoria, que, em determinado momento, se convence de que está falando uma língua inferior.

Os estudos de Lambert⁷⁵ (1960) revelaram a existência desse tipo de comportamento quando sua pesquisa sobre atitudes lingüísticas apontou sentimentos de inferioridade do grupo franco-canadense em relação ao grupo inglês. O grupo inglês (o

⁷⁴ “Formas lingüísticas socialmente marcadas, etiquetadas de maneira ostensiva pela sociedade. Ou seja, são formas que recebem forte estigmatização, cada vez mais estranhas aos grupos que as censuram. São, pois, variantes que constituem patrimônio de um grupo específico e sobre as quais atuam atitudes e crenças” (MONTEIRO, 2000, p. 66).

⁷⁵ Segundo Amâncio (2007, p. 46-47), Wallace Lambert ficou conhecido pelo desenvolvimento do método *matched-guise*, na década de sessenta. Tal técnica utiliza leituras de textos realizadas por falantes bilíngües em cada uma das línguas que se pretende estudar; estas leituras são gravadas e mais tarde avaliadas pelos “juízes” sem que eles saibam que se trata de um mesmo falante. Após a audição das fitas, os juízes devem atribuir certas características aos falantes que acabam de ser ouvidos na gravação, tomando como base uma lista de adjetivos ‘polares’, como “bom – ruim”, “simpático – antipático”, “agradável – desagradável”, “bem-sucedido – mal-sucedido” e assim por diante.

grupo majoritário) atribuiu mais juízos de valor positivos à língua inglesa e mais juízos de valor negativos à língua francesa, prestigiando o próprio sistema lingüístico. Contraditoriamente, os francófonos (grupo minoritário) também atribuíram mais juízos de valor negativo à língua francesa e avaliaram mais positivamente a língua inglesa.

As conseqüências de atitudes negativas em relação às próprias línguas maternas podem ser bastante graves. De acordo com Grosjean (1982, p. 123), muitos pais ajudam os filhos a aprender somente a língua “correta” para não serem estigmatizados mais tarde e para progredirem socialmente. Isso foi relatado com muita freqüência em Carambeí. Rubin (1968) constatou a mesma realidade em seus estudos, realizados no Paraguai. Estes estudos mostraram que muitos pais se esforçavam em falar com seus filhos somente a língua oficial do país (no caso, o espanhol), para que estes se tornassem fluentes naquele idioma, atitude que ameaçou fortemente a condição de país bilíngüe do Paraguai. Assim, como as atitudes negativas ou positivas em relação à própria língua podem ter efeitos nocivos profundos (GROSJEAN, 1982, p. 123), falantes de línguas estigmatizadas podem, por exemplo, sentirem-se inseguros tanto em relação à língua materna como em relação à língua dominante, pois se sentem pouco competentes em ambas as línguas e podem se recusar a usar a língua estigmatizada em público. Crianças podem ver os falantes do sistema lingüístico estigmatizado como seres inferiores e recusar-se a falar essa língua com os próprios parentes, como no caso das crianças “holandesas” de Carambeí, que falam somente holandês antes de ir para a escola e simplesmente recusam-se a falar holandês depois que aprendem a falar português. Em conseqüência disso, poderão se tornar pessoas sem raízes e alienadas de seu grupo nativo, experimentando a solidão em relação ao próprio grupo social (TOSCAN, 2005, p. 64).

Também é comum que em muitas sociedades se travem duelos entre grupos lingüísticos a fim de se estabelecer qual variedade de fala deva ser mais valorizada. Em seus estudos realizados em Michigan (EUA), Preston (2002, p. 40-66) observou que os falantes do Norte consideram-se lingüisticamente superiores aos do Sul, porque entendem que a própria fala enquadra-se no grupo de fator “padrão”, o fator lingüisticamente “correto”. Em contrapartida, falantes do Sul valorizam menos o fator “correto” e valorizam mais uma forma de fala que seja “agradável”. Para o autor, essas atitudes são importantes no sentido

de se perceber que há quem acredite que a verdadeira língua é aquela governada por regras institucionalizadas, enquanto outros valorizam mais uma língua que traduza sentimentos como afeição ou agradabilidade.

Por essa razão, Hudson (1980, p. 218) considera que uma sociedade parece funcionar melhor quando se sente orgulhosa de ser o que é. Dessa forma, a avaliação da própria língua pelos usuários torna-se importante, pois esses julgamentos estão intimamente ligados à avaliação de si mesmos. Os falantes deveriam apreciar a própria língua porque avaliam positivamente a comunidade à qual pertencem. Ratificando, Haugen (1973, p. 87) afirma que “a língua faz parte da personalidade de alguém e é uma forma de conduta que tem suas raízes nas nossas experiências mais antigas”.

Enfim, em interações sociais, a forma de fala é um indício de informações sociais e, mesmo que, em si, não seja nem boa e nem ruim, é objeto de avaliação. Nesse sentido, se analisarão, na seqüência, as crenças e atitudes lingüísticas que os “holandeses” de Carambeí manifestam em relação às línguas portuguesa e holandesa.

5.1.1 Crenças e atitudes dos “holandeses” de Carambeí em relação às línguas portuguesa e holandesa

Os dados obtidos a respeito das crenças e atitudes lingüísticas da comunidade de “holandeses” de Carambeí serão apresentados a seguir por grupo de informantes.

Grupo 1M

Quanto à língua holandesa:

O Grupo 1M manifesta uma atitude positiva em relação à língua holandesa como língua que se fala em casa, com a família, e na Igreja. Afirma que a língua holandesa era falada por todos, inclusive por muitos “brasileiros”.

Aqui na colônia, a família Ramos, por exemplo, todo holandês [todos falavam holandês]. Morava aqui na colônia e todos falavam holandês, então eles aprenderam falar holandês também. Quando nós éramos crianças, sabe? Tinha

duas, três famílias de brasileiros que moravam [aqui]. Ramiro fala até hoje holandês⁷⁶ (HS).

Para muitos, o holandês é considerada uma língua mais “fácil” e “adequada” do que a língua portuguesa, principalmente quando se discutem assuntos domésticos ou religiosos.

Eu não tenho coragem de fazer orações em português. Só em holandês. É a língua de mamãe (HS).

Pra falar em casa tem que ser em holandês (JG).

Alguns lamentam o fato de não falarem mais holandês com tanta frequência, mas a maioria mostra-se conformada com essa situação que, segundo eles, era inevitável, uma vez que moram no Brasil.

Esse grupo é o único que ainda faz um esforço mínimo para que língua holandesa permaneça viva na comunidade, seja por meio da realização de eventos (como a 1ª Festa do Imigrante), ou por meio da publicação da revista *Regenboog*, em holandês. No entanto, a pedidos, essa revista está, aos poucos, deixando de ser escrita somente em holandês.

Nós temos uma revista em holandês. Chama *Regenboog*. Traduzindo, o “arco-íris”, né? Eu escrevo, nos últimos tempos, agora que eu to mais aposentado. Sempre escrevo uns artigos. Até pra mim é bom, porque eu treino o meu holandês de novo. Dessa revista que sai, de vez em quando eu participo de umas reuniões. [E] eles tão muito preocupados em como fazer. Nós começamos no ano passado a colocar alguns artigos em português pra ver a reação, né? E a reação foi boa, né? Até os holandeses leram. Vamos ver [como] gradativamente [vai] passar, né? Um pouquinho em português, mais em português. Chega no meio a meio. Talvez, futuramente, continuar com essa revista, só mudar de nome. Em vez de *Regenboog*, em holandês, jogar pra “Arco-Íris”, né? E passar pro português. É uma revista que circula nas cinco, seis comunidades holandesas do Brasil, e é bem lida, né? (DG)

Muitos elementos desse grupo voltaram a ter mais contato com a língua holandesa falada depois que assinaram um canal de TV holandês que passou a ser

⁷⁶ Não é possível afirmar qual é o grau exato dessa competência. Segundo o informante HS, o vizinho Ramiro holandês “fala muito bem”.

transmitido por uma empresa de TV a cabo da cidade. Segundo o filho de um casal holandês idoso, que instalou a antena para os pais, somente depois de assinar o canal é que ele (filho) percebeu “o quanto a língua holandesa era importante para os pais”.

Todo mundo comprou antena especial pra pegar canal holandês. [Os pais diziam:] “Pra nós não precisa, nós estamos integrados aqui, nós não precisamos, não precisamos, não precisamos” [do canal holandês] e ela [a mãe] enchia: “é muito caro”. 800 dólares”, sabe? Essas conversarada, piada pra boi dormir. Era minha visão, mas eles insistindo, então, no fim você acaba acreditando. Daí um dia, um amigo do meu pai e minha mãe, muito amigo deles, chegou no meu escritório e falou, “se quiser [dar] presente de aniversário de casamento pro seus pais”, o holandês tem essa mania de comemorar, né, aniversário de casamento [assine o canal holandês] [eu falei:] “nossa, muito obrigado pela dica”. Eu escrevi pra minha irmã de e-mail na Holanda: “me deram essa dica, você paga a metade?” “Pago, ué”. Você não acredita, pior que criança, os dois véio. Você entra lá, você tem que ficar quieto. E antes, quando não tinha o holandês, o meu filho tava assistindo lá uma corrida de carro ou futebol, [os pais diziam] “desliga essa porcária, só ta fazendo barulho, desligue”, sabe? Agora que é o inverso, [eles dizem] “só mais um pouquinho, só quero ver isso”, sabe? (AF)

Neste grupo, é comum que o casal fale somente holandês entre si e, por essa razão, muitos dizem não entender por que os filhos, casados com “holandeses”, só falam português entre si.

Os dois são descendentes de holandeses [mas] eles só falam português entre eles, né? Nós, nós falamos holandês entre a gente. Mas eles também fizeram um trato. “Com nossos filhos nós só vamos falar holandês” e o menininho ta falando (DG).

Segundo o grupo, os filhos falam muito mal holandês, talvez “por isso falem com tão pouca frequência” ou mesmo falam mal “porque falam com pouca frequência”. “Uma coisa puxa a outra”, dizem.

Eles tão traduzindo português pro holandês. Sai um holandês muito esquisito (HS).

Ela já tem muitas dificuldades com holandês, ela traduz mesmo português e holandês (HS).

Alguns membros do grupo atribuem a substituição do holandês pelo português ao contato com a escola, onde só se fala português.

[O] mais velho foi para a escola e aprendeu português lá na escola. Mas aprendendo lá ele começou falar português em casa e lógico que assim os mais novos aprenderam português pouco em casa, né? (HS)

E no início tinha programa português e de tarde tem holandês, na escola. Porque durante parte do dia, os alunos também tinham aula holandês. Eu só dei aulas de holandês pra eles, mas agora é longe disso. Ah, mudou, isso mudou completamente, do holandês para o português (HS).

Pois é muito freqüente, segundo o grupo, que as crianças, enquanto estão apenas em casa, falem somente holandês, passando a falar português (e a “abandonar” o holandês) quando começam a freqüentar a escola.

Ele [o neto] só fala holandês em casa. Mas a partir do momento, daqui um ano, dois anos, quando ele vai pro jardim, aí em dois, três meses, ele muda, ele ensina fácil. Isso aqui é tão rápido, né? Em dois ou três meses eles falam português e não querem mais falar holandês. Isso que é interessante. Uma vez que eles aprendem o português, daí eles falam. Mas é interessante que, no que eles souberem, conseguirem falar em português, eles nem com os pais falam holandês. É uma regra, praticamente (DG).

O grupo também considera que a Igreja Reformada tem sua parcela de “responsabilidade” no desuso da língua holandesa, uma vez que passou a oferecer cultos em português simultaneamente aos cultos em holandês.

Mas no mesmo tempo quando tem culto holandês na Igreja, tem estudo bíblico para quem fala português. Com pastor brasileiro. Nós temos um pastor brasileiro também, da Igreja Luterana. Estudo bíblico. Acontece na mesma hora, atrás da Igreja (HS).

Enfim, há quem acredite que não se aprende mais holandês na comunidade por “pura falta de interesse”, uma vez que muitos jovens falam inglês fluentemente. Ou seja, não há uma “dificuldade em aprender línguas estrangeiras em si” e sim um desinteresse generalizado pela língua holandesa.

Mas elas [as netas] não se interessam de falar holandês. Entendem bem, porque elas realmente [são] muito dedicadas e tentaram aprender. Mas só que o inglês, por exemplo, todas as três falam, né? (DG)

Quanto à língua portuguesa:

O grupo considera importante aprender a língua portuguesa, porque esta é a língua “do mundo fora da Colônia”. Por essa razão, orgulha-se de que seus filhos “façam bem” português, o que, segundo ele, é a garantia de sucesso dentro e fora da comunidade. Aprender a língua portuguesa significa não ser discriminado, pois o português é a língua das pessoas “estudadas”.

Portanto, o grupo manifesta uma atitude positiva em relação à língua portuguesa. Na perspectiva desse grupo, a língua portuguesa é sinônimo de promoção social e respeitabilidade.

Como traço geral do comportamento lingüístico do grupo, é possível apontar que, em seu comportamento bilíngüe, os domínios do holandês e do português são bem definidos. Em outras palavras, a língua holandesa é a língua do domínio privado e da Igreja e o português é a língua do domínio público onde se estabelecem as relações extra-comunitárias.

Em termos gerais, muitos consideram a língua portuguesa “difícil”, mas “bonita”, “que soa bem”, “suave”.

O brasileiro é muito bonito. Gosto de escutar português (JG).

Português tem palavras como “liquidificador” e “Jaguariaíva”, que dobra língua. “Excelentíssimo senhor”. São “quebra-línguas”, mas aprendi. Repete várias vezes, né? (HS)

Mas entre os que defendem que é importante aprender português, há também os que afirmam que seria bom se o bilingüismo português/holandês fosse incentivado entre os descendentes de holandeses.

Essa geração ensinou holandês como língua materna aos filhos sem se preocupar com questões como sotaque (“o sotaque holandês no português”). Muitos, inclusive, deixaram a cargo da escola a tarefa de ensinar português aos filhos.

[Havia] professoras que gostaram que eles aprenderam português na escola porque o português que eles, os colonos, falaram neste tempo era português de caboclo. “Nóis” e “barde”, este português⁷⁷ (HS).

Grupo 1F

Quanto à língua holandesa:

Segundo o Grupo 1F, seria muito bom que se continuasse falando holandês na comunidade, porque a manutenção da língua ajudaria na conservação dos valores da tradição da família “holandesa”. No entanto, assim como os idosos, as idosas também se mostraram conformadas com o fato de os jovens não se interessarem mais em aprender holandês.

Mesmo os mais velhos, que, segundo o grupo, são os que têm mais interesse em falar holandês, parecem “não ter mais tempo para isso”.

Uma vez no mês [há] um reunião, dos velhinhos, mas dos holandeses. Desses pra lá de 60 anos ou 65 ou alguém que está sozinho [viúvo]. Daí eu vou também. A gente toma uma chá, um café, o que quiser. Daí alguém lê um trecho, bonitinho, assim curtinho, um trecho santo, né? Daí pergunta se querem mais café, daí fazemos joguinhos. De três até quatro [horas] é café e comer. De quatro pra cinco horas é joguinho. Cinco horas termina e todo mundo vai embora. É na última quinta feira do mês. Do lado da igreja reformada. Também pode entrar qualquer, nem que fosse católica. É a tarde que falam holandês. É pouco, mas também cada um tem seus compromissos (JLG).

Para o grupo, a língua holandesa é “delicada”, “maternal”. É a língua da relação entre mãe e filho.

Com bebê, só fala holandês. Não dá pra falar com bebê em português (WCGE).

Falo holandês com os filhos, mas principalmente com minha filha. Ela mora em São Paulo. Eu sempre falo quase holandês com ela. Com meu filho mais velho também. Tem mais costume (WGG).

Todas se comunicam com os filhos (e principalmente com as filhas!) em holandês e muitas até exigem que filhos e filhas respondam em holandês, não admitindo sequer que os filhos possam ter dificuldades em falar o idioma.

⁷⁷ O informante parece considerar que a diferença que existe entre “nós” e “nóis” é a mesma que se estabelece entre “balde” e “barde”. Vale ressaltar que o informante é professor aposentado.

Por isso que eu brigava sempre com as filhas. Puxa vida, eu consegui [aprender] três [línguas], porque vocês não conseguem duas? (HLV).

Por essa razão há quem defenda a importância da aprendizagem “funcional” da língua holandesa, uma vez que não é raro que seus filhos e netos vão estudar ou mesmo morar definitivamente na Holanda.

Por que não aprender holandês? A gente nunca sabe o dia de amanhã. Por isso que eu achei Anne esquisita. Annike, quando foi pra Holanda, filhos nenhuma sabia nenhuma palavra em holandês. Cabou foi pra Holanda. (WGG)

Muitas defendem que a língua holandesa seja a língua usada por pessoas menos estudadas.

[Os filhos] estudaram tudo na faculdade [e] holandês ficou do lado. Mas eu to feliz. Eu to gostando muito do meu Carambeí (JLG).

Mas parte do grupo se orgulha de ser bilíngüe e entende que a situação de bilingüismo é sinônimo de inteligência e cultura.

Nós não tivemos um ensino tão elevado, né? Antigamente. Mas pelo menos falava mais de uma língua, né? (HLV)

O grupo afirma sentir-se à vontade quando fala holandês, é a língua que prefere falar, mas afirma ter dificuldades em escrevê-la, acha “muito difícil”.

Escrevo [em holandês], mas não sem falhas. Eu tenho parente na Holanda. Então, sempre comunica (JLG).

Quanto à língua portuguesa:

O grupo manifesta uma atitude extremamente positiva em relação ao português. Para ele, o domínio da língua portuguesa é sinônimo de que a pessoa teve mais estudos e de que, portanto, terá melhores oportunidades na vida fora da colônia.

Muitas informantes, de certa forma, afirmam se arrepender de não ter aprendido a falar português “melhor” e então esforçam-se em falar português em todos os momentos, inclusive na igreja, o lugar em que é mais difícil falar português, segundo o grupo.

Eu to numa outra igreja, [onde] eu só escuto português então [estou] satisfeita. Só que eu lia muito a bíblia holandês e orava em holandês, né? Porque a gente pensa em holandês. Aí eu fiz o costume de parar com isso e vou agora ler bíblia em português. Mas de noite lá no travesseiro eu pego holandês ainda, interessante, né? A gente tá tão acostumado... Oração faço em português, mas não é tão bem. Falar com Deus também não faz mal em português, né? Porque ele entende tudo, né? Eu sempre fiz em holandês e eu falo agora em português pra Ele. Ontem nós fizemo oração lá. [Eu] não tava assim pensando muito em português, mas aí fez, eu acho (WGG).

É comum ao grupo a crença de que a língua portuguesa é língua de “gente estudada”.

Porque eles [os filhos] tudo estudaram, hoje em dia, até a universidade. Então falam correto, português corretamente agora (JLG).

Ela, ela [a filha] fez a faculdade aqui e aí ela foi pra lá. Daí ela fala bem o português. Ela estudou agronomia (TS).

Ou seja, “fala melhor português quem estudou mais”. E “falar português melhor” parece significar apenas “falar sem sotaque holandês”.

Ele [o marido] falava muito bem português, sem sotaque. Eu acho até que ele teve mais estudos, né? (WGG).

Assim como os idosos, as “holandesas” também consideram que a língua portuguesa é “muito bonita”, que “soa bem aos ouvidos”.

Português tem umas palavras bem bonitos (WGG).

Além disso, segundo depoimento de uma senhora, o português é uma língua “melhor para xingar” do que o holandês, porque tem “palavrões mais eficientes”.

É melhor xingar em português do que em holandês. O português tem palavrões bem bons. Em holandês, [xingar] não é a mesma coisa (TS).

Grupo 2M

Quanto à língua holandesa:

O grupo afirma ter aprendido primeiro a falar holandês, em casa, com os pais.

Meu pai é holandês. Eles falavam em holandês comigo, só holandês. Depois que fomos pra escola, mais português (WD).

E há quem ainda fale holandês com parentes da mesma faixa etária.

[Com] um conchudo que é da minha idade, acontece da gente falar holandês, mas é muito difícil, normalmente. Aqui em casa o que leva a gente a falar holandês é tentar deixar os filhos aprender. Agora, na rua, ou em algum lugar assim, dificilmente a gente fala holandês. Só português (BD 2M).

No entanto, atualmente, segundo os homens adultos da comunidade, a língua holandesa é uma língua “inútil”, “que não serve para nada”, a não ser para ser usada em interações com os idosos da família.

Pra esse mundo, holandês, aqui, não serve pra nada. Infelizmente, infelizmente. Pra ser bem profissional, pra que que serve holandês, hoje, nessa região? Porque fora de Carambeí, ta em Ponta Grossa já não serve. Noventa por cento da comunidade aqui não fala holandês. Serve pra quê? Só pros avós. Satisfazer tua mãe (AF).

Mas alguns membros do grupo consideram que têm verdadeira obrigação de falar bem holandês, que devem isso aos pais, que, por sua vez, não têm culpa de não saber português.

Eu converso bastante holandês com minha mãe. Agora, falar português... Ela até tentou, aos 80 anos, fazer um curso. É, de aula de português, pra aprender a ler. Mas não é nem justo. Minha mãe entende um pouco de português, mas ela veio em quarenta e oito pra cá, então... (BD 2M)

Por outro lado, apesar de parte do grupo achar que tem “obrigação” de saber holandês para se comunicar com os parentes idosos, a opinião não é a mesma quando se trata de seus filhos. Muitos informantes relataram que atualmente é comum, numa família que descende de holandeses, que os avós falem holandês (e às vezes apenas essa língua) e os netos falem somente português, o que impossibilita que a relação entre eles se dê sem a intervenção (como tradutor/intérprete!) do filho/pai. O mais comum, nesses casos, é que não haja qualquer tipo de interação entre avós e netos, o que, segundo depoimentos, não é um grande problema. A questão é colocada da seguinte maneira: para que submeter os filhos à aprendizagem de uma língua “inútil”, como o holandês, por causa do avô ou avó que só fala holandês, se estes logo morrerão? Na opinião dos informantes, seria fazer com que as crianças se sacrificassem por nada, sem receber nada de bom como compensação. Se for importante aprender uma língua estrangeira, que se aprenda inglês, que, essa sim, é uma língua que “serve para alguma coisa”.

Com os filhos, nós não falamos [holandês]. Pra quê? Pra falar com a vó? Sinceramente? A minha mãe já é velha, logo vai morrer. E como é que fica? É melhor aprender inglês (WD).

Pode-se dizer que este último depoimento representa um nível de rejeição à língua holandesa⁷⁸ tão grande que parece que há quem torça para que esse grande “problema” (falar holandês, ser “holandês” etc.) acabe logo, o que implica querer que a geração que ainda causa o problema – a dos monolíngües em holandês – desapareça. A princípio, nada leva a pensar que essas pessoas tragam dentro de si tanta mágoa e ressentimento, posto que há uma fala pública, por parte delas, sobre a existência de unidade e integração entre “brasileiros” e “holandeses”⁷⁹. Pressupõe-se que haja, então, um grande

⁷⁸ E à condição de “ser holandês”, o que não significa necessariamente desejar ser “brasileiro”. Essas questões serão melhor discutidas no item 5.2, a seguir.

⁷⁹ Aliás, há uma fala sobre a não existência dessa distinção. Mas há inúmeros trechos de entrevistas que contradizem essa fala pública. Essa questão também será abordada no item 5.2.

descompasso entre o que os “holandeses” dizem e o que pensam de fato, que parece ser fruto de um grande trauma sobre o qual não se fala⁸⁰.

Por essa razão, a maioria considera que a língua holandesa já teve o seu auge e prevê (ou deseja?) que em pouco tempo o holandês não será mais falado na comunidade.

Então no início era só holandês. Daí já começou misturar um pouco. Então com o tempo aqui vai virar tudo brasileiro. Tudo a língua portuguesa. Uma pena. Eu acho uma pena, mas não tem curso de holandês. Na escola tem, mas não adianta muito. As crianças não aprendem aquilo ali. Daí saem dessa escola, [na] rua vira português. Não adianta, né? Se tivesse um tipo de intercâmbio entre as colônias holandesas e a Holanda... (BD 2M)

Prova de que essa mudança se está operando é o fato de que muitos membros do grupo, no início de sua vida de casado, só falavam em holandês à esposa e aos filhos, situação que mudou com o passar do tempo.

No início de casado nós só falávamos holandês dentro de casa e daí com o tempo foi se perdendo, né? (BD 2M)

Segundo alguns, é bom que essa mudança se dê rapidamente, pois essa “experiência de colônia fechada já durou tempo demais”.

O holandês foi bom enquanto durou, já serviu. Inclusive a gente tem muita experiência [com] um pessoal do Canadá. Eu sempre comparo com Canadá. No Canadá, eles não tiveram essa experiência de colônia e tudo. Lá eles se integraram direto, e os mais idosos e todo mundo, inglês, inglês, inglês. Igreja, inglês. Escola, inglês. Tudo inglês (AF).

Parte do grupo ainda mantém uma fala pública de que “tentou” ensinar holandês aos filhos, mas que não obteve sucesso, “porque na rua se falava português e na escola se falava português”.

Era uma meta nossa deixar ele aprender holandês. A idéia era fazer isso com os três filhos (BD 2M).

⁸⁰ Nesta tese são citados trechos de entrevistas que revelam que alguns “holandeses” sentiam-se/sentem-se “traumatizados” por serem identificados como tal e por serem ridicularizados em função de seu “sotaque forte”.

Mas a maioria insiste na idéia de que “saber holandês não serve para nada”, mesmo que seus filhos saibam. Nesses casos, é comum afirmarem que “os filhos falam holandês não por minha **culpa**, mas por causa dos avós”. Não é mérito dos avós, mas culpa. E culpa dos pais também, porque permitiram que os avós ensinassem holandês aos netos.

Meus três filhos falam holandês não por causa de mim, nem por causa da minha esposa. Falam por causa dos meus pais. Meus filhos saíam de casa falando português, dentro do carro. Pisavam dentro da casa da mãe, elas começavam falando holandês porque sabiam que o vô e a vô não falaram português. Então eles começavam a falar em holandês. E hoje o mais velho até o dialeto dos meus pais, que é Groningen, ele fala e ele entende. Mas também isso foi culpa nossa, porque ser primeiro neto, ficava na casa dos avós, né? A vô adorava. Chegava em casa, falava português e na casa dos meus pais, em holandês. E incrível! Eles têm 24 e 22 anos e hoje ainda eles entram na casa e falam holandês. Parece que a porta é que inventou essa mudada (AF).

Se pudessem escolher (ou mudar o que houve?), esses pais “tinham ensinado aos filhos inglês” e não holandês.

Eu aconselho todo mundo que tem os filhos [fazer com que eles aprendam inglês]. Que vai vim que nem o *tsunami* veio. Vai nos atropelar aqui nesse país, porque tá cada vez pior, né? Eu vejo na Internet com meus filhos. Às vezes um site lá, que você precisa entrar, é só em inglês. Já não tem mais em português. É emprego, inglês fluente. Primeira coisa que eles põem ali: “inglês fluente”. Meu filho já deixou de ter um emprego melhor por falta daquele inglês fluente. Se fosse holandês fluente, ele tava contratado, então. Não, eu acho que o, o holandês foi bom enquanto durou, mas agora já serviu (AF).

Em termos gramaticais, os informantes julgam que o holandês é uma língua “difícil”, porque é muito diferente do português (é o “oposto!”), o que ocasiona insegurança na hora de falar. Os “holandeses” falam com muita frequência que têm medo de falar holandês “errado” e que “acham” que não falam holandês bem.

O meu vocabulário muito pequeno. Como é que vou dizer... As palavras, porque a gente sabe o carambiano, aqui, vamos dizer. A gente até fala, né? Aqui em Carambeí a gente fala o carambiano. O holandês aqui é carambiano, né? São palavras mais usadas. Só que quando vêm os holandeses, que eu converso com eles, muitas vezes eu tenho que perguntar: “pode repetir?” ou “que palavras, o que que é essa palavras que falou”? Então, eu, pra contar sobre a história de

Carambeí lá na, no museu, muitas vezes eu tenho que pedir ajuda até dos próprios holandês, porque de vez em quando eles fala uma palavras e é parecida com francês ou com, com inglês e eu não sei falar inglês. Então eles, eles me ajudam muitas vezes a descobrir as palavra certa pra aquilo que eu quero falar, pra, pra frase que eu quero formar. Então eu, eu falo razoavelmente (BD 2M).

De vez em quando, vem um e-mail [dizendo] “eu não entendi nada do que cê escreveu aqui”. Eles falam assim. Daí eu vou ler, daí eu percebo que em holandês se fala tudo em, o inverso do português, né? É tudo de trás pra frente, tudo. Cê não percebeu isso ainda? Que o holandês, ele fala tudo o inverso? De trás pra frente, de frente pra trás. Por exemplo: números. 1970. “Dezenove setenta”, eles dizem em holandês. Absurdo! (AF)

No entanto, quando perguntados sobre o que os outros (os holandeses, por exemplo) dizem a respeito do holandês que falam, muitos afirmam que são elogiados, especialmente pelos holandeses. E o elogio dos holandeses sempre é muito bem recebido pelos “holandeses” de Carambeí.

Eu mesmo não acho [que falo bem], mas todo mundo diz que sim. Inclusive acabei de ter um cliente novo no meu escritório, que é um holandês casado com uma brasileira lá em Ponta Grossa. E eles tavam no escritório e ele falou “eu to admirado de ver, o teu holandês é tão perfeito”, ele falou. E a primeira vez que eu fui pra Holanda, isso que eu achei superinteressante também, eu tava num trem, vem uma veinha de uns 80 anos. Tava sentada do meu lado. Daí ela falou assim: “por favor, me mate a curiosidade. Pelo teu sotaque não consigo descobrir de que região da Holanda você é”. Eu falei “eu não sou da Holanda, né? Eu sou do Brasil”. [E ela disse:] “eu não acredito que lá no Brasil você aprendeu a falar esse holandês tão perfeito”, ela falou. Não sou eu que falo. São os outros que falam (AF).

Mas apesar de ser considerada uma língua “difícil” e “menos bonita”, “menos sonora” do que o português, para o grupo o holandês é uma língua “interessante”, que oferece “mais recursos” do que a língua portuguesa.

O português é uma língua mais bonita que o holandês, né? Mas a língua holandesa, ela é mais, sei lá, ela te dá mais recursos (WD).

Quanto à língua portuguesa:

Para os informantes do grupo, em comparação ao holandês, a língua portuguesa é uma língua “mais bonita”, “melhor de ouvir”, além de “mais fácil”.

É muito difícil falar em holandês, difícil! Português é muito mais fácil. Português se fala com muito mais frequência. Então vai conversar com alguém, fala em português (RW).

Além disso, o português é a língua que não “tem limites” porque pode ser usada com quase todas as pessoas e em quase todos os lugares, diferentemente da língua holandesa, que é mais “restrita” em termos de falantes e domínios.

Outra qualidade atribuída ao português é a de ser uma língua que aproxima “holandeses” e “brasileiros”, como se estes pertencessem a um único grupo. Principalmente se a variante de português utilizada for a mesma falada pelos “não-holandeses” da região.

Eu falo com meus peão português de peão. “Farta”, “sor”, “carça”... Só assim eles me entendem e me respeitam (AF).

Enfim, o grupo manifesta atitudes extremamente positivas em relação à língua portuguesa.

Grupo 2F

Quanto à língua holandesa:

O grupo 2F é um grupo heterogêneo no que diz respeito às atitudes em relação à língua holandesa. Uma parte parece não ter problemas em “ser holandês(a)”⁸¹ e falar holandês no Brasil – ou pelo menos não manifesta isso abertamente.

No começo, o pai antigamente falava: “fale holandês ou cale a boca”, né? Eu me sentia assim, eu me lembro que eu não queria falar holandês. Você não valorizava aquilo, mas agora, mas agora você valoriza bem mais (WSGG).

Por outro lado, metade do grupo mostra-se profundamente incomodado em ser identificado como “holandês” especialmente por meio do “sotaque feio” (que se caracteriza pelo r-forte vibrante e simples) que o holandês como primeira língua “deixou” no português.

⁸¹ Esta questão será melhor discutida no item 5.2, a seguir.

Acho que eu também passei por isso, na época. Mudar de escola, né? Mudei de Carambeí pra Ponta Grossa. Nós falamos o “r” [r], né? Rato [com [r]]. A gente aprendeu assim. Mas a minha filha, a minha filha tem sete anos, já fala “rato”. Não é mais aquele “r”. O pessoal falava assim: “Ah, vocês são lá da roça”, sabe?? Nós tinha que escutar, viu?? Eu sempre fui quieta por causa disso (AJWB).

Todo mundo pergunta por que eu tenho um sotaque. Eu sei que tenho bastante sotaque, mas é que eu fiquei muito tempo sozinha com meus pais. Eu sou assim, temporão, né? Então era assim só holandês e a, e a gente viveu só aqui, bem dizer, né? (IS)

Assim, todo mundo pede por que, né? Você tem o sotaque. Todo mundo tem e o meu é bem acentuado. E daí fica aquela coisa de [que] eu não sou brasileira (IS).

No que diz respeito à “serventia” (ou falta de) da língua holandesa, as mulheres não são tão “práticas” quanto os homens, que classificam o holandês como “língua inútil”, mas também se manifestam quanto à falta de “funcionalidade” e de valorização da língua holandesa.

O holandês não é tão valorizado mundialmente. Não é uma língua universal, né? (IS)

Também diferentemente do grupo anterior, este não manifestou sentir-se “obrigado” a falar holandês com os pais, apesar de fazê-lo.

Em muitos depoimentos, percebe-se que as informantes se arrependem de não ter ensinado holandês aos filhos, mesmo que esta tenha sido uma decisão consciente, para “evitar que os filhos fossem tão discriminados e sofressem tanto” quanto elas sofreram. E para amenizar esse sentimento de culpa, percebe-se que existe uma pequena esperança de que as coisas, um dia, sejam diferentes. É bastante freqüente a menção à crença de que a língua holandesa “está no sangue” (e no subconsciente!) dos carambeenses, adormecida, podendo, portanto, “vir à tona” num passe de mágica a qualquer momento.

Eles entendem, eles entendem alguma coisa. Mas falar, formar frases, assim, daí não. Eles dizem: pra que que eu tenho que aprender? Mas isso aí retorna depois, né? Depois que, que, que eles vão ficando mais de idade, eles cai na real. “Por que que eu não fiz isso”? “Por que eu não aprendi mais”, né? Daí que eles se cai, na, na, na real (AJWB).

Aliás, outra crença bastante freqüente é a de que saber holandês é “uma mão na roda pra aprender inglês”. Dessa forma, um conhecimento “inútil” se torna importante na medida em que facilita a obtenção de um outro conhecimento fundamental nos dias de hoje.

Por isso que eu quero que meus filhos falem holandês: um dia vão fazer um curso de inglês e o enrolar da língua é muito parecido (AJWB).

Outra atribuição interessante conferida à língua holandesa pelas mulheres é a de língua de privacidade, intimidade.

Quando eu saio pra comprar roupa com a minha irmã, nós sempre falamos holandês, pra falar mais sossegado (IS).

Por essa razão, o holandês é a língua preferida pelo grupo para “xingar”, principalmente na frente dos filhos, que não podem entender o que ouvem.

Eu gosto de xingar em holandês, né? Porque não, não dá certo em português, né? Tem aquelas palavras que é mais pesado. Eu xingo eles em holandês (WSGG)

Eu às vezes falo, pra dizer a verdade. É sem querer mesmo. Eles sabem que eu to falando palavrão. Mas eles não sabem o que significa, né? Pra gente é melhor (AJWB).

Enfim, para o grupo, o holandês também é a língua preferida para as orações, mesmo as improvisadas.

Rezar, só em holandês. Isso é uma verdade. Porque quando eu vou dormir, eu faço a minha oração, né? Eu faço em holandês. Pode uma coisa dessa? E não é decorada, não, viu? (IS).

Quanto à língua portuguesa:

O grupo 2F demonstra atitudes positivas em relação à língua portuguesa. Assim como o grupo anterior, este considera que, em comparação ao holandês, a língua portuguesa é uma língua “mais bonita” e “mais fácil”.

Mas a qualidade mais importante do português, segundo as informantes, é a de ser uma língua “agregadora”, pois aproxima “holandeses” e “brasileiros”, num (quase) grupo homogêneo.

O português é bom porque todo mundo fala. Todo mundo. Não é só a gente, daí (WSGG).

Primeiro era o holandês que era “a” língua, na época da minha mãe e quando eu era pequena. Agora é o português (AJWB).

Grupo 3M

Quanto à língua holandesa:

Diferentemente dos grupos anteriores, o grupo 3M não é uniforme no que diz respeito à fluência em holandês. Uma parte considera-se bilíngüe em português/holandês, apesar de acreditar que a sua língua “verdadeira” seja o português, e outra afirma que fala holandês “muito mal”, é bilíngüe incipiente, portanto. No entanto, o grupo como um todo considera a língua holandesa “muito difícil”, independentemente de falá-la “bem” ou não.

Holandês é muito, muito difícil. É tudo ao contrário (MG).

Eu não sei falar bem holandês. Não sabia falar bem holandês. Eu me atrapalho (PM).

A maioria dos jovens do sexo masculino revela ser somente bilíngüe incipiente.

Não, porque entender eu entendo, né? Entender a gente entende, mas na hora que ele falar uma coisa que tu não entendeu... Emergência a gente tenta falar (CD).

Porque aí eu não acho as palavras pra falar. Daí eu peço “como é que fala isso agora? Como é que fala isso? Como se chama isso?” (RW)

O grupo que se diz fluente manifesta atitudes positivas em relação à língua holandesa – ao mesmo tempo em que a considera uma língua “distante”, não sua – e coleciona histórias sobre pessoas que tiveram ótimas oportunidades de trabalho ou estudo pelo fato de falar holandês, o que sustenta a crença – bastante freqüente entre os

“holandeses” de Carambeí – de que “falar holandês pode fazer diferença na vida de uma pessoa”.

Meu primo já foi pra Holanda e voltou superbem. Eu vou também, quando terminar a faculdade. Tudo fica mais fácil depois. Principalmente emprego (CD).

O grupo que se diz não fluente também concorda que o holandês pode ser “útil para alguma coisa”, no futuro, uma espécie de “plano B”, no caso de os projetos de trabalho e de estudo no Brasil não darem certo. No entanto, a falta de fluência (real ou autodeclarada) em holandês, que poderia impedir ou dificultar uma viagem de estudos ou trabalho à Holanda, não parece preocupar os entrevistados, uma vez que “podem aprender holandês em uma ou duas semanas”, se assim o quiserem.

E agora vai um [rapaz] que estudou biologia na universidade e não encontrou serviço até agora. Então dia 12 de abril ele vai para a Holanda para um ano ou dois anos. Ele precisa estudar holandês, lógico, mas ele pode trabalhar lá, não tem problema. Ele sabe pouco, mas ele aprende logo o holandês lá, quando ele conviver lá. Tem que aprender (DF).

Além disso, para os jovens “holandeses” do sexo masculino a língua holandesa é considerada a língua “dos avós”, ou seja, é uma língua “estrangeira” que se “estuda na escola porque os pais querem”.

O holandês é tipo assim uma língua estrangeira, que a gente aprende só na escola, né? Que nem inglês. E todo mundo estuda holandês porque o pai manda (FF).

Finalmente, não se percebe que o jovem lamenta não poder comunicar-se com os avós, no caso de aquele falar somente português e estes, somente holandês. São “coisas da vida”, que simplesmente acontecem.

A minha vó fala praticamente só holandês. Fala bem pouquinho português. Quase nada. Com um monte de gente é assim. Fazer o que, né? (DF)

Quanto à língua portuguesa:

Para o jovem do sexo masculino, a língua portuguesa é considerada uma língua “mais fácil”, além de ser a língua que o deixa à vontade e que o identifica como brasileiro que é.

Português é mais fácil, né? É melhor de falar, porque é a nossa língua (CD).

É uma língua “normal”, que faz com que ele se sinta parte do grupo e não um estrangeiro no seu país.

É uma língua normal. Não é diferente, que nem o holandês. E todo mundo fala. Todo mundo entende. É a língua do país, né? (GF)

Os jovens do grupo acreditam que o monolingüismo em português acontecerá dentro de pouco tempo inevitavelmente, o que não é lamentado, nem comemorado. É só um fato inevitável.

E já tá acontecendo isso aí: daqui um pouco ninguém mais vai tá falando holandês. É sempre assim que acontece, né? (MG)

Grupo 3F

Quanto à língua holandesa:

O grupo das moças também é heterogêneo em termos de como se manifesta em relação à fluência em língua holandesa. Metade do grupo julga que “fala bem” holandês e a outra metade acredita que fala “muito mal”. Da mesma forma, tal como o grupo anterior, as jovens “holandesas” consideram a língua holandesa “muito difícil”, independentemente de falá-la “bem” ou não.

Nossa, é muito difícil! Tem que estudar muito (SSM).

O grupo também manifesta atitudes positivas em relação à língua holandesa por causa das histórias sobre pessoas que foram à Holanda e “se deram bem”.

Eu escrevo pro meu tio na Holanda. E-mail. Quando ele veio aqui, há uns 4, 5 anos atrás, ele me falou: “pra você manter o holandês, escreva bastante pra mim. Nem que cê escreva errado, eu corrijo teu e-mail e mando outro e-mail pra você”. E assim a gente se corresponde e eu não esqueço o holandês, porque logo, logo eu vou pra lá estudar. Isso vai ser muito bom. Todo mundo que fez isso se deu bem (GF).

Além disso, as jovens “holandesas parecem ter um carinho muito grande por aquela que é a língua “dos nossos pais e dos nossos avós”.

Eu acho lindo a minha mãe falando com a minha vó. Às vezes eu entendo uma coisa ou outra (MD).

Quanto à língua portuguesa:

Como o grupo anterior, as jovens “holandesas” também consideram que a língua portuguesa é uma língua “mais fácil”.

Eu acho mais fácil falar português, né? É bem mais fácil (FD).

Ao contrário do grupo anterior, as “holandesas” lamentam o fato de a comunidade caminhar para uma situação de monolingüismo em português, apesar de também acreditarem que isso acontecerá “inevitavelmente dentro de pouco tempo”.

Essa nova geração já não se interessa [por aprender a língua holandesa]. Os filhos, pode até colocar na aula de holandês, mas não vai adiantar. Eu acho que tem que ter o incentivo em casa. Logo, logo ninguém mais vai falar holandês. Eu acho uma pena (SSM).

A comunidade e suas línguas:

De acordo com o quadro a seguir, as atitudes da comunidade dos “holandeses” de Carambeí em relação às línguas utilizadas, isto é, o português e o holandês, não são uniformes. Como pudemos observar, os grupos distinguem-se quanto ao uso das línguas e quanto à avaliação destas.

Em relação à língua holandesa, os Grupos 1M e 1F manifestam atitudes positivas. Ambos os grupos demonstram lamentar o fato de o holandês ser falado por um número cada vez menor de pessoas, o que, no entanto, segundo sua opinião, é uma realidade inevitável.

Por outro lado, os Grupos 2M e 2F parecem viver um conflito bastante grande em relação à língua holandesa. Ambos os grupos usam esta língua para interagir com os pais e os idosos da comunidade, mas a consideram uma “língua inútil”, a ponto de não ensinarem aos filhos. No entanto, na opinião do Grupo 2F, que demonstra uma preocupação muito grande com o futuro dos filhos, é importante considerar que muitas pessoas já se beneficiaram do fato de falar holandês (indo estudar ou trabalhar na Holanda), o que, no final das contas, torna o domínio da língua um conhecimento de alguma serventia.

Enfim, para os Grupos 3M e 3F, o holandês é uma língua “muito difícil”, porque é “muito diferente do português”, além de ser a “língua dos antepassados” (avós). No entanto, no caso do Grupo 3M, considerar o holandês como “língua dos antepassados” o tornou tão distante que ele passou à condição de língua “estrangeira”. Em contrapartida, a mesma razão que distancia o holandês do Grupo 3M o torna próximo do Grupo 3F, que afirma sentir um “carinho muito grande” pelo idioma.

Já em relação à língua portuguesa, a comunidade como um todo manifesta atitudes positivas. É considerada uma língua “fácil”, “bonita”, “sonora”, “de gente estudada”, além de ser “ilimitada”, que possibilita a aproximação entre “holandeses” e “brasileiros” e de ser a língua que, em breve, será a única falada em Carambeí.

| Grupos | Língua holandesa | Língua portuguesa |
|-----------------|---|--|
| Grupo 1M | <ul style="list-style-type: none"> • Língua que se fala em casa, com a família, e na Igreja • Língua mais “fácil” e “adequada” para discutir assuntos domésticos ou religiosos | <ul style="list-style-type: none"> • Língua “do mundo fora da Colônia” • Língua que impede a discriminação • Língua das pessoas “estudadas” • Língua que promove a ascensão social • Língua “difícil”, mas “bonita”, “que soa bem”, “suave” |
| Grupo 1F | <ul style="list-style-type: none"> • Língua que ajuda na conservação dos valores da tradição da família holandesa • Língua “delicada”, “maternal”, da relação entre mãe e filho. • Língua que pode se útil no futuro | <ul style="list-style-type: none"> • Língua difícil • Língua das pessoas “estudadas” • Língua “muito bonita”, que “soa bem aos ouvidos” • Língua “melhor para xingar” |

| | | |
|-----------------|---|---|
| | (para quem estudar ou trabalhar na Holanda) | |
| Grupo 2M | <ul style="list-style-type: none"> • Língua “inútil”, “que não serve para nada” • Língua para ser falada somente em interações com os idosos da família • Língua que somos obrigados a saber • Língua que nossos filhos não têm obrigação de saber • Língua “difícil” • Língua que temos medo de falar “errado” • Língua “interessante”, que oferece “mais recursos” | <ul style="list-style-type: none"> • Língua “mais bonita”, “melhor de ouvir”, “mais fácil” • Língua que não “tem limites” porque pode ser usada com quase todas as pessoas e em quase todos os lugares. • Língua que aproxima “holandeses” e “brasileiros” |
| Grupo 2F | <ul style="list-style-type: none"> • Língua que identifica os “holandeses” • Língua que não tem função nem é valorizada • Língua que está “está no sangue” dos carambeiros • Língua que facilita a aprendizagem do inglês • Língua de privacidade, intimidade. • Língua para “xingar” • Língua para orar | <ul style="list-style-type: none"> • Língua “mais bonita” e “mais fácil” • Língua que aproxima “holandeses” e “brasileiros” |
| Grupo 3M | <ul style="list-style-type: none"> • Língua que falamos mal • Língua “muito difícil” • Língua que pode ser útil para alguma coisa, no futuro, • Língua que podemos aprender em uma ou duas semanas • Língua dos nossos antepassados • Língua “estrangeira” que se “estuda na escola porque os pais querem” | <ul style="list-style-type: none"> • Língua “mais fácil” • Nossa língua • Língua “normal” • Língua que em breve será a única em Carambeí |
| Grupo 3F | <ul style="list-style-type: none"> • Língua que falamos bem/mal • Língua “muito difícil” • Língua que pode nos ajudar no futuro • Língua importante porque é a língua dos nossos antepassados | <ul style="list-style-type: none"> • Língua “mais fácil” • Língua que em breve será a única em Carambeí |

Quadro 15 – Crenças e atitudes dos “holandeses” a respeito das línguas portuguesa e holandesa

Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa.

Além das atitudes manifestadas explicitamente em relação às línguas holandesa e portuguesa, é interessante observar que os grupos também têm diferentes designações para essas línguas, de acordo com a atitude que manifestam em relação a elas.

| Grupos | Designação para a língua portuguesa | Designação para a língua holandesa | Depoimentos |
|-----------------|--|--|--|
| Grupo 1M | <ul style="list-style-type: none"> • Português de caboclo • Brasileiro • Português de caboclo | <ul style="list-style-type: none"> • Holandês | <ul style="list-style-type: none"> • “Ela fala bem português” (HS). • “O português que eles, os colonos falaram neste tempo era português de caboclo” (HS). • “Essas crianças hoje em dia elas não têm muita vontade, assim, de aprender o holandês” (DG). |
| Grupo 1F | <ul style="list-style-type: none"> • Português • Brasileiro | <ul style="list-style-type: none"> • Holandês | <ul style="list-style-type: none"> • “Tudo é em português agora. Eu não sei, porque tem duas palavras para uma coisa só, né? Português e brasileiro. Tanto faz” (JLG). |
| Grupo 2M | <ul style="list-style-type: none"> • Português | <ul style="list-style-type: none"> • Holandês • Carambiano | <ul style="list-style-type: none"> • “Aqui em Carambeí a gente fala o carambiano, o holandês aqui é carambiano, né?” (BD 2M). |
| Grupo 2F | <ul style="list-style-type: none"> • Português • Brasileiro | <ul style="list-style-type: none"> • Holandês • Carambiano • Carambeiano • Port-holandês | <ul style="list-style-type: none"> • “Nem podia falar brasileiro” (WSGG). • “Mas tem também umas palavras, a gente fala “port-holandês” (AJWB). • “A gente fala carambeiano, carambeiano” (IS). |
| Grupo 3M | <ul style="list-style-type: none"> • Português | <ul style="list-style-type: none"> • Holandês | <ul style="list-style-type: none"> • Holandês é muito difícil, português é muito mais fácil, a gente fala mais (CD) |
| Grupo 3F | <ul style="list-style-type: none"> • Português | <ul style="list-style-type: none"> • Holandês | <ul style="list-style-type: none"> • Holandês é mais a língua da vó da gente, né? A nossa é português (SSM) |

Quadro 16 – Línguas faladas pelos “holandeses” de Carambeí, segundo o próprio grupo étnico

Fonte: Elaborado pela autora, conforme dados da pesquisa.

É interessante observar que os grupos 2M e 2F, que são mais rigorosos no que diz respeito ao seu próprio desempenho em holandês (Grupo 2M) e manifestam atitudes negativas em relação à língua holandesa de forma mais explícita (Grupo 2F) são os que usam as denominações “alternativas” *carambiano*, *carambeiano* e *port-holandês*, que parecem designar com maior exatidão esse “meio-holandês” (que não é o “bom” holandês da Holanda) falado em Carambeí.

E como as noções de crenças e de atitudes lingüísticas levam a uma discussão sobre a questão da identidade lingüística, na seqüência segue essa discussão.

5.2 A NOÇÃO DE IDENTIDADE

Para Toscan (2005, p. 50), a noção de identidade pressupõe a de alteridade, isto é, a existência do *outro* diferente do *eu*. Ambos se determinam reciprocamente, uma vez que ser *X* equivale a não ser *Y*. Neste trabalho, por exemplo, segundo depoimentos, “ser holandês” implica “falar holandês” e “não ser brasileiro”, ou seja, implica uma negação, uma diferenciação do outro. Enfim, “a mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença)” (SILVA, 2000, p. 79). Além disso, na relação entre identidade e diferença, se estabelece uma “oposição binária”, isto é, enquanto um dos termos é prestigiado, valorizado, o outro, em oposição, é negado, desprestigiado (AMANCIO, 2007, p. 48).

Para Silva (2000, p. 76), a identidade e a diferença são consequência de um processo que se dá cultural e socialmente.

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais.

Portanto, a identidade não é imutável, lógica, fixa, mas inconstante, incoerente, instável e incompleta, posto que é estabelecida por pressões sociais. Dessa forma, identidade e diferença não são “simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas” (SILVA, 2000, p. 81). Além disso, “dependendo de suas posições nos processos da sociedade, as pessoas ‘modernas’ podem ter identidades distintas e, algumas vezes, conflitantes” (MEY, 1998, 87-88).

Consideramos, assim, que a identidade social é uma representação, relativa à posição no mundo social, e portanto intimamente vinculada às questões de reconhecimento. Concebemos a possibilidade de múltiplas identidades, com base em referenciais distintos – como a origem territorial, a condição de gênero, a etnia, a atividade profissional etc. –, pois, enquanto uma construção simbólica, a identidade não é decorrência automática da materialidade (PENNA, 1998, p. 93).

Em termos gerais, os “holandeses” de Carambeí inicialmente consideram-se brasileiros, sem exceção. Mas à medida que dão seus depoimentos, percebe-se que ora se estabelece uma oposição entre “eles”, identificados como “brasileiros” (os nascidos no Brasil e não descendentes de holandeses) e “nós”, os “holandeses” (os nascidos no Brasil e descendentes – filhos, netos ou mesmo bisnetos – de holandeses); ora entre “eles”, os holandeses da Holanda, e “nós”, os “holandeses” do Brasil. Há também os que afirmam sentir-se “meio holandês/meio brasileiro”, já que os “brasileiros” os consideram “holandeses” e os holandeses os consideram “brasileiros”; e os que não se sentem “nada, coisa alguma”.

Segundo depoimentos, a condição de “ser brasileiro” é “óbvia”, uma vez que todos “nasceram no Brasil”, na cidade de Carambeí⁸². No entanto, essa parece uma denominação incompleta, que não dá conta de tudo o que a questão envolve (como o fato de boa parte da comunidade ser/ter sido bilíngüe em holandês/português), ou seja, ser “brasileiro” é diferente de ser “brasileiro descendente de holandeses”. Daí a autodenominação “holandês” (em oposição a “brasileiro”) mesmo para os nascidos no Brasil.

Nesse sentido, as noções de atitudes lingüísticas e de identidade de grupo encontram-se imbricadas. “Puesto que existe una relación entre lengua e identidad, ésta ha de manifestarse en las actitudes de los individuos hacia esas lenguas y sus usuarios”⁸³ (FERNÁNDEZ, 1998, p. 180).

Assim, a partir da observação das atitudes manifestadas por um grupo em relação à fala do outro, torna-se possível verificar se se estabelece ou não uma relação de identidade – lingüística e social – entre “brasileiros” e “holandeses”. Em contrapartida, a identidade expressa ou não por um grupo em relação a outro pode também influenciar as atitudes manifestadas (AMANCIO, 2007, p. 51).

⁸² Apesar de, na prática, não haver carambeienses de fato, uma vez que não existe maternidade no município. Portanto, os “carambeienses” são castrenses (os nascidos em Castro-PR) ou ponta-grossenses (os nascidos em Ponta Grossa-PR).

⁸³ “Já que existe uma relação entre língua e identidade, esta se manifesta nas atitudes que os indivíduos manifestam em relação a essas línguas e aos seus usuários” (FERNÁNDEZ, 1998, p. 180, tradução nossa).

Os dados coletados nessa pesquisa levam-nos a concluir que a identidade manifestada entre os membros dos grupos pesquisados não é homogênea, estável ou uniforme. Ao contrário, ela é inconstante e até mesmo contraditória. É importante esclarecer que a identidade discutida aqui é aquela que o informante manifesta e não a que o pesquisador indica, pois também duvidamos, assim como Mey (1998, p. 82), de que alguém tenha “o direito de dizer que ele ou ela pertence a um determinado grupo étnico”. Da mesma forma que não se pode “negar que ele ou ela pertence a tal grupo”. Se alguém o faz, sob quais fundamentos?

Nesse sentido, evitamos a classificação a partir do que “achamos ser” e consideramos essencialmente o que dizem sobre si mesmos os informantes, pois:

Parece não ser possível ao pesquisador deduzir a identidade do indivíduo ou do grupo a partir de seu modo de vida. Práticas [como a fala], bens etc. – ou seja, a partir de sua objetividade – pois **a representação mental do investigador**, produto do modo como percebe aquela materialidade, **pode não coincidir necessariamente com a que o próprio indivíduo faz de si** ou de suas práticas (ou a que outros grupos fazem dele) (PENNA, 1992, p. 72, grifos nossos).

5.2.1 Identidade dos “holandeses” de Carambeí

As discussões a respeito do tema serão apresentadas a seguir, por grupo de informantes:

Grupo 1M

O grupo 1M se autodenomina “holandês” em oposição aos “brasileiros”, que são, na verdade, os nascidos no Brasil que não têm ascendência holandesa. Os limites e contrastes que se estabelecem entre os grupos são explicitados por meio do emprego dos dêiticos “nós” e “eles”, presentes em praticamente todas as entrevistas, assim como outras expressões que evidenciam a existência de uma separação nítida entre os grupos dos “brasileiros” e dos “holandeses” de Carambeí. Muitos, inclusive, afirmam que os “brasileiros” é que os consideram “holandeses”. Portanto, se “holandeses” e “brasileiros”

não formam um grupo único, isso também se deve aos “brasileiros”, que os vêem como um grupo à parte.

Os **brasileiros** que moram **aqui** se acostumam com os **holandeses** e **nós** com **eles**. Então **nós** somos, não **a gente, eu**, por exemplo, **nós aqui** [em Carambeí] **nós** somos **brasileiros**, mas talvez o **brasileiro** ache que nós não somos. [...] Tanto é que **nós** também, **nós** não tivemos nunca [amigos] **brasileiros**, né? E nem **holandeses** também. [...] É, eu tenho ótimos relacionamentos com tantas e tantas pessoas, né? Nessa minha vida toda aí, até hoje tenho, me dou muito bem, agora talvez também por falta de oportunidade, nunca cultivei uma amizade assim, mais intensa com, com, com **brasileiro**. [...] Eu sinto que, sei lá, existem algumas coisas que são diferentes (DG).

Os mais velhos relatam conflitos vividos pelos jovens, conflitos esses que parecem não entender.

Lembra ainda, treinando os hinos, hinos nacionais, um rapaz de família S. [Há] quarenta anos atrás. Ele cantando hino nacional da Holanda, fechou a boca. [Eu] disse: “por que você não ta cantando junto?” “Sou brasileiro” [ele respondeu]. “Sim, mas é educado quando vem gente da Holanda e gente do Brasil cumprimentar este gente brasileira com hino brasileiro e as autoridades da Holanda cantando hino nacional da Holanda”. [Ele disse] “ah, sim, eu canto”. [Então] ele cantava junto (H.S).

De acordo com o depoimento, “brasileiros” e “holandeses” não formam um grupo único, homogêneo. É como se os “holandeses de Carambeí” fossem um grupo à parte, distinto até mesmo dos “holandeses da Holanda”. Estes, por sua vez, são considerados pelos “holandeses” de Carambeí mais “diferentes” do que os próprios “brasileiros”.

Nunca cultivei uma amizade assim, mais intensa com, com, com **brasileiro**. [...] Eu sinto que, sei lá, existem algumas coisas que são diferentes. E os **holandeses que vêm da Holanda** pra cá, daí é mais. A diferença pra mim é maior ainda (DCG).

Grupo 1F

Assim como o grupo anterior, o Grupo 1F também se autodenomina “holandês”, em oposição ao grupo dos “brasileiros”.

Eu fiquei boba, **holandês** é de café mesmo. Mas o **brasileiro** também gosta café (WGG).

Uma vez no mês [há] um reunião **nossa**, dos velhinhos, só dos **holandês** (JLG).

Os **holandês** têm [um encontro de jovens], mas é tudo em português. Os **holandês** têm, mas os luterano são muito pouco. Daí não compensa, porque o pastor vem de Castro. **Nosso** pastor sempre vem de Castro, tem que pagar pedágio (JLG).

A denominação “brasileiro” serve para identificar o elemento “diferente” em termos lingüísticos, culturais e religiosos. Muitas vezes é o “intruso” que desestrutura a família “holandesa”, modificando seus hábitos e costumes.

Os nossos filhos, os três, casaram com **brasileiros**, né? Que que se vai fazer? (THS).

1: A minha irmã, todos os genros e noras são brasileiros e às vezes tem um no meio que começa a falar holandês. Os brasileiros ficam lá e os outros falando holandês (THS).

2: O jeito é você se desculpar. “Por favor, desculpa, mas vamos em holandês porque é mais fácil” (HS).

1: Ah, mas isso [se desculpar] eles não fazem. Eles começam a falar em holandês e os outros lá. “O que que tão falando, tão falando de mim?” (THS)

2: Quando brasileiro é junto a gente fala português, precisa (HS).

Mas apesar de as “holandesas” considerarem-se distintas dos “brasileiros”, o grupo também se vê como um grupo diferente dos chamados “holandeses da Holanda”. Aliás, em relação a esse grupo parece haver uma relação de hostilidade mútua, pelo fato de estes se considerarem “superiores” aos imigrantes.

Quando **eles** vêm pra cá [holandeses], **eles** debocham, sabe, do jeito que a gente fala (WGG).

[O nome é] *heipkeis*⁸⁴, mas não é o nome certo, né? Não é *heipkeis* pras **holandês**, né? Mas pra **nós** é! Eu tenho um tio, né, que veio da Holanda, daí **nós** oferecemo *heipkeis* e **ele** [perguntou] “que que [é] isso??” (WGG)

⁸⁴ *Heipkeis* é um doce com chocolate e biscoito que não tem correspondente em português.

Grupo 2M

O grupo 2M também faz uma distinção entre dois grupos, “nós” e “eles”, sendo que “eles” corresponde ao grupo dos “brasileiros”. Em contrapartida, o grupo do “nós” não é identificado explicitamente como o grupo dos “holandeses” pelos informantes do grupo.

Aqui em Carambeí não era tanto assim. **Nós** já tínhamos contato com o **brasileiro** direto (AF).

É mais freqüente o grupo afirmar que é visto como “holandês” pelos “brasileiros”, o que, inclusive, parece não ter relação alguma com o fato de falar ou não holandês. Além disso, segundo o grupo essa é uma diferenciação que sempre existirá, independentemente da vontade ou das atitudes dos “holandeses”.

Eu acho que mesmo que ninguém mais fale holandês, aqui, em Carambeí, mas **nós** vamos continuar sendo os **holandeses**. Acho que daqui a vinte anos, mesmo que não fale uma palavra de holandês, **nós** vamos ser sempre os **holandeses** (WD).

Muitos, aliás, rejeitam fortemente a denominação de “holandês”. No entanto, como se pode observar na fala a seguir, percebe-se que recusar a designação de “holandês” não significa assumir a de “brasileiro”, que sempre acaba correspondendo a um “ele/eles” e nunca a um “eu/nós”.

A maior vergonha que eu tive [foi] na vida profissional. Quando eu comecei a trabalhar na cooperativa. E lá sempre o meu apelido foi “**seu holandês, seu holandês, holandês**”. Eu falei “eu não sou holandês”. Mostrava minha carteira de identidade. “Aqui, ó” Será que o **brasileiro** é tão burro de me dar uma carteira de identidade brasileira se eu... Não sou holandês. [...] Esse complexo [de estrangeiro] eu nunca tive. Mas eu posso te garantir, por eu ter sido uma exceção, no escritório, porque a maioria tinha sua própria propriedade, a maioria dos filhos das propriedades, **eles** trabalhavam nas chácaras mesmo. Então dentro do escritório eu era uma exceção. **Filho de holandês**, trabalhando no escritório, onde a maioria era **brasileiro**, vamos dizer assim. Daí, vinha de Ponta Grossa ainda o pessoal, então daí nas reuniões e tudo sempre, meu apelido sempre foi “**holandês**” no escritório. “**Seu holandês**”, “**seu holandês**”. Sempre contestei. E não é vergonha o termo certo. Ainda não concordo com esse termo teu. Não era vergonha. Só contestava. O termo pra mim não é vergonha. O termo pra é, me

enchia o saco mesmo. “Por que que você me chamam de **holandês**? Eu não quero ser chamado de **holandês**” (AF).

Alguns informantes do grupo se autodenominam “descendentes de holandeses”, expressão mais “neutra”, que parece ser um meio-termo entre “holandês” – que é “forte demais” – e “brasileiro” – que parece insuficiente.

Tava já cinco meses na Holanda, encontrei um colega que estudava comigo no Brasil. Era **descendente de holandês** também (RW).

Que língua que eles falam com os filhos deles? E são **descendentes de holandês** também (AF)

Assim como os grupos anteriores, este grupo também não se identifica com os chamados “holandeses da Holanda”. No entanto, pelo menos aparentemente, entre esses dois grupos não se estabelece uma relação de hostilidade explícita.

Quando vêm os **holandeses**, que eu converso com **eles**, muitas vezes eu tenho que perguntar: “pode repetir?” ou “que palavras, o que que é essa palavras que falou?”. Então são palavras que **eles** usam. Então, é, eu, pra contar sobre a história de Carambeí lá na, no museu, muitas vezes eu tenho que pedir ajuda até dos próprios **holandês** porque de vez em quando **eles** fala uma palavras e é parecida com francês ou com, com inglês e eu não sei falar inglês. Então **eles**, **eles** me ajudam muitas vezes a descobrir as palavra certa pra aquilo que eu quero falar, pra, pra frase que eu quero formar. Então eu, eu falo razoavelmente. Não, os **holandeses** ficam admirados com, né, com, mais porque eu nasci aqui e, né, eu tive na Holanda, mas eu nasci aqui, então **eles** ficam admirados com o meu holandês (BD 2M).

Grupo 2F

Este grupo é o primeiro que não se autodenomina – implícita ou explicitamente – “holandês”. Ao contrário, uma parte das informantes do grupo se autodenomina explicitamente “brasileira”, argumentando que nasceu no Brasil, conforme se pode verificar pelos depoimentos a seguir:

Eu não sou **holandesa**, eu sou **brasileira**, e isso pra mim há um tempo foi um problema. Assim, todo mundo pede porque, né? Você tem o sotaque. E o meu é

bem acentuado, daí a... e daí a, fica aquela coisa, [de que] eu não sou **brasileira** (IS)

Na Holanda todo mundo pergunta pra mim, “você é estrangeira”, né? [E eu respondo:] “É, sou **brasileira**” (IS)

No entanto, para outra parte do grupo a questão não parece tão simples. De um lado, não se consideram “holandesas”, pois não nasceram na Holanda. Por outro lado, assumir-se como “brasileiras” parece não ser suficiente para dar conta de todas as especificidades inerentes ao assunto (que envolve, inclusive, o bilingüismo em holandês/português ainda presente na comunidade). Daí a denominação ‘alternativa’ de “carambiano”, esse sim um termo mais “específico” do que (simplesmente) “brasileiro”. Muitos informantes falam inclusive que é muito comum, ao dizerem que são de Carambeí – ou “carambeianos” –, serem perguntados se são “holandeses”.

- Você se considera **holandesa**?

- Ah, me considero **carambiana** (WSGG).

Eu me sinto **carambiana**, é (IS).

É possível ter uma idéia do quanto a questão é complexa analisando depoimentos como o transcrito a seguir, em que a informante não utiliza nenhuma designação explícita para referir-se ao grupo a que pertence, da mesma forma que não nomeia o grupo oposto. A distinção entre os grupos restringe-se à utilização de termos como “nós/a gente” em oposição a “eles”:

Então essa intriga **a gente** sempre tem, né? Não é todos, né? Não é **nós** que somo contra **eles**, de jeito nenhum. Tem muita gente boa aqui em Carambeí. Mas isso eu acredito que seja mesmo, **a gente** não é assim de ficar se abrindo, né? **A gente** num gosta de ficar se mostrando. Você tem essa diferença em qualquer lugar (AJWB).

Este grupo também entende que muitas vezes é considerado “holandês” pelos “brasileiros”, o que o distancia destes e impede que “holandeses” e “brasileiros” formem um grupo único, homogêneo.

Aqui **você** é visto como **holandês** e lá na Holanda... (AJWB)

Este grupo também é o primeiro a admitir a possibilidade de que ser identificado como “holandês” é algo que causa vergonha.

Essa vergonha existe, de ser chamado de **holandês** (IS).

Grupo 3M

Este grupo considera-se brasileiro, uma vez que “nasceu no Brasil e não fala holandês”.

A gente? A gente é brasileiro, ué! Eu nasci no Brasil. E a minha língua materna é o português. Nem falo holandês direito (MG).

Por essa razão, o Grupo 3M não se considera um grupo à parte, distinto do grupo dos “brasileiros”. Na fala do grupo, não existe o emprego dos termos “nós” e “eles” ou de outras expressões que evidenciam a existência de uma separação nítida entre o grupo dos “brasileiros” e o dos “holandeses” de Carambeí. Muitos, inclusive, estabelecem essa distinção em relação aos seus antepassados (avós, especialmente), que, esses sim, correspondem a um “eles” que constitui um grupo isolado.

Eles têm dificuldade, né? Não falam português direito. Daí parece que também não se integraram. Ficam só entre **eles** ali. Daí é difícil (FF).

No entanto, segundo o grupo, em geral os “brasileiros” os consideram “holandeses”, o que, na prática, dificulta um efetivo pertencimento ao grupo dos brasileiros.

A gente é brasileiro, mas tem gente que não acha. Daí é chato (CD).

Grupo 3F

Da mesma forma que o grupo anterior, o grupo 3F também se considera “brasileiro”, pois nasceu no Brasil e sua língua materna é o português.

A gente é brasileira, nasceu no Brasil, fala português. O pouco que eu sei de holandês aprendi na escola, como se fosse uma língua estrangeira (MD).

Portanto, as moças “holandesas” consideram-se parte do grupo dos “brasileiros”, apesar de muitas vezes serem identificadas como “holandeses” pelos brasileiros não descendentes de holandeses:

Sempre no mesmo horário tinha a saída da [Escola] Júlia [Wanderley]. Então sempre tinha provocação: “olha ali a **holandesa**”. Então tinha que sair correndo pra casa pra não ter de encontrar (SSM).

Também como o grupo anterior, as moças consideram que seus antepassados (avós, especialmente) são um grupo à parte, que corresponde a um “eles”, os “holandeses” não integrados, em oposição a um “nós”, os “brasileiros” que assim se consideram.

Enfim, em geral, percebe-se que se estabelecem dois grupos distintos: o dos “brasileiros” e dos “holandeses”. No caso dos primeiros grupos (Grupos 1M, 1F, 2M, e parte do Grupo 2F), há uma “auto-separação”, ou seja, os “holandeses” consideram-se “holandeses” em oposição ao grupo dos “brasileiros”. Já no caso dos últimos grupos (parte do Grupo 2F e Grupos 3M e 3F), há uma separação estabelecida por parte dos “brasileiros”, que consideram os descendentes de holandeses como “holandeses”, portanto, como “diferentes”. Essa não-identificação (estabelecida pelo próprio grupo ou imposta pelo *outro*) entre os dois grupos pode ter traduzida pelo levantamento das seguintes características atribuídas, pelos “holandeses”, aos “brasileiros” e a si mesmos.

| Grupos | Brasileiros | “Holandeses” | Depoimentos |
|-----------------|--|--|---|
| Grupo 1M | <ul style="list-style-type: none"> • Pouco estudiosos • Alegres | <ul style="list-style-type: none"> • Muito estudiosos • Reservados | <ul style="list-style-type: none"> • Eu falei pras alunas, vocês reclamam sua história. Só 500 anos. Na Holanda, 2.000 anos. Muito mais (HS). • O holandês é uma pessoa, é um, é um, é mais reservado do que o brasileiro. Brasileiro é mais expansivo, mais alegre (DG). |
| Grupo 1F | <ul style="list-style-type: none"> • Menos religiosos • Pouco exigentes | <ul style="list-style-type: none"> • Mais religiosos • Muito exigentes | <ul style="list-style-type: none"> • Os católicos só vão à missa, né? Mas agora eles também começaram a ajudar os próximos (WGG). • Sabe que eu acho que nesse ponto eu sempre admirei os meus sogros. Eles têm muito respeito, mas principalmente para Deus, na Holanda. E aqui você escuta o nome de Deus em vão, assim né? (WCGE). • Não é fácil ser pastor aqui. A gente é muito exigente. Mais que brasileiro. Se um gosta de uma, outro não gosta. O holandês tem um ditado sobre isso: “quem ta botando pedra na estrada, né? Não! É um ditado bem típico holandês. “Quem constrói estrada”, vamos dizer, “todo mundo pára e olha”, né? Então o pastor, ele constrói uma estrada, que nem o professor da escola. Ta sujeito à crítica. É um ditado holandês, é (THS). |
| Grupo 2M | <ul style="list-style-type: none"> • Não são pastores tão bons | <ul style="list-style-type: none"> • São melhores pastores | <ul style="list-style-type: none"> • Normalmente [rezo] em holandês, por causa das pregações do pastor holandês. Eu, eu prefiro as pregações do [pastor holandês]. Ele, ele [pastor brasileiro], pra mim, ele não sabe pregar. Ele é bem diferente do pastor que nós tínhamos. Olha, era excelente. Só que ele se aposentou, né? (BD 2M). |
| Grupo 2F | <ul style="list-style-type: none"> • “Educados” • Extrovertidos • Não são pastores tão bons | <ul style="list-style-type: none"> • Francos • Reservados • São melhores pastores | <ul style="list-style-type: none"> • Com a gente [holandeses] combinou, ta combinado. O brasileiro diz “ah, eu vou na tua casa”. E a gente fica esperando. Se o holandês disser que vai, ele vai. Se ele não tiver certeza, ele não diz (AJWB) • A gente não é assim de ficar se abrindo, né? Que nem no caso dessa entrevista. Eu meio fiquei com o pé atrás, falando de mim. A gente não gosta de ficar se mostrando (AJWB). • Nós temos um pastor holandês muito bom, né? A linha do pensamento não se perde. Eu acho assim, que os pastores que vêm da Holanda têm mais preparação, eles têm estudo mais completo. Então eles, as mensagens são mais completas, são mais estudadas, são mais cabeças (WSGG). |
| Grupo 3M | <ul style="list-style-type: none"> • Tranqüilos | <ul style="list-style-type: none"> • Rigorosos | <ul style="list-style-type: none"> • O “brasileiro” é mais tranqüilo, né? Diferente dos “holandeses” que são mais sérios, é tudo a ferro e fogo (FF) |
| Grupo 3F | <ul style="list-style-type: none"> • Extrovertidos | <ul style="list-style-type: none"> • Reservados | <ul style="list-style-type: none"> • O brasileiro é mais alegre, sorri mais. O holandês é quietão, não mostra os dentes (MD) |

Quadro 17 – A visão que os “holandeses” têm de si mesmos e dos “brasileiros”

Fonte: Elaborada pela autora, com base nos dados da pesquisa.

Neste pequeno levantamento, observa-se o quanto a questão da religião é importante para os “holandeses” protestantes (visto que, na comunidade estudada, há quase uma relação de igualdade entre “ser holandês” e “ser protestante”). Muitos chegam a dizer que o maior entrave à relação entre “holandeses” e “brasileiros” é a diferença religiosa. Além disso, pode-se perceber que praticamente todos os “defeitos” dos “brasileiros” têm a ver com a questão da (falta de) religiosidade. Por essa razão, a conversão religiosa dos “holandeses” (em função do casamento misto) é sempre vista com maus olhos pelos “holandeses”, pois os “brasileiros” não são considerados “lá muitos religiosos”.

Enfim, nos depoimentos dos informantes “holandeses” de Carambeí, percebe-se a presença de juízos de valor implícitos, que desempenham papel definitivo no estabelecimento de identidades ou diferenciações entre os grupos (AMÂNCIO, 2007, p. 87).

Portanto, os “holandeses de Carambeí” e os “brasileiros” são nitidamente grupos distintos, distinção essa que contraria a identidade que os últimos grupos (parte do Grupo 2F e Grupos 3M e 3F) afirmam existir, uma vez que consideram a si mesmos “brasileiros”, mas confirma a impressão geral de não-identidade “imposta” pelos “brasileiros” que consideram os “holandeses” um grupo à parte, separado, cujas fronteiras são bem delimitadas.

A identidade dos “holandeses de Carambeí”, portanto, é conflitante, pois são “holandeses” brasileiros (nascidos no Brasil), mas ao mesmo tempo não são simplesmente brasileiros. Por essa razão, autodenominam-se “holandeses” (Grupos 1M e 1F) ou mesmo “carambianos” (Grupos 2M e 2F) e também “descendentes de holandeses” (Grupos 3M e 3F). Portanto, é uma identidade complexa, que encerra incoerências, posto que os “holandeses” de Carambeí também não se identificam com os “holandeses da Holanda”, de quem fazem questão de se distinguir. Além disso, ainda é interessante observar que, nesses termos, ser “holandês” não implica falar holandês. Os depoimentos, aliás, são muito claros quanto a isso. No entanto, a língua holandesa foi durante muito tempo a única língua falada na comunidade, de modo que assumiu um valor maior do que o da língua da sociedade maior, o português.

Sumarizando o que foi dito até o momento, a maioria dos “holandeses” de Carambeí considera-se “holandês” em oposição aos “brasileiros” que não têm ascendência holandesa e também são considerados “holandeses” pelos “não-holandeses”. Dessa forma, passam a formar um grupo étnico, pois a identidade social surge ao nos identificarmos como membros de uma comunidade em que nos definimos como o endogrupo, em oposição aos demais, que são definidos como o exogrupo. Nessa definição, identidade é entendida como alteridade, pois não é possível falar desse construto sem se perguntar pelo Outro e pela nossa relação com esse Outro, da qual deriva a comparação com ele (KRAMSCH, 1998, p. 8).

No entanto, é necessário esclarecer que não há uma distinção categórica entre uma identidade e outra, de modo que a passagem de um pólo a outro se dá, na realidade, na forma de um processo contínuo (AMÂNCIO, 2007, p. 91). Assim sendo, “ser brasileiro” pode ser interessante em determinados momentos, como, por exemplo, na escola, na universidade, quando se está perto de “brasileiros” (fora da colônia) e não se quer destoar daquele grupo (fazendo negócios, no trabalho) ou perto dos “holandeses da Holanda”. Por outro lado, em outras situações sociais dentro da colônia, na igreja, na família, nas amizades e no grupo de jovens, é interessante “ser holandês”. Por essa razão, os “holandeses” ainda preferem namorar e casar entre si, principalmente porque têm a mesma religião e os mesmos costumes.

Vou ofender a senhora, mas queria que eles casassem com holandês. Aí no fim a gente tinha que escolher um rapaz do mesmo raça. Então segurava demais. Aí a gente não sentiu tanto. Agora vai passar isso. Já ta passando, aliás, não ta mais assim. Ninguém contra casar com outra raça. Mas então... Não sou contra, a gente não é contra a raça. Nós não somos nem um pouco. A gente não tem destinação. Mas o povo não aceita quase é a religião, principalmente. Religião diferente. Tinha muita medo que a gente perdesse aquela fé que eles [tinham quando] vieram aqui, né? (WGG)

Dessa forma, pode-se dizer que:

Tudo depende, portanto, dos papéis sociais desempenhados e dos interesses vigentes, afinal, como já afirmamos anteriormente, os processos de identidade e diferença não são, nunca, inocentes ou desprovidos de ideologias. Trata-se, portanto, de um jogo de interesses que, pode até ser jogado inconscientemente, mas que define quando é feita e “identificação” e quando se deve optar pela

“diferenciação”, ou seja, é a esse jogo que se atribui a delimitação entre a “identidade” e a “diferença” (AMÂNCIO, 2007, p. 91).

Ratificamos: em alguns momentos é interessante “ser brasileiro” e em outros, “ser holandês”. E como ser “holandês” não pressupõe mais necessariamente falar holandês, segundo grande parte dos informantes entrevistados, é inevitável perguntamo-nos de que forma se estabelece a identidade lingüística dos “holandeses” de Carambeí. Será que se estabelece pelo uso de uma variante específica da língua portuguesa, que é a língua dominante da comunidade atualmente? Essa questão será discutida no capítulo a seguir. No momento, pode-se dizer é que a identidade do grupo se constitui por tudo aquilo que o diferencia de outros grupos (APPEL; MUYSKEN, 1996, p. 24). Portanto, a *identidade lingüística* de um grupo é dada pela língua ou pela variedade de língua atribuída àquele grupo, que pode ser estigmatizada ou gozar de *status*. Nesse sentido, observaremos no capítulo a seguir:

1. Qual é a variedade de português falada pelos “holandeses” de Carambeí? Ou melhor, pode-se dizer que há apenas uma variedade, que todos os grupos (1M a 3F), usam a mesma?
2. Se houver apenas uma variedade, ela é distinta da variedade de português falada na região pelos “não holandeses”?
3. Se houver mais de uma variedade, há alguma que esteja mais próxima da variedade de português falada na região pelos “não-holandeses”?
4. Se houver um grupo (ou grupos) que fale(m) uma variedade mais distante da variedade de português da região, este(s) mesmo(s) grupo(s) manifesta(m) atitudes positivas em relação à língua holandesa? Esse(s) grupo(s), se existir(em), identifica(m)-se como “holandês”?
5. Por outro lado, se houver um grupo (ou grupos) que fale(m) uma variedade mais próxima da variedade do português da região, este(s) mesmo(s) grupo(s) manifesta(m) atitudes negativas em relação à língua holandesa? Esse(s) grupo(s) identifica-se como “brasileiro”?

Enfim, o capítulo a seguir versará sobre a relação entre a(s) variedade(s) de língua portuguesa falada(s) pelos “holandeses” de Carambeí e a) as atitudes lingüísticas que os “holandeses” manifestam em relação às línguas portuguesa e holandesa; b) a identidade dos “holandeses”; c) os usos funcionais que as línguas holandesa e portuguesa mantêm na comunidade dos “holandeses” de Carambeí.

CAPÍTULO 6

O PORTUGUÊS DOS “HOLANDESES” DE CARAMBEÍ: O R-FORTE

Conforme já se afirmou, neste capítulo, analisar-se-á, enfim, a variedade de português falada em Carambeí pelos descendentes de holandeses. Mais especificamente, o capítulo versará sobre a relação entre a) os usos funcionais das línguas holandesa e portuguesa na comunidade de Carambeí; b) as atitudes lingüísticas que os “holandeses” manifestam em relação às línguas portuguesa e holandesa; c) a identidade dos “holandeses”; e d) a variedade de língua portuguesa falada pelos “holandeses” de Carambeí.

6.1 O PORTUGUÊS FALADO PELOS “HOLANDESES” DE CARAMBEÍ E A QUESTÃO DA INTERFERÊNCIA ENTRE LÍNGUAS EM CONTATO

Este trabalho retoma as conclusões de Verburg (1980) sobre o português falado por descendentes de holandeses em Castrolanda/PR, que é uma das três colônias holandesas do Paraná, estabelecida entre 1951 e 1954. Neste estudo, Verburg (1980) buscou verificar o papel das variáveis sociais na aquisição de uma 2ª língua, no caso o português, uma vez que a língua materna dos imigrantes holandeses e de seus descendentes à época era o holandês. Mais explicitamente, procurava-se investigar a natureza da correlação existente entre as variáveis sociais observadas – sexo, idade, instrução, ocupação e índice de contato com o português – e o desempenho lingüístico, em português, dos falantes de Castrolanda.

Com esse objetivo, selecionamos os aspectos sociais que se mostraram mais relevantes na comunidade. Paralelamente, restringimos a aquisição da segunda língua a um aspecto específico da fonologia do português, para examinarmos a interferência do holandês. Na língua holandesa, não existe distinção fonêmica entre tepe e vibrante; apenas ocorre o fonema tepe. Por conseguinte, essa

oposição fonêmica se constitui numa dificuldade para o falante de holandês que se inicia em português. Nas palavras portuguesas onde aparece o fonema vibrante, esse fonema é reconhecido e produzido como tepe pelo falante holandês. Ex.: ['karu] por ['karu], *carro*; ['rɔza] por ['rɔza], *rosa*; ['tẽru] por ['tẽru], *tenro* (VERBURG, 1980, p. 3).

Desse modo, o trabalho buscava responder à seguinte pergunta: “quando falam português, os “holandeses” de Castrolanda realizam o r-forte como tepe, em função da influência do holandês?” Em relação a essa questão, encontraram-se os seguintes resultados: na variedade de português falada pelas mulheres, comparadas à dos homens, há uma grande ocorrência de tepe como r-forte; também na variedade de português falada pelas pessoas mais velhas, em comparação à das mais jovens, há uma predominância de tepe como realização de r-forte; os menos instruídos falam igualmente uma variedade de português em que o tepe como r-forte predomina; enfim, no português falado pelos que têm um contato menor com a língua portuguesa também prevalece o tepe como realização do r-forte. Portanto:

Os resultados, na sua totalidade, convergem para a noção de contato. Na verdade, nota-se que as outras variáveis – sexo, idade, instrução e ocupação – se resolvem em função dela. Dizemos isso porque a distinção entre o sexo masculino e feminino só passa a ter significado à medida que implica maior e menor contato com a língua. A idade, de igual modo, define quando o contato teve início e qual a sua intensidade. O enfoque dado à ocupação enfatiza por si só que o tipo de trabalho é relevante a partir do contato que determina com o código lingüístico oral e escrito. Enfim, a instrução revelou-se importante pelo seu total de anos. É inegável, porém, a correlação que há entre o maior número de anos de instrução e a educação feita em português, por encerrar maior contato com a língua. Conclui-se daí que o aspecto social mais importante na aquisição da competência fonológica é o contato (VERBURG, 1980, p. 114).

Enfim, a autora confirma a hipótese inicial de que a presença de tepe como r-forte no português falado pelos “holandeses” é influência da língua holandesa sobre a portuguesa⁸⁵, uma vez que, segundo resultados da pesquisa, o tepe como r-forte se dá

⁸⁵ Nesse sentido, considere-se o fato de que não existe língua que não tenha sofrido, em algum momento, um processo de “mescla” ou “contaminação”. Do mesmo modo como não existem as razões puras, tão pouco seria possível encontrar línguas “puras”, sem nenhuma “contaminação”. A mescla é um dos principais fatores responsáveis pela modificação das línguas (SCHUCHARD, 1909 *apud* ELIZAINCIN, 1992, p. 21).

menos freqüentemente na variedade de português falada pelos que têm mais contato com o português.

Por essa razão, neste trabalho se investigará, na variedade de português falada pelos “holandeses” de Carambeí, a realização do r-forte, uma vez que, segundo Verburg (1980) e os próprios “holandeses” entrevistados, este é o aspecto que mais chama a atenção dos “brasileiros” no sotaque “holandês”.

Partindo do princípio, de acordo com Verburg (1980), de que a língua holandesa influenciou o português falado pelos “holandeses” de Carambeí – o que se deu, como já visto, por razões históricas e remonta ao período da imigração – por meio dessa influência, determinadas características do holandês exerceram pressão sobre o português. Do contato entre holandês e português decorreu a alta incidência do tepe no português falado pela comunidade “holandesa” de Carambeí.

No entanto, com o passar do tempo a língua portuguesa ganhou terreno na comunidade, a partir do momento em que Carambeí estabeleceu comunicação com o resto do Brasil. O português entrou em contato com o holandês falado em Carambeí de diversas formas, sob diversas variedades, todas pertencentes ao que denominamos português brasileiro.

Desse modo, a forma como as duas línguas em questão entraram em contato e a necessidade de os “holandeses” aprenderem português foram as responsáveis pelo surgimento de fenômenos lingüísticos, quer funcionais, quer estruturais. Entre os fenômenos funcionais está o surgimento de uma situação bilíngüe na colônia. Os fenômenos estruturais, decorrentes dos funcionais, dizem respeito, por exemplo, aos empréstimos, às interferências e às transferências que ocorrem quando dois sistemas lingüísticos convivem por um tempo relativamente longo, como é o caso da situação lingüística aqui apresentada.

Para Weinreich (1953, p. 1), a interferência diz respeito àqueles exemplos de desvios da norma de qualquer língua que ocorre na fala de bilíngües como um resultado de sua familiaridade com mais de uma língua, isto é, como um resultado de línguas em contato.

Essa noção implica uma forma de vincular o fenômeno exclusivamente ao bilingüismo e ao contato de línguas, considerando-o também e exclusivamente como resultado de um processo estrutural, não interacional. Além disso, Weinreich usa o termo interferência para descrever qualquer diferença entre a fala de um monolíngüe e a de um bilíngüe. Posteriormente, restringe o uso do termo a casos em que o falante estabelece reorganizações nos padrões de fala. Dessa forma, passa a excluir empréstimos simples de palavras de uma língua para outra dos processos de interferência.

No que segue, vamos observar especificamente o fenômeno da interferência na fala de sujeitos bilíngües em holandês/português, como um processo individual, graduável, sistemático, multidirecional, dinâmico e motivado (WEINREICH, 1953). A variedade decorrente do contato-conflito da língua holandesa com a língua portuguesa será observada na realização da língua portuguesa.

É preciso inicialmente distinguir que tipos de línguas, em relação ao parentesco lingüístico, estão em contato-conflito na região em estudo, além do tempo e do motivo desencadeador desse fenômeno lingüístico. Quanto ao tempo de permanência e ao motivo sociocultural desencadeador do contato-conflito lingüístico, já foram ambos discutidos detalhadamente em unidades anteriores, restando, portanto, discutir aqui a tipologia das línguas envolvidas.

A língua portuguesa e a língua holandesa pertencem a distintos ramos indo-europeus. A primeira faz parte do grupo das línguas neolatinas (da seqüência itálico>latim>português), ao passo que a segunda pertence ao ramo germânico. Quanto à classificação genética, o holandês é uma língua indo-européia, do ramo ocidental, da família germânica, que procede do baixo frâncico antigo (cerca de 400-1100), língua associada aos assentamentos tribais dos séculos IV ao IX, no que atualmente são os Países Baixos e a Bélgica flamenga, excetuando-se os assentamentos frísios e saxões no norte e no leste dos Países Baixos, respectivamente. O baixo frâncico ou francônio também é conhecido como antigo holandês.

A língua holandesa foi e é conhecida sob vários nomes; por exemplo, na Idade Média era chamada *diets(ch)* ou *duits(ch)*, de onde deriva seu nome em inglês (*dutch*); no Renascimento, era conhecida como *nederduits(ch)* ou literalmente *baixo holandês*, para

distingui-la de suas vizinhas orientais, alto e baixo alemão, que, no decorrer do tempo, monopolizaram o nome *duits*. A denominação oficial moderna *nederlands*, neerlandês, é muito recente e ainda não teve êxito em vencer as designações populares como *hollands* (holandês) e *vlaams* (flamengo), usados nos Países Baixos e Bélgica, respectivamente.

Assim, pelo fato de as duas línguas serem diferentes entre si e por terem convivido num mesmo espaço geográfico por um longo período, a interferência se torna facilmente detectável. Segundo Elizaincin (1992, p. 42), quanto mais similares forem as línguas em convivência, menos provável será que o falante identifique as interferências. O oposto se aplica à investigação que efetivamos.

Weinreich (1953) aponta três níveis gerais de interferências: o fônico, o gramatical e o lexical. No entanto, os níveis da língua não são discretos, o que quer dizer que uma interferência “fonética” pode trazer conseqüências para outros componentes da língua. A interferência gramatical da L1 (língua holandesa) na L2 (língua portuguesa) é constatada em várias partes do sistema lingüístico. Tal conseqüência exige estudo específico sobre o assunto. A título de ilustração, citamos alguns exemplos de interferências ocorrentes⁸⁶.

Gênero: “Na década de 50, o colônia era muito fechada” (HS).

Número: “Annike, quando foi pra Holanda, filhos nenhuma sabia nenhuma palavra em holandês” (WGG).

As interferências morfossintáticas e sintático-semânticas são bastante interessantes e revelam operações, por vezes, bastante complexas. Devem-se constituir, por causa disso e por outros motivos, temas de estudos específicos. Entre elas citamos:

Interferências quanto à ordem/posição das palavras na frase: “Eu sempre falo quase holandês com ela (no sentido de “quase sempre”) (WGG); “Nome muito feio, eles acharam” (HS).

Há vários apagamentos, mas os mais recorrentes são os de artigo e cópula: “Eu fiquei boba, holandês é mesmo de café, né?” (WGG)

⁸⁶ Todos os exemplos citados provêm do *corpus* coletado na comunidade de fala holandesa de Carambeí ou das observações realizadas.

Apesar de termos feito considerações sobre o fenômeno da interferência, até aqui de modo unidirecional, isto é, da L1 para a L2, não o concebemos dessa forma, conforme a caracterização atribuída ao fenômeno apresentada acima. A multidirecionalidade do processo de interferência em termos gramaticais nos parece exigir necessariamente competência em língua holandesa ou, ao menos, pode ser discutida por bilíngües em holandês/português. Fica a sugestão para que se desenvolva tal pesquisa.

Em relação à interferência lexical, pode ser vista de modo multidirecional justamente devido à característica mais concreta e aberta dos léxicos. Além disso, auxiliamos também a inexistência de parentesco lingüístico entre o português e o holandês, assim como as divergências socioculturais bastante acentuadas, como apresentado em unidades anteriores.

No *corpus* coletado não especificamente para esse fim, com 20 horas de gravação em fita cassete, encontramos muitas palavras de origem holandesa na produção oral em língua portuguesa de sujeitos bilíngües em holandês/português. São exclusivamente nomes ou expressões nominais e referem-se, entre outras coisas, a comidas típicas bastante comuns na região; a cerimônias ou rituais religiosos reformados; a festividades holandesas; ao título do boletim da igreja reformada ou da revista da associação Brasil/Holanda; a nomes próprios, por exemplo. A título de ilustração, citamos abaixo alguns exemplos:

- Comidas: *Heipkeis* (doce), *erwtensoe* (sopa de ervilha), *tomatensoe* (sopa de tomate).
- Festividades holandesas: *Koninginnedag* (“Dia da rainha”), *Sinterklaas* (“Dia de São Nicolau”).
- Nomes próprios: *Annikke*, *Jan*, *Bauke*, *Auke*, *Maike*, *Douwtje*, *Hendrick*, *Iolande*, *Willemke*, *Bart*, *Weynando*, *Robin*, *Wenni*, *Willemina*, *Klasina*, *Saskia*, *Jannigje*, *Roselin*.
- Graus de parentesco: *Oma* (vovó), *Opa* (vovô), *Tante* (tia).
- Nome do boletim/revista: *Meeleven* (Conviver), *De Regenburch* (O arco-íris).

Os poucos exemplos citados acima refletem, em síntese, a gramática cultural⁸⁷ holandesa que interfere no cotidiano dos carambeenses. O presente estudo não pretende afirmar que existe uma variedade de língua holandesa na região, um terceiro sistema proveniente do contato entre os sistemas do holandês e do português. Mas a influência dos meios de comunicação de massa em língua portuguesa e as restrições funcionais atribuídas à língua holandesa atualmente pela comunidade de fala que a usa podem já ter substituído muitas das características do sistema lingüístico originado na comunidade em estudo.

A palavra “caminhão” a gente usa em holandês também. Porque a palavra “vrachtwagen” é caminhão em holandês. A gente nunca usa aqui no colônia. Tem mais palavras, tem várias coisas. Foram entrando como agora acontece com inglês pro português. Essas palavras eles não conhecem. O pastor fez uma pregação na Igreja e usou a palavra “concreet”. Muitos não sabiam o que que era. Aqui fala (). É feito de concreto, né? Ele começou a pregação dele sobre essa estátua de Cristo lá no Rio de Janeiro. Este Cristo é de concreto. Alguns entenderam. Bastante não. Não conhecem esse palavra (HS).

Se no início da difusão do português houve apenas a adoção de palavras diferentes ao vocabulário holandês e a criação de termos novos, hoje podemos dizer que a estrutura da língua [holandesa] sofreu também os processos aculturativos. Num pequeno levantamento feito pelo diretor da Escola de Carambeí encontrou-se: *Meester, ze hebben m'n pontador gerobaard* (Professor, roubaram meu apontador); *Jantje, heb zich gemachukeerd* (Joãozinho se machucou); *De tractor is geencalhard* (O trator encalhou). Também certas palavras de uso constante e diário como *caminhão*, *farmácia*, *loja*, *prefeitura*, além de muitos termos rurais estão de tal modo incorporadas ao vocabulário holandês, que são usadas indistintamente por adultos e crianças. Para as crianças, por exemplo, palavras como *vrachtwagen* (caminhão) são totalmente desconhecidas. São feitas também adaptações com radical em português e sufixos em holandês quando se usa o diminutivo: *cadeiachie* (cadeiazinha) em vez de *gevangenisse*; *camionchie* (caminhãozinho) em lugar de *vrachtwagentie*; *sapohollegie* (perninhas de sapo) em lugar de *kikker billettjes* (LUYTEN, 1979, p. 74).

Desse modo, constata-se a característica multidirecional da interferência, em que se comprova a ação da língua não dominante sobre o léxico da língua dominante, ou o inverso, através dos exemplos acima citados.

⁸⁷ Regras socioculturais e, por vezes, históricas adquiridas junto com uma variedade de língua de uma comunidade de fala.

Na seqüência, se discutirá especificamente a questão da interferência fonológica entre línguas em contato, uma vez que esta pesquisa se restringe a analisar este aspecto no português falado pelos “holandeses” de Carambeí.

6.2 A INTERFERÊNCIA FONOLÓGICA

Entre os níveis gramaticais citados anteriormente, a interferência fonológica foi o nível que Weinreich mais explorou. Em função disso, seus estudos foram inúmeras vezes citados, tornando-se modelares. O autor distinguiu quatro tipos básicos de interferências fonológicas:

1. Subdiferenciação de fonemas: ocorre quando um bilíngüe incipiente encontra dois sons no sistema de L2 cuja contrapartida não é feita na L1; por exemplo, falantes bilíngües em holandês/português ao usarem o português como L2 não diferenciam tepe de vibrante.
2. Supra-diferenciação de fonemas: envolve uma distinção fonêmica feita na L2 que nela não existe.
3. Reinterpretação de distinção entre fonemas: ocorre quando o bilíngüe distingue, na L2, sons que são alofones nessa língua.
4. Substituição fônica: aplica-se a fonemas que são identicamente definidos nas duas línguas, mas cuja pronúncia difere na L2.

Para Yavas (1981), no que diz respeito à interferência fonética, o falante nativo substitui sons mais próximos de sua língua por sons estrangeiros. Embora a caracterização “sons mais próximos de sua língua” seja bastante vaga, encontram-se exemplificações que comprovam isso. Por exemplo, os sons [θ] e [ð] do inglês geralmente são substituídos respectivamente por [s] e [z] por falantes com L1 português. Quanto ao nível fonológico, a interferência é regulada pelo sistema receptor, ocorrendo a substituição dos fonemas mais próximos de seu próprio inventário pelos segmentos estrangeiros. No texto de Yavas (1981), não há explicação para as lacunas entre sistemas fonológicos. Provavelmente ela é preenchida por um modelo mais próximo do sistema fonológico, identificando-se com aquele que está interferindo. Polivanov (1931 *apud* YAVAS, 1981) sugere que o falante,

mesmo escutando uma palavra estrangeira desconhecida, tenta encontrar nela o seu sistema fonológico, para decompô-la em fonemas pertencentes a sua língua nativa e certamente de conformidade com suas regras de agrupamento fonético. Para Bloomfield (1933), os sons estrangeiros não são reanalisados como fenômenos isolados; ao contrário, encaixam-se no sistema fonológico da língua tomada de empréstimo. Por essa razão, a explicação deve ser sempre fonológica, mais do que fonética, em matéria de fenômenos interlingüísticos.

As especificidades fonéticas e alofônicas próprias de cada língua são, sem dúvida, um dos principais fatores responsáveis pelo surgimento de interferências comumente detectadas na fala de estrangeiros, denominadas de sotaque. Por essa razão, passemos, na seqüência, à descrição dos sistemas consonantais da língua holandesa e da língua portuguesa.

6.2.1 Descrição fonético-fonológica dos róticos e das fricativas do holandês padrão

Segundo descrição de Gillis e De Houwer (1998), a língua holandesa padrão tem como um fonema rótico e uma fricativa: /r/ e /ʁ/. Ao primeiro fonema, corresponde a letra “r”; ao último, “g” e “ch”. O fonema /r/ possui um alofone, [r] e o fonema /ʁ/ possui o alofone [χ].

A seguir, esquema do sistema fonético dos róticos e das fricativas no holandês padrão:

| | Alveolar | Velar | Uvular |
|-----------|----------|-------|--------|
| Vibrante | r | | |
| Tepe | r | | |
| Fricativa | | ʁ | χ |

Quadro 18 – Sistema fonético do Holandês padrão

Fonte: Adaptado de Gillis e De Houwer (1998, p. 5).

Esquema do sistema fonológico do rótico e da fricativa no Holandês padrão:

| | Alveolar | Velar |
|-----------|----------|-------|
| Tepe | r | |
| Fricativa | | ɣ |

Quadro 19 – Sistema fonológico do Holandês padrão

Fonte: Adaptado de Gillis e De Houwer (1998, p. 5).

Segundo falantes nativos⁸⁸, em língua holandesa, /r/ → [r] em quaisquer contextos fonológicos, em segunda posição de ataque silábico e em posição de ataque silábico no meio de palavra, numa fala dita “normal”, “corrente”. Por outro lado, /r/ → [r] quando se quer dar “ênfase à palavra”.

Já o fonema /ɣ/ → [χ], na grande maioria das vezes, quando em segunda posição de ataque silábico, posição de ataque silábico no meio de palavra ou posição de *coda* em meio/final de palavra. [ɣ] restringe-se, principalmente, à posição de ataque silábico que coincida com posição de início de palavra.

Pode-se pronunciar o som que se representa pelas letras “g” e “ch” como [ɣ], em quaisquer contextos fonológicos, que “ninguém estranharia” ou acharia que se trata de um “holandês ruim”. Sua ocorrência tem relação com uma pronúncia enfática. Já [χ] é comum na “fala corrida”, “em que as palavras não são, todas, bem articuladas⁸⁹”.

6.2.2 Descrição fonético-fonológica do r-forte no português brasileiro

Como já foi dito, dentre as várias interferências fônicas detectadas na produção oral em português dos bilíngües em holandês/português, selecionamos o fonema vibrante porque tanto Verburg (1980) quanto os próprios informantes entrevistados neste trabalho

⁸⁸ Esses informantes não participaram das gravações realizadas, pois conheciam em detalhes o teor da pesquisa desenvolvida, o que influenciaria seu desempenho. Sua participação foi fundamental na análise da competência do falante de holandês a respeito do inventário e do funcionamento dos róticos e das fricativas dessa língua. Essa análise deu-se através de questionamentos diretos sobre o sistema consonantal holandês, a partir de Rooy-Gischler e Lens-Fasting (1985), Gillis e De Houwer (1998) e Verburg (1980).

⁸⁹ Dijkstra, informação verbal.

sugerem que a realização do r-forte como tepe é uma das principais características do sotaque “holandês” na língua portuguesa.

É preciso considerar que o fonema /r/ é um dos sons consonantais do português brasileiro que mais recebeu atenção por parte de foneticistas e fonólogos variacionistas, devido à grande variabilidade apresentada em seu uso. Callou *et al.* (1997), por exemplo, num estudo sobre a realização das consoantes pós-vocálicas no português brasileiro, analisaram ocorrências de /r/ em cinco capitais e identificaram sete realizações fonéticas: vibrante, vibrante uvular, fricativa velar, fricativa laríngea (aspirada), tepe e aproximante retroflexa, além do zero fonético.

Justamente por apresentar grande variabilidade, os principais estudos sobre a vibrante foram efetivados a partir da perspectiva da sociolinguística laboviana. Tais estudos apontaram, entre outras coisas, que a vibrante tem ocorrências e frequências diferenciadas por variedades de língua, isto é, ou ela pode servir como identificador da região de origem do locutor, ou como marca de sua identificação sociocultural. Nesse sentido, observe-se que as pesquisas de Monaretto (1992), por exemplo, sugerem que “os *bilíngües de colonização européia substituem a vibrante múltipla pela simples, em qualquer posição da palavra*” (grifos nossos).

No que diz respeito à oposição fonológica entre r-forte e r-fraco, é interessante observar que o r-forte pode ter várias realizações fonéticas quanto ao ponto e modo de articulação. Segundo Câmara Júnior (1984, p. 16), há quatro execuções articulatórias com efeito auditivo específico correspondente, para o r-forte.

Por outro lado, para Monaretto, Quednau e da Hora (1996, p. 218):

Há sons de r que podem ocorrer com uma só batida da língua junto aos alvéolos chamados de tepe ou de vibrante simples, branda ou fraca, encontrados em grupos consonantais (cravo) e entre vogais (maré). Há outros sons de r, em que se encurva a ponta da língua em direção à região palato-alveolar ou palatal, os retroflexos, encontrados no dialeto caipira (característico da região norte de São Paulo e sul de Minas Gerais).

Essas variações fonéticas da execução da vibrante possibilitaram o surgimento de inúmeros estudos sociolinguísticos sobre a distribuição de seu uso. Além da dependência

dialetal localizada, apontada pelos estudos sociolinguísticos, a vibrante apresenta dependências do contexto linguístico:

Na posição pré-vocálica (rato, honra), ocorre o uso da vibrante forte e em posição pós-vocálica (carne. Mar), predomina a simples. Em grupo consonântico (prato) só aparece a vibrante simples. Na posição intervocálica, a diferença de articulação é importante, pois o sentido entre duas palavras é alterado pela realização da vibrante fraca ou forte como em caro/carro, era/erra, muro/murro etc. nesse ambiente, entre vogais, há oposição fonológica (MONARETTO; QUEDNAU; DA HORA, 1996, p. 218).

As mudanças que estão ocorrendo no português brasileiro, na realização do r-forte, apontadas por estudos sociolinguísticos, situam-se quanto ao ponto e modo de articulação. Câmara Júnior (1984, p. 16) faz as seguintes considerações sobre o primeiro tipo de mudança:

É um estado de flutuação fonética, que no plano descritivo, ou sincrônico, passa a ser a contraparte de um lento trabalho diacrônico de mudança, que vai pouco a pouco ganhando novas áreas de falantes. A marcha diacrônica é no sentido da substituição da articulação ântero-bucal (vibração múltipla da ponta da língua junto aos dentes superiores) por uma vibração posterior, que vai da vibração da raiz da língua junto ao véu palatino à tremulação da úvula e à mera fricção faríngea.

Câmara Junior cita ocorrências dessa mudança, de igual natureza e já concluídas no francês parisiense. Em relação ao português, Monaretto, Quednau e da Hora (1996, p. 218-219) trazem os seguintes dados:

Essa mudança parece datar do fim do século passado, época em que se atestam as pronúncias uvular [R] e velar [X] para o r-forte, antes somente articulado como uma vibrante alveolar [r], segundo as gramáticas. A vibrante uvular aparece no português de Portugal, em Lisboa, conforme Barbosa (1994, p. 38), como uma pronúncia vulgar no final do século XIX e a aparição de r como uma fricativa [X] é assinalada desde 1883, entre os jovens, segundo Gonçalves Viana (1973).

É interessante destacar que, no grupo em estudo, o tipo articulatorio do r-forte que entra no sistema dos sujeitos bilíngües em holandês/português de Carambeí é o tepe. Quando a interferência se apresenta em menor grau, aparecem a vibrante e as articulações posteriores da vibrante, como a fricativa.

Além disso, junto à indiscutível variação na execução da vibrante, há discussões acerca do *status* fonológico desse fonema: afinal, há um ou dois fonemas? Caso se considere a existência de um, qual deles é o subjacente, /r/ ou /r'/? A literatura registra defensores de ambas as questões. Lopez (1979), Monaretto (1997) e Bisol (1994) defendem a existência de apenas um fonema subjacente, a vibrante simples. Já Câmara Júnior, por exemplo, na versão de 1953 da obra *Para o estudo da fonêmica portuguesa*, propõe que existe apenas um fonema rótico na forma subjacente, o r-forte. O tepe era uma variante posicional enfraquecida⁹⁰. Por outro lado, na edição de 1977 da mesma obra, o autor revê sua análise e, com base em argumentos de natureza fonética, defende a existência de dois fonemas vibrantes que se opõem apenas em posição intervocálica⁹¹. Revisitando a versão de 1953 de Câmara Jr., Abaurre e Sândalo (2003) propõem a existência, no português, de um único fonema rótico na forma subjacente, a vibrante. Dessa forma, assumem que o r-forte nas línguas ibéricas é um epifenômeno de dois “r” subjacentes que não se tornam superficiais, por um efeito de OCP⁹².

Para Abaurre e Sândalo (2003), a ocorrência de uma fricativa velar pode ser representada a partir de uma vibrante subjacente, se considerarmos que ocorre a existência de um processo de debucalização a partir do qual ocorre o desligamento dos traços de ponto e a implementação do traço dorsal como *default*. Além desse *r*, relata-se a ocorrência (rara) de uma vibrante uvular em posição de *coda*, que é resultado de um processo de posteriorização da vibrante em que o ponto alveolar foi substituído.

⁹⁰ Para justificar essa posição, o autor lança mão de argumentos de natureza diacrônica. Segundo ele, em latim, em posição intervocálica, havia um /r/ que podia ser geminado, como qualquer outra consoante, e um /r/ simples. Portanto, a oposição simples/geminado era distintiva. Então, a geminação reduziu-se, na evolução histórica do sistema consonantal do português, a uma vibrante em oposição a um /r/ simples.

⁹¹ Em outras posições, inclusive na posição mais favorável para a nitidez das consoantes, que é a inicial e onde só aparece /r/ forte, há neutralização. O fonema subjacente é a vibrante forte.

⁹² OCP é o princípio que estabelece que elementos adjacentes idênticos são proibidos. Inicialmente foi proposto por Leben (*apud* BISOL, 2001). Mais tarde, foi estendido por McCarthy (*apud* BISOL, 2001) para explicar a estrutura das sílabas. O *Obligatory Contour principle* explica por que é freqüente o fato de as línguas vivas evitarem segmentos idênticos adjacentes ou mesmo segmentos adjacentes com o mesmo ponto de articulação. Em inglês, por exemplo, seqüências como * [pw] são consideradas mal formadas, enquanto [tw] (*twin*) e [kw] (*queen*) são bem formadas.

Para a proposta de derivação da mudança lingüística apontada no estudo de Callou *et al.* (1997), que é $r > R > x > h > \emptyset$, Abaurre e Sândalo (2003) propõem duas alternativas: em dialetos menos conservadores, a mudança se dará da seguinte forma: $r > R > h$; ou, nos dialetos mais conservadores – o que parece ser o caso do português falado em Carambeí – $r > x > h$.

Este trabalho não pretende provocar uma nova discussão teórica a respeito do tema. Na verdade, partimos do pressuposto de que há apenas um fonema vibrante no sistema fonológico do português do Brasil, ratificando os argumentos de Lopez (1979), Bisol (1994), Monaretto (1992,1997) e Abaurre e Sândalo (2003). Em relação à argumentação de Monaretto (1997), encontraram-se evidências, no *corpus* coletado, do resultado apontado por ela:

Verificando o papel de fatores socioculturais intervenientes na fala de quatro regiões sociolinguisticamente representativas do Rio Grande do Sul, revelou que não existe distribuição defectiva entre as duas vibrantes em zona bilíngüe. Há a substituição de um fonema por outro em todos os contextos, excluindo-se o de grupo e até mesmo em V_V (onde, em princípio, existe a função distintiva). Isso leva-nos a crer que os bilíngües (de zona de colonização européia), possivelmente levados pela influência de uma segunda língua, interpretam as duas vibrantes como variantes da mesma unidade fonológica.

Enfim, na situação em estudo, constata-se que a variante tepe disputa terreno com a forma vibrante na parcela da comunidade que estabelece contato moderado com outras variedades dialetais do português e concorre com a fricativa na parcela da comunidade que mantém contato intenso com tais variedades. Tal situação faz da vibrante uma forma intermediária, conciliatória, coerente com seu próprio valor fonológico enquanto variante de transição entre a forma tepe, extremamente “interiorana”, e a fricativa, extremamente “urbana”.

Como já se disse, no português do Brasil, o r-forte é condicionado pela faixa etária, por fatores sociais, estilísticos e geográficos (CRISTÓFARO SILVA, 1999, p. 49). No português brasileiro, o r-forte pode ser pronunciado como [x, h, r, .ɹ]. Já no estado do Paraná, na região dos Campos Gerais (à qual pertence a cidade de Carambeí), segundo o

Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (KOCH, KLASSMANN, ALTENHOFEN, 2002), a pronúncia do r-forte se dá como vibrante⁹³.

Por outro lado, segundo Callou e Leite (2000, p. 76), no português brasileiro atual verifica-se uma forte tendência em substituir a vibrante pelo r fricativo:

A substituição de vibrações apicais por vibrações uvulares e velares para a vibrante forte em português parece datar de fins do século passado [século XIX], pois já encontramos referências ao fato em VIANNA (1973), que observa, inclusive, a sua mudança para fricativa.

Segundo as autoras, além de a pronúncia fricativa do “r” em substituição à vibrante não ser recente (já era documentada ainda no final do século XIX) no cenário fonético do português falado no Brasil, a pronúncia do r fricativo é mais privilegiada dentre os falantes no território nacional.

Não há dúvida de que essas consoantes [erres] suscitam várias questões na nossa língua: a) parece ter havido uma mudança da norma de pronúncia da chamada vibrante forte, não só no ponto de articulação (de anterior para posterior), mas também no modo de articulação (de vibrante para fricativa); b) as diversas pronúncias já coexistiam no final do século passado e concorrem ainda hoje.

Por meio de suas pesquisas, efetuadas no Rio de Janeiro, as autoras puderam constatar que, mesmo nas classes que empregam a fala culta, esse fenômeno é bastante generalizado. Segundo Abaurre e Sândalo (2003, p. 161-162), essa consoante já está tão difundida no território nacional, que o uso da vibrante, na pronúncia de r inicial e dobrado, encontra-se, atualmente, restrito a apenas alguns dialetos, como os gaúchos, por exemplo.

No português do Brasil, quando a vibrante estiver no início de uma sílaba e não for precedida por uma vogal, ela pode permanecer vibrante, como ainda ocorre em algumas regiões do Rio Grande do Sul, ou ser realizada como uma fricativa glotal na maioria dos dialetos.

⁹³ Conforme cartas nº 43, 44 e 45 do ALERS (pontos 213 – Localidade de Guararema, que corresponde ao município de Castro – e 214 – Localidade de Guaragi, que corresponde ao município de Ponta Grossa). O nome dos municípios e o número de microrregiões (Mr.) em que cada município se insere correspondem à divisão territorial, segundo o IBGE, à época da escolha dos pontos do ALERS, em 1987 (KOCH, KLASSMANN, ALTENHOFEN, 2002, p. 51).

A seguir, esquema do sistema fonético do r-forte no português brasileiro:

| | | | |
|----------------|----------|-------|--------|
| | Alveolar | Velar | Glotal |
| Fricativa desv | | x | h |
| Vibrante | r | | |
| Aproximante | ɹ | | |

Quadro 20 – Sistema fonético do r-forte do português brasileiro

Fonte: Adaptado de Cristóvão Silva (1999, p. 41).

Dessa forma, comparando-se os sistemas consonantais do holandês e do português, destacam-se determinadas lacunas que revelam que alguns fonemas do português não têm correspondentes no holandês e vice-versa (VERBURG 1980, p. 60).

Os quadros a seguir resumem essa comparação:

| | | | | |
|-----------------------|-------------------------------|--------------------------|----------------------|------------------------------------|
| Oclusiva velar | Fricativa pós-alveolar | Vibrante alveolar | Nasal palatal | Aproximante lateral palatal |
| g | ʃ ʒ | r | ɲ | ʎ |

Quadro 21 - Consoantes do português que não fazem parte do sistema fonológico do holandês

Fonte: Adaptado de Verburg (1980, p. 61).

| | |
|------------------------|--------------------|
| Fricativa velar | Nasal velar |
| ɣ | ŋ |

Quadro 22 - Consoantes do holandês que não fazem parte do sistema fonológico do português

Fonte: Adaptado de Verburg (1980, p. 61).

Portanto, considerando-se a análise de Verburg (1980), o que se deve levar em conta é o fato de que, em holandês, vibrante e tepe são alofones de /r/, para quaisquer contextos, ao passo que em português o tepe restringe-se aos ambientes V_V, C_V e CV_ em algumas variedades. Daí a interferência que faz com que os “holandeses” de Carambeí tenham a tendência de usar o tepe também como r-forte ao falar português.

Na seqüência, se apresentará o *corpus* que foi analisado em termos de ocorrência de r-forte.

6.2.3 Corpus

Conforme descrito no Capítulo 1 desta tese, os dados analisados foram coletados a partir de entrevistas semi-estruturadas⁹⁴ (roteiro anexo).

No total, foram encontradas e analisadas 1689 ocorrências de r-forte. No quadro a seguir, pode-se observar a ocorrência de r-forte por grupo de informantes.

| Grupos | Ocorrências de r-forte | Exemplos |
|-----------|------------------------|--|
| Grupo 1M | 287 | Reserva, relação, reservado, arrancam, romper, rápido, residem, radicalismo, realmente |
| Grupo 1F | 312 | Barraca, reformada, revistas, reunia, respeito, região, burra |
| Grupo 2M | 329 | Razoavelmente, repente, razoavelmente, região, rua, reza(r), burro |
| Grupo 2Fa | 117 | Repente, risada, correspondência, relatório, correção, rural, repente, |
| Grupo 2Fb | 134 | Rubens, reunião, ruralistas, corretor |
| Grupo 3M | 293 | Resumo, resultado, rolo, recado, retribuir, reunião |
| Grupo 3F | 217 | Reportagem, reprovei, respeito, responsável, restaurante, região, relação, religião, repetição |

Quadro 23 – Ocorrências totais de r-forte por grupo de informantes

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa.

Na seqüência, se apresentará a análise desses dados por grupo de informantes.

6.3 ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS DE R-FORTE NO PORTUGUÊS FALADO PELOS “HOLANDESES” DE CARAMBEÍ: APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Grupo 1M

No que diz respeito à pronúncia do r-forte, o grupo 1M teve um total de 287 ocorrências de r-forte, das quais **37,3%** (107 ocorrências) foram de vibrante e **62,7%** (180

⁹⁴ Estilo cuidadoso/planejado. Em gravações não-secretas, o estilo de fala é formal, pois a presença de um gravador faz com que os interlocutores prestem mais atenção ao estilo de fala que utilizam (MODESTO, 2006). Já a opção pela conversa semi-estruturada se deve ao fato de que ela permite, mais do que a conversa livre, a realização mais espontânea dos traços fonético-fonológicos controlados pela pesquisa (MARGOTTI, 2004).

ocorrências), de tepe. O Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002, p. 148-153, cartas 44, 45 e 46) atesta a ocorrência de tepe como realização de r-forte em localidades em que existem colônias de imigrantes europeus⁹⁵. Ainda segundo o Alers, na região de Ponta Grossa, a que a cidade de Carambeí pertence, o r-forte no português falado pelos não-imigrantes é a vibrante, o que nos leva a pensar que a ocorrência de tepe em nossos dados se deva à influência do holandês. A ocorrência desse som em termos de porcentagem, no caso do Grupo 1, foi importante. E como o r-forte do português falado pelos “não holandeses” da região é a vibrante, pressupõe-se que o grupo também mantenha um contato razoável com os “brasileiros” e a língua portuguesa. De acordo com Verburg (1980), os homens sempre estabelecem mais contatos com a cultura e a língua local, graças ao trabalho.

GRUPO 1M

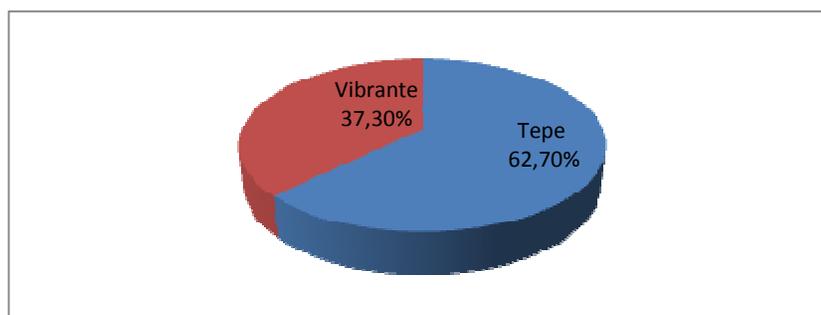


Gráfico 5 – Variantes de r-forte no português falado pelo Grupo 1M

Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa.

Grupo 1F

⁹⁵ Monaretto afirma que “imigrantes europeus” usam como r-forte o tepe, mas cruzando os dados das cartas 44, 45 e 46 e da carta IV (Volume I, p. 86), percebe-se a ocorrência de tepe como r-forte mesmo em região de imigração asiática (japoneses, ponto 74, carta 44, p. 149, V. II). É claro que seriam necessários estudos experimentais para esclarecer até que ponto se trata de um tepe mesmo ou nós, brasileiros, é que percebemos este som como um tepe. Fica a sugestão para que se aborde a questão de modo sistematizado.

Já o Grupo 1F teve um total de 312 ocorrências de r-forte. O som foi pronunciado quase sempre (**94%**, ou seja, 293 ocorrências) como tepe contra **6%** (ou 19 ocorrências) de vibrante. No entanto, diferentemente do Grupo 1M, a variante preferida das informantes parece ser o tepe (ao passo que o Grupo 1M oscila entre vibrante e tepe). Essa diferença pode ser explicada se considerarmos que as mulheres sempre falaram mais holandês do que português, freqüentaram a escola por menos tempo e tiveram menos contato com a comunidade “não holandesa” do que os informantes do Grupo 1M.

GRUPO 1F

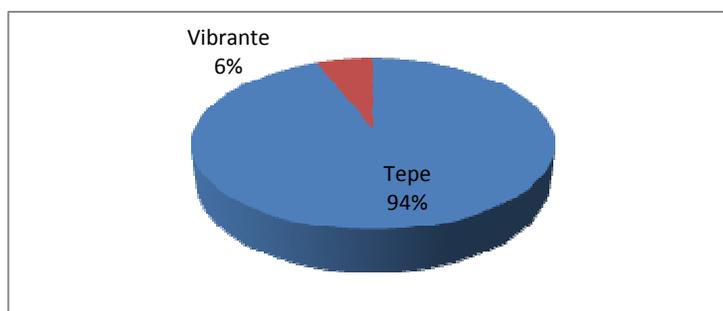


Gráfico 6 – Variantes de r-forte no português falado pelo Grupo 1F

Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa.

Grupo 2M

Da mesma forma que o Grupo 1M, o Grupo 2M também utiliza tanto a vibrante quanto o tepe como r-forte. Num total de 329 ocorrências, **90%** (296 ocorrências) foram realizadas como vibrante e **10%** (33% ocorrências), como tepe. Portanto, pode-se dizer que, em geral, no que diz respeito à pronúncia do r-forte, o português falado pelos “holandeses” do Grupo 2M assemelha-se bastante ao português falado pelos “não holandeses” da região. Na verdade, esses 10% referentes ao tepe provêm da fala de apenas um informante do grupo, justamente o que tem um nível de escolaridade menor (Ensino Médio) e trabalha ali mesmo, na colônia, como guia do museu, função que o obriga, com muita freqüência, a falar holandês.

GRUPO 2M

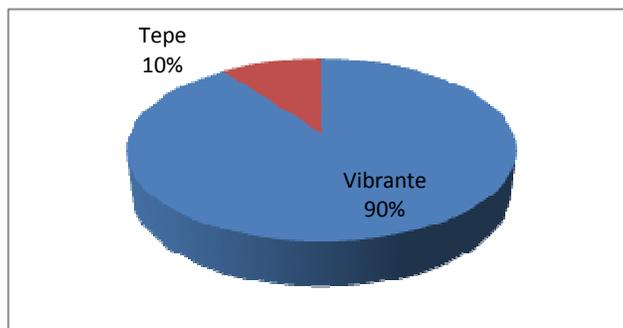


Gráfico 7 – Variantes de r-forte no português falado pelo Grupo 2M

Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa.

Grupo 2F

O Grupo 2F foi dividido em dois subgrupos, 2Fa e 2Fb, estabelecendo-se como critério a ocorrência de fricativa⁹⁶ como r-forte. No Grupo 2Fa, em 134 ocorrências, apareceram somente vibrante (53 ocorrências, ou seja, **40%**) e tepe (81 ocorrências, ou seja, **60%**). Já no outro grupo, Grupo 2Fb, num total de 117 ocorrências, pôde-se observar a presença uma fricativa (92 ocorrências, ou seja, **78,6%**), ainda que em alternância com a vibrante (25 ocorrências, ou seja, **21,4%**).

⁹⁶ Neste trabalho, não se discutirá o ponto de articulação dessa fricativa (se é uma fricativa velar ou glotal). Para tanto, entende-se que seria necessário realizar estudos experimentais, o que não é o objetivo dessa pesquisa.

GRUPO 2Fa

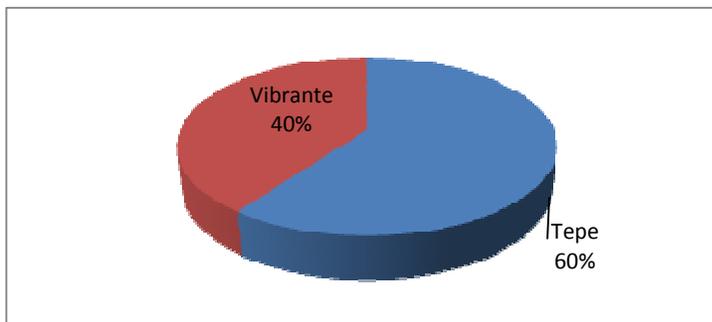


Gráfico 8 – Variantes de r-forte no português falado pelo Grupo 2Fa

Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa.

GRUPO 2Fb

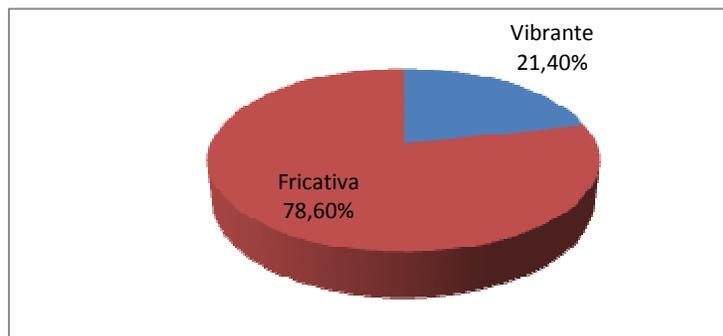


Gráfico 9 - Variantes de r-forte no português falado pelo Grupo 2Fb

Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa.

Grupo 3M

O Grupo 3M é um grupo altamente uniforme, apesar de ser composto tanto por bilíngües efetivos, quanto por bilíngües incipientes em holandês/português. Em 293

ocorrências de r-forte, houve **100%** de fricativa, incluindo a fala dos bilíngües efetivos em português/holandês. Na fala do grupo não ocorreu vibrante ou tepe como r-forte.

GRUPO 3M

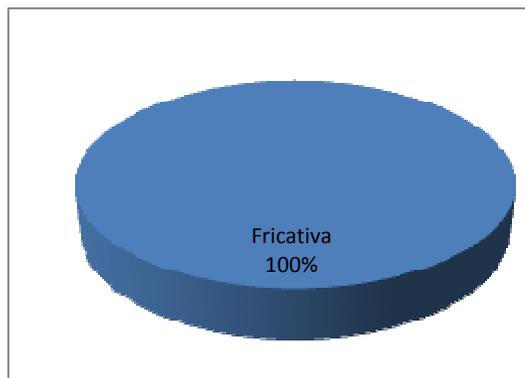


Gráfico 10 – Variante de r-forte no português falado pelo Grupo 3M

Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa.

Grupo 3F

O Grupo 3F também é um grupo uniforme. Em 217 ocorrências de r-forte, houve **100%** de fricativa, aí incluída a fala das jovens bilíngües efetivas em português/holandês. Não se verificou a presença de vibrante ou tepe como r-forte no português falado pelas jovens “holandesas” de Carambeí.

GRUPO 3F

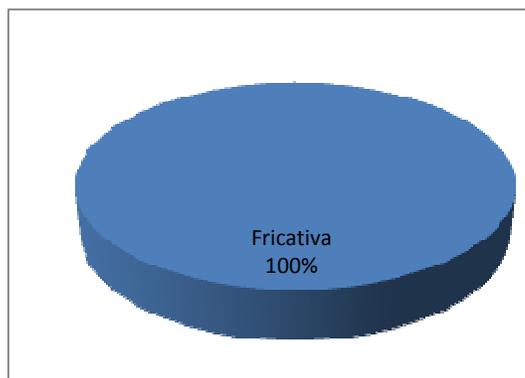


Gráfico 11 – Variante de r-forte no português falado pelo Grupo 3F

Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa.

O gráfico a seguir sumariza os resultados referentes aos grupos de informantes:

RESULTADO GERAL

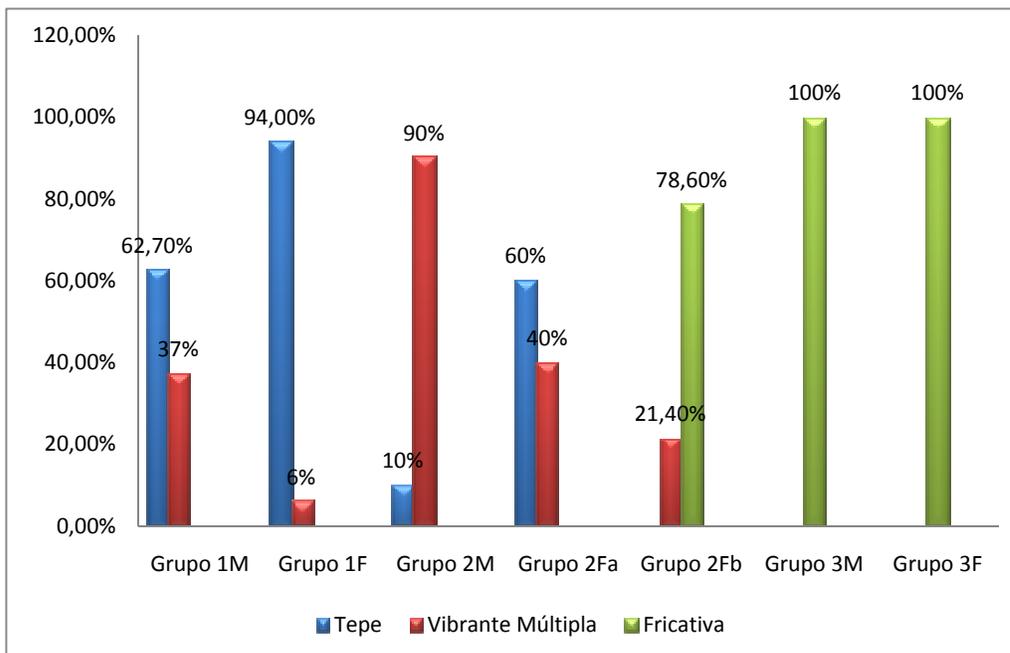


Gráfico 12 – Variantes de r-forte no português falado pelos “holandeses” de Carambeí

Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa.

Analisando o gráfico acima, parece não restar dúvida de que a variante de português falada pelos “holandeses” de Carambeí passa por um processo de mudança de que a variação analisada pode ser interpretada como um instante sincrônico. Segundo Faraco (1991, p. 117), a predominância de uma variante entre os mais jovens e sua pouca (ou mesmo nenhuma) ocorrência entre os mais velhos (em nossa pesquisa, a fricativa) “pode estar indicando uma mudança em progresso, isto é, que uma das variantes está sendo abandonada em favor de outra.” Ou seja, a vibrante e o tepe parecem estar sendo abandonados em favor da fricativa.

A mudança é impulsionada pelos jovens, que constituem a parcela da população mais propensa à influência externa à comunidade. Esta maior propensão à influência externa deve ser atribuída não somente à receptividade ao novo, num sentido

passivo, mas também porque os jovens transitam mais entre a colônia e as cidades vizinhas, seja para fins de estudo, trabalho ou lazer.

Por outro lado, os mais idosos tendem a conservar traços relacionados à identidade cultural da comunidade, numa atitude de autopreservação em relação àquilo que é característico da comunidade “não holandesa” (ESPIGA, 1997, p. 183).

Em relação a esse processo de mudança por que parece passar o português falado pelos “holandeses” de Carambeí, considere-se que os falantes avaliam as formas lingüísticas que competem na variação, de modo que a variante usada os “identifica” como grupo étnico. Daí a importância de se analisar a relação que se estabelece entre as crenças e atitudes lingüísticas que os “holandeses” manifestam em relação às línguas holandesa e portuguesa, a identidade dos “holandeses” e o uso de determinada variante de r-forte no português falado pelos “holandeses”.

6.3.1 Discussão dos resultados

6.3.1.1 A relação entre crenças e atitudes lingüísticas e o r-forte no português falado pelos “holandeses” de Carambeí

Grupo 1M

De acordo com o Capítulo 5 desta tese, os “holandeses” do Grupo 1M manifestam atitudes extremamente positivas em relação à língua holandesa (a “sua língua”), como língua que se fala em casa, com a família, e na Igreja. Muitos, inclusive, consideram que o holandês é uma língua mais “adequada” para se discutirem determinados assuntos, como religião.

Os idosos do sexo masculino também manifestam atitudes positivas em relação à língua portuguesa, que, no entanto, não é a “sua língua”. Consideram que os jovens é que devem esmerar-se para “falar um bom português” (que é o português “sem sotaque”), pois estes é que precisam ter sucesso na vida profissional fora da colônia.

É bom lembrar que o grupo defende a aprendizagem da língua portuguesa por todos na colônia (uma vez que “moram no Brasil”), mas também afirma que “seria bom” se o bilingüismo português/holandês fosse incentivado entre os descendentes de holandeses.

Como na língua portuguesa falada pelo grupo as variantes de r-forte são vibrante e tepe, pressupõe-se que o português “carregado”, com sotaque “forte” esteja associado às atitudes extremamente positivas que o grupo manifesta em relação à língua holandesa, aquela que é considerada a “verdadeira” língua do grupo.

Grupo 1F

O grupo manifesta atitudes extremamente positivas em relação à língua holandesa, pois acredita que falar holandês ajuda na conservação dos valores da tradição da família “holandesa”. No entanto, as idosas mostraram-se conformadas com o fato de os jovens não se interessarem mais em aprender holandês.

A língua holandesa também é especial porque é a língua da relação entre mãe e filho, ao passo que o português é a língua que se fala com estranhos, que se deve aprender para progredir na vida profissional fora da colônia. Assim como os idosos, as informantes desse grupo manifestam uma atitude extremamente positiva em relação ao português, mas não a consideram a “sua língua”.

O português falado pelo grupo, no que diz respeito ao aspecto analisado, se caracteriza pelo uso quase exclusivo de tepe, o que torna o seu sotaque extremamente “forte”, identificador do grupo étnico a que pertence o informante, o que estabelece uma relação com as atitudes extremamente positivas que o grupo manifesta em relação à língua holandesa, aquela que é considerada a “verdadeira” língua do grupo.

Grupo 2M

Segundo o Grupo 2M, a língua holandesa atualmente é uma língua “inútil”, “que não serve para nada”, a não ser para ser usada em interações com os idosos da família

(com o pai, a mãe e os tios, por exemplo). Por essa razão, nenhum informante do grupo afirma que faz questão que seus filhos falem holandês.

O grupo, inclusive, parece considerar que a condição bilíngüe de Carambé seja um “baita problema”, do qual seria muito bom se livrar, mesmo que isso implique livrar-se da geração que ocasiona esse problema, a dos monolíngües em holandês, torcendo para que esta morra logo.

Já a língua portuguesa é considerada uma língua “mais bonita”, “melhor de ouvir”, “mais fácil”, além de ser uma língua que pode ser usada com quase todas as pessoas e em quase todos os lugares, de modo que aproxima “holandeses” e “brasileiros”, como se estes pertencessem a um único grupo, o que é importante para o grupo, que convive diariamente com “brasileiros” em função do trabalho.

O grupo usa quase exclusivamente a variante vibrante como r-forte, a mesma variante presente no português falado na região pelos “não holandeses”, o que está de acordo com as atitudes negativas que o grupo manifesta em relação à língua holandesa e positivas, em relação à língua portuguesa.

Grupo 2F

Este grupo foi dividido em função do uso de fricativa (em concorrência ou não com a vibrante) e também se divide quanto às atitudes manifestadas em relação às línguas holandesa e portuguesa. O subgrupo que usa a fricativa (4b) manifesta atitudes extremamente negativas em relação à língua holandesa, considerando-a “feia”, da “roça”, que só serve para deixar um “sotaque forte no português”. Já o subgrupo que usa vibrante e tepe (4a) manifesta atitudes positivas em relação ao holandês.

Em relação à língua portuguesa, o subgrupo 2Fb (que usa fricativa) manifesta atitudes extremamente positivas em relação ao idioma, assumindo, inclusive, que decidiu conscientemente ensinar somente português aos filhos, para que estes não tivessem um “sotaque forte em português”. O subgrupo 2Fa (que usa vibrante e tepe) também mantém atitudes positivas em relação ao português, mas, diferentemente do grupo anterior, considera que tanto o holandês quanto o português são “suas línguas”.

Grupo 3M

O grupo mantém atitudes positivas em relação ao holandês, mas não considera que esta seja “sua língua”. É a língua dos antepassados, mesmo porque muitos dos informantes do grupo “nem têm fluência nela”. Por outro lado, manifestam atitudes extremamente positivas em relação ao português, considerado o seu “verdadeiro” idioma. Para os jovens, a língua portuguesa é considerada uma língua “mais fácil”, além de ser a língua que o deixa à vontade e que o identifica como brasileiro que é. É uma língua “normal”, que faz com que ele se sinta parte do grupo e não um estrangeiro no seu país. O grupo acredita que o monolingüismo em português acontecerá dentro de pouco tempo, inevitavelmente, o que não é lamentado, nem comemorado. É só um fato inevitável. Daí a ocorrência de fricativa.

Grupo 3F

O Grupo 3F mantém atitudes positivas em relação ao holandês, mas, assim como os informantes do grupo anterior, não considera que esta seja a “sua língua”.

No que diz respeito à língua portuguesa, o grupo manifesta atitudes extremamente positivas em relação ao português, que é o seu “verdadeiro” idioma. Como o grupo anterior, as jovens “holandesas” também consideram que a língua portuguesa é uma língua “mais fácil”. Daí o uso da fricativa.

O quadro a seguir resume a discussão a respeito da relação entre crenças e atitudes lingüísticas e o uso de determinada variante de r-forte no português

| Grupos | Atitudes em relação ao português | Atitudes em relação ao holandês | R-forte no português |
|------------------|---|--|-----------------------------|
| Grupo 1M | Relativamente positivas (pois não considera que esta seja sua língua) | Extremamente positivas | Vibrante, tepe |
| Grupo 1F | Relativamente positivas (pois não considera que esta seja sua língua) | Extremamente positivas | Vibrante, tepe |
| Grupo 2M | Positivas | Negativas | Vibrante, tepe |
| Grupo 2Fa | Positivas | Positivas | Vibrante, tepe |
| Grupo 2Fb | Extremamente positivas | Extremamente negativas | Vibrante, fricativa |
| Grupo 3M | Extremamente positivas | Positiva (mas não a considera sua “verdadeira” língua) | Fricativa |
| Grupo 3F | Extremamente positivas | Positiva (mas não a considera sua “verdadeira” língua) | Fricativa |

Quadro 24 – Relação entre crenças e atitudes lingüísticas e o uso de determinada variante de r-forte no português falado pelos “holandeses”

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa.

6.3.1.2 A relação entre a identidade dos “holandeses” de Carambeí e o r-forte no português falado por eles

Grupo 1M

O grupo 1M, dos idosos descendentes de holandeses, nascidos no Brasil, se autodenomina “holandês” em oposição aos “brasileiros”, que são, na verdade, os nascidos no Brasil que não têm ascendência holandesa. Os limites (por meio do uso de termos como “nós” e eles”) entre os grupos dos “brasileiros” e dos “holandeses” de Carambeí são nítidos. Essa separação, segundo o grupo, também é estabelecida pelos próprios “brasileiros”, que os consideram “diferentes” de si mesmos, um grupo à parte, portanto. Portanto, o uso das variantes vibrante e tepe é associado com a identidade assumida pelos “holandeses” idosos de Carambeí.

Grupo 1F

Assim como o grupo anterior, o grupo 1F, das idosas, também se autodenomina “holandês”, em oposição ao grupo dos “brasileiros”, ou “não holandeses”. Os limites entre os grupos dos “brasileiros” e dos “holandeses” também são estabelecidos de forma rígida

(por meio do uso de termos como “nós” e eles”). Nesse sentido, considera-se que o uso quase exclusivo, pelo grupo, da variante tepe está associada à identidade assumida pelas “holandesas” idosas de Carambeí.

Grupo 2M

O grupo 2M também faz uma distinção entre dois grupos, “nós” em oposição a “eles”, sendo que “eles” corresponde explicitamente ao grupo dos “brasileiros”. Em contrapartida, o grupo do “nós” não é identificado de modo claro como o grupo dos “holandeses” pelos informantes do grupo.

É mais freqüente o grupo afirmar que é visto como “holandês” pelos “brasileiros”, o que, inclusive, parece não ter relação alguma com o fato de falar ou não holandês. Além disso, segundo o grupo, essa é uma diferenciação que sempre existirá, independentemente da vontade ou das atitudes dos “holandeses”.

Muitos, aliás, rejeitam fortemente a denominação de “holandês”. No entanto, percebe-se que recusar a designação de “holandês” não significa assumir a de “brasileiro”, que sempre acaba correspondendo a um “ele/eles” e nunca a um “eu/nós”.

Alguns informantes do grupo se autodenominam “descendentes de holandeses”, expressão mais “neutra”, que parece ser um meio-termo entre “holandês” – que é “forte demais” – e “brasileiro”. Dessa forma, o uso quase exclusivo de vibrante pelo grupo (a mesma variante presente no português falado pelos “não holandeses” da região) parece revelar essa falta de identificação entre o grupo e a identidade de “holandês”.

Grupo 2F

O subgrupo 2Fa não se autodenomina – implícita ou explicitamente – “holandês” ou “brasileiro”. Aliás, esta questão parece nada simples para o grupo, pois não se considera “holandês”, uma vez que não nasceu na Holanda, e também não assume-se como “brasileiro”, denominação que não dá conta de todas as especificidades inerentes ao assunto (que envolve, inclusive, o bilingüismo em holandês/português ainda presente na

comunidade). Daí a denominação ‘alternativa’ de “carambiano”, esse sim um termo mais “específico” do que (simplesmente) “brasileiro”. Quando não se usa termo “carambiano”, é freqüente a informante não utilizar nenhuma designação explícita para referir-se ao grupo a que pertence, da mesma forma que não nomeia o grupo oposto. A distinção entre os grupos restringe-se à utilização de termos como “nós/a gente” em oposição a “eles”. Essa condição de “manter um pé em cada canoa” nos parece estar associada ao uso, em termos gerais, da variante vibrante no português falado pelo grupo.

Por outro lado, o subgrupo 2Fb considera-se explicitamente “brasileiro”, argumentando que nasceu no Brasil. Nesse sentido, parece que o uso de fricativa (mesmo em concorrência com a vibrante) tem relação com a identidade assumida pelas “holandesas” do grupo 2Fb.

Grupo 3M

Este grupo considera-se brasileiro, uma vez que nasceu no Brasil e não fala holandês. Por essa razão, os rapazes “holandeses” não se consideram um grupo à parte, distinto do grupo dos “brasileiros”. Na fala do grupo, não existe o emprego dos termos “nós” e “eles” ou de outras expressões que evidenciam a existência de uma separação nítida entre o grupo dos “brasileiros” e o dos “holandeses” de Carambeí. Muitos inclusive estabelecem essa distinção em relação aos seus antepassados (avós, especialmente), que, esses sim, correspondem a um “eles” que constitui um grupo isolado. Por essa razão, o uso exclusivo de fricativa é interessante, pois parece refletir tanto o pertencimento (assumido) ao grupo dos “brasileiros” quanto o distanciamento (desejado) do grupo dos “holandeses”, seus antepassados.

Grupo 3F

Da mesma forma que o grupo anterior, o Grupo 3F também se considera brasileiro, pois nasceu no Brasil e sua língua materna é o português. Portanto, as moças “holandesas” consideram que fazem parte do grupo dos “brasileiros”, apesar de muitas

vezes serem identificadas como “holandeses” pelos “brasileiros” (não descendentes de holandeses).

Também como o grupo anterior, as moças consideram que seus antepassados (avós, especialmente) são um grupo à parte, que corresponde a um “eles”, os “holandeses” não integrados, em oposição a um “nós”, os “brasileiros” que assim se consideram. Daí, tal como acontece com o grupo anterior, o uso exclusiva da fricativa, variante que tanto as diferencia dos antepassados “holandeses” quanto as aproxima dos “brasileiros”.

Como se pode perceber, existe uma relação muito estreita entre crenças e atitudes lingüísticas e identidade e uso de determinada variante de r-forte. Em termos gerais, os que têm atitudes positivas em relação ao holandês e identificam-se como “holandeses” tendem a usar o tepe. Já os que têm atitudes negativas em relação ao holandês e não se identificam nem como brasileiros nem como “holandeses” usam somente vibrante. Os que se identificam com a identidade brasileira e têm atitudes negativas em relação ao holandês usam fricativa e vibrante. E os que se consideram brasileiros e mantêm atitudes neutras em relação ao holandês, porque não a consideram sua língua, usam somente fricativa.

Enfim, pode-se dizer que determinadas atitudes e identidade contribuem mais para o uso (exclusivo) de tepe: atitudes positivas em relação à língua holandesa e identidade “holandesa”. Já para o uso de vibrante, parecem contribuir mais as atitudes negativas em relação ao holandês e uma identidade não “holandesa” e não “brasileira”. O uso de vibrante e fricativa parece estar relacionado a atitudes positivas em relação ao português e negativas em relação ao holandês e à identidade “brasileira”. Finalmente, o uso exclusivo de fricativa parece estar ligado à total indiferença quanto à língua holandesa e à total identificação com a identidade de “brasileiro”.

O quadro a seguir sumariza as conclusões do capítulo.

| Grupos | Identidade assumida | R-forte no português |
|------------------|------------------------------|-----------------------------|
| Grupo 1M | “holandeses” | Vibrante, tepe |
| Grupo 1F | “holandeses” | Vibrante, tepe |
| Grupo 2M | “descendentes de holandeses” | Vibrante, tepe |
| Grupo 2Fa | “carambianas” | Vibrante, tepe |
| Grupo 2Fb | “brasileiras” | Vibrante, fricativa |
| Grupo 3M | “brasileiros” | Fricativa |
| Grupo 3F | “brasileiras” | Fricativa |

Quadro 25 – Relação entre identidade e o uso de determinada variante de r-forte no português falado pelos “holandeses”

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa.

Na seqüência, serão apresentadas as considerações finais que encerram esse estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste trabalho, nos propusemos responder a uma série de questões a respeito da colônia holandesa de Carambeí e da comunidade “holandesa” que lá se estabeleceu há quase um século. Propomo-nos analisar mais detidamente o indivíduo “holandês”, no sentido de estabelecer a) os usos funcionais das línguas portuguesa e holandesa em Carambeí; b) as crenças e atitudes lingüísticas que os “holandeses” manifestam em relação às línguas holandesa e portuguesa; c) a identidade manifesta pelos “holandeses” de Carambeí; d) a variedade de português falada pelos “holandeses” de Carambeí no que diz respeito ao r-forte; e) que tipo de relação se dá entre crenças e atitudes lingüísticas, usos funcionais das línguas holandesa e portuguesa, identidade e uso de determinada variante de r-forte no português; f) se há uma mudança em curso no português falado pelos holandeses no que diz respeito ao aspecto analisado.

No que diz respeito à primeira questão que nos propusemos responder, a que trata dos usos funcionais das línguas portuguesa e holandesa em Carambeí, concluímos que:

O Grupo 1M tem preferência pela língua holandesa, além de ter um forte apego à cultura tradicional holandesa. Em relação à língua portuguesa, o grupo tem bastante ou alguma dificuldade em falar português, mas demonstra que tem preocupação em integrar-se ao país (por meio da aprendizagem da língua portuguesa) e fazem críticas aos que não se esforçam para deixar a condição de monolíngües. Já o Grupo 1F é composto pelas grandes usuárias da língua holandesa. Por essa razão, muitas mulheres com mais de sessenta anos consideram não ter um bom desempenho em português, pois têm um sotaque “muito carregado” em português. O Grupo 2M é bilíngüe, ou seja, fala a língua portuguesa e a língua holandesa, reservando essa última para as relações com familiares mais idosos. No entanto, em relação aos filhos, muitos revelam que decidiram não ensinar a língua holandesa a eles ou para que estes não tivessem sotaque “de holandês” no português, ou porque saber holandês “não serve para nada”. Por outro lado, falar a língua portuguesa é

percebido como uma maneira de proteger a família de possíveis perseguições e discriminações. O Grupo 2F também é bilíngüe em português/holandês e assim como o grupo anterior, no que diz respeito à transmissão da língua holandesa para os filhos, optou por não fazê-lo, especialmente para que estes não tivessem sotaque “de holandês” no português. Enfim, os Grupos 3M e 3F, dos jovens holandeses, são monolíngües em português, admitem que preferem falar português e muitos podem ser incluídos na categoria de bilíngües incipientes em holandês.

No que diz respeito às crenças e atitudes dos “holandeses” em relação às línguas holandesa e portuguesa, estas não são uniformes. Os grupos distinguem-se quanto ao uso das línguas e quanto à avaliação destas.

Em relação à língua holandesa, os Grupos 1M e 1F manifestam atitudes positivas. Ambos os grupos demonstram lamentar o fato de o holandês ser falado por um número cada vez menor de pessoas, o que, no entanto, segundo sua opinião, é uma realidade inevitável. Por outro lado, os Grupos 2M e 2F parecem viver um conflito bastante grande em relação à língua holandesa. Ambos os grupos usam esta língua para interagir com os pais e os idosos da comunidade, mas a consideram uma “língua inútil”, a ponto de não a ensinarem aos filhos. Enfim, para os Grupos 3M e 3F, o holandês é uma língua “muito difícil”, porque é “muito diferente do português”, além de ser a “língua dos antepassados”.

Já em relação à língua portuguesa, a comunidade como um todo manifesta atitudes positivas. É considerada uma língua “fácil”, “bonita”, “sonora”, “de gente estudada”, além de ser “ilimitada”, que possibilita a aproximação entre “holandeses” e “brasileiros” e de ser a língua que, em breve, será a única falada em Carambeí.

No que diz respeito à identidade manifesta pelos “holandeses”, em geral, percebe-se que se estabelecem dois grupos distintos: o dos “brasileiros” (parte do Grupo 2F e Grupos 3M e 3F) e dos “holandeses” (Grupos 1M, 1F, 2M, e parte do Grupo 2F).. Portanto, os “holandeses de Carambeí” e os “brasileiros” são nitidamente grupos distintos, distinção essa que contraria a identidade que os últimos grupos (parte do Grupo 2F e Grupos 3M e 3F) afirmam existir, uma vez que consideram a si mesmos “brasileiros”, mas

confirma a impressão geral de não-identidade “imposta” pelos “brasileiros” que consideram os “holandeses” um grupo à parte, separado, cujas fronteiras são bem delimitadas.

No que diz respeito ao uso de r-forte, o grupo 1M é bastante homogêneo. Houve um total de 287 ocorrências de r-forte, de que **37,3%** (107 ocorrências) foram de vibrante múltipla e **62,7%** (180 ocorrências), de tepe. O Grupo 1F também é homogêneo em relação ao r-forte: num total de 312 ocorrências de r-forte, o som é quase sempre (**94%**, ou seja, 293 ocorrências) tepe contra **6%** (ou 19 ocorrências) de vibrante múltipla. No entanto, diferentemente do Grupo 1M, a variante preferida das informantes parece ser o tepe (ao passo que o Grupo 1M oscila entre vibrante e tepe). O Grupo 2M também utiliza tanto a vibrante quanto o tepe como r-forte. Num total de 329 ocorrências, **90%** (296 ocorrências) foram realizadas como vibrante múltipla e **10%** (33% ocorrências), como tepe. Portanto, pode-se dizer que, em geral, no que diz respeito ao r-forte, o português falado pelos “holandeses” adultos assemelha-se bastante ao português falado pelos não holandeses da região. O Grupo 2F foi dividido em dois subgrupos, 2Fa e 2Fb, estabelecendo-se como critério a ocorrência de fricativa como r-forte. No Grupo 2Fa, em 134 ocorrências, apareceram somente vibrante (53 ocorrências, ou seja, **40%**) e tepe (81 ocorrências, ou seja, **60%**). Já no outro grupo, Grupo 2Fb, num total de 117 ocorrências, pôde-se observar a presença de r-forte fricativo (92 ocorrências, ou seja, **78,6%**), ainda que em alternância com a vibrante (25 ocorrências, ou seja, **21,4%**). Os Grupos 3M e 3F são altamente homogêneos, apesar de ser composto tanto por bilíngües efetivos quanto por bilíngües incipientes em holandês/português. Em 293 (Grupo 3M) e 217 (Grupo 3F) ocorrências de r-forte, houve **100%** de fricativa, incluindo a fala dos bilíngües efetivos em português/holandês.

Considerando esses resultados, parece não restar dúvida de que a variante de português falada pelos “holandeses” de Carambeí, no que diz respeito ao uso de r-forte, passa por um processo de mudança lingüística de que a variação analisada pode ser interpretada como um instante sincrônico. A mudança é impulsionada pelos jovens, que constituem a parcela da população mais propensa à influência externa à comunidade.

No que diz respeito à relação entre crenças e atitudes lingüísticas e o r-forte no português falado pelos “holandeses” de Carambeí, o Grupo 1M manifesta uma atitude

extremamente positiva em relação à língua holandesa (a “sua língua”) como língua que se fala em casa, com a família, e na Igreja. O Grupo também manifesta atitudes positivas em relação à língua portuguesa, que, no entanto, não é a “sua língua”.

Como na língua portuguesa falada pelo grupo as variantes de r-forte são vibrante múltipla e tepe, pressupõe-se que o português “carregado”, com sotaque “forte” esteja associado às atitudes extremamente positivas que o grupo manifesta em relação à língua holandesa, aquela que é considerada a “verdadeira” língua do grupo. O Grupo 1F manifesta atitudes extremamente positivas em relação à língua holandesa, pois acredita que falar holandês ajuda na conservação dos valores da tradição da família holandesa. Já o português é a língua que se fala com estranhos, que se deve aprender para progredir na vida profissional fora da colônia. Assim como o Grupo 1M, as informantes desse grupo manifestam uma atitude extremamente positiva em relação ao português, mas não a consideram a “sua língua”. O português falado pelo grupo, no que diz respeito ao aspecto analisado, se caracteriza pelo uso quase exclusivo de tepe, o que torna o seu sotaque extremamente “forte”, identificador do grupo étnico a que pertence o informante, o que estabelece uma relação com as atitudes extremamente positivas que o grupo manifesta em relação à língua holandesa, aquela que é considerada a “verdadeira” língua do grupo. Para o Grupo 2M, a língua holandesa atualmente é uma língua “inútil”, “que não serve para nada”, a não ser para ser usada em interações com os idosos da família (com o pai, a mãe e os tios, por exemplo). Já a língua portuguesa é considerada uma língua “mais bonita”, “melhor de ouvir”, “mais fácil”, além de ser uma língua que pode ser usada com quase todas as pessoas e em quase todos os lugares, de modo que aproxima “holandeses” e “brasileiros”, como se estes pertencessem a um único grupo, o que é importante para o grupo, que convive diariamente com “brasileiros” em função do trabalho. O grupo usa quase exclusivamente a variante vibrante múltipla como r-forte, a mesma variante presente no português falado na região pelos não holandeses, o que está de acordo com as atitudes positivas que o grupo manifesta em relação à língua portuguesa. O Grupo 2F foi dividido em função do uso de fricativa (em concorrência ou não com a vibrante) e também se divide quanto às atitudes manifestadas em relação às línguas holandesa e portuguesa. O subgrupo que usa a fricativa (2Fb) manifesta atitudes extremamente negativas em relação à língua holandesa,

considerando-a “feia”, da “roça”, que só serve para deixar um “sotaque forte no português”. Já o subgrupo que usa vibrante e tepe (2Fa) manifesta atitudes positivas em relação ao holandês. Em relação à língua portuguesa, o subgrupo 2Fb (que usa fricativa) manifesta atitudes extremamente positivas em relação ao idioma, assumindo, inclusive, que decidiu conscientemente ensinar somente português aos filhos, para que estes não tivessem um “sotaque forte em português”. O subgrupo 2Fa (que usa vibrante e tepe) também mantém atitudes positivas em relação ao português, mas, diferentemente do grupo anterior, considera que tanto o holandês quanto o português são “suas línguas”. Os Grupos 3M e 3F manifestam atitudes positivas em relação ao holandês, mas não consideram que esta seja “sua língua”. Por outro lado, manifestam atitudes extremamente positivas em relação ao português, considerado o seu “verdadeiro” idioma. Daí a ocorrência de fricativa, que é a variante de r-forte inovadora.

No que diz respeito à relação entre a identidade dos “holandeses” de Carambeí e o r-forte no português falado por eles, o Grupo 1M se autodenomina “holandês” em oposição aos “brasileiros”, assim como o Grupo 1F. Nesse sentido, considera-se que o uso quase exclusivo, pelo grupo, da variante tepe está associada à identidade assumida pelas “holandesas” idosas de Carambeí. O Grupo 2M também faz uma distinção entre dois grupos, e não se identifica como “holandês”. No entanto, recusar a designação de “holandês” não significa assumir a de “brasileiro”. Alguns informantes do grupo se autodenominam “descendentes de holandeses”, expressão mais “neutra”, que parece ser um meio-termo entre “holandês” – que é “forte demais” – e “brasileiro”. Dessa forma, o uso quase exclusivo de vibrante múltipla pelo grupo (a mesma variante presente no português falado pelos “não holandeses” da região) parece revelar essa falta de identificação entre o grupo e a identidade de “holandês”. O subgrupo 2Fa não se autodenomina – implícita ou explicitamente – “holandês” ou “brasileiro”. Daí a denominação ‘alternativa’ de “carambiano”, esse sim um termo mais “específico” do que (simplesmente) “brasileiro”. Quando não se usa termo “carambiano”, é freqüente a informante não utilizar nenhuma designação explícita para referir-se ao grupo a que pertence, da mesma forma que não nomeia o grupo oposto. Essa condição de “manter um pé em cada canoa” nos parece estar associada ao uso, em tempos gerais, da variante vibrante múltipla no português falado pelo

grupo. Por outro lado, o subgrupo 2Fb considera-se explicitamente “brasileiro”, argumentando que nasceu no Brasil. Nesse sentido, parece que o uso de fricativa (mesmo em concorrência com a vibrante) tem relação com a identidade assumida pelas “holandesas” do grupo 2Fa. Os grupos 3M e 3F consideram-se brasileiros, uma vez que nasceram no Brasil e não falam holandês. Por essa razão, os jovens “holandeses” não se consideram um grupo à parte, distinto do grupo dos “brasileiros”. Muitos inclusive estabelecem essa distinção em relação aos seus antepassados (avós, especialmente), que, esses sim, correspondem a um “eles” que constitui um grupo isolado. Por essa razão, o uso exclusivo de fricativa é interessante, pois parece refletir tanto o pertencimento (assumido) ao grupo dos “brasileiros” quanto o distanciamento (desejado) do grupo dos “holandeses”, seus antepassados.

Enfim, pode-se dizer que determinadas atitudes e identidade contribuem mais para o uso (exclusivo) de tepe: atitudes positivas em relação à língua holandesa e identidade “holandesa”. Já para o uso de vibrante, parecem contribuir mais as atitudes negativas em relação ao holandês e uma identidade meio “brasileira” e meio “holandesa”. O uso de vibrante e fricativa parece estar relacionado a atitudes extremamente positivas em relação ao português e extremamente negativas em relação ao holandês e à identidade “brasileira”. Finalmente, o uso exclusivo de fricativa parece estar ligado à total indiferença quanto à língua holandesa e à total identificação com a identidade de “brasileiro”.

Fazendo uma analogia com o que diz Maher (1998, p. 134) a respeito de índios brasileiros que falam português:

A utilização de um inglês Cree, de um francês occitano, de um inglês indiano e de um inglês negro para marcar a identidade de seus falantes torna viável pensarmos na existência de um português índio, utilizado para o mesmo fim (MAHER, 1998, p. 134)

Pode-se propor a existência de um “português holandês”, que se diferencia de outras variedades de português falado no Brasil, pelo uso do tepe como r-forte.

Desse modo a língua portuguesa acaba mesmo não sendo uma língua meramente emprestada do branco [“brasileiro”], já que muitos índios [“holandeses”] dela se

apropriam e amoldam a fim de, através de seu uso, construir e marcar suas identidades (MAHER, 1998, p. 135).

Nesse sentido, o português pode ser uma língua “holandesa” não só para quem perdeu sua língua nativa, mas também para aqueles que a falam. Dizer isso equivale a dizer que a construção da identidade não é do domínio exclusivo de língua alguma (MAHER, 1998, p. 135).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. M.; SÂNDALO, M. F. S. Os róticos revisitados. In: DA HORA, Demerval; COLLISCHONN, Gisela. **Teoria lingüística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. p. 144-180.

ABREU, Adilson Avansi de. **A Colonização Agrícola Holandesa no Estado de São Paulo**: Holambra I. São Paulo: Inst. de Geografia/USP, 1971.

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolingüística: Parte I. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs). **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras, v. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

AMÂNCIO, Rosana Gemima. **As “cidades trigêmeas”**: um estudo sobre atitudes lingüístico-sociais e identidade. 2007. 102 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007

APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Bilingüismo y contacto de lenguas**. Barcelona: Ariel, 1996.

ARNOULD, Eric J.; WALLENDORF, Melanie. Market-oriented ethnography: interpretation building and marketing strategy formulation. **Journal of Marketing Research**, v. 31, n. 4, p. 484-504, Nov. 1994.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes lingüísticas em Cáceres – MT**: efeitos do processo migratório. 2000. 118 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

BISOL, Leda. Variação consonantal. **ABRALIN: Congresso Internacional de Lingüística**. Salvador, 1994.

BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. New York: Hold, 1933.

BOXER, Charles R. . **Os holandeses no Brasil (1624-1654)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

BRENZINGER, Matthias. Language contact and language displacement. In: COULMAS, Florian. **The handbook of Sociolinguistics**. Cambridge: Blackwell, 1997.

CALLOU, Dinah. **Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987.

CALLOU, D. *et al.* Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil. In: KOCH, I. V. (Org.) **Gramática do português falado**, v. VI: Desenvolvimentos. Campinas/São Paulo: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1997.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 7.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CALLOU, D. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In.: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.) **Gramática do português falado**, v. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 2002.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Problemas de lingüística descritiva**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

CORREIA, Ana Cláudia Pinto. **Holambra, Além das Flores: Uma Experiência de Imigração Holandesa no Interior de São Paulo (1949-1999)**. 2002. 150 p. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 1999.

DENIS, Pierre. A colonização do Paraná. **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro. Conselho Nacional de Geografia. Ano IX, nº 100, jul/1951.

DIEBOLD, A. Richard. Incipient bilingualism. In: BLOUNT, Ben G. (Orgs.) **Language in culture and society**. New York: Harper & Row, 1964.

DITTMAR, Norbert. **Sociolinguistics: a critical survey of theory and application**. London: Edward Arnold, 1976.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1986.

DÜCK, Elvine Siemens. **Witmarsum, uma comunidade trilingüe: Plautdietsch, Hochdeutsch e Português**. 2005. 114 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

ELIZAINCIN, Adolfo. **Dialectos em contacto**. Montevideo: Arca, 1992.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, v. X. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1957.

ESPIGA, Jorge Walter da Rocha. **Influência do espanhol na variação da lateral pós-vocálica do português da fronteira**. 1997. 213 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 1997.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**. São Paulo, Ática, 1991.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. Actitudes Lingüísticas. In: _____. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Editorial Ariel, SA: 1998. p. 179-193.

FERREIRA NETO, Edgard. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínio da história. Ensaios de Teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 313-328

FISHBEIN, Martin. A consideration of beliefs, attitudes and their relationships. In: STEINER, I. D. **Current studies in social psychology**. New York: Holt, Rhinehart and Winston, 1965. p. 107-120.

FISHMAN, Joshua A. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. **Journal of Social Issues**, 1967.

FISHMAN, Joshua A. **Advances in the sociology of language**. The Hague: Mouton, 1971.

FISHMAN, Joshua A. **The sociology of language**. Rowley: Newbury House, 1972.

FISHMAN, Joshua A. Language and ethnicity: the view from within. In: COULMAS, Florian. **The handbook of Sociolinguistics**. Cambridge: Blackwell, 1997.

GILES, Howard; RYAN, Ellen B. *et al.* (Orgs.) **Attitudes Towards Language Variation: social and applied contexts**. London: Edward Arnold, 1982.

GILLIS, S.; DE HOUWER, A. **The acquisition of Dutch**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998.

GROSJEAN, François. **Life with two languages**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1982, p. 120-127.

HACK, H. **Dutch Group Settlement in Brazil**. Amsterdam: Royal Tropical Institute, 1959.

HALLIDAY, Michael Alexander. K. **As ciências lingüísticas e o ensino de línguas**. Petrópolis: Vozes, 1974.

HAUGEN, Einar. A maldição de Babel. In: **Diálogo**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, p. 82-89, 1973.

HAVEMAN, B. W. A Emigração holandesa para diversas partes do mundo. **Crônica da Holanda**. Edição Especial 50 anos de emigração holandesa para o Brasil. Ano IV (31), 1979

HEAD, Brian. Propriedades fonéticas e generalidades de processos fonológicos: o caso do “r-caipira”. **Cadernos de Estudos lingüísticos**, n. 13, Campinas, 1987.

HEATH, Shirley Brice. Ethnography in education: defining the Essentials. In: GILMORE, Perry; GLATTHORN, Allan A. (Orgs.) **Children in and out of school**. Washington: Center for Applied Linguistics, 1982.

HEIL, Jeanette F. W. P. **Memórias de uma família de imigrantes Holandeses**. São Paulo: Ed. do Autor, 1975.

HOCKETT, Charles F. **A course in modern linguistic**. New York: Macmillan, 1958.

HOLMES, Janet. Attitudes and Applications. In: _____. **An introduction to sociolinguistics**. 2 ed. London: Longman, 2001. p. 342-365.

HORTA, Elizabeth V. Aspectos sociais do movimento migratório da Itália para o Brasil. **Revista da Universidade de Minas Gerais**. Belo Horizonte, v. 14, set. 1964.

HUDSON, Richard A. **Sociolinguistics**. New York: Cambridge University Press, 1980.

HUTTER, Lucy Maffei. **A imigração italiana em São Paulo (1880-1889)**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1972.

HYMES, Dell H. **Language in culture and society: a reader in linguistics and anthropology**. New York: Harper and Row, 1964.

ISQUERDO, Aparecida Negri Projeto do Alib: Veredas. **Estudos Lingüísticos XXXIII**, p. 1163-1168, 2004.

KOCH, W.; KLASSMANN, M. S.; ALTENHOFEN, C. V. (Orgs) **ALERS: Atlas lingüístico-etnográfico da região sul do Brasil**. Curitiba/ Florianópolis/ Porto Alegre: Editora UFPR/ Editora da UFSC/ UFRGS Editora, 2002.

KOOY, Hendrick Adrianus. **Carambeí 75 anos (1911-1986)**. Carambeí: Ed. do Autor, 1978.

KRAMSCH, Claire. **Language and Culture**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

KULCZYNSKYJ, W. **The influence of the Portuguese language on the Ukrainian language in Brazil**: lexical and morphological aspects. 1987. 288 p. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1987.

LABOV, Willian. Estágios na aquisição do Inglês Standard. In: FONSECA, Maria Stella V. da.; NEVES, Moema F. (Orgs.) **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda., 1974.

LABOV, **Sociolinguistique**. Paris: Ed. Minuit, 1976.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1977.

LACERDA, Carlos de. A vinda dos colonos alemães e o relatório de Visconde de Abranches. **Revista do arquivo**. Prefeitura do Município de São Paulo, ano VII, v. LXXXVII, jun./jul., 1941.

LAMBERT, Wallace E. *et al.* Evolutional reactions to spoken languages. In: **Journal of abnormal and Social Psychology**, v. 60, n. 1, 1960.

LEITE, Cândida Mara Britto. **Atitudes Lingüísticas: a variante retroflexa em foco**. 2004. 138 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – IEL, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004.

LOPEZ, Bárbara. **The Sound Pattern of Brazilian Portuguese** (Carioca Dialect). Los Angeles: University of California, An Harbor, University Microfilms International, 1979.

LUYTEN, S. M. B. **O papel da comunicação na aculturação dos holandeses no Paraná**: o caso da colônia de Carambeí. 1979. 199 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – ECA, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.

MACKEY, Willian F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, Johsua. **Readings in the sociology of language**. 3 ed. The Hague: Mouton, 1968.

MAHER, Tereza Machado. Sendo índio em português. In: SIGNORINI, Inês. **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. (Orgs.). Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 115-138.

MAST, W. van der. **Praktijk em patroon van recente nederlandse groepsmigraties**. Groningen: Moordhoff, 1963.

MARGOTTI, Felício Wessling. Abordagem Empiricistas em Trabalhos de Variação Lingüística. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão/SC, v. 4, n. 1, p. 149-166, 2003.

MARQUARDT, Lia. **A vibrante no Rio Grande do Sul: uma análise computacional.** 1977. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1977.

MARTINS, Romário. **História do Paraná.** Curitiba: Rumo, 1939.

MEER, Keimp van der. **Cinqüenta anos Carambeí.** Frakener: T. Wever Cy, 1961.

MESSIAS, Lindinalva; ZERLING, Jean Pierre. Aspects articulatoires et acoustiques du [r] en portugais du Brésil. In: **Travaux de L'Institut de Phonétique de Strasbourg**, 1996.

MEY, Jacob. Etnia, Identidade e Língua. In: SIGNORINI, Inês (Orgs.) **Língua(gem) e Identidade.** Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 1998. p. 69-88.

MINUCHIN, S. **Famílias: funcionamento e tratamento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MODESTO, Artarxerxes Tiago Tácito. Reflexões sobre o uso das formas de tratamento entre santistas: aspectos sociolingüísticos e funcionais. **Estudos Lingüísticos XXXV**, 2006. p. 379-385.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação Teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA; Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2003.

MONARETTO, Valéria N. de O. **A vibrante: representação e análise sociolingüística.** 1992. 104 p. (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

MONARETTO, Valéria N. de O. **Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica.** 1997. 213 p. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

MONARETTO, Valéria; QUEDNAU, Laura Rosane; DA HORA, Demerval; As consoantes do português. In: BISOL, Leda. (Orgs.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** Porto Alegre: PUCRS, 1996.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov.** Petrópolis: Vozes, 2000.

MOREY FILHO, D. B. **Understanding the function of linguistics and education at Unijui,** Georgetown University, 1993.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha; HUTTER, Lucy Maffei. **A colonização em São Pedro do Rio Grande do Sul durante o império (1824-1889).** Porto Alegre: Garatuja/IEL, 1975.

OGLIARI, Marlene M. **As condições de resistência e vitalidade de uma língua minoritária no contexto sociolinguístico brasileiro**. 1999. 152 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

PARCERO, Lúcia Maria de Jesus. **Fazenda Maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças**. 2007. 192 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007

PENNA, Maura. Relatos de imigrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, Inês (Orgs.) **Língua(gem) e Identidade**. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 1998. p. 89-112.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino**: identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina. São Paulo: Cortez, 1992.

PRESTON, R, Dennis. Language with an attitude. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Orgs.) **The handbook of language variation and change** Malden/Oxford: Blackwell, 2002.

PRETTO, Hermelina M. O problema da escola brasileira numa comunidade holandesa de São Paulo. **Revista de Antropologia**. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras/USP, 1 (1), p. 29-33, 1953.

REVISTA DE COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO. Rio de Janeiro, Conselho de imigração colonização, 1940.

ROBERTS, J. A emigração holandesa para o Brasil. **Crônica da Holanda**. Edição especial – 50 anos de emigração holandesa para o Brasil. Rio de Janeiro, Serviço holandês de Informação, ano VI (3), 1961.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã no Espírito Santo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro/Edusp, 1968.

ROMAINE, S. Bilingualism. 2. Oxford: Blackwell, 1995.

ROOY-GISCHLER, A. F. de; LENS-FASTING, E. M. **Curso básico de Neerlandês: Holanda, a sua língua e os seus costumes**. Lissersbroek: Fasko Mediagroep, 1985.

ROSS, Colin. **Unser Amerika**. Leipzig: Brockhaus, 1936.

RUBIN, Joan. **National Bilingualism in Paraguay**. The Haia: Mouton, 1968.

SAITO, Hiroshi. **O japonês no Brasil**. São Paulo: Ed. Sociologia e Política, 1961.

SAITO, Hiroshi. **A comunicação e alguns problemas rurais**. São Paulo: Comarte ECA/USP, 1973.

SANTOS, Emmanoel. **Certo ou errado?** Atitudes e crenças no ensino da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Graphia, 1996.

SAVILLE-TROIKE, Muriel. **The ethnography of communication, an introduction**. 2 ed. Oxford, Blackwell, 1989.

SCHADEN, Egon. O estudo sócio-antropológico da aculturação dos alemães no Brasil. **Revista do Arquivo Municipal**. Ano XXXVI (185), 1973.

SIGUAN, Miquel **Bilingüismo y lenguas en contacto**. Madrid: Alianza, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A Produção da Identidade e da Diferença. In: _____ (Orgs.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

TOSCAN, Mirian Peccati. **O comportamento lingüístico na comunidade bilíngüe ítalo-brasileira de Nova Pádua/RS: identidade, prestígio e estigma lingüísticos**. 2005. 189 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2005.

VASCONCELOS, Henrique D. de. Oscilações do movimento migratório no Brasil. In: **Revista de imigração e colonização**. Rio de Janeiro. Conselho de Imigração e Colonização, ano 1, n. 2, abr., 1940.

VERBURG, Marringje K. **O Bilingüismo em Castrolanda: aspectos sociais da aquisição da segunda língua**. 1980. 144 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1980.

WEINREICH, Uriel. **Languages in contact**. The Hague: Mouton, 1953.

YAVAS, M. O que os falantes fazem quando encontram sons estrangeiros. In: **Letras de hoje**, n. 46, dez., 1981.

SITES PESQUISADOS

BATAVO. Disponível em: www.batavo.com.br/lacteos/empresa.php. Acessado em: 8 out. 2007.

IER CARAMBEÍ. Disponível em: <http://www.ierb.org.br/carambei/ier800600/index800.htm>>. Acesso em 8 out. 2007.

IGREJA EVANGÉLICA REFORMADA. Disponível em: <http://www.ierb.org.br/carambei/ier800600/index800.htm>>. Acesso em 8 out. 2007.

NOSSA HISTÓRIA: IGREJAS REFORMADAS NO BRASIL. Disponível em: http://www.ierb.org.br/sinodo/index.php?option=com_content&task=view&id=31&Itemid=64>. Acesso em 8 out. 2007.

E-MAILS

DE BOER, Willhem. **Membros IER**. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: leticiafraga@gmail.com> em: 27 set. 2007.

PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE OS “HOLANDESES” DO BRASIL

BRANCO, Patrícia M. C. **O Universo Imaginário dos Holandeses no Brasil Seiscentista - Um Estudo da Narrativa do Viajante Joan Nieuhof.** 2004. 140 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Est. Paulista Júlio de Mesquita Filho/Assis, Assis, 2004.

CALDAS, Paulo Sergio Reis. **Frans Post: herança realista da pintura holandesa na paisagem brasileira.** 2002. 120 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

CARDOSO, Zoroastro Ramos. **Burgueses urbanos: dos flamengos aos mascates em Recife.** 2000. 241 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

CORDEIRO, Sônia Valdete Aparecida de Lima. **Escola Evangélica de Carambeí: Uma Instituição Educacional da Imigração Holandesa na Região dos Campos Gerais/PR.** 2006. 82 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2006.

EILERT, Carlos Alberto. **"Crescimento físico e performance motora: um estudo em comunidade isolada em imigrantes - Holambra".** 1997. 103 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

FERRAZ, Maria do Amparo Pessoa. **Recife - Sede da República do Brasil-Holandês: uma República brasileira do século XVII.** 2003. 106 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

LAURENTYS, Tereza Cristina de. **Memória e História: o imaginário da invasão holandesa a Salvador (1624).** 2002. 94 p. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; Braga Maria Luiza. (Orgs.) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2004.

PUNTONI, Pedro. **A mísera sorte: a escravidão africana no Brasil holandês e as guerras do tráfico no Atlântico Sul, 1621-1648.** 1992. 154 p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

QUINTAS, Georgia de Andrade. **A visão da alteridade em Albert Eckhout: fragmentos visuais do Brasil holandês.** 2002. 150 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

RICKLI, João Frederico. **A comunidade da benção: religião, família e trabalho na colônia Castrolanda**. 2003. 146 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

SCHERER, Rudinéia Rejane. **Tamancos de Madeira: imigração neerlandesa em Não-Me-Toque/RS (1949-2003)**. 2004. 150 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2004.

SOUZA JÚNIOR, Ângelo Martins. **O Campo dos Sonhos: Pequena contribuição à análise da Dinâmica Política de uma comunidade Holandesa: O caso de Holambra – SP**. 1998. 111 p. dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

ANEXOS

ANEXO 1

Ficha de dados pessoais do informante

Nome:

Sexo:

Idade:

Religião:

Naturalidade:

Naturalidade/Nacionalidade da mãe:

Naturalidade/Nacionalidade do pai:

Naturalidade/Nacionalidade do avô paterno:

Naturalidade/Nacionalidade da avó paterna:

Naturalidade/Nacionalidade do avô materno:

Naturalidade/Nacionalidade da avó materna:

Endereço Completo:

Estado Civil:

Nível de instrução escolar:

Profissão:

Profissão dos pais:

Trabalha fora da comunidade?

Estuda fora da comunidade? Onde?

Local da entrevista: _____ Data: _____

ANEXO 2

Questionário

Nome:

Seu pai fala/entende holandês?

Seu pai lê/escreve em holandês?

Sua mãe fala/entende holandês?

Sua mãe lê/escreve em holandês?

Ocupação dos avós:

Ocupação do pai:

Ocupação da mãe:

Escolaridade dos avós:

Escolaridade do Pai:

Escolaridade da mãe:

Quando entrou para a escola, que língua você falava?

Que línguas você fala/escreve?

Você fala/entende holandês?

Você lê/escreve holandês?

Você fala holandês com seu pai?

Você fala holandês com sua mãe?

Você fala holandês com seus irmãos?

Você fala holandês com seus avós?

Na igreja, você fala em holandês com o pastor/padre?

Você ora em holandês?

Numa briga, você xinga em holandês?

Que língua você acha mais fácil/difícil? Por quê?

Que língua você acha mais bonita/feia? Por quê?

Você se considera brasileiro/holandês?

Os brasileiros consideram você brasileiro/holandês?

Como você definiria os “holandeses”?

Como você definiria os “brasileiros”?

ANEXO 3

Roteiro de entrevistas

- 1) Qual a primeira língua que você aprendeu?
- 2) Que língua você aprendeu na escola?
- 3) Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?
- 4) Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?
- 5) Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais ou avós?
- 6) Hoje, em que língua você fala com seus pais?
- 7) Hoje, em que língua seus pais falam com seus filhos?
- 8) Hoje, em que língua você fala com seus filhos?
- 9) Você lê/ escreve holandês? O que é mais difícil?
- 10) Fala/ entende holandês? O que é mais difícil?
- 11) Em que língua você ora?
- 12) Gosta mais do culto em português ou holandês? Por quê?
- 13) De que pastor você gosta mais? Por quê?
- 14) Você faz questão de ensinar holandês aos seus filhos ou que eles aprendam na escola?
- 15) Você acha que seus filhos devem aprender outras línguas, além do holandês? O conhecimento do holandês poderia atrapalhar a aprendizagem de outra língua (inglês, por exemplo)?
- 16) Em sua opinião, que língua é considerada mais importante aqui em Carambeí: o português ou o holandês? Por quê?
- 17) Em sua opinião, qual língua é mais fácil/mais difícil: o português ou o holandês? Por quê?
- 18) E qual língua é mais bonita/gradável/melhor? Por quê?
- 19) Você acha que os “holandeses” falam português com sotaque?
- 20) Algum aspecto do seu sotaque “holandês” o incomoda mais?
- 21) Você acha que a maneira como você fala português é diferente da maneira dos “brasileiros”?

- 22) Aponte algumas semelhanças e diferenças entre o jeito de ser de “brasileiros” e “holandeses”.
- 23) Você acha que existe algum tipo de rivalidade/desentendimento entre os moradores daqui? (brasileiros e holandeses)
- 24) Você tem amigos “holandeses” (você prefere ter)?
- 25) Você tem amigos “brasileiros” (você prefere ter)?
- 26) Você se sente brasileiro ou holandês? Você acha que os “holandeses” do Brasil são diferentes dos “brasileiros”? São também diferentes dos holandeses da Holanda? Em que sentido?
- 27) Os “brasileiros” identificam você como brasileiro ou holandês?
- 28) O que você pensa dos “brasileiros” (se você se considera distintos deles)?
- 29) Você acha que o “brasileiro” é menos religioso que o “holandês”?
- 30) Do que você tem mais orgulho sendo “holandês”?
- 31) Em que “brasileiros” e “holandeses” são diferentes?
- 32) O que você acha de seus pais (avós) só falarem holandês e seus filhos (netos), só português?
- 33) Saber holandês já foi importante de alguma maneira pra você (profissionalmente, por exemplo!)
- 34) Você já foi à Holanda? Tem parentes lá? Corresponde-se com eles?
- 35) Você acha que a língua holandesa vai deixar de ser falada em Carambeí? Você lamenta isso?

ANEXO 4

ENTREVISTAS

Trechos da Entrevista nº 1, com DCG.

Pesquisadora: *O Sr. pode começar contando um pouco sobre a vinda dos primeiros holandeses para Carambeí. Quais foram as primeiras famílias...*

DCG: *Verschoor foi a primeira, primeiríssima. Vriesman foi a segunda. Eles vieram nos anos 50. É, dizem que em 54. Vocês vieram em 46, 47. Mesmo os Potman vieram também. Os pioneiros, em 1911.*

Pesquisadora: *A gente vai conversar também sobre a atual situação da língua holandesa em Carambeí. Se ainda tem criança aprendendo holandês...*

DCG: *Ah, entendo. Tem crianças que não são descendentes de holandeses, tão aprendendo holandês ainda. Não, ano passado tinha ainda. Hum... Às vezes acontece que pessoas que moram aqui, né, colocam crianças que... Nesse ano não tem, mas volta e meia tem. Tem uma bolsa. Eu sei que tem uma contribuição da Holanda. Agora essa, essa, essas crianças hoje em dia elas, elas não têm muita vontade, assim, de aprender o holandês, de ir nas aulas de holandês. Os descendentes, os pequenos vão, mas depois de uma certa, mas depois, depois de uma certa idade... Os pais sempre querem, os descendentes de holandês, né, vão mandar as crianças pra aula de holandês pra eles aprenderem, só que em casa eles falam português. Aí num, num, aí complicadíssimo. É que nem o inglês e o francês. Você pega aquele básico, assim. Mas pra falar é difícil. Mas você vê as nossas netinhas, lá, né? Elas pegaram alguma coisa. Hoje falam bem inglês e, mas holandês eles não arranham.*

Pesquisadora: *Elas moram aqui?*

DCG: *Moram aqui. Hoje a mais velha tá na universidade, a outra tá no segundo grau em Ponta Grossa, no marista, né? E a terceira tá aqui, tá no último ano. Mas elas entendem o holandês porque a mãe sempre exige bastante delas também, né? Mas, mas bom, é. Elas nos chamam de avô e avó e acho que sempre consideram como netas, né? Mas elas não [gostam] de falar holandês. Entendem bem, porque elas realmente são muito dedicadas e tentaram aprender. Mas só que o inglês, por exemplo, todas as três falam, né? E a mais velha também está no francês e morou na Alemanha. Acho que é o mais próximo fica o mais distantes pra manter uma conversação, né? Tem mais dificuldade em manter, é. Se bem que, por outro lado, eu me, me admiro que tenha tanta gente que fala holandês, né? Que as nossas filhas, né? As três tão casadas hoje, nós, nós, as três saíram falando holandês porque daí, na, na escola, na aula ficou bem mais fácil, né? E era assim umas primas que, que já não falam, que os pais são da colônia portuguesa em casa tem mais dificuldade, mas algumas famílias se esforçaram e, e eles conseguiram romper, agora da segunda filha, né? Que eles tão, ela tem um gurizinho de dois anos que só fala holandês. Não, tem dois, né? Já fez dois, vai fazer. Ele fala só holandês. Agora o interessante, os pais dela, a nossa filha e o nosso genro, entre eles, né? Os dois são descendentes de holandeses, eles só falam português entre eles, né? A gente fala holandês entre aqui um com o outro, mas eles também fizeram um trato. “Com nossos filhos nós só vamos falar holandês”. E o*

menininho ta [indo]. Mas a partir do momento, daqui um ano, dois anos, quando ele vai pra, pra, pra, pra, pro, pro, pro, pro jardim, aí em dois, três meses, ele muda, ele ensina [aprende] fácil. Isso aqui é tão rápido, né? Em dois ou três meses eles falam português e não querem mais falar holandês. Isso que é interessante. Uma vez que eles aprendem o português, eles não, daí eles falam... Não esse aqui, esse aqui que falava essa língua aqui, eles, o pai e a mãe falam pra gente não entender, né? Mas é interessante que, no que eles souberem, conseguirem falar em português, eles nem com os pais falam holandês e, e, é uma regra praticamente. A língua... Eu acho que nós vamos ter que, nós temos que ser mais... Mas é, mas é por aí... Então nós somos, não a gente, eu, por exemplo, nós aqui [em Carambeí] nós somos brasileiros, mas talvez o brasileiro ache que nós não somos. Mas é, mas é interessante que o, a gente... Tanto é que nós também, nós não tivemos nunca [amigos] brasileiros, né? E nem holandeses também. Mas é, mas eu, mas eu, por exemplo, nunca tive assim. É, eu tenho ótimos relacionamentos com tantas e tantas pessoas, né? Nessa minha vida toda aí, até hoje tenho, me dou muito bem, agora talvez também por falta de oportunidade, nunca cultivei uma amizade assim, mais intensa com, com, com brasileiro, talvez por que aqui também não, a parte, as pessoas que aqui moram, né? Residem, hoje não, mas no passado quando, quando era mais jovem, era duma, já eram mais funcionários das empresas, né? E só nos, acho, nos anos 70, 80. Eu sinto que, sei lá, existem algumas coisas que são diferentes. E os holandeses que vêm da Holanda pra cá [totalmente], daí é mais. A diferença pra mim é maior ainda. Eu não, sei lá, eles pensam de uma forma diferente e a gente não está acostumado com aquele radicalismo extremo. Isso, sei lá. A Holanda pode até ser, por ser um país pequeno, eles têm uma preocupação muito grande, né? [preocupação com a ecologia] Aqui temos que ter uma preocupação também porque tem muitas horas que degradados, mas sem radicalismos. Temos uma Amazônia aí que também perde 30 ou 50 mil hectares por ano, né? Não. Olha, realmente preocupa, né?

Pesquisadora: O que o Sr. acha que se faz aqui em Carambeí para “manter” a língua holandesa?

DCG: Nós temos uma revista em holandês. Chama Regenboog. Traduzindo, o arco-íris, né? Eu escrevo, nos últimos tempos. Agora que eu to mais aposentado. Sempre escrevo uns artigos. Até pra mim é bom, porque eu treino o meu holandês de novo. Eu, eu trabalhei uns quarenta e poucos anos no cooperativismo, então eu, eu nunca, eu praticamente nunca escrevi o holandês. Na minha, na, como executivo, viajava só no Brasil praticamente, ia pra fora, mas daí era o inglês, né? E holandês eu aprendi, o que eu sabia de escrever, aprendi nas aulas de holandês aqui, dois anos. Só tivemos dois anos de holandês. E então, mas eu nunca cultivei isso. Nunca, nunca precisei. E agora, depois de tantos anos, eu to começando a... E hoje tem uma facilidade muito grande, né? Porque você pega o Word, lá tem, tem um corretor do holandês. Então é, antes era difícil. Quando eu comecei, nem sabia o que eu escrevia. Agora que tem o corretor fica mais fácil. Mas é interessante. Você, por cada vez que você escreva, você escreve, bate errado, daí ele corrige, né? Já sublinha lá em vermelho e aí você vai aprendendo também. Com isso, você aprende muitas palavras que tinha dúvida e hoje não tenho mais. Mas é uma, ma eu, eu, quando... Dessa, dessa revista que sai, que sai uma vez por mês, nós, esse pessoal da redação que eu faço parte, de vez em quando eu participo de umas reuniões. Eles tão muito preocupados em como fazer [como lidar com o fato de que cada vez menos jovens falam holandês]. Nós começamos no ano passado a, a, a colocar alguns artigos em português pra ver a reação,

né? E a reação foi, foi, foi boa e o pessoal come [começou], né? Até os holandeses leram as revistas. Agora tão pegando e dando uma lida naquele... Vamos, vamos ver, né? Mas gradativamente [vai] passar, né? Um pouquinho em português, mais em português. Chega no meio a meio. Talvez, futuramente, continuar com essa revista, só mudar de nome. Em vez de Regenboog, em holandês, jogar pra arco-íris, né? E passar pro português. É uma revista que circula nas, nas cinco, seis comunidades holandesas do Brasil, e é bem lida, né? O pessoal gosta, mas quem que, quem que faz uma análise são as pessoas, digamos, de 40 anos pra cima.

Trechos da Entrevista nº 3, com AF.

Pesquisadora: *Os seus três filhos falam holandês, né? O que você pensa disso?*

AF: *Hoje eu diria que seria melhor se eu tivesse ensinado eles inglês do que holandês, porque pra esse mundo, holandês, aqui, não serve pra nada, infelizmente, infelizmente. Pra ser bem profissional, pra que que serve holandês, hoje, nessa região? Porque fora de Carambeí, ta em Ponta Grossa já não serve. 90% da comunidade aqui não fala holandês. Serve pra quê? Só pros avós. Satisfazer tua mãe. Meus três filhos falam holandês não por causa de mim nem por causa da minha esposa. Falam por causa dos meus pais. Porque eu sou filho único aqui. Minha irmã tando lá na Holanda. E os netos... Meu primeiro neto quem deu pros meus pais fui eu. A felicidade, nossa, foi uma euforia. E daí meu pai e minha mãe... Meus filhos saíam de casa falando português, dentro do carro, pisavam dentro da casa da mãe elas começavam falando holandês porque sabiam que o vô e a vô não falaram português, então eles começavam a falar em holandês. E hoje o mais velho até o dialeto, que na Holanda você sabe que tem muito dialeto, né? Até o dialeto dos meus pais que é Groningen, ele fala e ele entende. Mas também isso foi culpa nossa porque ser primeiro neto, dentro de dois anos nós tinha três filhos. Ficava na casa dos avós, né? A vô adorava. Seqüestrava os filho de novo, esses holandês. E ficava lá, posava lá duas, três noite. A Dália ligava. Dália é o nome da minha esposa. Ela ligava, daí minha mãe trazia de novo. Chegava em casa falava português e na casa dos meus pais em holandês. E incrível, eles têm 24 e 22 anos, hoje ainda eles entram na casa, sabe que, parece que a porta é que inventou essa mudada. Aqui não tem mais. Eu tenho muitos amigos da minha idade, que tem os filhos, só que o casal holandês, inclusive os irmãos, as irmãs da Maaiké e tudo, né? Veja o casal da mesma região, convivemo junto. Meus pais. Se eles perguntavam alguma coisa, o que que era, e muitas vezes acontecia, porque nós temos muito contato com a Holanda por causa da minha irmã, né? Que ela mora lá. Então nós temo muito contato. Daí vem carta, vem cartão de aniversário, vem, daí sempre precisa ta traduzindo. Daí lá em casa minha esposa não fala, não entende, então sempre nós tamo, né? trocando figurinha um com o outro. Hoje por exemplo o e-mail é direto. Minha filha gêmea escreve pro tio dela na Holanda. Ela escreve via e-mail pra ele. E ele, quando ele veio aqui há uns 4, 5 anos atrás ele falou pra ela “Pra você manter essa língua holandês escreva bastante pra mim. Nem que você escreva errado, eu corrijo teu e-mail e mando outro e-mail pra você”. E assim eles se correspondem. Inclusive tem umas confidencia da minha irmã que eu fico sabendo através da minha filha, que nós se damo muito bem e ela diz “mas o tio falou pra eu não te falar”.*

Pesquisadora: *Como sua família veio para Carambeí?*

AF: *Meus pais vieram direto da Holanda, noivos, e casaram aqui. De Groningen. Do norte de Groningen. Tem bastante cabeçudo aí. Eles vieram noivos de lá e casaram aqui. Meu avô, [no] pós-guerra, o pai da minha mãe, pós-guerra não mais quis ficar de jeito nenhum pra, na Holanda. Daí ele quis imigrar pra o Canadá. No Canadá eles não aceitavam pessoas deficientes e minha vó tinha uma deficiência no joelho. Era manca. Problema do joelho que a minha vó, ela, ela andava assim, sabe? O nosso é assim, encaixado, né? O dela era assim. O osso de cima, aqui. O nosso é assim, o dela era assim. Na época nunca procuraram recurso. Ela mancava. Não aceitaram. Daí ele optou pelo Brasil. Daí vieram pra cá. E daí mentiram pro meu pai e minha mãe, isso que eu achei fantástico na história deles, que você não podia trazer dinheiro, só podia trazer mercadoria. Então eles venderam tudo na Holanda e transformaram em mercadoria. Então trouxeram móveis. O Governo ia importando essas pessoas porque ele queria pra comunidade dos funcionários lá, eles queriam ter ovos, leite, frangos e suínos, eles queriam ter, né? Então daí eles trouxeram os... Pra começar, né? Só que, daí meu pai era alfaiate, ele ficou trabalhando na cidade, em Harmonia. Daí ele... Meu avô da parte da mãe resolveu vim. E daí como meu pai era noivo da mãe ele falou “vou arriscar, vou vim junto”. O meu pai era noivo. Porque quem veio [foi] o pai da minha mãe. [Ele] deixou ele vim junto. Eles vieram de navio na época, né? Mas foi muito interessante a história deles. Daí ta vindo bem até. Daí eles resolveram casar, eles tinha que ir no cartório, no campo, no campo. Eles tinha que passar por ci, por baixo da cerca de arame farpado, daí entrou num casebre e o cara disse, tinha uma mesa assim, né? Abriu uma gaveta e daí tirou um livrão e pôs em cima da mesa. Era o cartorário. E daí ele começou a escrever. Daí tinha um pastor holandês que falou pra ela “agora diga sim”. Que se não ela nem sabia o que que ela tava fazendo. Daí o pastor falou, ta falado, né? Daí ela disse [sim]. Foi dessa forma. Cerca de arame farpado, minha mãe de noiva. Passaram por algumas e boas. Minha mãe acho que tinha vinte e três, meu pai... O meu avô morreu com noventa e três anos de idade, ele tinha dificuldade com o português, sabia? Entendia, mas quanto mais velho, parece que só [vai] esquecendo, né? Ele tinha dificuldade. Aos dois anos de idade, meus pais vieram pra cá. Através desse pastor também.*

Pesquisadora: *O Sr. já foi à Holanda?*

AF: *Eu fui em 75 pela primeira vez. Tinha 19 anos. Um diretor da Batavo me convidou pra ir e daí eu não tive como dizer não e daí eu fui. Daí em 86, levei minha esposa. Deixei os três com a minha mãe, pequenos, deixei com a minha mãe, e nós fomos fazer uma viagem pela Europa. Nós sempre temo essa mania de comparar. Não dá pra comparar. A Holanda é inédita em tudo, né? eutanásia, prostituição legalizada, casa de droga, supermercado de droga aberto, você consegue... lésbicas e gays podem casar já, já tem leis pra isso, já sabem como é que é herança pra isso, já ta tudo legalizado. Então a Holanda é sempre inédito em coisas ilegais. Eles tão tentando legalizar a parte ilegal. Prostituta ter INSS, fundo de garantia, dá pra entender, ou não? Já te contaram da prostituição, eles ficam nas janelas. Eu fiquei abobado de saber que é dessa forma. A mesma coisa que a eutanásia, o aborto, né?*

Pesquisadora: *O Sr. acha que fala bem holandês?*

AF: *Eu mesmo não acho, mas todo mundo diz que sim. Inclusive acabei de ter um cliente novo no meu escritório, que é um holandês casado com uma brasileira lá em Ponta Grossa. E eu não conhecia o casal. E eles querem que eu faça a contabilidade da empresa*

deles. E ele não fala o português e ela não fala holandês, o casal. Se comunicam em inglês. Eles já têm um piázinho. O casal já tem um piázinho. E eles tavam no escritório e ele falou “eu to admirado de ver, o teu holandês é tão perfeito”, ele falou. E a primeira vez que eu fui pra Holanda, isso que eu achei superinteressante também, eu tava num trem, que aqui se fala em andar de trem, absurdo, né? Mas lá, não. Lá você entra... É que nem os metrô, dos grandes centros, né? Você entrar num trem, vem uma veinha de uns 80 anos. Tava sentada do meu lado. Daí ela falou assim “por favor, me mate a curiosidade. Pelo teu sotaque não consigo descobrir de que região da Holanda você é”. Eu falei “eu não sou da Holanda, né? Eu sou do Brasil”. “Eu não acredito que lá no Brasil você aprendeu a falar esse holandês tão perfeito”, ela falou. Não sou eu que falo. São os outros que falam. Eu não peguei... A mãe é da Holanda, né? Que lá, por região, por ter muitos dialetos, os holandeses falam holandês e falam o dialeto. Eles são... Como o sotaque do dialeto acho que é um pouquinho mais forte, eles sabem. Os holandeses... “Ah, você vem de lá”. Pelo sotaque eles percebem. Que nem nós descobrimos quem que é carioca, quem é gaúcho, quem é baiano, né? Nordeste.

Pesquisadora: O Sr. lê e escreve em holandês?

AF: Leio bem holandês, sim. Escrevo bem. Me correspondo diariamente com... Eu tenho muitos contatos via e-mail. Inclusive de vez em quando vem um e-mail “eu não entendi nada do que você escreveu aqui”. Eles falam assim. Daí eu vou ler, daí eu percebo que em holandês se fala tudo em, o inverso do português, né? É tudo de trás pra frente, é tudo. Você não percebeu isso ainda? Que o holandês ele fala tudo o inverso? De trás pra frente, de frente pra trás. Por exemplo: números. 1970. Negentienhonderdzeventi. “Dezenove setenta”, eles dizem em holandês. Absurdo. E daí você na hora de escrever aquilo, você começa a escrever errado. [Aí quando ele lê de volta o e-mail] daí eu vejo. Realmente você tinha razão.

Pesquisadora: Quando o Sr. aprendeu a falar português? Você se sentia diferente por falar holandês?

AF: Quando eu fui pro primário, acho que... No meu tempo era sete anos, isso mesmo. Eu acho que tudo na minha vida foi maravilhoso. Eu acho que nós já falávamos o português entre nós, piázada e tudo. Eu acho que não era que você só teve [na escola] você só teve porque você convivia com os filhos dos empregados e tudo. Então, não. Não era só o holandês, não. Não era tão rígido. Aqui em Carambeí não era tanto assim. Nós já tínhamos contato com o brasileiro direto. Então o nosso... Na escola não influenciou isso daí. Não influenciou. A maior vergonha que eu tive na vida profissional. Quando eu comecei a trabalhar na cooperativa. E lá sempre o meu apelido foi “seu holandês, seu holandês, holandês”. Eu falei: “eu não sou holandês”. Mostrava minha carteira de identidade, “aqui, ó” Será que o brasileiro é tão burro de me dar uma carteira de identidade brasileira se eu... Não sou holandês. Aí eu senti, mas na escola, não. No tempo da escola, não. Não tinha esse... Eu acho que a convivência era mais com pessoas do mesmo nível da gente, né? Mesma igreja, freqüentava mesma igreja, mesmo clube, mesmo ambiente de festas e tudo. Daí você no primário você não percebeu nada disso, não. Esse complexo [de estrangeiro] eu nunca tive. Mas eu posso te garantir, por eu ter sido uma exceção, no escritório, porque a maioria tinha sua própria propriedade, a maioria dos filhos das propriedades, eles trabalhavam nas chácaras mesmo. Então dentro do escritório eu era uma exceção. Filho de holandês, trabalhando no escritório, onde a maioria era brasileiro,

vamos dizer assim. Daí, vinha de Ponta Grossa ainda o pessoal, então daí nas reuniões e tudo sempre, meu apelido sempre foi “holandês” no escritório. “Seu holandês”, “seu holandês”. Sempre contestei. E não é vergonha o termo certo. Ainda não concordo com esse termo teu. Não era vergonha. Só contestava. O termo pra mim não é vergonha. O termo pra é, me enchia o saco mesmo. “Por que que você me chamam de holandês? Eu não quero ser chamado de holandês”.

Pesquisadora: *Existem pessoas com quem você só fala holandês?*

AF: *É, é... Hoje a gente tem muito. Só com os mais idosos. Meu, meu nível [idade] pra baixo só em português. Só com os mais idosos. Não, mas os mais idosos, a maioria orient... Não, a maioria começa a conversar em holandês, por eles saberem que você fala. Então eles começam com você, começam já, a opção deles número 1 é o holandês. Então eles vê que comigo dá pra falar, eles começam em holandês, e daí eu... É, é. Meu pai e minha mãe, eu to sentindo [que os mais velhos têm necessidade de falar em holandês]. Meu pai tem 80 anos e minha mãe tem 78 e eu já to começando a sentir. Eu devo ser o mais importante pra eles, né? Que eu nunca tinha sentido isso antes deles, hoje eu to sentindo e a conversa na casa deles ta diminuindo, eu to sentindo que eu falo mais em português com eles do que em holandês e mesmo sabendo que o holandês ta sendo mais importante pra eles, de novo meu pai ficou atípico. [Vou dar um exemplo:] Todo mundo comprou antena especial pra pegar canal holandês. [Os pais diziam] “pra nós não precisa, nós estamos integrados aqui, nós não precisamos, não precisamos, não precisamos” e ela [a mãe] enchia: “é muito caro, 800 dólares”, sabe? Essas conversarada, piada pra boi dormir, era minha visão, mas eles insistindo, então, no fim você acaba acreditando. Daí um dia, um amigo do meu pai e minha mãe, muito amigo deles, chegou no meu escritório e falou, “se quiser dar presente de aniversário de casamento pro seus pais”, o holandês tem essa mania de comemorar, né, aniversário de casamento, [compre a antena que pega canal holandês] daí [eu falei:] “nossa, muito obrigado pela dica”. Eu escrevi pra minha irmã de e-mail na Holanda [e disse:] “me deram essa dica, você paga a metade?” [Ela disse:] “Pago, ué”. Você não acredita [o que houve depois], pior que criança, os dois veio. Você entra lá, você tem que ficar quieto. E antes, quando não tinha o holandês, o meu filho tava assistindo lá uma corrida de carro ou futebol, [os pais diziam:] “desliga essa porcaria, só ta fazendo barulho, desligue”, sabe? [eles diziam:] “não precisa ficar assistindo, não sei o que”. Agora que é o inverso, o canal. [Eles dizem:] “só mais um pouquinho, só quero ver isso, só quero...” sabe? Parece criança. É uma coisa assim, que é da natureza do ser humano, né? Volta pra origem. Isso to sentindo claramente, canal holandês, quando eles tão na televisão, ligado em holandês, diga bom-dia e sente e assista junto e aí nos intervalos você aproveita e fala alguma coisa. Incrível. E insistiram comigo que não queriam isso. Por isso que se percebe que o ser humano não é o que diz, né? É o que sente.*

Pesquisadora: *O Sr. falou que se pudesse voltar atrás fazia seus filhos aprenderem inglês e não holandês...*

AF: *Ta, eu aconselho todo mundo que tem os filhos [fazer com que eles aprendam inglês] que vai vim que nem o tsunami veio. Vai nos atropelar aqui nesse país, porque ta cada vez pior, né? Eu vejo na Internet com meus... Às vezes um site lá que você precisa entrar, é só em inglês, já não tem mais em português, é emprego, inglês fluente, primeira coisa que eles põem ali, inglês fluente. Meu filho já deixou de ter um emprego melhor por falta daquele inglês fluente. Se fosse holandês fluente, ele tava contratado, então. Não, eu acho que o, o*

holandês foi bom enquanto durou, mais agora também, já serviu. Inclusive a gente tem muita experiência. Um pessoal do Canadá... Eu sempre comparo com Canadá. No Canadá [na colônia holandesa], eles não tiveram essa experiência de colônia e tudo. Lá eles se integraram direto, e os mais idosos e todo mundo [fala] inglês, inglês, inglês. Igreja, inglês. Escola, inglês. Tudo inglês.

Trechos da Entrevista nº 4, com HS.

Pesquisadora: *Aqui na Igreja tem culto em holandês, né?*

HS: *Para os holandeses, que falam o holandês. Mas no mesmo tempo quando tem culto holandês na Igreja, tem estudo bíblico para quem fala português. Com pastor brasileiro, nós temos um pastor brasileiro também, da Igreja Luterana. Estudo bíblico. Acontece na mesma hora.*

Pesquisadora: *O Sr. deu aulas na Julia...*

HS: *É, no início, de manhã tinha programa português e de tarde tem holandês, na escola. É... Porque durante parte do dia, os alunos também tinham aula [de] holandês e eu lecionei de manhã, antigamente tinha 4 anos, né? A escola, cinco anos depois, chamava quinta série e eu lecionei de manhã holandês para quem quis, o sexta série, sétima série, oitava série, a nona série, enquanto eles quiseram ficar, eles, mas eu só dei aulas de holandês pra eles, mas agora é longe disso, não dá mais... ahhh... mudou, isso mudou completamente isso, o holandês para o português, é.*

Pesquisadora: *Seus filhos aprenderam português na escola...*

HS: *Professoras que gostaram que eles aprenderam português na escola porque o português que eles, os colonos falaram neste tempo era português de caboclo “nóis” e “barde”, este português. Na escola lecionando português e a professora eles aprenderam português completamente, então os professores da escola gostaram que eles aprenderam português na escola. Neste tempo, anos 60, agora não sei, porque os pais tudo estudaram, hoje em dia, univers... até a universidade. Então falam correto, português corretamente agora, os alunos aprendem também e sabem português.*

Pesquisadora: *São quantos filhos mesmo?*

HS: *Duas casais. Mais velho foi para a escola e aprendeu português lá na escola, mas aprendendo lá ele começou falar português em casa e lógico que assim, os mais novos aprenderam português pouco em casa, né? Era muito... O mais velho falava bem o holandês ainda e português também e a mais nova mora em Curitiba. Ela já tem muitas dificuldades com holandês, ela fala mas é com, com... ela traduz mesmo português e holandês. E viajou comigo para Holanda e ela não quis que eu ajudava ela viajando na Holanda. [Ela dizia], por exemplo “eu fala holandês, então não tem problema”. Ela se mexeu bem. Os dois mais novos não falam muito. O rapaz fala melhor que ele, a mais nova fala mais, mais espontâneo. Ela é professora também, então é mais fácil.*

Pesquisadora: *O que o Sr. acha do holandês falado aqui em Carambeí?*

HS: *Ah, bom, a palavra, a palavra caminhão, a gente usa em holandês também porque a palavra vrachtwagen [que] é caminhão em holandês [mas] a gente nunca usa aqui no colônia. Tem mais palavras. Tem várias coisas [do português que] foram entrando como agora acontece com inglês pro português, vocês já notaram isso? Tem palavras que eles não conhecem. Reconhecem, mas eles usam. Telefone, telefoon. O Pastor fez uma pregação*

na Igreja e ela usou a palavra concreet. Muitos não sabiam o que que era. Aqui fala “feito de concreto”, né? Ela começou a pregação dela sobre essa estátua de Cristo lá no Rio de Janeiro, este Cristo é de concreet, concreto. Alguns entenderam, bastante não, não conhecem esse palavra.

Pesquisadora: E quando o Sr. ensinava holandês?

HS: É muito interessante lecionando holandês. Eles [os alunos] têm mais dificuldade com as palavras mais simples, bom e boom, bom é com “o” e boom é com dois “os”, bom é bomba, essa que estoura e boom é árvore, tem só um o de diferença, esta é muito difícil para aprender em holandês. Bom e boom. E muitas destas palavras, came e caame. Came é caneca e caame é tocinho de carne de porco. É mais longo. Assim todas as vogais, todos essas vogais em holandês são: “a” e “aa”, é “e” e “ee”, “i” é “ii” e “u” e “üü”, “o” e “oo”, “ooo”, “u” e “uu”, “u” eles dizem “ü”. Este ponto difícil com... Mais palavras simples tem muita dificuldade. É muito interessante, para eles [é o] mesmo som. Na Holanda chama-se “pronúncia natural da letra”.

Trechos da entrevista nº 5, com BD (2M).

Pesquisadora: Seus pais são holandeses...

BD: Sim. Os dois... [o pai é] do norte, minha mãe do centro norte.

Pesquisadora: Como era na sua casa quando o Sr. era criança? Só se falava holandês?

BD: O seguinte, na, em casa só se falava holandês, só holandês e daí na escola a gente falava naturalmente ou mesmo brincando com, porque eu morava numa chácara, então tinha vários funcionários e eu brincava bastante com os filhos dos funcionários, então o português foi automático, foi... Então pra mim, era só holandês antigamente. Hoje em dia se eu falo com a minha mãe é só holandês também. Meu pai é falecido.

Pesquisadora: E com os seus filhos? O Sr. fala(va) holandês?

BD: Pouco holandês porque... Muito no passado com os filhos, porque ele [o filho mais velho] ainda, ainda fala um pouco port, o holandês, porque nós, é... no início de casado, nós só falávamos holandês dentro de casa e daí com o tempo foi se perdendo, né? Mas ele [o filho mais velho] é o que ainda melhor fala holandês da família, o mais velho porque nós só falávamos o holandês com ele, né? Pra ele aprender português na escola ou na rua e holandês em casa. O mais novo entende alguma coisa, mas falar não fala nada. A filha agora, agora ta falando holandês porque ta trabalhando na casa da memória e vêm muitos holandeses lá, então ela se obriga, mas ela, ela se engana muito com o inglês. Palavras que ela sabe falar mais ou menos inglês, então ela se atrapalha; entre holandês e inglês. Tem várias palavras conhecidas e ela se atrapalha, mas ela ta cada vez melhor. Agora tem holandês lá daí ela se obriga a falar um pouco com eles. [Com o mais velho] nós queríamos, era, era uma meta nossa deixar ele aprender holandês. A idéia era fazer isso com os três filhos, mas daí a gente... Hoje em dia de vez em quando [a gente] experimenta falar holandês, aí na hora do almoço. Mas se aquela palavra é mais fácil no português, quando vê já esqueceu de novo. Ele [o mais velho] fala [holandês] também por causa da, da vó nossa, que mora junto aqui, né? Daí de vez em quando fala holandês com ela, porque você tem que falar holandês com ela. Ela fala bem português, mas a gente de vez em quando tenta falar o holandês com ela, também faz pra manter.

Pesquisadora: O Sr. acha que fala holandês bem?

BD: *Eu falo razoavelmente bem, eu, eu converso bastante holandês com minha mãe, porque ela não vai agora falar português, aos 80 anos. Ela pensou em fazer um curso, é, de aula de português, pra aprender a ler. Ela até entende um pouco português, então se eles [os netos] conversam com ela... Ele [o mais velho] se vira mais, mas o meu mais novo, bom, ele, o meu mais novo logo sai de perto, né? Pra evitar de, de pagar mico. Mas é, ah, meu mais novo já apela pra mim: “Pai, o que que é isso?” Mas, minha mãe entende um pouco de português, mas ela veio em quarenta e oito pra cá, então. Ela tenta ajudar os neto porque ela tem, tem trinta e poucos netos. Então ela,[tem] muitos netos [que] não sabe falar uma palavra em holandês, né? Mas então ela consegue conversar um pouquinho em português, mas bem o básico mesmo, né? Bem pouco. Nós tentamos falar em holandês com ele [o mais velho], tentamos com a filha [do meio] também, mas... Porque tenho a idéia é, a gente nunca sabe se de repente vai pra Holanda. Eu tenho passaporte holandês também, então ele [o mais velho] também tem passaporte holandês, então por isso foi muito bom ele saber um pouquinho do holandês. Ele ta indo pra Holanda agora, um pouco de, lá ele vai ter que se virar. [Eu acho que] o meu vocabulário [é] muito pequeno, como é que vou dizer, é, as palavras, porque a gente sabe o carambiano aqui, vamos dizer, a gente até fala, né, aqui em Carambeí a gente fala o carambiano, o holandês aqui é carambiano, né? São palavras mais usadas só e quando vêm os holandeses que eu converso com eles muitas vezes eu tenho que perguntar: “pode repetir?” ou “que palavras, o que que é essa palavras que falou?” Então são palavras que eles usam, porque o vocabulário do próprio Brasil vai mudando, né? De repente aparece uma palavra nova que usado, muito usado e não era usada antes, então na Holanda é a mesma coisa. Então, é, eu, pra contar sobre a história de Carambeí lá na, no museu, muitas vezes eu tenho que pedir ajuda até dos próprios holandês porque de vez em quando eles fala uma palavras e é parecida com francês ou com, com inglês e eu não sei falar inglês, então eles, eles me ajudam muitas vezes a descobrir as palavra certa pra aquilo que eu quero falar, pra, pra frase que eu quero formar. Então eu, eu falo razoavelmente.*

Pesquisadora: *O que os holandeses acham do holandês que o Sr. fala?*

BD: *Os holandeses ficam admirados com, né, com, mais porque eu nasci aqui e, né, eu tive na Holanda, mas eu nasci aqui, então eles ficam admirados com o meu holandês. Todos, na Holanda, aqui no Brasil também tem um pouco de sotaque, num é nem dialeto, no Brasil é um sotaque, o baiano, o gaúcho, o, né? Mas na Holanda, um sexto do Paraná, cada região tem seu quase que dialeto e eu, tem holandês que eu não entendo, né, eles falam tão misturado, sei lá, é bem diferente. A própria Castrolanda, o holandês de Castrolanda é bem diferente do nosso, é bem diferente, então que seja da Holanda todos me entendem super bem.*

Pesquisadora: *O Sr. lê e escreve em holandês?*

BD: *Eu já mandei carta em holandês pra Holanda. Eu, quando eu tive a Holanda, tive uma vez oito meses lá, eu não entendo tudo o que eu leio também, mas é difícil, a pronúncia é muito [difícil] então esse tipo de coisa, o “u” não se fala “u”, né? E o, só que se você quer falar “u” daí é “oe”, escreve “oe” pra falar “u” né? Então é esse tipo de coisa, são, é, quer dizer, esses vícios eu sei, mas daí palavras que terminam com “d” e “t”, outras palavras só com “d”, outras palavras só com “t”, né? Essas coisas é bem complicado. Eles emendam palavras, né? Eles, que nem... Dá pra aumentar muito mais essas palavras, né? É um... É uma palavra só e que se for traduzir [pro português] é uma frase inteira.*

Pesquisadora: *Tem alguma pessoa com quem o Sr. só fale em holandês? Ou algum assunto?*

BD: *[Tem] um concunhado que é da minha idade, acontece da gente falar holandês, mas é muito difícil, normalmente é... Aqui em casa o que leva a gente tenta falar holandês é tentar deixar os filhos aprender. Agora, na rua, ou em algum lugar assim dificilmente a gente fala holandês, só português. Rezar normalmente [eu rezo] em holandês, mas eu faço em português também, rezar na mesa, na hora do, né? Normalmente em holandês por causa do, as pregações do pastor holandês. Eu prefiro as pregações do pastor Arjan. Ele [o pastor brasileiro] pra mim ele num sabe pregar, eu acho ele, sei lá, ele tem que fazer um estudo bíblico na igreja. [O pastor brasileiro] é bem diferente, esse pastor agora. [O outro pastor] que nós tínhamos, olha, era excelente, só que ele se aposentou, né? Daí tiveram que pegar outro. Aqui em Carambeí, a maioria dos, dos que vão pra, pra, pra igreja são brasileiros, só os mais de idade que vão mais pros cultos de holandês, quer dizer, eu prefiro culto em holandês também, mas os que sabem falar holandês, vão no culto de holandês e a grande maioria dos sócios da igreja, como é que é? dos membros da igreja, é, só falam português, a maioria dos membros da igreja, né? Então os jovens, é, só, só [sabem] português. Ele [o mais velho] vai num culto de holandês, [mas] ele não entende quase nada, pelo menos na pregação.*

Pesquisadora: *O que o Sr. acha que vai acontecer com a língua holandesa em Carambeí?*

BD: *No início só falavam holandês em Carambeí porque na loja só tinha holandês, no açougue tinha holandês, até a loja de roupa, até tinha brasileiros que se adaptavam, aprendiam holandês pra poder atender, né? Então são, então no início era só holandês, daí já começou, é, misturar um pouco, brasileiros no meio, então com o tempo aqui vai virar tudo brasileiro, vai [virar] tudo a língua portuguesa. Uma pena, eu acho, uma pena, mas num tem curso de holandês. Na escola tem, mas num adianta muito, as crianças num, aprendem aquilo ali, mas daí saem do, do, dessa escola, [na] rua, vira português, num adianta, né? Se tivesse, um tipo de intercâmbio entre as colônias holandesas e a Holanda. Ele [o mais velho] vai tentar aprender bem holandês, né? E daí eu, porque eu tenho um cunhado, ele é brasileiro, ele é alemão, mas num fala alemão, então é brasileiro que casou com uma cunhada minha, no caso foi a irmã da minha esposa. Eles tentaram ensi, e até ensinaram os filhos a falar holandês, a filha mais velha deles ainda fala um pouco holandês, até consegue conversar com a minha mãe, assim, mais ou menos, ela, ela mesmo casou com um brasileiro também, então usa muito pouco, mas ele conseguiu ensinar um pouco de holandês pros filhos dela, pouco de holandês, apesar que agora eles tão em Maringá, então eles, lá eles não tem contato com o holandês, então eles não falam holandês com... Acho que tem cinqüenta anos [pro holandês desaparecer], vai acontecendo, vai acontecer, e eu tenho certeza. Num preciso de cinqüenta anos.*

Trechos da entrevista nº 11, com JLG.

Pesquisadora: *Seus pais eram holandeses...*

JLG: *Pai e mãe, os dois eram holandês. Casaram aqui no Brasil, minha mãe foi primeiro pra Irati. Mas pai, não. Daí eles viajaram, casaram, e logo tinha filhos. Daí depois, quando os filhos tavam tudo casado, ela tava livre, juntaram um pouco de dinheiro e foram*

fazer um passeio pra Holanda. E lá ela faleceu, não voltou mais, pai voltou, mas a mãe ficou. Então o pai ficou sozinho.

Pesquisadora: *E o seu marido?*

JLG: *Eu me casei com um alemão, eu fazia trabalho na chácara e meu marido era carpinteiro, trabalhava pra fora. E os filhos iam [pra escola e falavam] bem pouco holandês, mas não tinha jeito, não tinha mestre [pra ensinar na escola], não tinha professora, então um pouco eu estudei, o que é mais necessário. Saber ler, escrever, fazer as contas, mas geografia e tudo essas coisa daí não tem. Escrevo [em holandês], mas não sem falhas, mas eles entendem. Eu tenho parente na Holanda. Então, sempre comunica. Daí os filho casaram todo eles. [O marido falava holandês, apesar de ser alemão – aprendeu na colônia, porque todo mundo só falava holandês][N]o português ele tava bem melhor do que eu também . [Ele veio pro Brasil com 9 anos] Pra Carambeí, eles foram primeiro em Castro e não sei onde mais, e quando ele chegou em Carambeí ele já tinha 14, 15 anos, uma coisa assim. Os três mais velhos [filhos] já faleceram. [Com os outros filhos conversa em português] não teve jeito, mas eles tão sabendo [a língua holandesa], um ajuda [o] outro.*

Pesquisadora: *E como é com os seus netos? A Sra. fala em holandês?*

JLG: *Tudo já em português. Eles [os netos] entendem ainda um pouco, mas falar, não fala. Estudaram tudo na faculdade [e] holandês ficou do [de] lado. É que entende um pouco, mas pouca coisa.*

Pesquisadora: *A Sra. fica triste com essa situação?*

JLG: *Não!! Eu to feliz. Eu to gostando muito do meu Carambeí. Também nunca foi [para] outro lugar. E eu também trabalhei bastante, mas com alegria. Eu tirava leite, fazia manteiga, daí o sogro também fazia manteiga e levava pra vender.*

Pesquisadora: *Qual a sua religião?*

JLG: *[Frequênto igreja] luterana. Tudo em português [os cultos] Mas meu pensamento é em holandês.*

Pesquisadora: *Existem pessoas com quem a Sra. só fale em holandês? Ou algum assunto...*

JLG: *Quando eu sei que entende, fala holandês. [Se a pessoa passa para o português] aí falo português. Eu tenho uma diarista, também fala português. Eu me entendo bem com ela⁹⁷ e assim vai indo. No supermercado, fazer compra, isso tudo vai [faz]. Só outras coisas, no banco, cheque, essas coisas não é comigo. Porque eu não aprendi. A minha nora [faz]. Ela mora aqui do lado. [no mesmo terreno]. Que que tem mais pra contar? Uma vez no mês [tem] um reunião, dos velhinhos, mas dos holandês. Desses pra lá de 60 anos ou 65 ou alguém que ta sozinho [viúvo]. Daí eu vou também. A gente toma uma chá, um café, o que quiser. Tem bolacha na mesa. Daí alguém lê um trecho, bonitinho, assim curtinho.*

Pesquisadora: *Da bíblia?*

JLG: *Não, não é bem bíblia. Mas é um trecho santo, né? Compreende? Um trechinho. Daí pergunta se querem mais café, daí fazemos joguinhos. Que de três até quatro [horas] é café e comer. De quatro pra cinco horas é joguinho. Um joga carta, outro joga outro jogo. Eles trazem mesmo. Então cada um tem os seus companheiros. Porque um jogo sempre é em quatro, né? Então cada um se junta numa mesa e faz o seu joguinho. Cinco horas*

⁹⁷ Conversei com a diarista, que disse que não entende nada do que a Sra fala. Confessou que nem sabia que ela é “holandesa”, assim como desconhecia seu verdadeiro nome, já que todos a conhecem por “Dona Joana”.

termina e todo mundo vai embora. É na ultima quinta-feira do mês. Do lado da igreja reformada. Nós montamos essas joguinhos, também pode entrar qualquer [um] nem que fosse católica. Qualquer religião pode entrar. E também o tipo holandês. É a tarde [em] que falam holandês. É pouco, mas também cada um tem seus compromissos. Tem homens e mulheres. Às vezes fazem viagem, que não pode ser muito longe, por muito claro [por razões óbvias]. Eles não gostam de ir muito longe. Só pra um dia. Às vez vão os mais novo vão às vez três dias. Panaguá [Paranaguá]. Eu não participo disso. Antigamente, quando era mais novo, daí sim. Eu escuto muito mal e a vista ta ruim. Então não é bom ir viajar. A gente ta andando e de repente um carro atrás de mim assusta. Os outros tão preocupado. Não faz bem. Eu nasci no 1914. Eu me sinto bem, estou feliz, cuidam bem de mim. Moro sozinha. Eu tenho um campainha, se for necessário [o filho] vem, mas nunca usei.

Pesquisadora: *E ainda tem algum lugar aqui, alguma reunião em que os jovens falem só holandês?*

JLG: *Os holandês tem [um encontro de jovens] mas é tudo em português. Os holandês tem, mas os luterano são muito pouco. Daí não compensa porque o pastor vem de Castro, nosso pastor sempre vem de Castro, tem que pagar pedágio. Pra dois ou três pessoas. Não tem muita juventude. Alguns foram pra outra [igreja]. Outras famílias foram pra cá. Tudo com filhos, né? Faz falta pra nós.*

Pesquisadora: *E o seu casamento?*

JLG: *Os primeiros anos foi muito bem. Mas não sei como é que foi, mas até o fim o meu marido bebia. Isso eu ficava muito triste. Eu não brigava, nunca brigamo. Mas ele só via que eu não gostava. Mas eu tava sempre triste, eu não queria mais sair com ele. Mas também [o marido] faleceu muito novo. Daí fiquei sozinha. Os filhos casaram. Acontece, né?*

Pesquisadora: *E os seus filhos, casaram todos com descendentes de holandês?*

JLG: *Não. Com alemão também. Tão [se] dando bem. Tem um casal que não ta muito bem também por causa do filho.*

Pesquisadora: *Eles são luteranos?*

JLG: *Não! Da Igreja Reformada.*

Pesquisadora: *Assistem aos cultos em holandês?*

JLG: *Ich, ich, em português, tudo em português! Batismo também [é em português], a confirmação. Enterro também. Tudo é em português. Agora eu não sei, eu tenho... O português, porque tem duas palavras para uma coisa só, né? [“português” e “brasileiro”] Em brasileiro, tanto faz.*

Pesquisadora: *a Sra. já viajou para a Holanda?*

JLG: *Não, nunca foi, mas eu tenho, tem netos lá. Uma das filhas foi pra Holanda, ficou lá quinze anos, trabalhou lá. [Mas] com tanto saudade, voltou pra Brasil. O marido voltou pra Holanda de novo.*

Trechos da entrevista nº 12, com WGG.

Pesquisadora: *Como a sua família veio para o Brasil?*

WGG: *Minha mãe tinha uma tia, uma irmã da mãe dela, que tava na Holanda, e era casada com um Verschoor. E daí ela disse [que] sabia que no Brasil tem uma colônia de holandeses – Carambeí – “porque o irmão do meu marido mora lá”. Era o Jacob*

Verschoor. Meu pai achou que, já pensou “bom, daí pelo menos minha mãe que já tinha alguém”. Ela, a tia lá que era casada com o Verschoor, nós não tinha telefone e a carta então demorava não sei quantos meses ou nunca chegava. Muita gente da Holanda ia embora, né? Porque achava que faltava espaço, russos, também de comunismo e de muitas coisas. Porque eles queriam simplesmente, meu pai sempre queria imigrar.

Pesquisadora: *E o seu marido?*

WGG: *Marido nasceu aqui. A mãe dele veio com três anos pro Brasil [ela era de Rotterdam] e o pai dele com 15 ou 16 anos. [Ele era] nascido aqui e ele não tinha nascido na Holanda, mas ele fala melhor holandês com os filhos. Quando eu percebia que eles não tinham entendido o holandês, eu passava ligeiro pra o português. E é interessante, né? Quando a gente fica mais [velha], diz que à medida que fica mais velha tem mais necessidade de falar holandês. Quando Omar estava doente, naqueles três anos [só falava holandês]*

Pesquisadora: *A Sra. lê e escreve em holandês?*

WGG: *Dá pra dizer que a gente passou nesse básico [na escola holandesa]. Eu não conseguia ler livros [em holandês]. Só lia assim revistinha e coisa. E agora peguei a maneira [mania] de ler um livro atrás do outro e eu acho que também, sei lá, será que [é assim mesmo?]. Agora só melhorou. Mas é muito bom. O meu [português] já é pior. Eu vou pro o que eu aprendi, aprendi no Uruguai. Eu acho que eu erreí, viu? [Ela acha que devia ter aprendido a falar português melhor] Eu não acho dos outro [não acha que os outros falam mal]. Eu, por exemplo, eu vejo o meu irmão e minha cunhada que já ta quantos anos aqui no Brasil, né? eu penso: como vieram??? [como falam mal!]. Daí eu acho: “isso não pode!” Eu tenho... Ele [o irmão] ta sempre doente e agora fez implante no dente e eu quero falar com o Edson lá em Ponta Grossa. Como é que ele se explicou? Porque eu fiz também [implante] e agora ele fez. Mas eu pensei que... eu acho que ele deve ter falado com o Edson, eu acho que ele ficou olhando assim [e pensando] “o que será que ele ta querendo dizer?” Ele fala, fala, fala [e não se entende nada!]. E eu disse [pra cunhada]: “mas você não foi junto?” [Ela perguntou] por quê? [Eu disse:] “pode sangrar muito”. [E ela disse] “não, por quê?” “Também”, pensei, “não adianta, porque ela também” [não fala português bem]. [Pensei:] ”vou ligar pro Edson pra pedir se ele tinha falado que ele toma [um remédio]. Hemorragia. Isso pode até matar, né? Mas eu digo, os mais antigos eu entendo ainda [que só falem holandês], porque a comunidade era tão pequena. Todo mundo só falava holandês, não precisava do português. Mas sabe qual é? Essa idade, Albert, muitas vezes é esse o problema que você tem vergonha [os jovens atualmente]. Daqui um pouco você dá um passo por cima [supera]. Você pensa assim “se até você escuta um padre falar o português completamente errado [o padre brasileiro da comunidade] né?” Eu penso: “bom, [mas] quem sou eu? [pra criticar?] “Eu falo também errado, eu sei. Mas eu não liga.*